

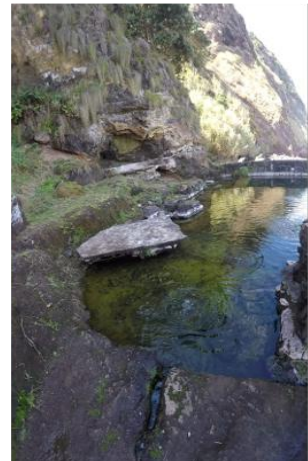


UNIVERSIDADE DOS AÇORES

Departamento de Geociências

**Dissertação de Mestrado em Geologia do Ambiente e
Sociedade**

Águas Termais e Termalismo em São Miguel – Açores



Anoukis Graff

2017

Anoukis Juliette Lourenço Graff

ÁGUAS TERMAIS E TERMALISMO EM SÃO MIGUEL, AÇORES

DISSERTAÇÃO APRESENTADA À UNIVERSIDADE DOS AÇORES PARA
OBTENÇÃO DO GRAU MESTRE EM GEOLOGIA DO AMBIENTE E
SOCIEDADE

Orientador:

Professor Doutor Rui Moreira da Silva Coutinho

Co-orientadores:

Professora Doutora Maria Isabel Whitton da Terra Soares de Albergaria

Professor Doutor José Virgílio de Matos Figueira Cruz



Departamento de Geociências

Universidade dos Açores

2017

À minha família e amigos...

Agradecimentos

A realização desta dissertação de mestrado só foi possível com a colaboração de diversas pessoas e entidades. Manifesto aqui o meu reconhecimento e agradecimento de forma especial:

- Agradeço aos meus orientadores Professor Doutor Rui Moreira da Silva Coutinho, Professora Doutora Maria Isabel Whitton da Terra Soares de Albergaria, Professor Doutor José Virgílio de Matos Figueira Cruz, pela orientação, disponibilidade, dedicação, cordialidade e simpatia manifestados ao longo desta dissertação;
- Ao Doutor Adelino Dinis pela disponibilidade e pelos recursos facultados ao longo desta dissertação;
- À Direção Regional do Apoio ao Investimento e Competitividade e à Direção Regional do Turismo e Transportes pelo acesso ao acervo documental para o trabalho de investigação desta dissertação;
- Realço também o meu sincero agradecimento ao meu pai, Marc Graff, pelo carinho e força dada durante esta caminhada;
- Ao meu namorado, pelo seu constante apoio, compreensão e encorajamento;
- e a todos os que me ajudaram durante este processo, pelo seu apoio e amizade, nomeadamente: Catarina Viveiros, Cláudia Santos, Felícia Kettenbaum, Ângela Medeiros, Marco Rego, Rogério Nicolau e Elisabete Nicolau.

A todos o meu especial Muito Obrigada!

Resumo

A presença de vulcanismo ativo no arquipélago dos Açores, mais propriamente na ilha de São Miguel, associada com as características climáticas das ilhas, explica a existência de uma intensa atividade hidrotermal, manifestada através de fumarolas e vários tipos de águas minerais, gasocarbónicas e termais. Algumas destas águas foram desde cedo utilizadas com finalidade medicinal.

Esta dissertação tem por objetivo caracterizar a história do termalismo na Europa e em Portugal, e caracterizar a formação geológica, justificando a ocorrência de fenómenos vulcânicos nas zonas em estudo, para compreendermos mais facilmente a evolução histórica, social, arquitetónica e patrimonial das estâncias termais das zonas de estudo da ilha de São Miguel; por fim, analisar as potencialidades atuais das estâncias termais no âmbito do turismo de saúde e lazer.

A mais relevante estância termal, situa-se no vale das Furnas, e é onde está centrada grande parte da história termal da ilha de São Miguel. É no Vale das Furnas que se encontram vários espaços com finalidades termais como por exemplo os Banhos Novos (atual Boutique Hotel Spa), a Poça da Dona Beija, a Poça da Silvina (ou lava-pés) e o tanque termal do Parque Terra Nostra.

Por fim, na Ribeira Grande há um edifício datado do início do Século XIX conhecido como “Banhos da Coroa”; e na Ladeira da Velha, existem umas ruínas de umas pequenas termas da primeira metade do século XX, onde também existiu uma fábrica de engarrafamento de água mineral de que há registos fotográficos da década de 1950. No vulcão das Sete Cidades, existe a estância termal da Ferraria, recentemente modificada aproveitando as instalações ali existentes.

Palavras-chave:

Termalismo; água medicinal; turismo de saúde; turismo terapêutico; turismo de bem-estar; estância termal; história termal.

Abstract

The presence of active volcanism in the Azores archipelago, more precisely in the island of São Miguel, associated with the climatic characteristics of the islands, explains the existence of intense hydrothermal activity, manifested through fumaroles and various types of mineral, gas and thermal waters. Some of these waters have been used for medicinal purposes.

This dissertation aims to characterize the history of thermalism in Europe and Portugal, and to characterize the geological formation, justifying the occurrence of volcanic phenomena in the areas under study, to understand more easily the historical, social, architectural and patrimonial evolution of the thermal areas of study on the island of São Miguel; and finally, to analyze the current potential of thermal spas in the field of health and leisure tourism.

The most important spa is located in the Furnas valley, and is where much of the thermal history of the island of São Miguel is centered. It is in the Furnas Valley that there are several spaces with thermal purposes such as the “New Baths” (current Boutique Hotel Spa), the pool of Dona Beija, the pool of Silvina (or footwash) and the thermal tank of Terra Nostra Park.

Finally, in Ribeira Grande there is a building dating from the beginning of the XIX century known as “Banhos da Coroa” and in Ladeira da Velha half of the XX century, there was also a bottled mineral water factory and spa that has photographic records of the 1950s. In the volcano of Sete Cidades, there is the spa of Ferraria, recently modified taking advantage of the existing facilities.

Key words:

Thermalism; medicinal water; health tourism; therapeutic tourism; welfare tourism; spa; thermal history.

Índice

INTRODUÇÃO	Pág. 1
1. História do Termalismo	Pág. 5
1.1. Civilizações Antigas	Pág. 5
1.2. Idade Média	Pág. 8
1.3. Renascimento	Pág. 8
1.4. Os séculos XVIII e XIX	Pág. 10
1.5. O século XX	Pág. 14
1.6. Termalismo em Portugal	Pág. 16
2. Geologia das zonas em estudo	Pág. 29
2.1. Enquadramento Geográfico	Pág. 29
2.2. Enquadramento Geodinâmico	Pág. 30
2.3. Atividade sísmica histórica	Pág. 31
2.4. Vulcanismo histórico	Pág. 33
2.5. Caracterização da área de estudo	Pág. 34
2.5.1. Geomorfologia e tectónica da ilha de São Miguel	Pág. 34
2.5.2. Principais sistemas vulcânicos	Pág. 36
2.5.2.1. Vulcão das Sete Cidades	Pág. 36
2.5.2.2. Sistema Vulcânico da Região dos Picos	Pág. 38
2.5.2.3. Vulcão do Fogo	Pág. 39
2.5.2.4. Sistema Vulcânico da Achada das Furnas	Pág. 41
2.5.2.5. Vulcão das Furnas	Pág. 42
2.5.2.6. Complexo Vulcânico Povoação Nordeste	Pág. 44
2.5.3. Hidrogeologia	Pág. 45
3. Termalismo em São Miguel	Pág. 50
3.1. Termalismo no Vale das Furnas	Pág. 55

3.1.1.	Dos primórdios até finais do século XVIII	Pág. 55
3.1.2.	O século XIX	Pág. 65
3.1.3.	O século XX	Pág. 84
3.1.4.	O termalismo no quadro turístico atual	Pág. 97
3.2.	Outros estabelecimentos termais de São Miguel	Pág. 105
3.2.1.	Banhos da Coroa	Pág. 105
3.2.2.	Ladeira da Velha	Pág. 120
3.2.3.	Ferraria	Pág. 133
4.	Conclusões/Considerações finais	Pág. 147
	Bibliografia	Pág. 150
	Webgrafia	Pág. 162
	Fontes Primárias	Pág. 163
	Fontes Oraís	Pág. 164
	Documentação consultada no Centro de Documentação e Informação da DRTT	Pág. 165
	Documentação consultada no Centro de Documentação e Informação da DRAIC	Pág. 166
	ANEXOS	Pág. 168

Índice de quadros

2.1.	Principais sismos históricos ocorridos em São Miguel	Pág. 33
	Fonte: Coutinho (2000)	
3.1.	Alterações que ocorreram no estabelecimento termal da Ferraria entre 1938 e 1956	Pág. 139
	Fonte: Autoria própria	

Índice de figuras

Fig. 1.1. Aqueduto Romano - Le pont du Grand **Pág. 6**

Fonte: <http://lealuciaarte.blogspot.pt/2013/01/arte-romana.html> [consultado a 04-11-2017]

Fig. 1.2. *Thermae*, banho público **Pág. 6**

Fonte: <https://thearcheology.files.wordpress.com/2010/06/a-favourite-custom-by-alma-tadema-1909.jpg?w=500&h=734> [consultado a 04-02-2016]

Fig. 1.3. Latrina romana (509-27 a.C.) **Pág. 7**

Fonte: <http://seguindopassoshistoria.blogspot.pt/2014/01/os-banhos-publicos-na-roma-antiga.html>[consultado a 04-11-2017]

Fig. 1.4. Termas de *Bath* **Pág. 9**

Fonte: <http://planetaeuropa.com/inglaterra/um-dia-em-bath-conheca-uma-das-mais-belas-cidades-da-europa/> [consultado a 04-11-2017]

Fig. 1.5. Termas de *Spa* **Pág. 9**

Fonte: <http://www.travelnews.am/most-beautiful-natural-spa-in-the-world/> [consultado a 04-11-2017]

Fig. 1.6. John Bargrave rodeado por Alexander Chapman e John Raymond estudam o mapa de Itália **Pág. 10**

Fonte: <http://photos1.blogger.com/blogger/8019/689/1600/tour.jpg> [consultado a 04-11-2017]

Fig. 1.7. Termas de Baden Baden **Pág. 12**

Fonte: <http://1.bp.blogspot.com/-5D3TTVrWUGs/VUHf0g8j0CI/AAAAAAAAAHrE/4ydxEwjXoeM/s1600/friedrichsbad.jpg> [consultado a 04-11-2017]

Fig. 1.8. Casino de Baden Baden **Pág. 12**

Fonte: <https://media-cdn.tripadvisor.com/media/photo-s/08/90/14/e2/casino-baden.jpg> [consultado a 04-11-2017]

Fig. 1.9. Casino de Vichy **Pág. 12**

Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/24/Palais_des_Congr%C3%A8s-Op%C3%A9ra_de_Vichy_2015-12-12.JPG [consultado a 04-11-2017]

Fig. 1.10. Casino de Aix-Les-Bains **Pág. 12**

Fonte: https://www.iliper.com/wp-content/uploads/2016/12/Casino-Grand-Cercle-a-Aix-les-Bains_full_image.jpg.pagespeed.ce_.Jcbm28oal1.jpg [consultado a 04-11-2017]

Fig. 1.11. Hospital Termal Rainha D. Leonor **Pág. 17**

Fonte: <http://www.termasdeportugal.pt/estanciastermais/Caldas-da-Rainha> [consultado a 04-11-2017]

Fig. 1.12. Piscina termal do hospital ou tanque da Rainha D. Leonor **Pág. 17**

Fonte: <http://300diasnooeste.tumblr.com/post/113414753288/%C3%A9-o-tesouro-mais-bem-guardado-das-caldas-da> [consultado a 04-11-2017]

Fig. 1.13. Tanque que servia a inalações coletivas **Pág. 17**

Fonte: <http://300diasnooeste.tumblr.com/post/113414753288/%C3%A9-o-tesouro-mais-bem-guardado-das-caldas-da> [consultado a 04-11-2017]

Fig. 1.14. Aquilégio Medicinal **Pág. 18**

Fonte: http://1.bp.blogspot.com/_1VypBe1j_6A/TTwN7EG6McI/AAAAAAAAA8k/81znJeaUiLU/s1600/DSC06929+-+C%25C3%25B3pia.JPG [consultado a 04-11-2017]

Fig. 1.15. Pequeno e Grande Hotel de Vidago em 1874, na sua inauguração **Pág. 20**

Fonte: Mariz, 2015

Fig. 1.16. Propaganda entre 1910 e 1920 **Pág. 20**

Fonte:

<https://lh5.googleusercontent.com/AnqmVDk4c7w/TXPOu0M2GII/AAAAAAAAD-E/Tc7y3eAaPLg/s1600/Leque2-2.jpg> [consultado a 04-11-2017]

Fig. 1.17. Grande Hotel de Pedras Salgadas **Pág. 21**

Fonte: <http://www.prof2000.pt/users/avcultor/postais/PedrasSalPost01.htm> [consultado a 04-11-2017]

Fig. 1.18. Entrada do Parque Pedras Salgadas **Pág. 22**

Fonte: <http://www.prof2000.pt/users/avcultor/postais/PedrasSalPost01.htm> [consultado a 04-11-2017]

Fig. 1.19. Edifício do Spa Termal **Pág. 22**

Fonte: <http://www.prof2000.pt/users/avcultor/postais/PedrasSalPost01.htm> [consultado a 04-11-2017]

Fig. 1.20. Parque D. Carlos **Pág. 23**

Fonte:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Parque_D._Carlos_I#/media/File:Pq_d_carlos_i_pavilhoes_1.JPG [consultado a 04-11-2017]

Fig. 1.21 Piscina interior das Termas de Luso **Pág. 24**

Fonte: <http://www.termasdoluso.pt/> [consultado a 04-11-2017]

Fig. 1.22. Emanatório no edifício das termas e Logótipo da SAL **Pág. 25**

Fonte: <http://www.termasdoluso.pt/> [consultado a 04-11-2017]

Fig. 1.23. Estabelecimento termal em 1902 **Pág. 26**

Fonte: <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2010/06/termas-da-curia.html>
[consultado a 04-11-2017]

Fig. 1.24. 2.º Estabelecimento Termal, 1909 **Pág. 26**

Fonte: <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2010/06/termas-da-curia.html>
[consultado a 04-11-2017]

Fig. 1.25. Casino da Cúria **Pág. 26**

Fonte: <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2010/06/termas-da-curia.html>
[consultado a 04-11-2017]

Fig. 1.26. Hotel Termal do Cró – Cró Hotel & Termal Spa **Pág. 28**

Fonte: <https://i2.wp.com/capeiaarraiana.pt/wp-content/uploads/2017/01/cro-hotel-rural-amp-termal-spa-gallery2015-1-.jpg?resize=550%2C309>
[consultado a 04-11-2017]

Fig. 2.1. Localização geográfica do arquipélago dos Açores. A ilha de São Miguel assinalada no mapa inserto no canto superior esquerdo. **Pág. 29**

Fonte: CVARG

Fig. 2.2. Plataforma dos Açores, limitada pela linha batimétrica dos 2000 m **Pág. 30**

Fonte: Lourenço *et al.*, 1997, *in* Ferreira (2000)

Fig. 2.3. Principais estruturas tectónicas da região dos Açores. Legenda: CMA - Crista Média Atlântica; ZFEA - Zona de Fratura Este dos Açores; FG - Falha Gloria; RT - Rift da Terceira **Pág. 31**

Fonte: Pacheco *et al.*, (2013)

Fig. 2.4. Principais sismos históricos registados no arquipélago dos Açores **Pág. 32**

Fonte: CVARG

Fig. 2.5. Carta epicentral referente ao período 1997-2010 **Pág. 32**

Fonte: CIVISA

Fig. 2.6. Distribuição das erupções históricas nos Açores **Pág. 34**

Fonte: CVARG

Fig. 2.7. Imagem tridimensional da ilha de S. Miguel, obtida a partir de dados do Instituto Geográfico do Exército. As coordenadas pertencem ao sistema de referência U.T.M., zona 26S. As linhas a vermelho separam aproximadamente as oito unidades geomorfológicas definidas por Zbyszewski (1959, 1961) para a ilha **Pág. 35**

Fonte: retirado de Wallenstein (1999)

Fig. 2.8. Principais estruturas tectónicas da ilha de S. Miguel (dados de Gaspar et al., 1995; Queiroz, 1997; Wallenstein, 1999; Ferreira, 2000; Carmo, 2004; Carmo et al., 2009; Wallenstein et al., 2004; Carmo, em preparação). Coordenadas U.T.M., zona 26S. **Pág. 35**

Fonte: adaptado de Pacheco *et al.* (2013)

Fig. 2.9. Modelo digital de terreno da ilha de S. Miguel com as unidades vulcanológicas: 1 – Sete Cidades; 2 – Região dos Picos; 3 – Fogo; 4 – Região da Achada das Furnas; 5 – Furnas; 6 – Povoação-Nordeste. Coordenadas U.T.M., zona 26S. **Pág. 36**

Fonte: adaptado de Moore, 1991b e Pacheco et al. (2013)

Fig. 2.10. Estruturas geológicas existentes no Complexo Vulcânico das Sete Cidades **Pág. 37**

Fonte: Queiroz (1997)

Fig. 2.11. Vista parcial da Caldeira das Sete Cidades **Pág. 38**

Fonte: Fotografia de Rui Coutinho

Fig. 2.12. Distribuição dos centros eruptivos no Sistema Vulcânico da Região dos Picos **Pág. 39**

Fonte: Ferreira (2000)

Fig. 2.13. Vista parcial da caldeira do vulcão do Fogo **Pág. 40**

Fonte: Fotografia de Rui Coutinho

Fig. 2.14. Distribuição dos centros eruptivos no vulcão do Fogo **Pág. 41**

Fonte: Wallenstein (1999)

Fig. 2.15. Vista aérea do *maar* do Congro **Pág. 42**

Fonte: Fotografia de Paula Melo

Fig. 2.16. Mapa morfoestrutural do Vulcão das Furnas **Pág. 43**

Fonte: Gaspar *et al.*, 1995

Fig. 2.17. Sistemas aquíferos da Ilha de São Miguel **Pág. 45**

Fonte: Cruz (2001)

Fig. 2.18. Classificação das águas de acordo com o diagrama de Piper **Pág. 46**

Fonte: CVARG

Fig. 2.19. Diagrama de Piper relativo à composição química das águas da massa de água Furnas-Povoação **Pág. 47**

Fonte: Freire (2013)

Fig. 2.20. Diagrama de Piper para as águas mais utilizadas no termalismo em **Pág. 48**

São Miguel.

Fonte: CVARG

Fig. 3.1. Caldeira Grande **Pág. 58**

Fonte: Autoria própria

Fig. 3.2. Pedra em que Thomas Hickling gravou o seu nome **Pág. 60**

Fonte: Ferreira (1999)

Fig. 3.3. Homenagem a Thomas Hickling **Pág. 60**

Fonte: Ferreira (1999)

Fig. 3.4. Jardim de Thomas Hickling representado pelos irmãos Bullar **Pág. 61**

Fonte: Bullar (1839)

Fig. 3.5. Mapa das caldeiras das Furnas desenhado pelo Engenheiro João António Júdice, 1787 **Pág. 62**

Fonte: Ferreira (1999)

Fig. 3.6. Posição das Caldeias e Balneário de D. Maria Madalena da Câmara em 1792 **Pág. 64**

Fonte: Narciso e Acciauouli (1938).

Fig. 3.7. Mapa da descrição de Félix Valois e Silva **Pág. 65**

Fonte: Ferreira e Forjaz (2009)

Fig. 3.8. Esboço com a posição das caldeiras e do edifício dos Banhos da Câmara (esboço de uma gravura de 1813) **Pág. 66**

Fonte: Ferreira e Forjaz (2009)

- Fig. 3.9.** Levantamento da planta do Vale das Furnas por Mouzinho de Albuquerque **Pág. 69**
Fonte: Ferreira e Forjaz (2009)
- Fig. 3.10.** Levantamento da planta do Vale das Furnas por Mouzinho de Albuquerque **Pág. 69**
Fonte: Ferreira e Forjaz (2009)
- Fig. 3.11.** Edifício do *Chalet* **Pág. 70**
Fonte: Acciaiouli, *et al* (1938)
- Fig. 3.12.** Antiga banheira do *Chalet* **Pág. 70**
Fonte: Acciaiouli, *et al* (1938)
- Fig. 3.13.** Antigo Chalet e atual OMIC **Pág. 71**
Fonte: Autoria própria
- Fig. 3.14.** Recinto das Caldeiras aos olhos dos irmãos Bullar **Pág. 72**
Fonte: Bullar (1839)
- Fig. 3.15.** O Vale das Furnas com a Igreja de Sant'ana **Pág. 72**
Fonte: Bullar (1839)
- Fig. 3.16.** Caldeiras das Furnas **Pág. 73**
Fonte: Autoria própria
- Fig. 3.17.** Estampa das Caldeiras das Furnas (Senna Freitas) **Pág. 73**
Fonte: Freitas (1845)

- Fig. 3.18.** Bilhete-postal Ilustrado (BPI) do Tanque **Pág. 74**
Fonte: Ferreira e Forjaz (2009)
- Fig. 3.19.** BPI do jardim do Tanque **Pág. 74**
Fonte: Ferreira e Forjaz (2009)
- Fig. 3.20.** Hospital da Filantropia **Pág. 75**
Fonte: Ferreira e Forjaz (2009)
- Fig. 3.21.** Hospital da filantropia no canto superior esquerdo **Pág. 76**
Fonte: Ferreira e Forjaz (2009)
- Fig. 3.22.** Hotel do Jerónimo, óleo que pertencia ao 3º barão das Laranjeiras – 1890 **Pág. 77**
Fonte: Ferreira e Forjaz (2009)
- Fig. 3.23.** Outra perspetiva do Hotel **Pág. 77**
Fonte: Ferreira e Forjaz (2009)
- Fig. 3.24.** Edifício dos Banhos Novos **Pág. 79**
Fonte: Ferreira e Forjaz (2009)
- Fig. 3.25.** Parque Dona Beatriz **Pág. 81**
Fonte: https://www.geocaching.com/geocache/GC5ATYM_parque-da-dona-beatriz?guid=0d12786b-e581-4742-ba9f-ed029ee2e115[consultado a 04-11-2017]
- Fig. 3.26.** Chalé Ernesto do Canto **Pág. 81**
Fonte: https://www.geocaching.com/geocache/GC5ATYM_parque-da-dona-beatriz?guid=0d12786b-e581-4742-ba9f-ed029ee2e115

[beatriz?guid=0d12786b-e581-4742-ba9f-ed029ee2e115](https://www.beatriz?guid=0d12786b-e581-4742-ba9f-ed029ee2e115) [consultado a 04-11-2017]

Fig. 3.27. Passeio de barco no lago do Parque das Murtas (actual jardim Beatriz do Canto) **Pág. 82**

Fonte: Ferreira e Forjaz (2009)

Fig. 3.28. Antiga Cocheira no largo da Matriz, à espera de passageiros a caminho das Furnas **Pág. 82**

Fonte: Ferreira e Forjaz (2009)

Fig. 3.29. Planta do tanque de refrigeração **Pág. 83**

Fonte: Centro de documentação e informação da DRTT

Fig. 3.30. Planta envolvente do edifício termal **Pág. 83**

Fonte: Centro de documentação e informação da DRTT

Fig. 3.31. Planta de parte do Vale das Furnas **Pág. 84**

Fonte: Centro de documentação e informação da DRTT

Fig. 3.32. Furnenses à espera da visita régia no jardim do Tanque **Pág. 85**

Fonte: Ferreira e Forjaz (2009)

Fig. 3.33. Excursões nas Furnas **Pág. 85**

Fonte: Ferreira e Forjaz (2009)

Fig. 3.34. Excursão da família Feijó à volta da lagoa das Furnas **Pág. 85**

Fonte: Ferreira e Forjaz (2009)

Fig. 3.35. O primeiro transporte coletivo motorizado e José de Paiva Gaspar	Pág. 87
Fonte: Ferreira e Forjaz (2009)	
Fig. 3.36. Peditório realizado na carrinha de José Paiva Gaspar	Pág. 87
Fonte: Ferreira e Forjaz (2009)	
Fig. 3.37. Projeto do Casino	Pág. 88
Fonte: Ferreira e Forjaz (2009)	
Fig. 3.38. Piscina Termal do Parque Terra Nostra	Pág. 88
Fonte: Ferreira e Forjaz (2009)	
Fig. 3.39. Planta e alçado dos tanques de arrefecimento	Pág. 90
Fonte: Centro de documentação e informação da DRTT	
Fig. 3.40. Projeto da buvette de mármore com quatro bicas	Pág. 91
Fonte: Centro de documentação e informação da DRTT	
Fig. 3.41. Projeto de adaptação do pátio central	Pág. 91
Fonte: Centro de documentação e informação da DRTT	
Fig. 3.42. Projetos do mobiliário fornecido	Pág. 91
Fonte: Centro de documentação e informação da DRTT	
Fig. 3.43. Projetos do mobiliário fornecido	Pág. 92
Fonte: Centro de documentação e informação da DRTT	
Fig. 3.44. Projetos do mobiliário fornecido	Pág. 92

Fonte: Centro de documentação e informação da DRTT

Fig. 3.45. Projeto das zonas termais a serem defendidas no plano urbanização realizado por Abilino Vicente **Pág. 92**

Fonte: Centro de documentação e informação da DRTT

Fig. 3.46. Notícia de aquisição de uma instalação de serragem e trabalho em madeiras perto do estabelecimento termal **Pág. 93**

Fonte: Centro de documentação e informação da DRTT

Fig. 3.47. Fachada do edifício termal durante a 1ª fase de obras **Pág. 95**

Fonte: Centro de documentação e informação da DRTT

Fig. 3.48. Uma das banheiras de mármore **Pág. 95**

Fonte: Centro de documentação e informação da DRTT

Fig. 3.49. Outra visão do quarto de banho termal **Pág. 95**

Fonte: Centro de documentação e informação da DRTT

Fig. 3.50. Buvete **Pág. 95**

Fonte: Centro de documentação e informação da DRTT

Fig. 3.51. Banho de hidromassagem **Pág. 96**

Fonte: Centro de documentação e informação da DRTT

Fig. 3.52. Sala de inalações e pulverizações **Pág. 96**

Fonte: Centro de documentação e informação da DRTT

Fig. 3.53. Poça da Dona Beija **Pág. 98**

Fonte: http://3.bp.blogspot.com/_x9tm46WIEeE/SOpFZqu42-I/AAAAAAAAADwc/E6eVL_x3yik/s400/poca.bmp [consultado a 04-11-2017]

Fig. 3.54. Planta do novo espaço termal da Poça da Dona Beija **Pág. 99**

Fonte:
http://images.adsttc.com/media/images/5583/a051/e58e/ce17/3700/00e7/large_jpg/planta.jpg?1434689606 [consultado a 04-11-2017]

Fig. 3.55. Poça da Dona Beija após as obras de ampliação - poça da entrada **Pág. 99**

Fonte:
https://www.puuppa.org/~pnuu/gallery/Azorit_2013/20130717_Furnas_-_Poca_da_dona_Beija_11.jpg [consultado a 04-11-2017]

Fig. 3.56. Poça da Dona Beija após as obras de ampliação **Pág. 99**

Fonte: <http://2.bp.blogspot.com/-ZPOFuCZDoTQ/U8rw7Fqm5gI/AAAAAAAAACMI/3ASzOVPhyEY/s1600/beija1.jpg> [consultado a 04-11-2017]

Fig. 3.57. Piscina exterior termal **Pág. 101**

Fonte: Autoria própria

Fig. 3.58. Piscina interior termal **Pág. 101**

Fonte: Autoria própria

Fig. 3.59. Tanque de água termal **Pág. 101**

Fonte: Autoria própria

Fig. 3.60. Tanque de água natural **Pág. 101**

Fonte: Autoria própria

Fig. 3.61. Sauna **Pág. 102**

Fonte: Autoria própria

Fig. 3.62. Banho turco **Pág. 102**

Fonte: Autoria própria

Fig. 3.63. *Laconium* **Pág. 102**

Fonte: Autoria própria

Fig. 3.64. Poça da Silvina ou Lava-pés **Pág. 104**

Fonte: Autoria própria

Fig. 3.65. Banhos Férreos Emergência **Pág. 104**

Fonte: <https://cdn-images.rtp.pt/icm/images/f1/f195b20e0746c6b3845d698404f50020?1200&rec t=0,14,240,132> [consultado a 04-11-2017]

Fig. 3.66. Vale das Caldeiras **Pág. 105**

Fonte: Arquivo Municipal da Ribeira Grande

Fig. 3.67. Lamas termais **Pág. 108**

Fonte: <https://www.guiadacidade.pt/pt/poi-caldeiras-ribeira-grande-18545> [consultado a 04-11-2017]

Fig. 3.68. Nascente que desagua na Caldeira Grande **Pág. 110**

Fonte: <http://static.panoramio.com/photos/large/103183070.jpg> [consultado a 04-11-2017]

Fig. 3.69. Casa da Assembleia **Pág. 111**

Fonte: Autoria própria

- Fig. 3.70.** Ermida de Nossa Senhora da Saúde **Pág. 111**
Fonte: Moniz, 2016
- Fig. 3.71.** Veraneantes na Casa da Assembleia **Pág. 112**
Fonte: Arquivo Municipal da Ribeira Grande
- Fig. 3.72.** Veraneantes na Casa da Assembleia **Pág. 113**
Fonte: Arquivo Municipal da Ribeira Grande
- Fig. 3.73.** Veraneantes na zona das Caldeiras **Pág. 113**
Fonte: Arquivo Municipal da Ribeira Grande
- Fig. 3.74.** Planta e alçado do 1º projeto apresentado no processo de obras de 1961 para a construção de uma sala de espera e de instalações sanitárias **Pág. 115**
Fonte: Arquivo da DRTT
- Fig. 3.75.** Planta e alçado do 2º projeto de construção de uma sala de espera e de instalações sanitárias **Pág. 116**
Fonte: Arquivo da DRTT
- Fig. 3.76.** Novo projeto de construção da sala de espera e instalações sanitárias em 1965 **Pág. 117**
Fonte: Arquivo da DRTT
- Fig. 3.77.** Interior das salas de banhos em 2013 **Pág. 117**
Fonte: Moniz, 2016
- Fig. 3.78.** Interior das casas de banhos em 2017, após as obras de remodelação **Pág. 117**
Fonte: Autoria própria

- Fig. 3.79.** Uma das banheiras onde os termalistas se banham **Pág. 118**
Fonte: Autoria própria
- Fig. 3.80.** Exterior do estabelecimento na atualidade **Pág. 119**
Fonte: Autoria própria
- Fig. 3.81.** Início do trilho da Ladeira da Velha **Pág. 122**
Fonte: Autoria própria
- Fig. 3.82.** Boletim da análise de Lepierre **Pág. 123**
Fonte: Lepierre, 1931.
- Fig. 3.83.** Esboço da planta e alçado do antigo balneário e oficina de engarrafamento **Pág. 124**
Fonte: Luis Acciaiouli, 1937
- Fig. 3.84.** Balneário e oficina de engarrafamento **Pág. 125**
Fonte: Luis Acciaiouli, 1937
- Fig. 3.85.** Bicas de enchimento **Pág. 125**
Fonte: Arquivo da DRAIC
- Fig. 3.86.** Outra perspetiva das bicas de enchimento **Pág. 125**
Fonte: Arquivo da DRAIC
- Fig. 3.87.** Enchimento de garrafas na década de 50 **Pág. 126**
Fonte: Arquivo da DRAIC

Fig. 3.88. Casa de repouso na década de 30 **Pág. 126**

Fonte:

<http://coloquios.lusofonias.net/XXI/LADEIRA%20DA%20VELHA.htm>

[consultado a 04-11-2017]

Fig. 3.89. Casa de repouso na década de 40 **Pág. 127**

Fonte: Arquivo da DRAIC

Fig. 3.90. Oficina de engarrafamento em estado de abandono em finais da década de 60 **Pág. 130**

Fonte: Arquivo da DRAIC

Fig. 3.91. Oficina de engarrafamento em estado de abandono em finais da década de 60 **Pág. 130**

Fonte: Arquivo da DRAIC

Fig. 3.92. Casa de repouso dos aquistas em estado de abandono em finais da década de 60 **Pág. 131**

Fonte: Arquivo da DRAIC

Fig. 3.93. Início do trilho **Pág. 132**

Fonte: Autoria própria

Fig. 3.94. Casa de repouso em estado de abandono **Pág. 132**

Fonte: Autoria própria

Fig. 3.95. Placa indicadora do local do tanque termal **Pág. 132**

Fonte: Autoria própria

- Fig. 3.96.** Tanque termal **Pág. 132**
Fonte: Autoria própria
- Fig. 3.97.** Emergência da água termal **Pág. 132**
Fonte: Autoria própria
- Fig. 3.98.** Planta datada de 1880 do projeto de orçamento para a construção de uma casa de banhos **Pág. 134**
Fonte: Arquivo da DRTT
- Fig. 3.99.** Planta e alçado do edifício termal datado de 1880 **Pág. 135**
Fonte: Arquivo da DRTT
- Fig. 3.100.** Planta do rés-do-chão do estabelecimento termal em 1938 **Pág. 136**
Fonte: Arquivo da DRTT
- Fig. 3.101.** Planta do 1º piso do estabelecimento termal em 1938 **Pág. 137**
Fonte: Arquivo da DRTT
- Fig. 3.102.** Planta do rés-do-chão do 2º projeto de conservação do balneário da Ferraria entre 1938 e 1959 **Pág. 138**
Fonte: Arquivo da DRTT
- Fig. 3.103.** Planta do 1º piso do 2º projeto de conservação do balneário da Ferraria entre 1938 e 1959 **Pág. 138**
Fonte: Arquivo da DRTT
- Fig. 3.104.** Esboço de uma bomba que permitia a elevação e o transporte de água **Pág. 142**
Fonte: Arquivo da DRTT

Fig. 3.105. Esboço de uma bomba que permitia a elevação e o transporte de água **Pág. 142**

Fonte: Arquivo da DRTT

Fig. 3.106. Aspeto do estabelecimento termal em estado de abandono em 2005 **Pág. 143**

Fonte: Almeida, 2005

Fig. 3.107. Aspeto do estabelecimento termal em estado de abandono em 2005 **Pág. 143**

Fonte: Almeida, 2005

Fig. 3.108. Movimentos de vertente no Inverno de 2013 **Pág. 144**

Fonte: <http://www.diariodosacores.pt/index.php/sociedade/1913-derrocada-na-ferraria-deixou-varias-pessoas-isoladas-por-diversas-horas> [consultado a 04-11-2017]

Fig. 3.109. Outro aspeto dos movimentos de vertentes ocorridos no inverno de 2013 **Pág. 144**

Fonte: <http://www.acorianooriental.pt/noticia/nova-derrocada-no-caminho-de-acesso-a-ferraria> [consultado a 04-11-2017]

Fig. 3.110. Plano geral de remodelação e requalificação da Termas da Ferraria, 2003, arquitetos Manuel Saldanha, José Capela e Paulo Monteiro **Pág. 145**

Fonte: http://2.bp.blogspot.com/_LlPvVBojj1E/TAvUHIK-nYI/AAAAAAAAAXQ/Yn_Qord1JTM/w1200-h630-p-k-no-nu/2010-06-06_Termas+da+Ferraria.jpg~ [consultado a 04-11-2017]

Fig. 3.111. Piscinas exteriores termais **Pág. 146**

Fonte: <http://www.termasferraria.com/noticias/imagens.php?pag=3&cat=0> [consultado a 04-11-2017]

Fig. 3.112. Esplanada e túnel em serpentina para o interior das instalações do Spa

Pág. 146

Fonte: <http://www.termasferraria.com/noticias/imagens.php?pag=3&cat=0>
[consultado a 04-11-2017]

Siglas

BPARPD – Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada

DRTT – Direção Regional do Turismo e Transportes

DRAIC – Direção Regional do Apoio ao Investimento Competitividade

CVARG – Centro de Vulcanologia e Avaliação de Riscos Geológicos

CIVISA – Centro de Informação e vigilância sismovulcânica dos

OMIC – Observatório Microbiano dos Açores

DRS – Direção Regional da Saúde

INTRODUÇÃO

Tendo em conta a presença de vulcanismo ativo no arquipélago dos Açores, conjugada com as características climáticas, verifica-se na ilha de São Miguel a existência de uma atividade hidrotermal intensa, manifestada através de fumarolas e vários tipos de águas minerais, gasocarbónicas e termais. Os estudos mais relevantes sobre termalismo em São Miguel, baseiam-se essencialmente em pequenos estudos muito específicos sobre as propriedades medicinais¹, alguns estudos sobre as características físico-químicas das águas termo-minerais², além de muitos estudos científicos na área da hidrologia onde são referidos alguns factos históricos importantes e aspetos das vivências sociais do aquistas retirados de fontes primárias³. Uma vez que não há nenhum trabalho que descreva a evolução do termalismo nos Açores, e designadamente em São Miguel, e considerando que esta é uma atividade cada vez mais presente na vida das pessoas locais e dos que nos procuram (turistas), o propósito desta dissertação consiste na abordagem do binómio águas termais e história do termalismo em São Miguel, centrando-se na forte componente social e turística do fenómeno do termalismo, sem esquecer a relação estreita com a formação geológica, que justifica a ocorrência de fenómenos vulcânicos. Identificaram-se quatro áreas de estudo em São Miguel: Furnas,

¹ Medeiros, Carlos Pavão de (1971). *As termas da ilha de São Miguel e as suas possibilidades terapêuticas*. Ponta Delgada; Dias, Adelino. Oliveira, Jorge (1980). *Termalismo nos Açores*. Funchal; Dias, Adelino. Oliveira, Jorge (1982). *Tratamento termal das Asmas – Bronquites Crónicas*. Ponta Delgada;

² Cruz, J. V. Freire, P. Coutinho, R. (2014). Águas minerais da ilha de São Miguel (Açores: Monitorização hidrogeoquímica entre 1992 e 2013. *Comunicações Hidrogeológicas*. Especial 101. Pp. 671 – 675. Disponível em: http://www.lneg.pt/download/9630/16_2893_ART_CG14_ESPECIAL_II.pdf ; Morais, J. C. de (1953); Furnas dos Açores. *Memórias e Notícias*. Publicações do museu e laboratório mineralógico e Geológico e do centro de estudos geológicos da Universidade de Coimbra, N° 35. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/38012/1/Furnas%20dos%20Acores.pdf> .

³ Freire, P. (2006). *Águas minerais da ilha de São Miguel (Açores) – Caracterização hidrogeológica e implicações para a monitorização vulcânica*. Dissertação de mestrado. Departamento de Geociências. Universidade dos Açores. Ponta Delgada; Pereira, H. C. (2012). *Águas minerais em São Miguel (Açores): Perceção pública da sua génese e ocorrência*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Geociências. Universidade dos Açores. Ponta Delgada. Freire, P. (2013). *Recursos Hidrominerais dos Açores: Hidrogeologia e avaliação do potencial socioeconómico*. Dissertação de Doutoramento. Departamento de Geociências. Universidade dos Açores.

Caldeiras da Ribeira Grande, Ladeira da Velha e Termas da Ferraria, assim organizadas pela cronologia da sua utilização histórica.

Além de breves referências na crónica de Diogo Gomes de Sintra e na obra de Valentim Fernandes (séculos XV-XVI), a primeira menção explícita à ocorrência de águas quentes nas Furnas é da autoria de Pompeo Arditi de Pesaro e data de 1567, mas a alusão aos efeitos terapêuticos destas águas deve-se a Gaspar Frutuoso (Saudades da Terra, 1998 1583). Contudo, é a partir do século XIX que se identificam mais trabalhos relativos às nascentes termais e quando se observa o “auge” do termalismo nos Açores.

Por outro lado, devido aos conflitos armados na Europa do século XX, e das novas mentalidades na procura do turismo de sol e praia, as práticas termais reduziram, pois também as autoridades governamentais aumentaram as exigências, dificultando deste modo a exploração das águas termo-minerais por parte das entidades privadas.

Com o dobrar do milénio, as práticas do turismo termal, de bem-estar e de saúde, estão cada vez mais presentes nas ambições das pessoas como forma de lazer e entretenimento. Devido a esse aumento de turismo termal, também verificado na região, notou-se um reforço nas políticas públicas (regionais, municipais) que a partir de 2002 no sentido de valorizar e potencializar o termalismo nos Açores, como se pode exemplificar com o envolvimento do INOVA em projetos de aproveitamento e valorização das águas termais no Arquipélago dos Açores; com a reconversão dos Banhos Novos no novo Hotel Boutique Termal & Spa nas Furnas ou com a remodelação e ampliação dos Balneários Termais da Ferraria em São Miguel. Destas iniciativas também se destaca os investimentos realizados no termalismo em contexto recreativo, de relaxamento ou de bem-estar, como é o caso da Poça da Dona Beija e do Parque Terra Nostra (nas Furnas, ilha de São Miguel) e da Caldeira Velha, na Ribeira Grande.

O ponto de partida para elaboração desta dissertação começou pela recolha e análise de bibliografia sobre o tema Termalismo em geral (na BPARPD, na Biblioteca da Universidade dos Açores e nas bases de dados *online* de outras faculdades), onde pudemos colher diversos elementos sobre termas e termalismo na Europa e em Portugal. No Departamento de Geociências da Universidade dos Açores consultou-se

documentação referente ao mesmo tema, mas nos Açores, documentação esta já selecionada e analisada por outros estudantes.

Procedeu-se também à consulta de documentação de arquivo, nomeadamente na DRAIC (Direção Regional do Apoio ao Investimento e Competitividade) e na DRTT (Direção Regional do Turismo e Transportes), onde foram encontrados dados muito importantes para o trabalho de investigação desta dissertação como sejam processos de obras, concursos de concessão, orçamento de obras com as respetivas memórias descritivas, correspondência entre a entidade patronal e entidades privadas, estudos de aplicação de energia, defesa e valorização das zonas de estudo, plantas e alçados dos projetos em concurso e alguns registos fotográficos das zonas em estudo. De forma a enriquecer mais este projeto, foi realizada a visita aos locais de estudo e foi realizada a recolha de testemunhos orais de forma a complementar a evolução a nível social acerca das estâncias termais, das suas vivências e rituais medicinais.

Ao longo da recolha de documentação arquivística, realizou-se a digitalização de mapas de algumas zonas de estudo, assim como de documentação arquitetónica dos espaços termais em estudo nunca antes revelada em outros trabalhos (plantas, alçados e cortes, planos orçamentais), o que permitiu analisar a evolução a nível estrutural das estâncias ao longo dos anos, assim como dos projetos ambicionados para as estâncias que não foram concretizados.

Deste modo, a organização desta dissertação visou os seguintes objetivos: caracterizar a formação geológica, justificando a ocorrência de fenómenos vulcânicos nas zonas em estudo; caracterizar a evolução histórica, social, arquitetónica e patrimonial das estâncias termais das zonas de estudo da ilha de São Miguel; analisar as potencialidades atuais das estâncias termais no âmbito do turismo de saúde e lazer.

No vulcão do Fogo, existem duas zonas em estudo: as Caldeiras da Ribeira Grande, onde existe um edifício datado do início do Século XX conhecido como “banhos da coroa”; e a Ladeira da Velha, onde persistem ruínas de umas pequenas termas da primeira metade do século XX, e onde também existiu uma fábrica de engarrafamento de água mineral de que há registos fotográficos da década de 1960.

No vulcão das Sete Cidades existe a estância termal da Ferraria, recentemente modificada aproveitando as instalações ali existentes.

A maior e mais relevante estância termal, no entanto, situa-se no vale das Furnas, onde existe uma grande quantidade de espaços utilizados com fins termais como por exemplo a Poça da Dona Beija, tanque termal do Parque Terra Nostra, Banhos Novos (atual Boutique Hotel Spa) e a Poça da Silvina.

A organização desta dissertação compreende além da introdução quatro capítulos, seguidos de bibliografia e anexos. O primeiro capítulo refere-se à História do Termalismo na Europa e em Portugal, como enquadramento para compreender o desenvolvimento das práticas termais que ocorreram em São Miguel. O segundo capítulo destina-se à compreensão da geologia e hidrogeologia das zonas em estudo, nomeadamente: Furnas, Ribeira Grande e Ginetes. Por sua vez, o terceiro capítulo reporta-se ao desenvolvimento da história do termalismo micaelense. A ordem de escolha das zonas em estudo foi cronológica, sendo pertinente começar pela maior hidrópole, as Furnas, por ser o grande e mais antigo centro de atração dos termalistas no século XIX e o caso de estudo mais interessante em termos históricos e hidrológicos desta dissertação. Seguidamente, aborda-se os Banhos da Coroa, Ladeira da Velha e Ferraria. Por fim, o capítulo 4 destina-se às considerações finais. Os anexos incluem documentação considerada mais pertinente para o enriquecimento desta dissertação nomeadamente, excertos de obras, notícias de publicações periódicas, plantas e alçados de vários projetos arquitetónicos desde finais do século XIX até à 2ª metade do século XX.

1. História do Termalismo

1.1. As civilizações antigas

A simbologia dada à água como elemento essencial à vida e saúde do homem aparece nas civilizações Antigas, numa perspectiva mitológica em que o poder divino se manifestava na ação e efeitos terapêuticos da água (Pita, 1998). A água faz parte dos rituais de purificação de quase todas as religiões, como são exemplo o rio Ganges (religião Hindu) e o rio Jordão (Cristianismo). Os Budistas e Muçulmanos também conferem a mesma importância à água, relacionando o banho com a pureza religiosa.

Os povos antigos como os egípcios, sumérios, babilônios e aztecas, assim como os gregos e romanos, desenvolveram rituais medicinais e religiosos ligados à água. Esses rituais eram realizados frequentemente por curandeiros, e incluíam banhos medicinais, com a aplicação de compressas frias e quentes (Routh *et al.*, 1996; Santos, 2011).

Tales de Mileto no século VI a. C., demonstra uma enorme admiração pela água ao ponto de atribuir-lhe a origem de tudo o que é real (Mariz, 2015). Homero, por sua vez, exaltava as virtudes do banho na cura de doenças. Os gregos antigos encontravam propriedades curativas nas águas que eram consideradas uma dádiva dos deuses, e por isso, detentoras de poderes mágicos (Fabiani *et al.*, 1996); qualidades que eram particularmente atribuídos aos poderes de Hefesto, Deus do Fogo e do Metal (Freire, 2013).

Hipócrates (460-377 a. C.), conhecido como o Pai da Medicina, e autor da obra *Corpus Hippocraticum* foi o primeiro a descrever os efeitos terapêuticos de determinadas águas (Pita, 1998; Kazandjieva *et al.*, 2008; Livro Branco, 2010). A teoria de Hipócrates baseava-se na ideia de que no organismo humano existiam quatro “humores” ou fluidos corporais, correspondentes aos quatro elementos da Natureza (Fogo, Ar, Água e Terra). Acreditava que, dependendo do equilíbrio ou desequilíbrio destes “humores” ou fluidos corporais, se condicionava a saúde ou a doença.

Asclepiades (124 a. C.), influenciado por Hipócrates, introduziu a hidroterapia em geral nos seus pacientes. (Routh *et al.*, 1996).

Heródoto (450 a. C.) destaca-se por ter sido o primeiro a descrever o tratamento de várias doenças através da “cura balneária”, e estabeleceu os modos de administração dos banhos (Fabiani *et al.*, 1996; Teixeira, 2007; Santos, 2011). Segundo Heródoto, a

regra geral da administração dos banhos começava por ser antes de comer ou só depois da digestão estar feita; a duração aconselhável dos banhos era de uma hora e apenas um banho por dia. O modo de administração do banho era muitas vezes realizado com a exposição do doente aos vapores, nas chamadas de estufas naturais ou *Hamman*, atualmente conhecido como banho turco e muito apreciado pelos povos orientais (Encarnacion, 1997).

De um modo particular, os gregos eram adeptos do bem-estar físico e do culto do corpo, tendo privilegiado os banhos públicos (Routh *et al.*., 1996) e para isso construído, junto a estes, templos e santuários em locais bem enquadrados pela vegetação e perto de cursos de água, muitos dos quais com propriedades medicinais. (Pita, 1998).

Mais tarde, os Romanos também adotaram as doutrinas gregas, e assiste-se ao autêntico aproveitamento das águas de nascente. O número de banhos depressa aumentou e foram construídos grandes aquedutos que transportavam a água potável às populações (fig. 1.1.), banhos públicos (fig. 1.2.) e ginásios. Os espaços termais (*balnae*) eram abertas a toda a gente e eram pretexto para o convívio, apesar das mulheres o frequentarem de manhã e dos homens à tarde. As termas romanas englobavam áreas de banhos quentes (*caldaria*), tépidos (*tepidaria*) e frios (*frigidaria*), além de espaços destinados a massagens e à aplicação de cosméticos (Pita, 1998).

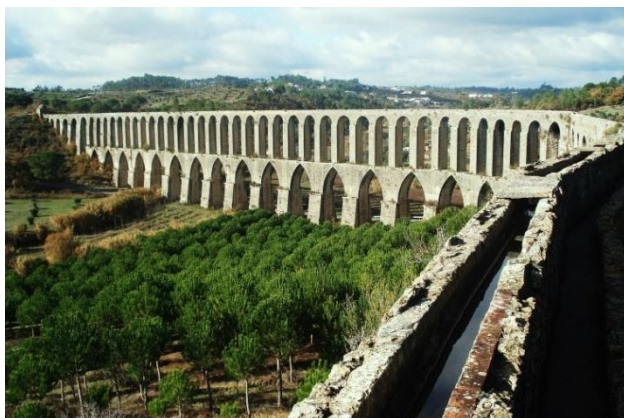


Fig. 1.1. Aqueduto Romano - Le pont du Grand



Fig. 1.2. *Thermae*, banho público

A vida social dos cidadãos romanos começava com as obrigações diárias, e só depois é que eles se encontravam nos banhos ou nos fóruns. O planeamento das cidades romanas tinha um especial cuidado na criação de espaços de interação pública, promovendo a sociabilidade entre todos os cidadãos nos teatros, nos banhos e até nas latrinas (fig. 1.3.) (Kerrigan, 2001).



Fig. 1.3. Latrina romana (509-27 a.C.)

As estruturas das casas de campo romanas (*villae*) eram muito parecidas às casas dos romanos mais abastados nas cidades, embora tivessem um espaço muito mais folgado e alargado. As *villae* funcionavam no aspeto económico como uma pequena cidade no campo, desenvolvia-se o trabalho dos terrenos agrícolas (*Latifundium*) e vivia-se das colheitas produzidas. Também nas *villae*, foram construídas termas privadas de modo a proporcionar o bem-estar e o ócio que os romanos tanto apreciavam (Kerrigan, 2001).

Tendo em conta a grande influência romana na Europa, surgem termas romanas por todo o império, nomeadamente na Alemanha (Baden-Baden), em França (Vichy), na Bélgica (Spa), no Reino Unido (Bath), na Hungria (Aquincum) e Península Ibérica, como o caso das termas no norte da Espanha de Campo Valdés, Gijón, Astúrias e em Portugal, de que são exemplo as termas romanas de Chaves, termas de Monfortinho ou até as termas São Pedro do Sul.

A fama dos banhos romanos atraía pessoas de diferentes origens (não-romanos) que procuravam alívio de algumas doenças, como o reumatismo, artrite ou simplesmente para relaxar, semelhante à moderna ida a um *spa*. (Barros, 2015).

Após a queda do Império Romano, a conceção que havia das termas entra em decadência, por não ser do interesse dos povos invasores mas também a Igreja Católica considerava o termalismo como um ato pagão, e por isso os banhos termais perderam o

seu papel social e começaram a ser empregados apenas sob o ponto de vista terapêutico e medicinal (Rodrigues, 2011; Mariz, 2015).

1.2. A Idade Média

Segundo Santos (2011), na Idade Média a prática dos banhos sofreu um declínio significativo. Com base nos dogmas religiosos, a recente Igreja Cristã proibia os banhos cerimoniais, sendo muitas das instalações construídas para os banhos abandonadas. Nalguns casos construíram-se lugares de culto junto às termas, e outras permaneciam na realeza, ficando assim fora do alcance das decisões da igreja.

Na Península Ibérica, enquanto esteve sob influência árabe, reaparecem gradualmente os espaços com recurso a águas terapêuticas. Avicena (980-1073) foi uma importante personagem da medicina árabe e defensor da água do mar para tratamentos terapêuticos (conhecida atualmente como talassoterapia) (Mariz, 2015).

Entre os séculos XI e XII, os banhos termais eram limitados e não havia grandes preocupações com a higiene. Com o aparecimento da lepra na Europa, a realeza e nobreza mandaram construir hospitais junto às nascentes (Coimbra, 2012). No século XIII, muitas termas foram reerguidas devido a alterações na economia e também pelo regresso dos Cruzados vindos do Oriente que reforçaram o desejo pelo cuidado do corpo e saúde favorecendo a atividade termal (Rodrigues, 2011; Mariz, 2015).

1.3. Renascimento

Na fase de transição entre a Idade Média e o Renascimento, gradualmente ressuscita o interesse pelas propriedades medicinais das águas, assim como a veneração pela cultura das grandes civilizações clássicas; recuperaram-se diversas práticas sociais como a ida às termas, que voltam a ser vistas como locais agradáveis à mente e ao corpo (Ramos, 2005).

Nesta época os estudiosos que se destacam são Paracelso (1493-1541), pela sua contribuição para o conhecimento das águas minerais; Savonarola, um médico que se dedicou ao estudo das águas, publicou em 1498 o primeiro tratado de balneoterapia “*De Balneiset Thermis*” (Pita, 1998; Teixeira, 2007).

No século XVI, muitos médicos começaram a interessar-se pela balneologia e iniciaram o uso exagerado da água como cura para quase todas as doenças. É assim que Andrea Bacci, em “*De Thermis*” (Veneza, 1571) estuda os usos da água desde o tempo de Galeno e ensina que o uso da água deve ser disciplinado e não usado numa abordagem empírica (Routh *et al.*, 1996). É durante esta época que foram introduzidas novas terapias além dos banhos, como as inalações, sudatórios e o uso de lamas. Os balneários propagaram-se por vários territórios devido à grande mudança de mentalidades na época (Rodrigues, 2011; Mariz, 2015).

Michel de Montaigne, famoso ensaísta francês, nascido em 1533 desenvolveu uma “arte de viver” baseada na sabedoria inspirada no bom senso e na tolerância. Com base nas suas viagens através da Europa, escritas no seu *Journal de Voyage* (jornal de viagem), pode observar e dar testemunho de uma cura termal em *Bath* (Reino Unido) (fig. 1.4.) e em *Spa* (Bélgica) (fig. 1.5.) (Jarrassé, 1994). Muitas das descrições relatam as vivências e transmitem a reputação de muitas estâncias termais por ele visitadas de 1580-1581. Através de relatos como os de Montaigne, a fama e notoriedade das termas foi-se expandindo de tal forma, que em finais do século XVI, em França, ficaram célebres termas como as de Plombières, Bourbon-l’Archambault, Vichy, Cauterets, Pougues e Dax, destacando-se igualmente, durante os séculos XVII e XVIII, Aix-les-Bains, Bourbon-Lancy, Bagnères-de-Luchon e Forges-les-Eaux (Jarrassé, 1994).



Fig. 1.4. Termas de *Bath*



Fig. 1.5. Termas de *Spa*

É no século XVI também que jovens ingleses da alta sociedade marcam a sua transição para a vida adulta com uma viagem, que dura cerca de 2 a 3 anos. Esta viagem era defendida por vários autores, mas o que mais se destacou nesta época foi Francis Bacon e mais tarde John Locke (Barros, 2015). De início esta viagem tinha como destino o norte de Itália (Bolonha, Vicenza, Pádua e Veneza) – daí se explica o nome *Giro of Italy*. Existia ainda um roteiro que passava por Paris, e nos séculos XVIII e XIX o roteiro incluía outras cidades como Amsterdão, Munique, Viena ou Praga. Deste modo, a designação desta viagem evolui para o *Grand Tour* (fig. 1.6.) (Barros, 2015).



Fig. 1.6. John Bargrave rodeado por Alexander Chapman e John Raymond estudam o mapa de Itália

Neste contexto, as estâncias termais no século XVII marcaram presença em toda a Europa.

1.4. Os Séculos XVIII e XIX

É no século XVIII que a vertente turística do termalismo começa a despontar. A Revolução Industrial, o barco a vapor, o caminho-de-ferro e a macadamização das estradas, modificaram o turismo, conduzindo-o à sua versão moderna: o longo roteiro de viagem pela Europa (*Grand Tour*) é substituído pelas viagens de ida e volta, com

curtas estadias. Por outro lado, as estâncias balneares termais e de montanha⁴ entram nos itinerários das viagens (Barros, 2015).

Em Inglaterra, durante o século XVIII, nota-se a adoção por parte dos arquitetos de uma filosofia de construção baseada na sintonia entre a arquitetura e a natureza. Bath é também uma das poucas cidades inglesas que nessa época teve em consideração a relação campo-cidade, de modo a que os utentes aproveitassem os seus tratamentos, usufruindo assim do jardim inglês – os *Walks* – tornando o espaço mais agradável e encobrendo o incómodo citadino industrial (Coimbra, 2012). As termas de Bath (Inglaterra) evidenciam-se também pelo facto de conseguir conciliar um Hospital reumatológico para os mais pobres, com o ambiente aristocrático e requintado existente desde 1742. Os aspetos lúdicos e rituais físicos que marcaram os tempos áureos de Bath, serviram de impulso para o destaque das termas francesas (Coimbra, 2012).

A corte vai a “banhos” e instala-se numa determinada estância passando um período de tempo considerável e neste âmbito nasce “a época termal”, “la saison”, “the season”. Vichy ou Aix-les-Bains em França, Bath ou Brighton na Inglaterra, são destinos termais que ficaram marcados pelo gosto aristocrático (Cantista, 2010).

Segundo Mangorrinha e Pinto (2015) “este «termalismo de corte» motivava-se, não só com as águas, mas sobretudo com os “pleasure places”, onde os edifícios eram cenários de ricos burgueses que deambulam nas praças e galerias. Os outros utentes faziam-no, sobretudo, por necessidade”.

Este conjunto de fatores contribuiu para o desenvolvimento de um novo conceito: o de Vila Termal, que revela claramente uma tendência de se expandir para fora das localidades. Este novo conceito procurou preservar os espaços e as construções termais, mantendo-as afastadas dos centros e populações locais, procurando contemplá-las em locais frescos e saudáveis, envolvidos pela natureza. Todos os países europeus com tradições termais, adotaram também este conceito e aumentaram o número de estâncias termais com diversas dimensões (Ramos, 2005).

⁴Nesta época surge também o turismo de saúde na montanha, constroem-se sanatórios e clínicas de prevenção e cura da tuberculose.

Os estabelecimentos termais tornam-se mais luxuosos, adquirindo igualmente novos e melhores equipamentos; novos hotéis são construídos, os salões de baile engrandecem, enquanto as salas de teatro e os casinos começam-se a impor-se na vida social e na animação das “estâncias de cura”. As casas reais europeias reforçam a sua frequência nas termas, impulsionando alterações mais evidentes ao nível das práticas termais, influenciando a evolução das tipologias dos equipamentos. Para além do balneário era necessário complementar a cura do corpo com o bem-estar lúdico. Surgem edifícios destinados aos luxuosos divertimentos reais, casinos e empresas de jogo de azar como em Baden-Baden (fig. 1.7. e 1.8.) que influenciou outras termas como Bath (Inglaterra), Spa (Bélgica), Bad Kissingen (Alemanha) e Aix-le-Chapelle (França) a adotar estas novas atividades termais (Ramos, 2005). Também em França, os casinos de Vichy (fig. 1.9.) e de Aix-les-Bains (fig. 1.10.) tornam-se símbolos da sociedade do século XIX, cuja Ópera de Paris é a imagem emblemática de inspiração para a magnífica decoração destas novas atrações (Penez, 1994; Sauvat, 1999; Ramos, 2005).



Fig. 1.7. Termas de Baden Baden

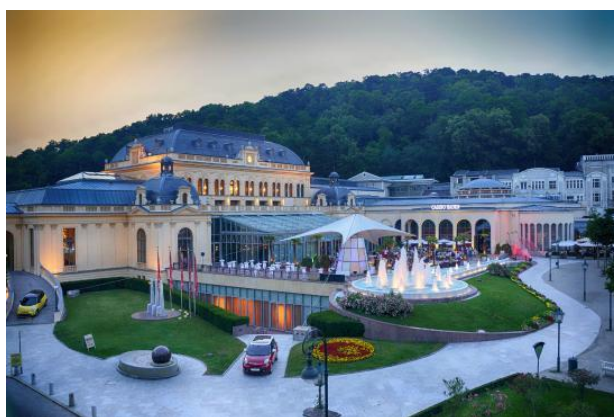


Fig. 1.8. Casino de Baden Baden



Fig. 1.9. Casino de Vichy



Fig. 1.10. Casino de Aix-Les-Bains

Em 1815, na Inglaterra, o termo “*taking the cure*” provocava nos visitantes das termas uma atração maior pelos divertimentos sociais existentes do que propriamente a busca da saúde (Quintela, 2004). Para além disso, o alargamento da rede de caminho-de-ferro no século XIX, originou uma grande transformação em termos turísticos. Por um lado, porque tornou acessível a um maior número de pessoas as viagens de lazer, e, por outro, porque os locais que passaram a ser considerados como destinos turísticos, eram determinados pela própria rede de caminho-de-ferro. Os viajantes ingleses começaram por ser os primeiros turistas, viajavam por prazer, instrução e conhecimento.

A “viagem da cura e do prazer” estava associada à “mudança de ares” necessária à manutenção da saúde. Interligada com a cura termal, sobretudo para aqueles que viviam nas cidades e viajavam para o campo, a vilegiatura correspondia a uma nova forma de agendamento anual (Thomas, 1988).

Inicialmente o “turismo” era apresentado com o intuito pedagógico de adquirir conhecimento, sobretudo a ida à Terra Santa e o *Grande Tour* e, sendo a viagem um requisito necessário como forma de conhecer lugares de referência; a vilegiatura por sua vez, tinha como objetivo a viagem a um local único durante uma temporada. Alguns autores associam a vilegiatura aos primeiros movimentos turísticos do século XIX, diferenciando-se da viagem pelos objetivos que a fundamentavam, ao basear-se no repouso (Quintela, 2004).

No século XIX o termalismo introduziu a ideia de “cura climática” em que a natureza era representada como sanatório, estando o clima e a qualidade do ar ligados ao tratamento. Ou seja, a natureza era representada como a fábrica de produtos que mantinha a saúde e curava a doença, destacando-se no tratamento da tuberculose e nas práticas balneares termais, sendo até os lugares onde abundavam as águas termais nomeados como farmácia da natureza ou laboratório da natureza. Os curistas procuravam tratamentos de doenças normalmente crónicas, como doenças de pele, bronquites, reumatismos. Esta última era bastante dolorosa e por isso incitava o deslocamento até às estâncias termais, e neste caso a viagem não era totalmente opcional, porque procurava o alívio da dor. Desse modo, atribuía-se à Natureza um elemento de continuidade na construção social das termas, quer se falasse da cura, da manutenção da saúde ou da recreação e do repouso (Quintela, 2004).

No século XIX, são realizados inúmeros estudos científicos que comprovam as ações benéficas das águas termais, o que concedeu uma grande credibilidade às águas termais europeias (Rodrigues, 2011).

A partir da segunda metade do século XIX, o mundo ocidental passa por uma fase de mudanças tecnológicas, industriais, económicas e sociais que dão origem a temporadas de repouso e lazer (Cunha, 2010). Nesta altura a burguesia que procurava reconhecimento social, rapidamente imitou a aristocracia e alugou casas de campo ou aposentos em hotéis para gozar alguns dias de repouso. Contudo, os habitantes das cidades que não tinham a possibilidade de passar longas temporadas no campo adquiriram o hábito de o fazer ao domingo. Nos meses de mais calor, partia-se para os banhos de mar, para os campos ou para as termas. Nas cidades ficavam aqueles que não o podiam fazer. O facto de se frequentar espaços da natureza era um elemento já de distinção social (Gonçalves, 2011).

Em França, a sensibilidade e o gosto do imperador Napoleão III (1852/1870) e da sua família, pelas termas, constituiu um papel fundamental no impulso que o termalismo francês conhece a partir de 1850. Sendo enorme o número de estâncias que prosperam durante este período, o auge deste “renascimento” é atingido nos finais do século XIX, com a criação dos projetos do arquiteto Charles Lecoq, em que a beleza das construções e o arranjo e ordenamento do espaço, representam o carácter de cidade em miniatura. (Ramos, 2005). Segundo o mesmo autor, a Alemanha enche também de ostentação e luxo as suas estâncias termais, como Bad Homburg, Bad Nauheim e Bad Kissingen, ditando o êxito e desenvolvimento de muitas outras, de menores dimensões, onde além das funções terapêuticas, também a vertente turística se foi afirmando, unindo assim o lazer com a prática do termalismo.

1.5. O Século XX

Desde finais do século XIX até à primeira metade do século XX, as termas continuam a ser espaços de diversão, de jogo e de luxos. As termas eram dedicadas à saúde, assim como à distração e ao prazer, procuravam sempre unir perfeitamente as atividades termais com os ambientes luxuosos, caracterizando o elitismo e a forma de estar da burguesia endinheirada. Com o surgir da Primeira Guerra Mundial, a euforia termal dissipou-se durante o conflito, voltando a aparecer imediatamente a procura termal

assim que finda a guerra, facto que se explica devido à procura de distração por parte da população.

Tal como aconteceu com a Primeira Guerra Mundial, à interrupção turística durante os anos de conflito europeu seguiu-se o ressurgimento em força do turismo, alimentado por um período de paz, pelo aumento do rendimento disponível das famílias que também dispunham de mais e mais tempo livre, os preços dos transportes (comboio, autocarro e avião) que baixam imenso de custo e a generalização do automóvel e do avião que vêm substituir o caminho-de-ferro, facilitando as viagens. A este aspeto alia-se a conquista do direito a férias pagas, suscitando a regularidade dos retiros de Verão (Barros, 2015).

Atualmente assiste-se a um “*regresso às origens*” no que respeita ao termalismo, isto é, uma mudança de mentalidades que procura métodos alternativos de cura, fazendo da prática de exercício físico e de momentos de lazer e bem-estar, uma alternativa terapêutica à farmacológica. Foi neste âmbito que surgiu o conceito de “*Spa*” (da expressão latina “*Sanitas per Aquam*”), que combina o uso da água de modo a restabelecer o equilíbrio físico e mental com a vertente de turismo e de lazer (Kazandjieva *et al...*, 2008).

Segundo Cunha (2001), o Turismo de Saúde é definido como “(...) deslocações que têm na sua origem motivos de relaxamento físico e mental, obtenção de um benefício para a saúde, recuperação dos desgastes provocados pelo *stress*, ou pelos desequilíbrios psicológicos provocados pela agitação da vida moderna ou pela intensidade do trabalho.”

Nos últimos anos, tem-se avançado para um novo conceito de termalismo, denominado de Termalismo de Saúde e Bem-estar, que se define por associar o conceito de termalismo terapêutico tradicional com outro conjunto de ofertas de saúde, não especificamente centradas nas características das águas minero-medicinais e por associar o termalismo de bem-estar com ofertas de lazer complementares intimamente ligadas ao conceito de Turismo de Saúde, (Vargas e Gil, 2002).

Este novo conceito de termalismo, que é procurado nas estâncias termais, permite definir o produto do balneário como um produto turístico global, oferecendo vários serviços relacionados com produtos termais e não termais que alteram o conceito

tradicional dos balneários, de modo a convertê-los em modernos centros turísticos, através de uma oferta e uma clientela mais diversificada.

1.6. Termalismo em Portugal

Os romanos edificaram termas no que será mais tarde o território português, de que se podem observar diversos conjuntos de ruínas, como é o caso das termas romanas Maximinos (Braga, antiga Bracara Augusta), das termas romanas dos Cássios-Olissipo, em Lisboa, as Termas da Muralha, em Conímbriga, as Termas Romanas em Évora, sem esquecer as de São Pedro do Sul (*Aquae Sulis*) e as termas de Chaves (*Aquae Flaviae*), Vidago e Briteiros, (Freire, 2013; Rodrigues 2011).

Na Idade Média, após um longo período de decadência devido ao controlo da Igreja sobre estes estabelecimentos, muitas termas foram reconstruídas e exploradas por ordens religiosas, como é o caso das termas do Gerês, de Caldelas, de Caldas da Rainha, Taipas, Monchique, etc (Cantista, 2010). A partir do século XIII, fundaram as *Gafarias* – locais adequados para receber os doentes que procuravam a cura para doenças de pele como é exemplo, a lepra (Martins, 2009; Escada, 1999).

A frequência real dos espaços termais é conhecida e surge desde a fundação da nação. Sobre as termas de São Pedro do Sul sabe-se que D. Afonso Henriques deslocou-se às antigas Termas de Alafões, em 1169 para restabelecer-se de uma fratura que sofrera numa perna, durante a batalha de Badajoz (Martins, 2009; Mangorrinha, 2000; Freire, 2013; Livro Branco, 2015).

Sublinha-se que o primeiro balneário e hospital termal do mundo, onde se praticou pela primeira vez assistência social em termas, foi o hospital das Caldas da Rainha, fundado em 1488, por D. Leonor, rainha de Portugal, mulher de D. João II e criadora das Misericórdias em Portugal, preocupada com a saúde, higiene e com o bem-estar da população (Martins, 2009; Freire, 2013).

As primeiras obras destinadas à construção do Hospital Termal das Caldas (fig. 1.11.) foram iniciadas em 22 de Janeiro de 1485. Em 1485 a administração era exercida em nome da Rainha e em 1512 o hospital teve o seu primeiro regulamento. O conjunto distinguia-se de todos os outros por recorrer apenas a uma medicina de banhos. O

balneário era constituído por 3 piscinas (fig. 1.12. e 1.13.) e continha 7 enfermarias com 110 camas, das quais duas eram destinadas apenas a enfermos e peregrinos. Os doentes pobres do país tinham assistência gratuita, sendo 70 das 110 camas destinadas a todos os doentes pobres, e as 40 restantes aos pensionistas, frades e peregrinos (Gouveia, 1992; Serra, 1995).



Fig. 1.11. Hospital Termal Rainha D. Leonor

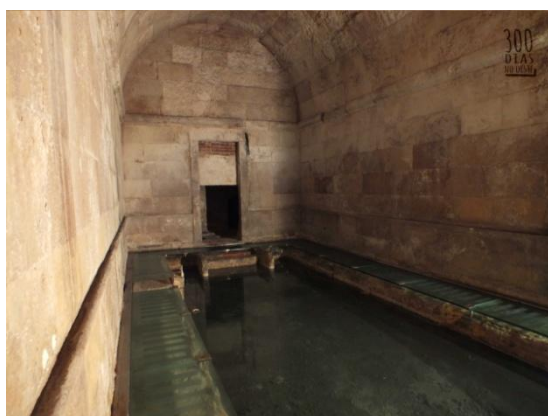


Fig. 1.12. Piscina termal do hospital ou tanque da Rainha D. Leonor

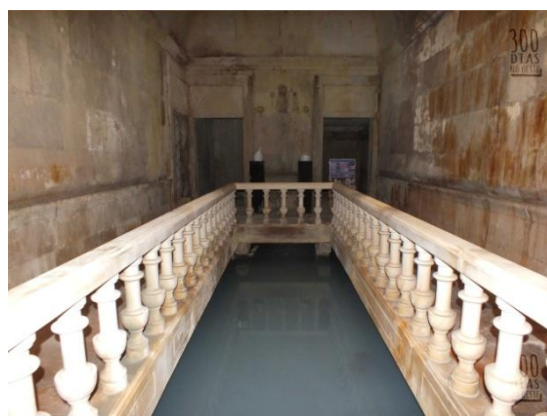


Fig. 1.13. Tanque que servia a inalações coletivas

Antes da prática balnear, os doentes eram examinados pelo médico de modo a proceder à seleção dos que podiam ser admitidos (os doentes não admitidos eram os considerados incuráveis, sarnosos, leprosos e chaguentos). Sobre os doentes admitidos à prática balnear eram receitados entre 2 a 5 dias antes da toma de purgas e xaropes. O internamento durava cerca de 4 semanas, e incluía, para além dos banhos termais,

aplicação de medicamentos complementares, uma dieta rigorosa, cumprimento dos princípios elementares de higiene, e a proibição de qualquer prática sexual (Serra, 1995).

D. João V interessou-se também pelas águas termais e ordenou a remodelação das termas do Gerês, das Taipas e de S. Pedro do Sul e a reconstrução do antigo Hospital das Caldas da Rainha, onde procurou alívio para alguns problemas de saúde de que sofria (Freire, 2013).

Para além das construções balneares, foi feito também o levantamento de todas as nascentes termais, o seu estudo científico e inventário e assim, surgem as primeiras publicações científicas, sendo os médicos da corte os autores. Destaca-se Francisco da Fonseca Henriques, médico da corte de D. João V que edita o célebre “Aquilégio Medicinal” em 1726 (fig. 1.14.), sendo o primeiro tratado de sistematização e classificação das águas minerais naturais em Portugal, e em 1758 Jacob de Castro Sarmiento escreve sobre a constituição química das águas. No entanto, os primeiros estudos laboratoriais sobre as águas mineromedicinais portuguesas datam de 1772 e estão relacionados com a Reforma Universitária de Coimbra (Cantista, 2010).

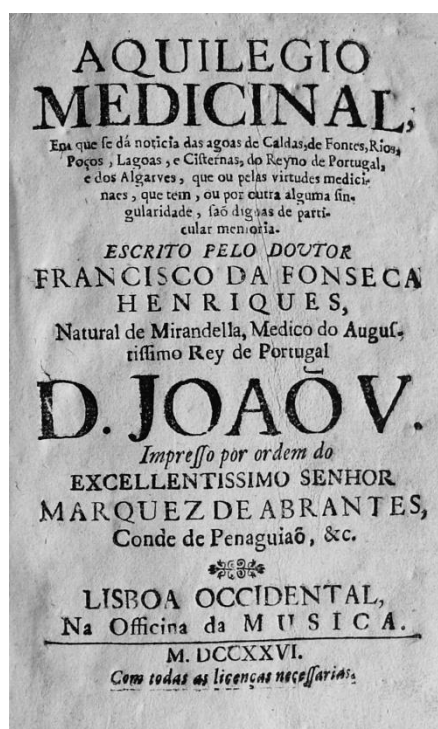


Fig. 1.14. Aquilégio Medicinal

As termas nesta época são espaços sociais e muito frequentados pelas figuras mais abastadas. A corte vai aos banhos e instala-se por largos períodos de tempo numa determinada estância, dando lugar ao surgimento da época balnear que os monarcas principiaram e marcam com a sua presença tornando os destinos termais conhecidos pelo gosto monárquico (Cantista, 2010). Os locais onde estão inseridas as estâncias termais investem em vários tipos de entretenimento e lazer, desde casinos, salões de baile, bibliotecas, teatros e hotéis.

Nesta época muitas termas são reconstruídas e remodeladas. D. José inaugurou catorze balneários no Estoril e o seu primeiro-ministro, Marquês de Pombal, regulamentou a administração balnear das Caldas da Rainha (Martins, 2009). Apesar de Portugal nunca ter sido incluído no *Grand Tour*, há uma comunidade inglesa que escolhe a capital portuguesa para a vilegiatura terapêutica, fixando-se na zona da Lapa. Por outro lado, em 1850 a ilha da Madeira afirma-se como estância de saúde, embora já desde meados do século XVII que a sua localização geográfica permitisse fazer parte das rotas marítimas internacionais (Barros, 2015; Matos, 2016).

Contudo, o termalismo e o estudo sobre as propriedades medicinais destas águas só tiveram um grande desenvolvimento a partir do século XIX. O conhecimento científico da composição físico-química das águas, relacionado com o estudo e investigação das ações terapêuticas destas, contribuíram muito para o desenvolvimento da hidrologia médica (Freire, 2013).

O turismo é uma atividade que depende muito do sector dos transportes e na última metade do século XIX verifica-se a grande evolução dos transportes em Portugal, de que é exemplo as estradas macadamizadas que começam em 1849, mas acima de tudo, o comboio, grande responsável pela evolução do turismo e da viagem pelo prazer. Entre 1852 e 1893 Portugal investiu em linhas férreas que facilitam a ligação entre pequenas províncias e a Europa, determinando a formação de um mercado de lazer e turismo associado às praias e às termas (Barros, 2015).

No último quartel do século XIX e inícios do século XX dá-se o grande desenvolvimento do termalismo em Portugal, tendo como referencia o modelo europeu, embora com um século de atraso, pelo que as estâncias termais portuguesas conquistaram uma clientela maioritariamente nacional (Barros, 2015). Tal como na Europa, a procura destes locais estava mais associada aos divertimentos que abrangiam

do que propriamente pela cura. Estava na moda as famílias mais ricas no final do verão, instalarem-se em hotéis de luxo que povoavam estâncias termais, de que são exemplo os casos de Vidago, Pedras Salgadas, São Pedro do Sul, Luso, Curia, Caldas da Rainha e Cró (Cantista, 2010).

Nesta época as águas de Vidago eram comparadas com as águas de Vichy (França) e consideradas das melhores águas da Europa (Pereira, 1961). Em 1870 é fundada a Empresa de Águas de Vidago e um ano mais tarde iniciam-se as obras do Grande Hotel (fig. 1.15. e 1.16.), inaugurado em 1874 para que os aquistas usufríssem de estância hoteleira (Mariz, 2015). O hotel tinha uma capacidade para 100 hóspedes e oferecia uma estadia agradável nos 54 quartos que possuía de primeira e segunda classe; tinha ainda uma sala de reuniões, uma sala de leitura, escritório da gerência, salão grande de jantar e uma sala de refeições mais privada. O Rei D. Luís I chegou a ser hóspede do Grande Hotel em 1875 e 1876. (Carreiro, 2004).

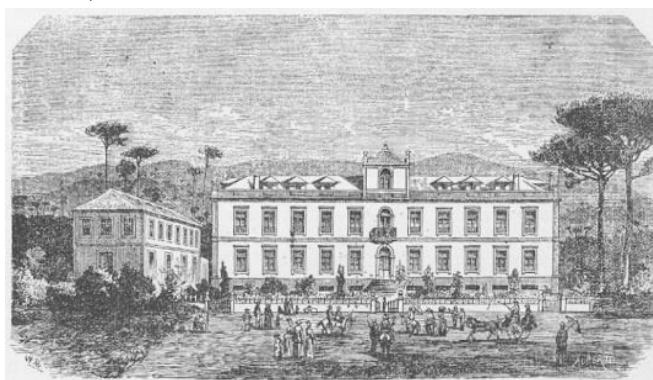


Fig. 1.15. Pequeno e Grande Hotel de Vidago em 1874, na sua inauguração

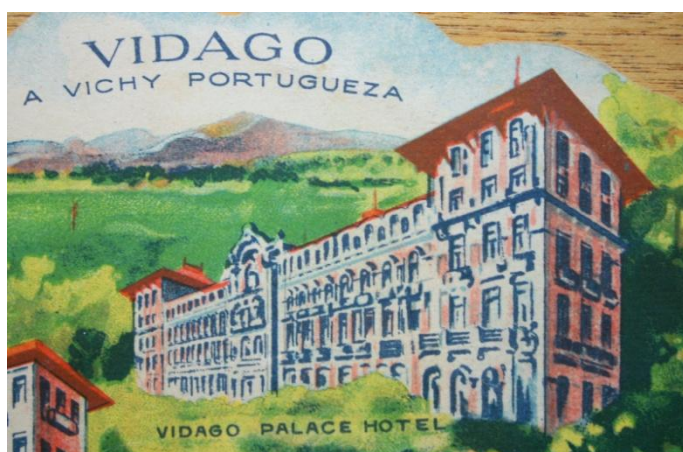


Fig. 1.16. Propaganda entre 1910 e 1920

As termas de Pedras Salgadas localizam-se a 12 km a sul de Vidago e a decisão de exploração das águas de Pedras Salgadas pela Câmara de Vila Pouca de Aguiar só começou em 1870. Apesar de nunca se ter realizado a concessão foi entregue, alguns anos mais tarde, à Companhia das Águas de Pedras Salgadas. No ano de 1871, José Júlio Rodrigues analisou as águas e concluiu que a sua composição era semelhante às águas de Vidago e em 1874 é constituída a Companhia das Águas de Pedras Salgadas, na qual começaram logo a desenvolver infraestruturas para o engarrafamento e distribuição de água em 1878 e em 1879, as termas de Pedras Salgadas abrem ao público (Neves, 2002).

Em 1876 foi realizado o primeiro projeto do balneário das Pedras Salgadas, da autoria do engenheiro Manuel do Couto Guimarães. O balneário estava preparado com instalações para duches, pulverizações, inalações, lavagem de estomago, aeroterapia, ginásio e banhos dotados de dois grandes quartos para que os aquistas pudessem descansar, tendo como referência as termas de Vichy. O balneário foi inaugurado a 8 de Junho de 1880. Havia ainda um diretor clinico que determinou um ritual de toma das águas que deveriam ser ingeridas de manhã, em jejum e depois de jantar, sendo as doses estabelecidas pelo médico e dependendo das doenças dos termalistas (Pinto, & Mangorrinha, 2009; Mariz, 2015).

Em 1879 iniciou-se a construção do Grande Hotel (fig. 1.17.), com capacidade para 100 hóspedes, um grande salão de bailes, sala de jantar, sala de piano, de bilhar, de leitura entre outras (Pinto & Mangorrinha, 2009; Mariz, 2015).



Fig. 1.17. Grande Hotel de Pedras Salgadas

No último quartel do século XIX, surge no centro de um parque florestal, a primeira estância de Pedras Salgadas (fig. 1.18. e 1.19.). Esta estância oferecia também todas as

condições necessárias, através de edifícios e equipamentos para a cura termal: ingestão, banhos, duches, pulverizações e inalações (Pinto, & Mangorrinha, J., 2009; Mariz, 2015).

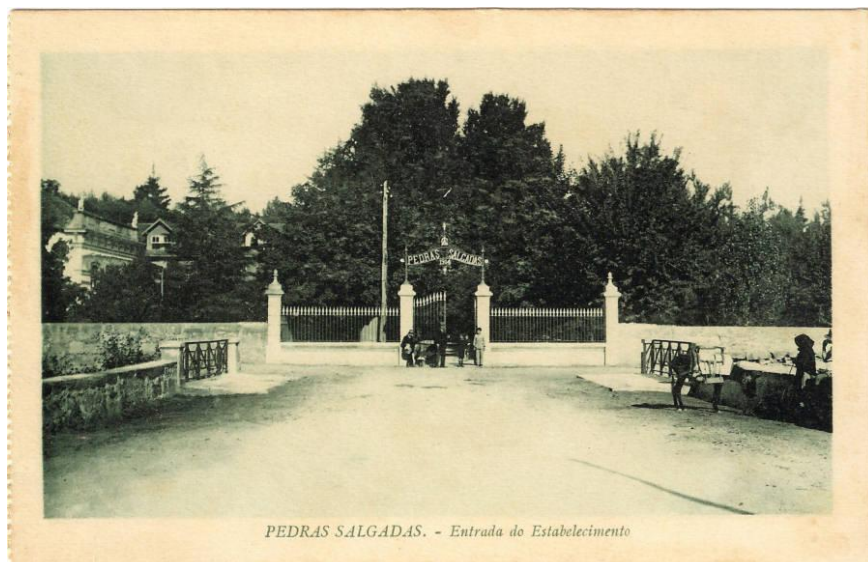


Fig. 1.18. Entrada do Parque Pedras Salgadas

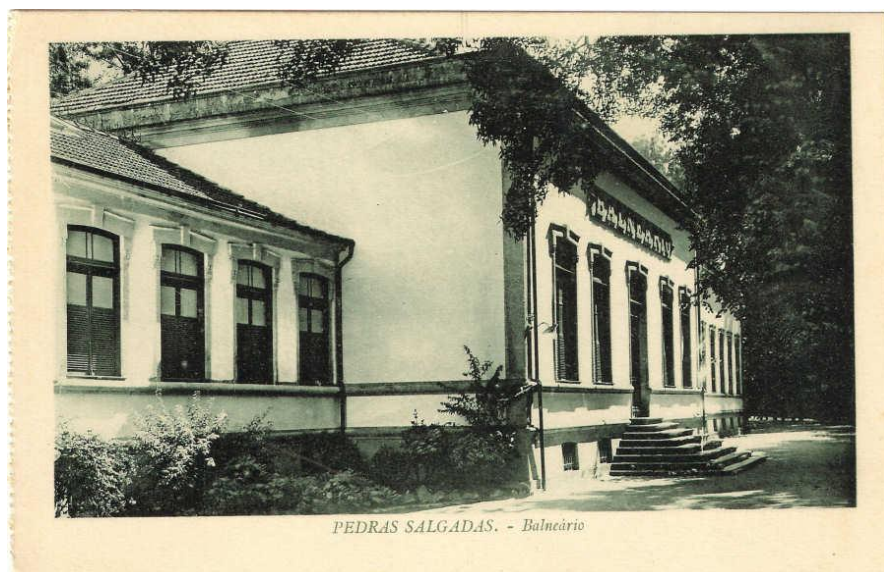


Fig. 1.19. Edifício do Spa Termal

Por sua vez, o Hospital Termal das Caldas da Rainha manteve a sua vocação medicinal, mas nos finais do século XVIII o Hospital adquire uma área de entretenimento para os

termalistas, de modo a proporcionar aos seus clientes bons momentos (zona de jogos como Lawns (relvados) ténis, croquet, tiro à pistola, passeios em velocípedes, canoagem, entre outros divertimentos) (fig. 1.20.).



Fig. 1.20. Parque D. Carlos

Dos outros exemplos de termalismo nesta época, embora menos importantes, destaca-se as termas de São Pedro do Sul, Luso, Curia e Cró.

Nesta época as termas de São Pedro do Sul seguiram o mesmo exemplo de Vidago e Pedras Salgadas, embora com menos importância. Com o aumento da atividade termal, aumentaram também o número de palacetes construídos que conferiram uma nova dimensão urbana ao aglomerado.

Sobre as termas de Luso há a notícia no “Aquilégio Medicinal” (1º Inventário de águas minerais portuguesas) datado de 1726, da autoria de Dr. Francisco da Fonseca Henriques referindo a existência de um “(...) *olho de agoa quente, a que chamão o Banho...*”. O aproveitamento desta nascente apenas se verificou um século mais tarde, mas o Dr. Francisco da Fonseca Henriques já a refere como uma água com fins terapêuticos.

O Dr. António Augusto da Costa Simões em 1850 e com apenas 30 anos, apresentou à Câmara Municipal da Mealhada o primeiro plano de reforma dos Banhos do Luso. Este plano baseou-se inicialmente na origem da atual Sociedade da Água de Luso (SAL), considerada uma das principais empresas de água do país. O intenso estudo que dedicou às aplicações clínicas, reabilitação, melhoria das condições sanitárias e à divulgação das virtudes terapêuticas das águas do Luso, estão documentados na sua obra de 1859, *Notícia dos Banhos de Luso*. Esta medida, permitiu a divulgação dos Banhos de Luso e a procura por parte de várias pessoas que sofriam de doenças de vários tipos (Almeida *et al.* (2007).

A 28 de abril de 1852, a rainha D. Maria II visita a mata do Buçaco e doa uma quantia considerável para as futuras instalações balneares. No mesmo ano, a 25 de agosto é fundada a Sociedade para o Melhoramento dos Banhos de Luso. A 27 de agosto de 1853 foi aprovada na Assembleia Geral de acionistas os Estatutos da Sociedade para o Melhoramento dos Banhos, confirmados por Alvará Régio. Um ano mais tarde iniciam-se as obras para as instalações balneares. Este estabelecimento teria 9 quartos com duas banheiras cada uma (18 banheiras no total). Em 1866 a empresa recebe uma banheira de cristal vinda de Paris, do Sr. Manoel Ferreira d’Azevedo Júnior, Barão de Luso e presidente da Direção da Sociedade [1].

Em 1886, visando o entretenimento e o convívio entre os aquistas, foi inaugurada a Casa da Associação que mais tarde passou a designar-se como “Club”. Este casino foi construído sobre o Balneário Termal, após a ampliação deste. Segundo especialistas, o novo edifício termal tinha uma das piscinas mais bonitas da Europa, projetada pelo arquiteto francês Gustave Eiffel (fig. 1.21.) [1].



Fig. 1.21. Piscina interior das Termas de Luso

Em 1925, é edificado um estabelecimento para engarrafamento de Água de Luso, assim como os serviços administrativos da Empresa. Também foi elaborado um projeto de transformação do Balneário Termal, realça-se que o arquiteto Pardal Monteiro teve como ideia original a construção de um emanatório (fig. 22) sobre a nascente termal, que aparentemente na época era o único do país. Em 1937 as obras estavam terminadas.



Fig. 1.22. Emanatório no edifício das termas e Logótipo da SAL

Por fim, as estâncias termais da Curia e Cró, têm uma história relativamente recente.

As propriedades medicinais da Cúria, são conhecidas desde 1863. Segundo Simão (1997), o engenheiro La Chapelle responsável pela construção do caminho-de-ferro, conseguiu curar-se de umas fistulas que tinha na pele na sequência de uma visita a este local.

Com a divulgação das propriedades terapêuticas das águas, iniciou-se um conflito entre os habitantes da zona e a Câmara Municipal sobre a ocupação do terreno desaproveitado onde estava a poça de água medicinal. A resolução deste problema foi tomada por unanimidade no sentido da construção de uma barraca de madeira que permitia a prática banear. Em 1899, foi constituída a Sociedade das Águas da Curia (ainda hoje proprietária das Termas) e logo de início idealizaram a construção de um Parque Termal (Coimbra, 2012).

Durante as primeiras duas décadas do século XX, o estabelecimento banear da Curia teve uma estrutura bastante modesta (fig. 1.23. e 1.24.). A Sociedade das Águas da Curia para além dos banhos termais, facultou o consumo da própria água e começou a exportar essa água para várias cidades, dando a conhecer a água e divulgando a zona da

Curia. As garrafas de água férrea eram vendidas também em farmácias (Coimbra, 2012).



Fig. 1.23. Estabelecimento termal em 1902

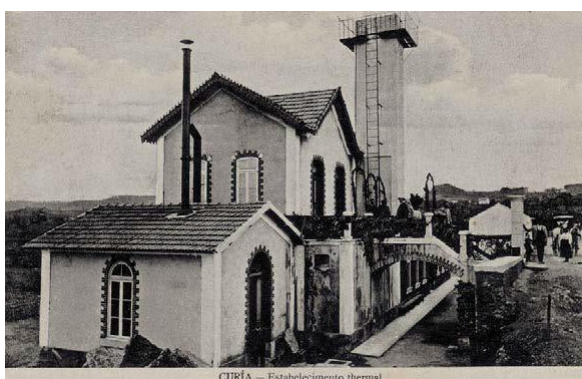


Fig. 1.24 2.º Estabelecimento Termal, 1909

Em 1921, as termas já se apropriavam de vários serviços como bazar, farmácia, barbearia, pastelaria, quiosque, engraxador, fotógrafo ambulante, venda de lotarias e bordados e mais tarde uma área de jogos e depois um recinto de hóquei em patins. Passado um ano, foi inaugurada a abertura do novo balneário provido de diversas terapias inovadoras. Um ano depois concluiu-se o lago e a arborização do parque e em 1925, as obras de vedação do parque estavam concluídas. Como atividades de veraneio tinham o Casino (fig. 1.25.), parque, lago com barcos, sessões de cinema ao ar livre, balneário de luxo e de 3ª classe, salão de festas e saraus, grandes hotéis, praça de touros, desportos no parque serviços e comércio (Rosmaninho, 2003).



Fig. 1.25. Casino da Cúria

Por fim, a história das termas do Cró é relativamente recente, apesar de haver indícios de os Romanos terem explorado estas águas, depois da descoberta em 1935 de 25 moedas romanas, verificada durante a demolição de uma casa existente perto da ribeira (Costa, 2003).

José Diniz da Fonseca foi um dos primeiros impulsionadores da exploração e melhoria das termas, mandando examinar as águas do Cró pela Dra. Ferreira da Silva, que era químico e docente da Academia Politécnica do Porto. Destas análises resultou a sua classificação como frias, hipossalinas, sulfúreas, sulfídricas e bicarbonatadas sódicas (alcalinas) em 1891 (Costa, 2003).

Francisco Cardoso, um proprietário endinheirado da freguesia da Malhada da Sorda e interessado nas propriedades terapêuticas das águas do Cró, tentou acordar com a Câmara Municipal a edificação de um balneário e exploração das mesmas, aspiração que não teve seguimento imediato (Cerqueira, 2015). Posteriormente, as termas foram utilizadas mesmo com as poucas condições que tinham pelos moradores que iam edificando casas por conta própria. O Capitão Guilherme Ivens Ferraz, também tentou a exploração das águas e apenas conseguiu obter alvará a 13 de Julho de 1912 (Cerqueira, 2015).

Em 9 de Novembro de 1934, o processo de concessão e exploração de águas do Cró foi retomado pelo padre António Fernandes Monteiro e por Joaquim Manuel Antunes. Nesta época surgiu um balneário de arquitetura simples com 14 quartos de banho onde estavam as banheiras para os banhos. Também se construíram dois tanques com a capacidade de 15m³ e 20m³. Esta concessão durou por 21 anos, período durante o qual foram realizadas 3 análises em 1935, 1936 e 1947, e foram classificadas como medicinais pela Dra. Fernanda de Sousa. Passados alguns anos, um dos sócios faleceu em 1947 e a sociedade passou por diversas dificuldades financeiras sendo obrigada a desistir da concessão e a abandonar as termas, que posteriormente foram alvo de roubos e vandalismo (Cerqueira, 2015). Com o aparecimento da terapêutica farmacológica e a afirmação da moda da praia o termalismo em geral sofreu um decréscimo tanto em Portugal como na Europa, decadência que a eclosão das guerras mundiais ajudou a firmar. No entanto, em Portugal o declínio do termalismo acentuou-se ao longo da segunda metade do século XX (Cantista, 2010).

Este declínio terminou com a redescoberta do valor terapêutico das águas termais e com a nova mentalidade das populações na viragem do milénio. Começa-se a perceber a importância do Turismo de Saúde e assim os balneários são renovados e os hotéis surgem com muito mais qualidade (Cantista, 2010).

Em 2001, a Câmara Municipal do Sabugal mandou construir um balneário provisório, onde decorreram vários tratamentos, de forma a reconhecer as propriedades medicinais desta água mineral. Em 2012, as Termas do Cró foram concessionadas à empresa Natura Empreendimentos S.A. que dinamizou e fez evoluir a estrutura “provisória” construída em 2001. O novo e moderno balneário termal foi inaugurado em 2013, nele podemos usufruir atualmente de diversos tratamentos termais ligados à prevenção e manutenção do bem-estar, através do termalismo terapêutico, bem-estar e fisioterapia. Em 2015, foi inaugurado o Hotel Termal do Cró – Cró Hotel & Termal Spa, um edifício construído de raiz, junto ao estabelecimento termal (fig. 1.26.) [2].



Fig. 1.26: Hotel Termal do Cró – Cró Hotel & Termal Spa

2. Geologia das zonas em estudo

2.1. Enquadramento Geográfico

O arquipélago dos Açores situa-se no Oceano Atlântico e é constituído por nove ilhas situadas entre as latitudes $36^{\circ} 55'$ e $39^{\circ} 43'N$ e as longitudes $24^{\circ} 46'$ e $31^{\circ} 16'W$, dispostas ao longo de uma faixa de direção NW-SE ao longo de 600 km (Fig. 2.1.).

As ilhas dos Açores estão divididas em três grupos: o Grupo Ocidental constituído pelas ilhas Flores e Corvo, o Grupo Central (Faial, Pico, São Jorge, Graciosa e Terceira) e o Grupo Oriental (São Miguel e Santa Maria).

A ilha de São Miguel é a maior ilha do arquipélago, tem uma área de $744,6 \text{ Km}^2$, um comprimento de cerca de 64 km e uma largura de 16 km.

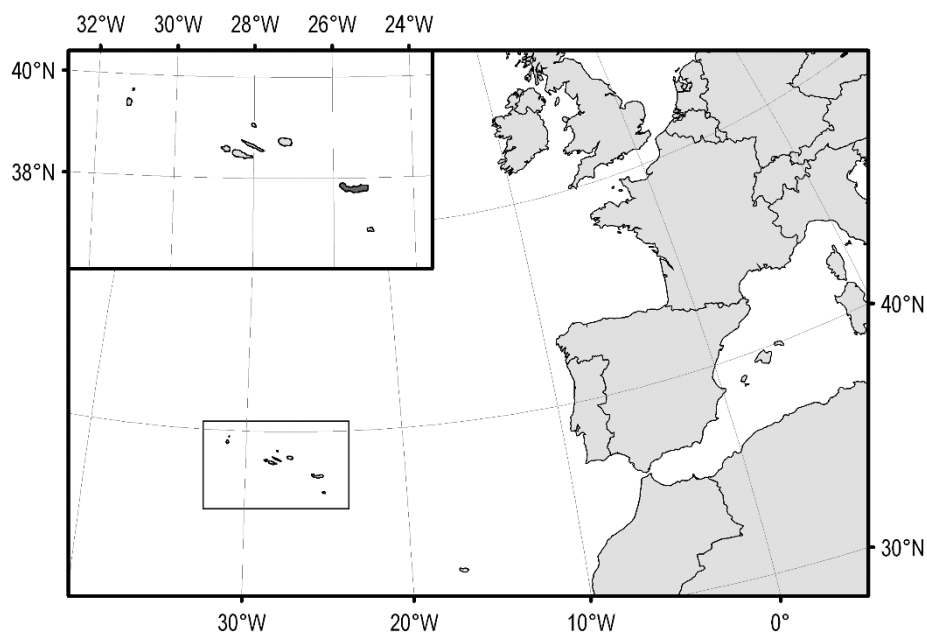


Fig. 2.1. Localização geográfica do arquipélago dos Açores. A ilha de São Miguel assinalada no mapa inserto no canto superior esquerdo.

2.2. Enquadramento Geodinâmico

As ilhas dos Açores correspondem a estruturas vulcânicas que emergem do que Needham e Francheteau, (1974) designaram por Plataforma dos Açores (Fig. 2.2.), uma área definida pela linha batimétrica dos 2000 m e caracterizada por uma morfologia complexa, expressa pela existência de fossas e cristas submarinas, (e.g. Searle, 1980; Lourenço *et al.*, 1998, *in*: Pacheco *et al.*, 2011).

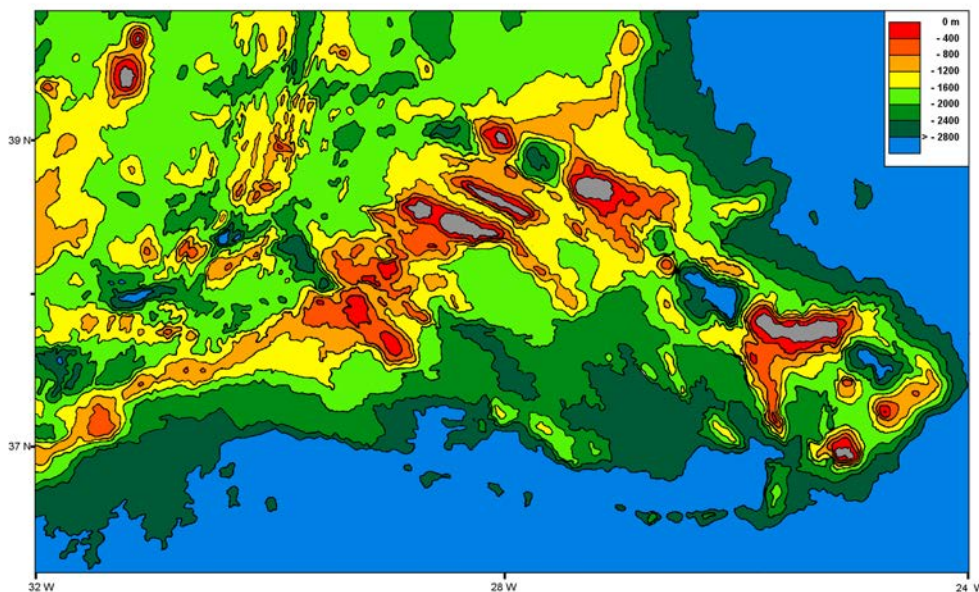


Fig. 2.2. Plataforma dos Açores, limitada pela linha batimétrica dos 2000

Os Açores estão localizados numa região tectonicamente muito ativa e complexa, marcada pela junção tripla das placas litosféricas norte americana, euroasiática e africana (Fig. 2.3.) e por um conjunto de acidentes tectónicos responsáveis pela atividade sísmica e vulcânica registada no arquipélago.

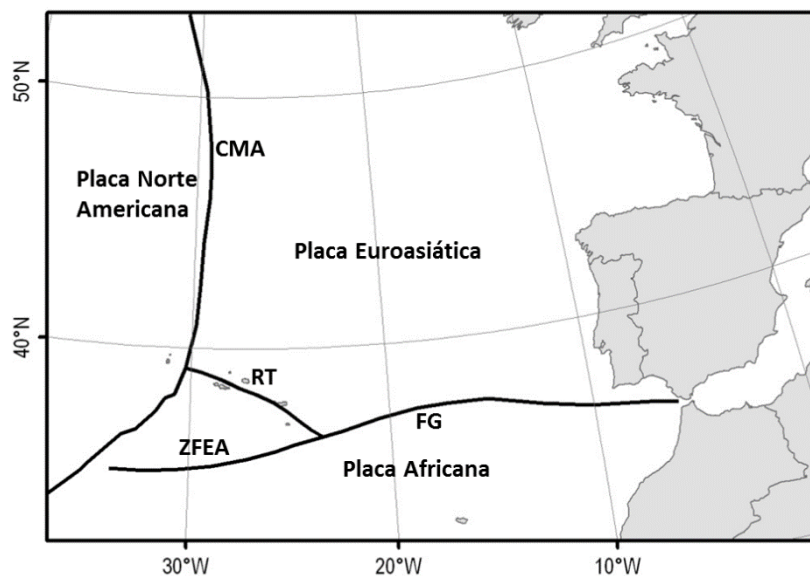


Fig. 2.3. Principais estruturas tectónicas da região dos Açores. Legenda: CMA - Crista Média Atlântica; ZFEA - Zona de Fratura Este dos Açores; FG - Falha Gloria; RT - Rift da Terceira

2.3. Atividade Sísmica histórica

A região dos Açores é caracterizada por grande atividade sísmica ao longo dos principais acidentes tectónicos ativos anteriormente referidos. Destacam-se diversas zonas sismogénicas, como é o caso da zona W do Faial, a Fossa Oeste da Graciosa, a Crista Submarina Leste da Terceira, a fossa *Hirondelle*, a zona central da ilha de São Miguel, a Fossa da Povoação e a região dos ilhéus das Formigas (Pacheco *et al.*, 2013).

Desde o seu povoamento, o arquipélago dos Açores foi atingido por cerca de três dezenas de sismos de intensidade considerável (fig. 4) e, como se pode observar na figura 5, a atividade sísmica registada no Arquipélago é muito significativa. No caso da ilha de São Miguel destaca-se o sismo que ocorreu em 22 de outubro de 1522, que destruiu a capital na época de Vila Franca do Campo, causando cerca de 5000 vítimas mortais, para o que contribuíram os movimentos de vertentes desencadeados (Silveira, 2002).

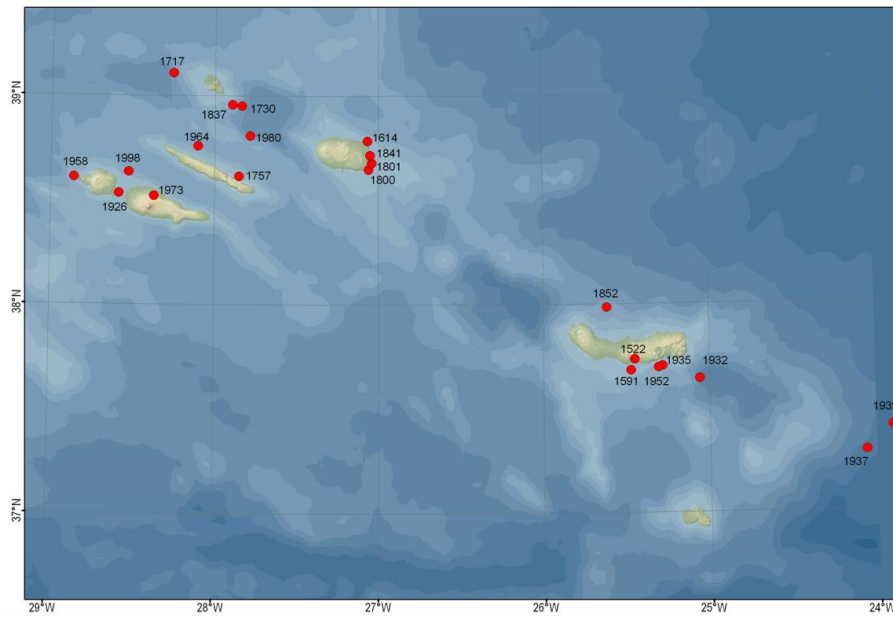


Fig. 2.4. Principais sismos históricos registados no arquipélago dos Açores

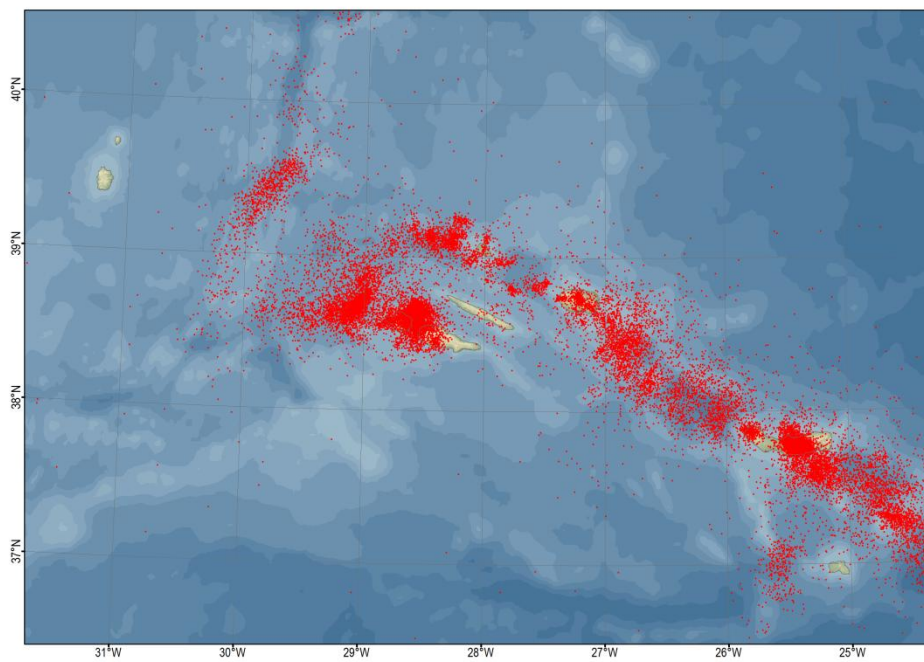


Fig. 2.5. Carta epicentral referente ao período 1997-2010

Data	Intensidade	Zona mais afetada	Consequências
1522-10-22	X	Vila Franca	Cerca de 5000 mortes. Grandes destruições.
1591-07-26	(?)	Vila Franca	Grandes destruições.
1852-04-16	VII	Santana	Várias mortes.
1932-08-05	VIII	Povoação	Vários feridos. Grandes destruições.
1935-04-26	VIII	Povoação	1 morto. Grandes destruições.
1952-06-26	VIII	Ribeira Quente	Grandes destruições.

Quadro 2.1. Principais sismos históricos ocorridos em São Miguel (adaptado de Coutinho, 2000)

2.4. Vulcanismo histórico

No arquipélago dos Açores há registo de cerca de 27 erupções, desde eventos submarinos e subaéreos, de vários estilos eruptivos e magnitudes. O vulcanismo ocorre ao longo do eixo de orientação geral WNW-ESE, e nos últimos 5 séculos houve erupções nas ilhas do Pico, Faial, São Jorge, Terceira e S. Miguel (Pacheco *et al.*, 2013).

As erupções históricas subaéreas apresentam estilos eruptivos de natureza efusiva ou moderadamente explosivos (erupções do tipo havaiano e estromboliano e de natureza basáltica), associados normalmente a sistemas vulcânicos fissurais, e erupções explosivas subplinianas e hidromagmáticas envolvendo magmas mais evoluídos, de composição traquítica, associados aos vulcões centrais (Pacheco *et al.*, 2013).

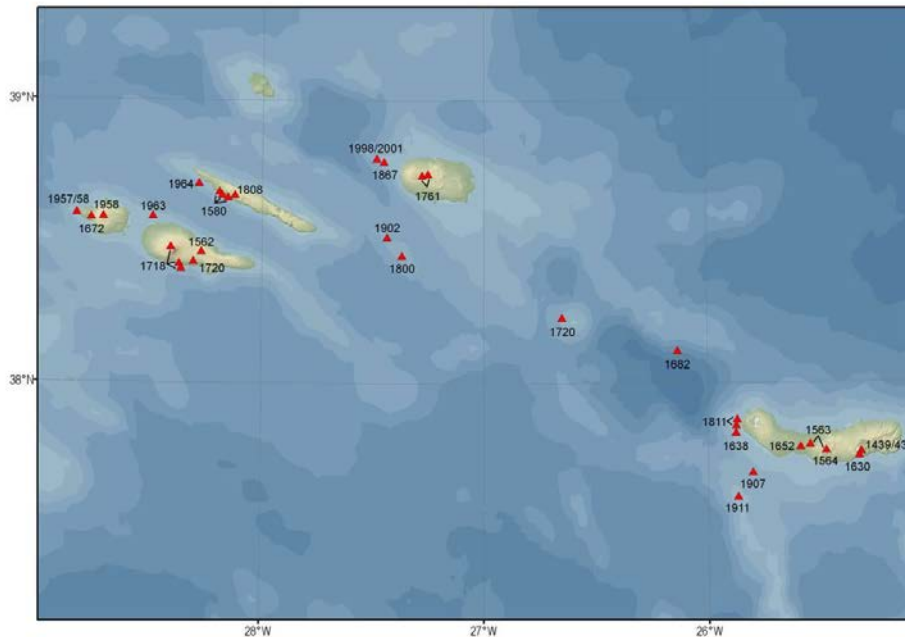


Fig. 2.6. Distribuição das erupções históricas nos Açores

Na ilha de São Miguel há que referir as erupções de 1439-43 nas Furnas, 1563 na Lagoa do Fogo e Pico do Sapateiro, 1564 na Lagoa do Fogo, 1652 no Pico do Fogo, e as erupções ocorridas no mar, das quais se destaca a da ilha Sabrina (1811).

2.5. Caracterização da área de estudo

2.5.1. Geomorfologia e tectónica da ilha de São Miguel

A ilha de São Miguel alonga-se segundo uma direção aproximada de E-W e, como referido anteriormente, tem um comprimento de cerca de 65 km e 16 km de largura máxima. O seu ponto mais alto é o Pico da Vara (1108 m), situado na zona da Tronqueira-Nordeste.

Segundo Zbyszewski (1959, 1961), na ilha de São Miguel individualizam-se oito unidades geomorfológicas principais (Fig. 7): (1) Maciço Vulcânico das Sete Cidades, (2) Região dos Picos, (3) Maciço Vulcânico da Serra de Água do Pau, (4) Planalto da Achada das Furnas, (5) Vulcão das Furnas, (6) Vulcão da Povoação, (7) Região da Tronqueira e do Nordeste e (8) Plataforma Litoral do Norte.

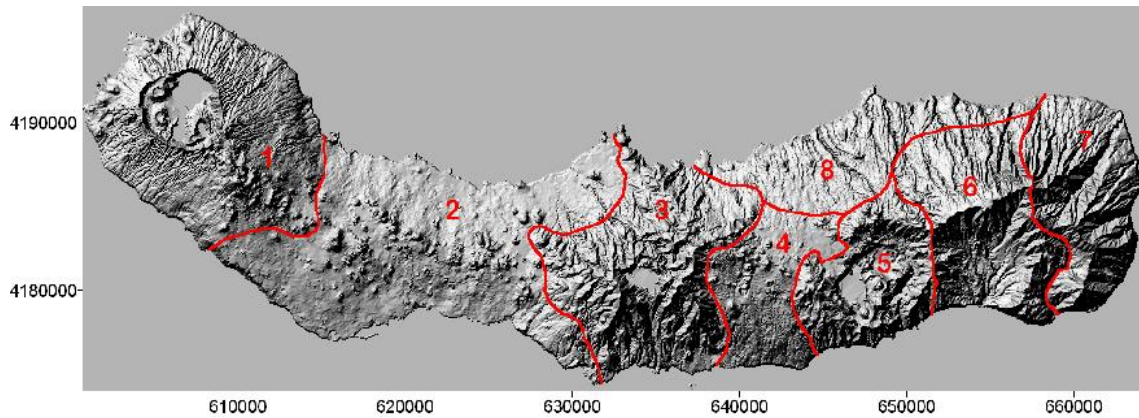


Fig. 2.7. Imagem tridimensional da ilha de S. Miguel, obtida a partir de dados do Instituto Geográfico do Exército. As coordenadas pertencem ao sistema de referência U.T.M., zona 26S. As linhas a vermelho separam aproximadamente as oito unidades geomorfológicas definidas por Zbyszewski (1959, 1961) para a ilha

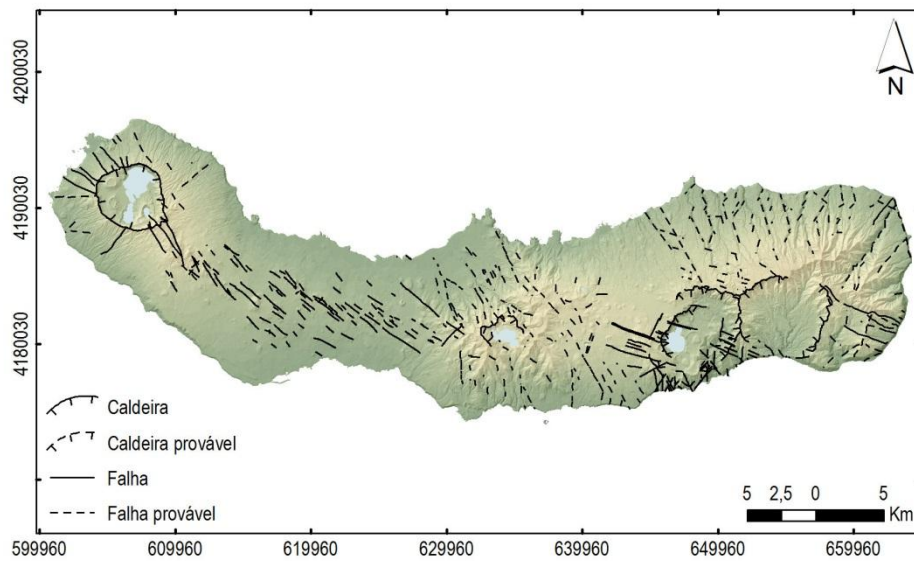


Fig. 2.8. Principais estruturas tectónicas da ilha de S. Miguel (dados de Gaspar *et al.*, 1995; Queiroz, 1997; Wallenstein, 1999; Ferreira, 2000; Carmo, 2004; Carmo *et al.*, 2009; Wallenstein *et al.*, 2004; Carmo, em preparação). Coordenadas U.T.M., zona 26S

2.5.2. Principais sistemas vulcânicos

2.5.2.1. Vulcão das Sete Cidades

Moore (1991a) definiu seis zonas vulcânicas distintas no mapa geológico de São Miguel (Fig. 2.9), que coincidem aproximadamente, com a expressão espacial dos sistemas vulcânicos responsáveis pela edificação da ilha, sendo estes nomeadamente Sete Cidades, Picos, Fogo, Achada das Furnas, Furnas e Povoação-Nordeste (Pacheco *et al.*, 2013).

Das várias formas e estruturas vulcânicas encontradas na ilha, os cones de escória são os mais comuns, dispendo-se em aglomerados condicionados pela tectónica, segundo a orientação regional ditada pelo Rift da Terceira.

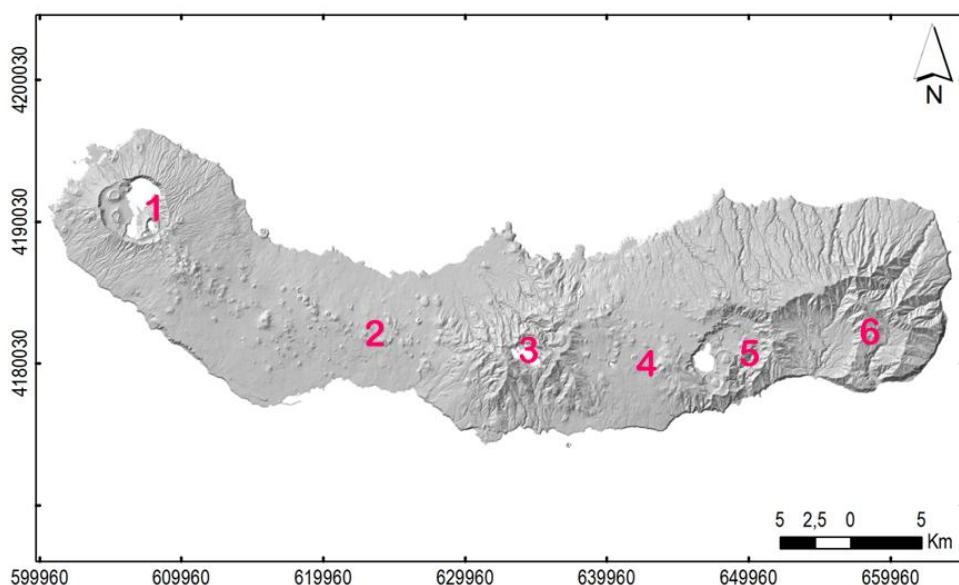


Fig. 2.9. Modelo digital de terreno da ilha de S. Miguel com as unidades vulcanológicas: 1 – Sete Cidades; 2 – Região dos Picos; 3 – Fogo; 4 – Região da Achada das Furnas; 5 – Furnas; 6 – Povoação-Nordeste. Coordenadas U.T.M., zona 26S.

O extremo W da ilha de São Miguel é constituído pelo Maciço das Sete Cidades que ocupa uma área de cerca de 110km² e tem o seu ponto mais elevado no Pico das Égua a 874 m de altitude. Sob o ponto de vista morfológico corresponde a um vulcão central com caldeira (Fig. 2.10), onde se podem identificar diversos cones de escórias, cones de pedra-pomes, *maars* (s.l.) e domos (Queiroz, 1997). A caldeira tem uma forma aproximadamente circular e apresenta paredes abruptas subverticais, com alturas que

variam entre 30-400m e, no seu interior, encontram-se quatro lagoas. De um modo geral, a costa do maciço das Sete Cidades é caracterizada por importantes arribas vivas e arribas fósseis, com alturas médias da ordem dos 50 m. Queiroz (1997) definiu para o vulcão das Sete Cidades duas unidades vulcanológicas principais: O Grupo Inferior e Grupo Superior. O Grupo Inferior corresponde a uma espessa sequência de escoadas lávicas e depósitos vulcanoclásticos e o Grupo Superior que representa a evolução do vulcão central até à atualidade. É dominado pela formação da presente caldeira das Sete Cidades (Fig. 2.11) que se desenvolveu ao longo de três fases principais associadas à ocorrência de erupções paroxismais, datadas de há cerca de 36.000, 29.000 e 16.000 anos (Queiroz, 1997). Este grupo pode ser subdividido em seis unidades representadas por variados tipos de depósitos piroclásticos de queda e de fluxo, bem como por um menor volume de escoadas lávicas (Pacheco *et al.*., 2013).

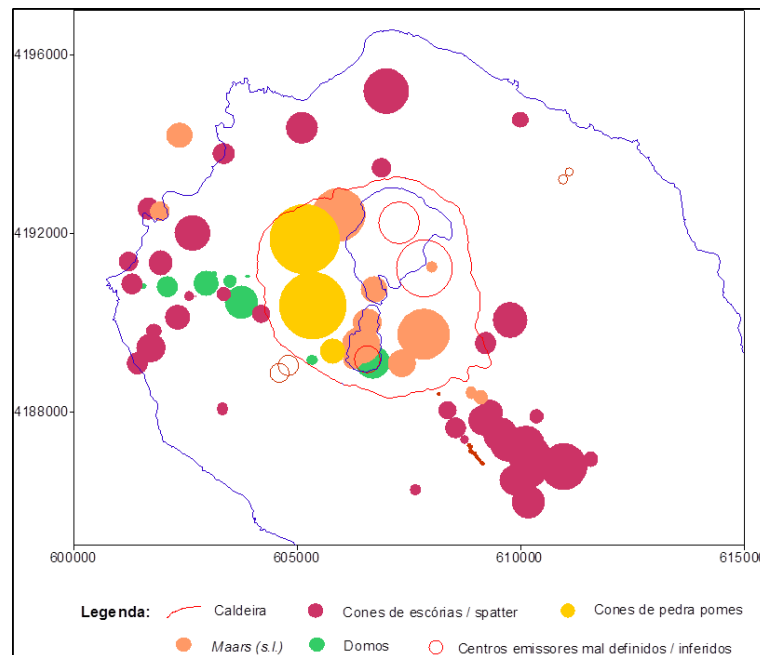


Fig. 2.10. Estruturas geológicas existentes no Complexo Vulcânico das Sete Cidades



Fig. 2.11. Vista parcial da Caldeira das Sete Cidades.

2.5.2.2. Sistema vulcânico da Região dos Picos

O sistema Vulcânico dos Picos situa-se numa área onde predominam maioritariamente cones de escórias gerados no decorrer dos episódios vulcânicos basálticos (*s.l.*) recentes. Estende-se por cerca de 23 km comprimento e 13 km de largura e apresenta uma área aproximada de 200 km². Trata-se de uma região marcada pela presença de diversos alinhamentos de cones de escórias (Fig. 2.12), dispostos segundo uma direção essencialmente NW-SE, cujas formas mais recentes correspondem a edifícios em que as suas relações morfométricas se mantêm preservadas, apresentando crateras bem definidas, a partir das quais se desenvolvem superfícies de escoadas lávicas *aa* e *pahoehoe*, bastante extensas; pontualmente identificam-se alguns *maars*, cones de pedra-pomes e domos (Ferreira, 2000).

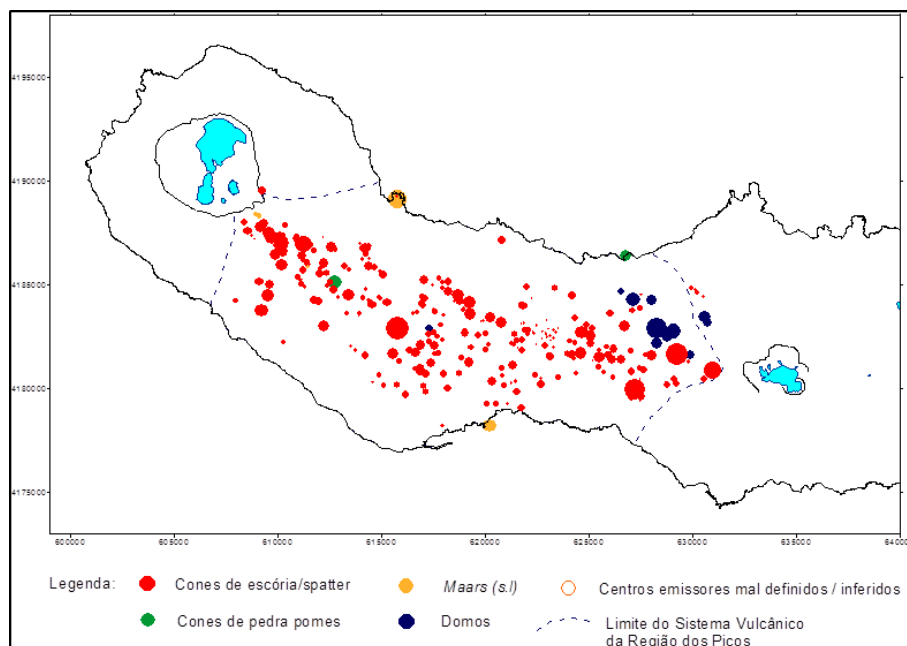


Fig. 2.12. Distribuição dos centros eruptivos no Sistema Vulcânico da Região dos Picos

2.5.2.3. Vulcão do Fogo

O Vulcão do Fogo situa-se na parte central da ilha de S. Miguel ocupando uma área de 132 km² e tem o seu ponto mais elevado a uma altitude de 947 m, que corresponde ao vértice geodésico do Pico da Barrosa. Corresponde a um vulcão central com caldeira, encontra-se intensamente sulcada por profundos cursos de água, cuja distribuição e orientação refletem um nítido controlo estrutural (Wallenstein, 1999). O diâmetro N-S da caldeira é de cerca de 2,5 km, enquanto o diâmetro E-W é aproximadamente 3km (Zbyszewski *et al.*, 1958). Os sectores norte e nordeste da caldeira apresentam flancos abruptos com uma profundidade superior a 370 m, enquanto no sector sul encontra-se uma vertente com cerca 10 m de altura que estabelece a separação entre a massa de água da lagoa e a cabeceira da ribeira da Praia (Fig. 2.13). A linha de costa apresenta arribas cuja altura pode varia entre poucos metros e mais de 100 metros.



Fig. 2.13. Vista parcial da caldeira do vulcão do Fogo

Wallenstein (1999) definiu duas unidades estratigráficas principais para o vulcão do Fogo, o grupo inferior e o grupo superior. O primeiro engloba todos os materiais que se formaram há mais de 40.000 anos e o segundo inclui os produtos vulcânicos emitidos nos últimos 40.000 anos. Na base do Grupo Inferior predominam escoadas lávicas basálticas (*s.l.*), enquanto a parte aflorante deste grupo é dominada pela presença de materiais de natureza traquítica (*s.l.*). O Grupo Superior exhibe uma bimodalidade no quimismo e vulcanismo com a ocorrência cones de escórias e escoadas lávicas basálticas (*s.l.*) nos flancos do vulcão e a ocorrência erupções explosivas de natureza traquítica (*s.l.*) localizadas no interior da caldeira. Nos últimos 15 000 anos ocorreram cerca de 20 erupções, as mais recentes das quais, no topo do vulcão central ocorreram nos anos de 1563 e 1564, e pertencem a um grupo de sete eventos explosivos, de natureza traquítica, que tiveram lugar nos últimos 5000 anos (Booth *et al.*., 1978, Wallenstein *et al.*, 1998). Concomitantemente, erupções de carácter mais básico ocorreram nos flancos do vulcão, das quais se destaca o episódio histórico ocorrido no ano de 1563, no Pico do Sapateiro.

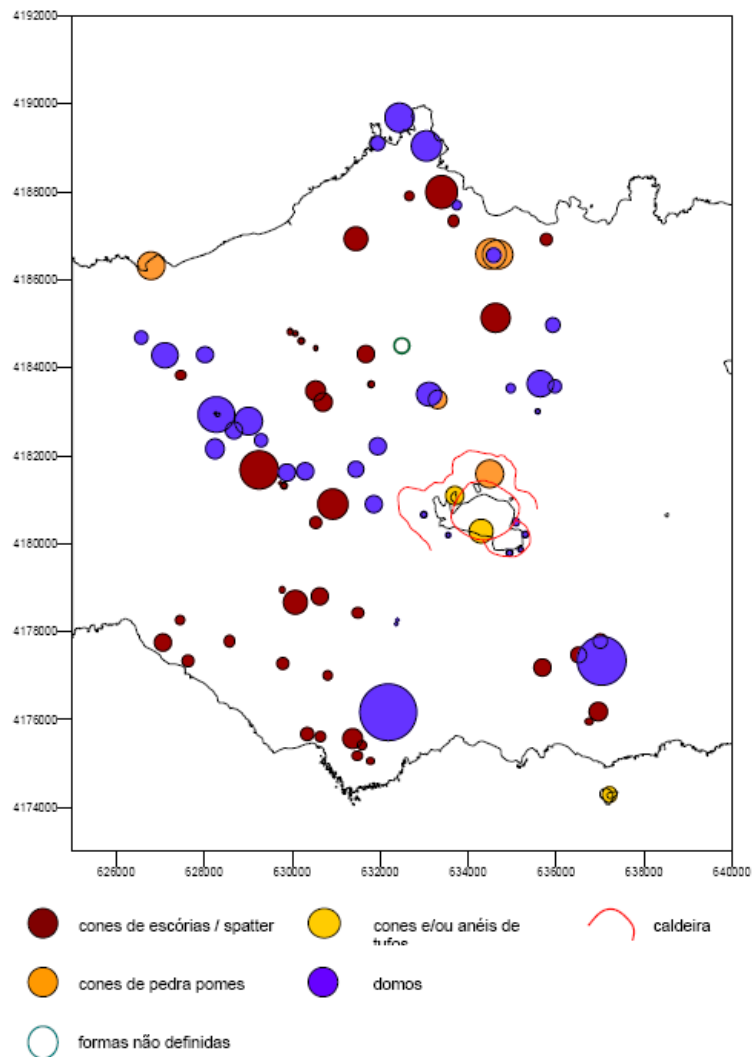


Fig. 2.14. Distribuição dos centros eruptivos no vulcão do Fogo

2.5.2.4. Sistema Vulcânico da Achada das Furnas

O sistema vulcânico da Achada das Furnas desenvolve-se entre os flancos dos vulcões do Fogo e Furnas e os seus produtos intercalam com os depósitos desses vulcões. Este sistema é do tipo fissural basáltico, e é caracterizado pela presença de numerosos cones de escórias. O tipo de erupção que prevalece é do tipo estromboliano, com fases havaianas (Pacheco *et al.*, 2013).

Tendo em conta a predominância de vulcanismo basáltico, este sistema teve, no entanto, algumas erupções de natureza traquítica, de carácter essencialmente efusivo, tendo gerado domos nesta região.

Houve ainda algumas erupções freáticas ou freatomagmáticas, que originaram a formação de *maars*, devido à interação da atividade magmática com o sistema hidrológico local, neste destaca-se o *maar* do Congro (fig. 2.15.) com uma idade de cerca de 3800 anos e formou-se no decurso de uma erupção freatomagmática (Moore, 1991 a).



Fig. 2.15. Vista aérea do *maar* do Congro

2.5.2.5. Vulcão das Furnas

O Vulcão das Furnas (fig. 2.16.) engloba o aparelho poligenético com o mesmo nome onde se identificam pelo menos duas caldeiras (Cole *et al.*, 1995), com várias fases de formação, incluindo fenómenos de colapso e de explosão que marcam períodos particulares da evolução do maciço (Gaspar *et al.*, 1995). A caldeira mais antiga apresenta um diâmetro aproximado de 7x5,5 km. Os seus contornos estão bem definidos na escarpa que corta diversos mantos lávicos do Complexo Vulcânico da Povoação a N e a NE. A SE a parede da caldeira interseta uma sucessão de escoadas lávicas e é

atravessada pelo vale da Ribeira Quente. A caldeira mais recente, com um diâmetro de cerca de 4,5x3,5 km, situa-se no centro da anterior e é morfologicamente materializada a N e a NW por uma escarpa com mais de 200 m de altura que corta materiais da fase de preenchimento da primeira caldeira. No interior da caldeira, além da Lagoa das Furnas, observam-se numerosos cones de pedra-pomes, maars (s.l.), domos e cones de escórias.

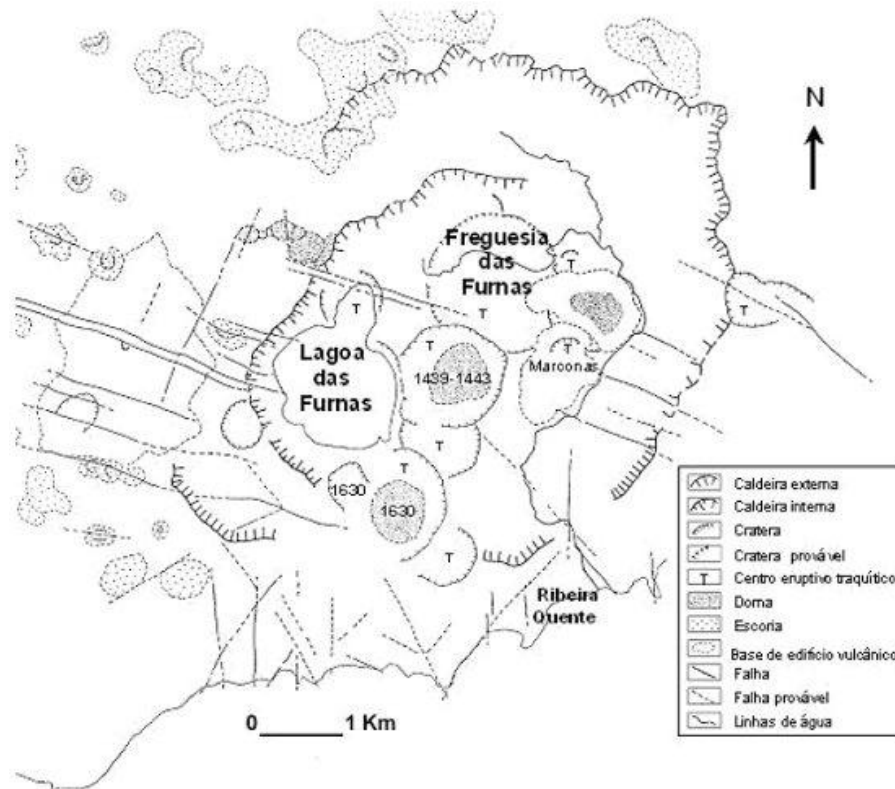


Fig. 2.16. Mapa morfoestrutural do Vulcão das Furnas

O Complexo Vulcânico das Furnas faz fronteira com dois complexos da ilha: a Oeste com o Complexo Vulcânico do Fogo e a Este com o Complexo Vulcânico da Povoação. O vulcão das Furnas corresponde a um aparelho poligenético com composição essencialmente traquítica e, embora a sua atividade eruptiva seja caracterizada maioritariamente por vulcanismo explosivo, já apresentou uma diversidade de cenários, desde atividades efusivas, até atividades explosivas com formação de caldeiras (Guest *et al.*, 1999). Muitas das suas erupções ocorreram no interior ou nos bordos da caldeira, mas todas as erupções efusivas tiveram lugar no exterior da caldeira, nos flancos do

vulcão (Moore, 1991a, 1991b). Geomorfologicamente este vulcão apresenta caldeiras, cones, anéis de tufos e domos.

Guest *et al.*, (1999) definiram três grupos estratigráficos para o Vulcão das Furnas. O grupo inferior inclui o ignimbrito da Povoação (30000 anos) e materiais mais antigos que consistem essencialmente em depósitos pomíticos, depósitos de escoadas piroclásticas e algumas escoadas lávicas. O grupo intermédio engloba todos os materiais com idades compreendidas entre os 30000 anos e os 5000 anos. Na parte inferior deste grupo encontram-se depósitos de piroclastos de natureza basáltica e, na parte superior, observam-se depósitos pomíticos que alternam com cinzas e lapilli. O grupo superior inclui os materiais com idades inferiores a 5000 anos e consiste de um conjunto de depósitos de natureza traquítica, resultantes de erupções no interior da caldeira. Estas erupções incluem duas erupções históricas que ocorreram em 1439-43 e 1630.

2.5.2.6. Complexo Vulcânico Povoação Nordeste

Geomorfologicamente, a região da Tronqueira e Nordeste, corresponde a uma região montanhosa com profundos vales de erosão e imponentes arribas e que integra as formações correspondentes ao vulcanismo mais antigo da ilha. A parte N consiste numa plataforma que inclina para N, profundamente entalhada por uma rede de vales mais ou menos paralelos (Carmo, 2004).

Quanto à geologia do Complexo Vulcânico Povoação Nordeste, Moore (1990) defende que o Vulcão das Furnas se sobrepõe diretamente a este maciço vulcânico e que este apresenta formações com idades compreendidas entre 0,1 e os 4,01 Ma, sendo que estas idade corresponderia às lavas aflorantes mais antigas do maciço e, conseqüentemente da ilha (Abdel-Monem *et al.* (1975), *in*: Pacheco *et al.*..., 2013). Fernandez (1980) que definiu seqüências estratigráficas do Complexo do Nordeste: Sequência dos Basaltos Inferiores, Sequência Ancaramitos e dos Basaltos Superiores, com 1,86 Ma, e Sequência dos Traquitos e Tristanitos, com idades compreendidas entre os 1,28 e 0,95 Ma.

2.5.3. Hidrogeologia

De acordo com Almeida *et al.*, (1997), do ponto de vista hidrogeológico, considera-se como mineral uma água subterrânea cuja mineralização total (total de sólidos dissolvidos) exceda um grama por litro. Também pode ser classificada como mineral se determinados componentes estiverem em concentrações superiores ao padrão normal das águas subterrâneas. Por exemplo: total de CO₂ livre superior a 500 mg/L; Flúor > 2 mg/L; Lítio > 1 mg/L; Estrôncio >10 mg/L; Bromo >5 mg/L; lodo > 1 mg/L; Ferro II > 10 mg/L; Manganês > 10 mg/L; Bário > 5 mg/L; Sílica > 50 mg/L. Quando uma água apresenta uma temperatura anormalmente elevada é designada por água termal. Alguns autores propõem como critério a temperatura acima de 20° C, mas outros incluem naquela categoria apenas as águas cuja temperatura excede em mais de 4° C a temperatura anual média do ar da região onde ocorrem. As águas classificadas simultaneamente como termais e minerais designam-se por termominerais.

Cruz (2001) estabeleceu os sistemas aquíferos para a ilha de São Miguel. (Fig. 2.17). As águas minerais da ilha de São Miguel localizam-se essencialmente nos sistemas aquíferos das Furnas-Povoação, Água de Pau e Sete Cidades.

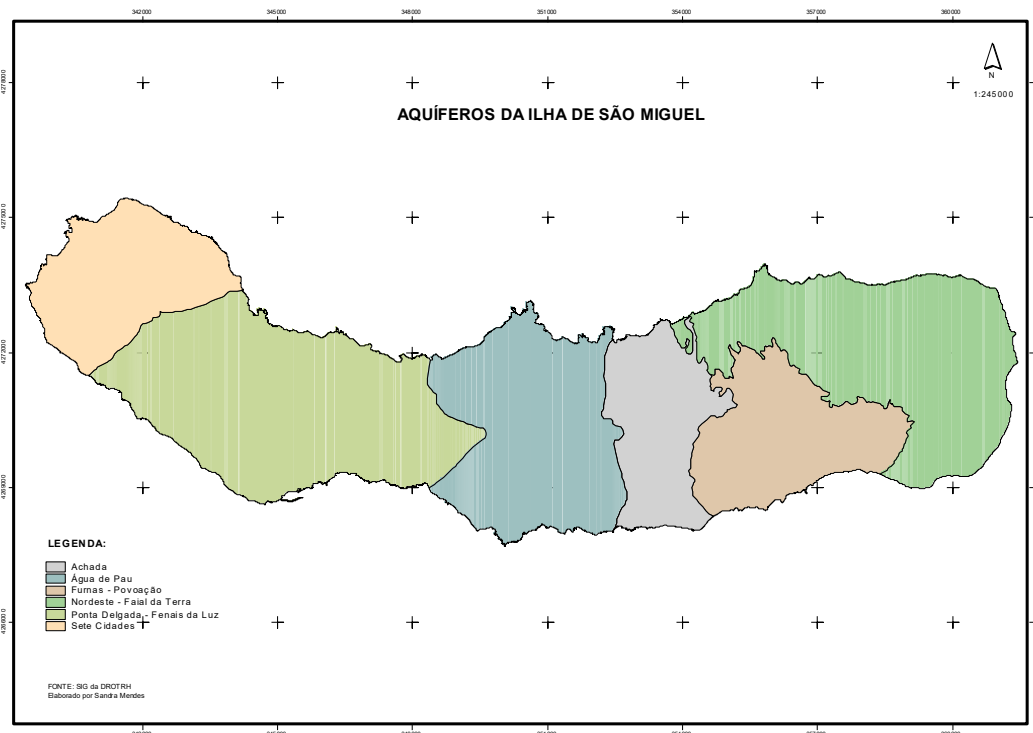


Fig. 2.17. Sistemas aquíferos da Ilha de São Miguel

Como foi referido anteriormente, a maior concentração de águas minerais e termais encontra-se nas Furnas, com grande variedade composicional e de temperaturas, de que se destaca a Caldeira Grande com 99°C. Relacionadas com o Vulcão do Fogo destacam-se a nascente termal da Ladeira Velha, água das Lombadas (gasocarbónica), Caldeira Velha (90°C, pH=3), nascentes termais e fumarolas das Caldeiras da Ribeira Grande.

Para uma classificação com maior detalhe das águas recorre-se normalmente ao diagrama de Piper que, de acordo com o conteúdo dos cátions - cálcio (Ca^{2+}), magnésio (Mg^{2+}), sódio e potássio ($\text{Na}^+ + \text{K}^+$), e dos aniões - bicarbonato (HCO_3^-), sulfato (SO_4^{2-}) e cloreto (Cl^-), estabelece uma classificação como a que pode ser observada na figura 2.18.

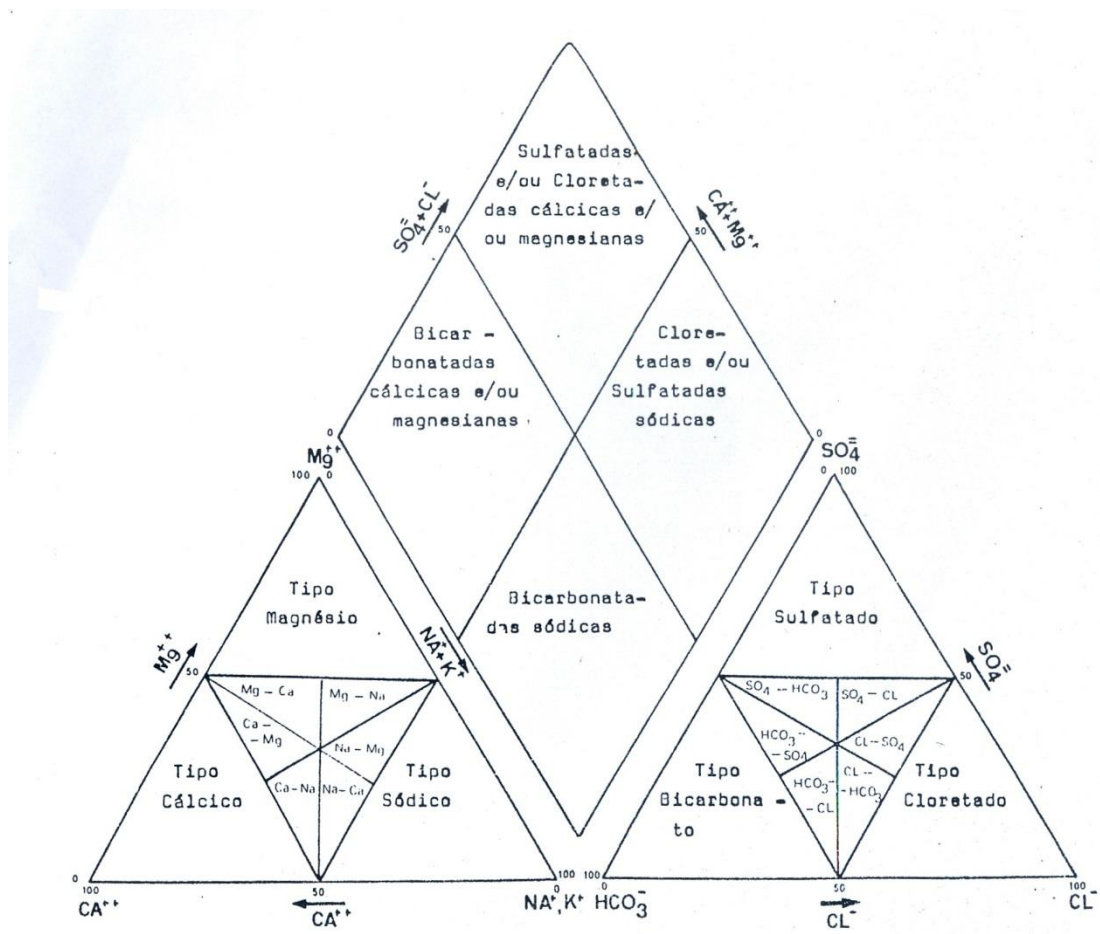


Fig. 2.18. Classificação das águas de acordo com o diagrama de Piper.

Freire (2013) desenvolveu um trabalho muito completo sobre os recursos hidrominerais dos Açores, de onde se extraiu o seguinte a figura 2.19., onde estão identificadas todas as águas minerais e termais do aquífero Furnas-Povoação.

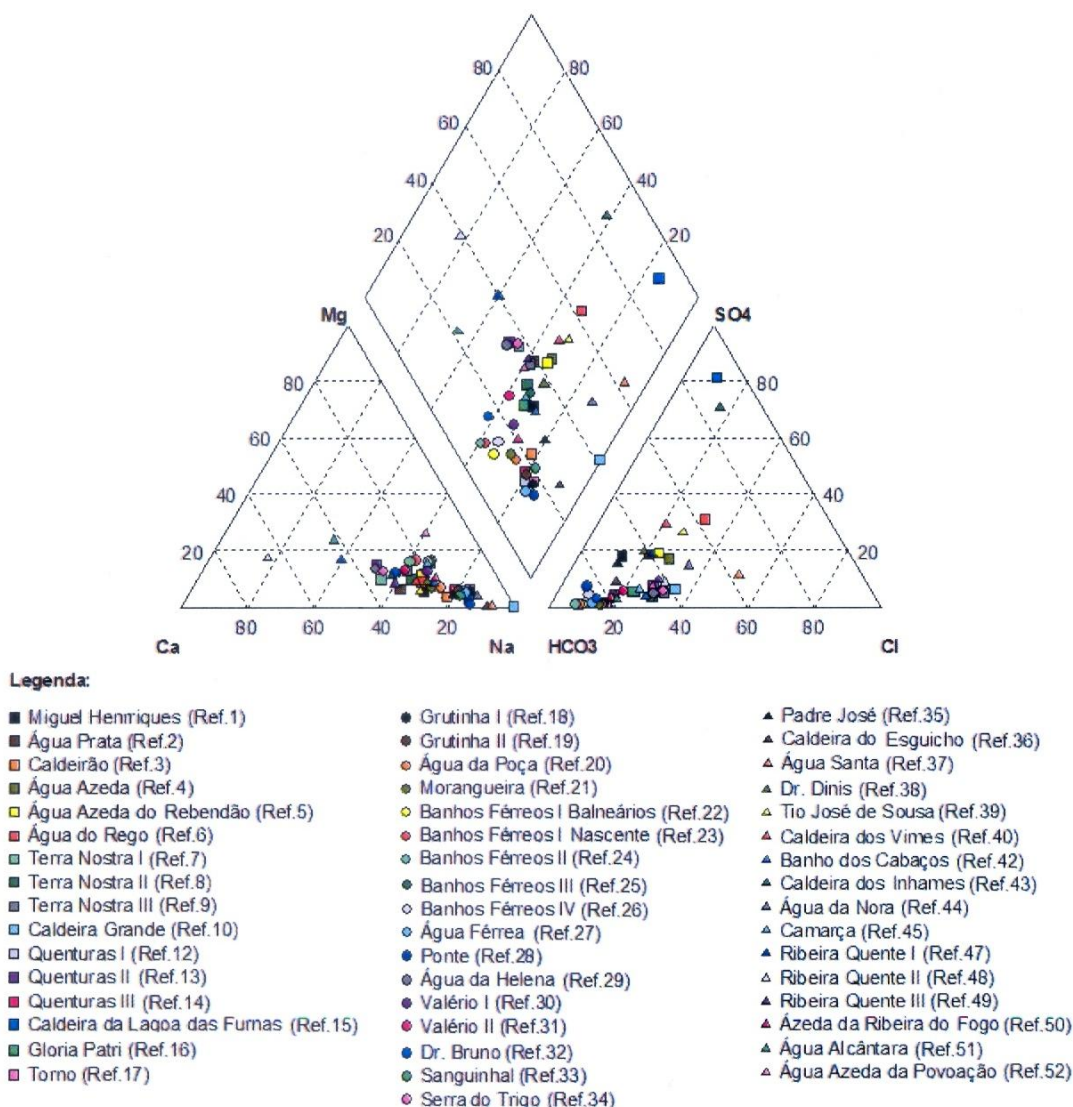


Fig. 2.19. Diagrama de Piper relativo à composição química das águas da massa de água Furnas-Povoação

Os principais processos hidrogeoquímicos envolvidos na modificação das águas minerais são a interação água-rocha, a absorção de voláteis vulcânicos, designadamente o CO₂, e a mistura com fluídos hidrotermais ou sais marinhos e o aquecimento de vapor (Cruz e França, 2006; Cruz *et al.*, 2010). Para o caso das Furnas Cruz *et al.* (1999) referem que as águas termais das Furnas provêm de massas de água pouco profundas 100-200 m, sujeitos a temperaturas da ordem dos 160° C, em que a fonte de calor é o

remanescente da atividade vulcânica recente. As águas carbonatadas resultam do aquecimento do aquífero pouco profundo sobrejacente ao sistema hidrotermal, provocado pelo vapor. Os valores baixos do pH contribuem significativamente para a alteração das rochas encaixantes e para o conseqüente fluxo de sólidos dissolvidos provenientes do vulcão.

Na figura 2.20 apresenta-se o diagrama de Piper para as águas mais relevantes no termalismo em São Miguel – Caldeira Grande (Furnas), Piscina Férrea (Furnas), Quenturas (Furnas), Ladeira da Velha (Água de Pau), Banhos da Coroa – fumarola grande das Caldeiras da Ribeira Grande (Água de Pau) e Ferraria (Sete Cidades).

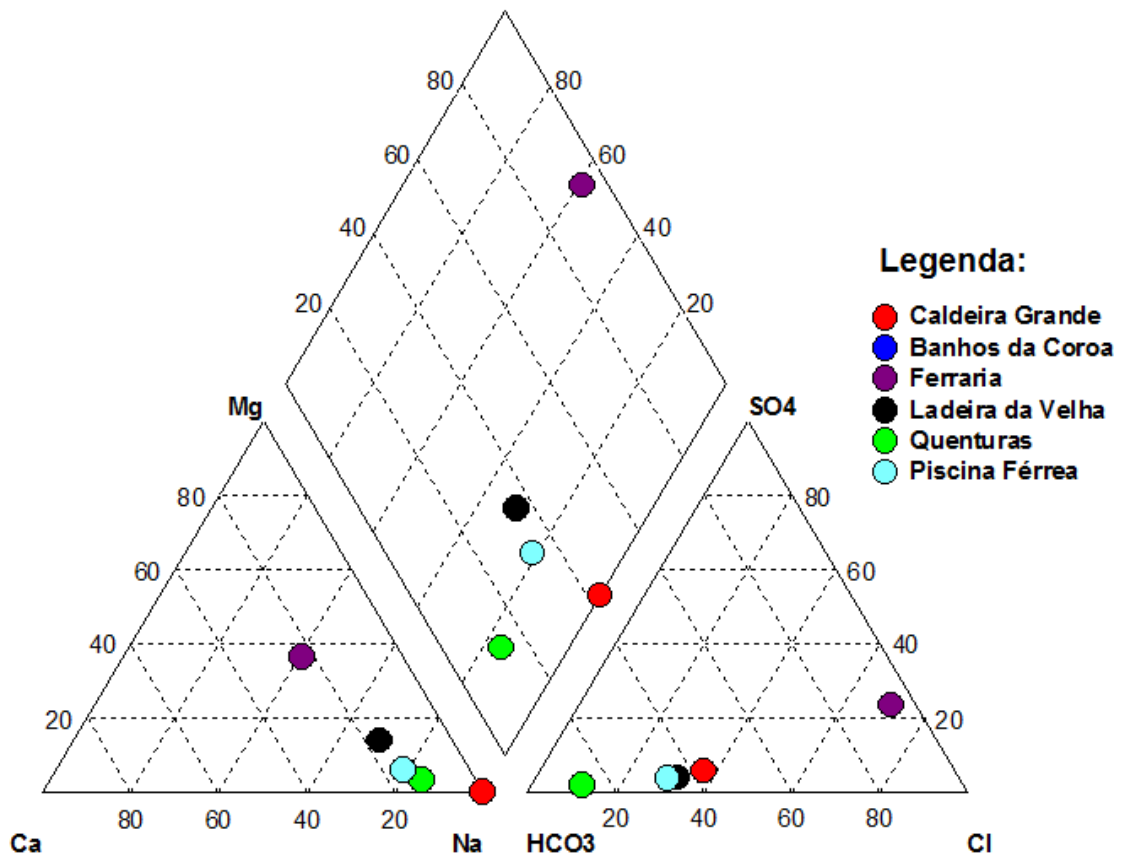


Fig. 2.20. Diagrama de Piper para as águas mais utilizadas no termalismo em São Miguel.

Como se pode observar, a água da fumarola das Caldeiras (Banhos da Coroa) não está representada no diagrama porque tem um pH muito baixo (2,71) e não tem bicarbonato (HCO_3^-). Contudo pode considerar-se que se trata de uma água sulfatada-cloretada.

À exceção da água da Ferraria que é uma água cloretada sódica e da água utilizada nos Banhos da Coroa, as restantes águas são bicarbonatadas sódicas.

3. Termalismo em São Miguel

A ilha de São Miguel, a maior das ilhas do Arquipélago dos Açores é também uma das maiores hidrópoles europeias, possuindo uma grande variedade de nascentes termais, utilizadas com diversos fins terapêuticos (Miguel *et al.*, 2012).

A evolução do termalismo na ilha de São Miguel foi semelhante à evolução do termalismo em Portugal, contudo teve menos impacto que nas grandes estâncias termais como aconteceu em Vidago e Pedras Salgadas, devido à sua insularidade. Observou-se mais esta evolução precisamente nas Furnas, pois, conhecida como uma das maiores hidrópoles da Europa, pela grande quantidade de nascentes minero medicinais tais como sulfúreas, bicarbonatadas férreas, carbogasosas, entre outras (Miguel *et al.*, 2012). O Vale das Furnas representa um exemplo único na história do termalismo terapêutico e social da ilha de São Miguel.

A primeira alusão explícita a águas termais e manifestações de vulcanismo na ilha de São Miguel é de Pompeo Arditì de Pesaro quando realizou a sua viagem à ilha da Madeira e aos Açores em 1567⁵ (anexo 1) (Coutinho, 2000).

Seguidamente, é nas *Saudades da Terra* de Gaspar Frutuoso que se encontram as primeiras referências sobre a localização e propriedades terapêuticas de nascentes de águas termais e minerais na ilha de São Miguel. Entre estas salientam-se as relativas às nascentes da Ferraria e dos Mosteiros (vol. II) e às Caldeiras da Ribeira Grande (vol. III) (Freire, 2013).

Outra das mais antigas referências bibliográficas às águas minerais dos Açores encontra-se no documento intitulado “*Relaçam do Lastimoso e Horrendo Caso que Aconteceo na ilha de S. Migvel em segunda-feira dous de Setembro de 1630*”, da autoria de Franco (1630). Este relato descreve a erupção vulcânica do Vale das Furnas, no dia 2 de Setembro de 1630, podendo ler-se antes da descrição do evento vulcânico, uma referência à Ribeira dos Tambores, em “*cujas águas quentes, temperadas e medicinais os enfermos tomavam banho*”.

⁵ Pode-se também observar esta obra no Boletim do Instituto Histórico da ilha Terceira, 6, nas páginas 173-183.

A partir de meados do século XVIII nota-se cada vez mais descrições e referências sobre o termalismo açoriano e a partir do século XIX observam-se mais estudos científicos que estudam a composição físico-química das águas medicinais.

A partir do século XVIII e, mais tarde, com as alterações operadas pela Revolução Industrial e dos transportes, os Açores voltaram a desempenhar um papel importante nas rotas oceânicas, servindo de escala nas navegações transatlânticas. Por outro lado, a indústria baleeira e o comércio da laranja, justificaram o reforço das relações com a América do Norte e a Inglaterra (Dias, 1995)

Durante o século XIX passaram pelas ilhas numerosos estrangeiros (entre judeus, marroquinos a famílias britânicas e norte-americanas), viajantes, especialmente marinheiros, negociantes, naturalistas, curiosos e turistas, assim como membros das famílias reais europeias como o Rei Leopoldo II, da Bélgica, ou o Príncipe Alberto, do Mónaco (Fraga, 2011).

Deste modo, muitos destes visitantes, deixaram relatos, descrições, diários de viagem, publicações onde sobressaem as descrições das belezas naturais, desde paisagens, fenómenos de origem vulcânica, vegetação e potencialidades dos Açores, e quase todos salientaram as virtudes das águas termais. As Furnas, naturalmente passam a ser cada vez mais um local de visita obrigatória para todos os visitantes que admiram as propriedades das águas minerais e os benefícios destas nos banhos termais férreos e sulfúreos (Bullar, 1986; Weeks, 1958)

O desenvolvimento do turismo nos Açores e mais propriamente na ilha de São Miguel deve-se muito às iniciativas desenvolvidas por intelectuais de grande visão estratégica durante a segunda metade do século XIX e inícios do século XX (Moniz, 2016). A criação da “Sociedade Propagadora de Notícias Michaelenses”, fundada a 19 de Abril de 1898 e apoiada pelo Príncipe Alberto de Mónaco, teve como objetivo desenvolver meios de divulgação em Portugal e no estrangeiro sobre a ilha de São Miguel (Ferreira, 1999). Na mesma época, também surge em 1899 o “Guia do Viajante em São Miguel”, patrocinado por Evaristo Ferreira Travassos e da autoria do Dr. Félix José Sotto-Mayor. Trata-se de uma obra ilustrada e com informações úteis sobre a ilha, contendo 78 páginas em inglês e 48 páginas em português, que demonstra a preocupação de fazer chegar a informação sobre a ilha de São Miguel aos estrangeiros que dominavam a língua inglesa. Por outro lado, havia o problema de não haver alojamentos e

acomodações consideradas “decentes” para os visitantes: “*hotéis muito modestos, deixando ainda muito a desejar quanto ao luxo, elegância e conforto dos estabelecimentos modernos*” (Sotto-Mayor, 1899). Contudo, podia-se confiar na limpeza dos quartos, na comida e na honestidade dos proprietários.

Nesta época, em Ponta Delgada, havia apenas três unidades hoteleiras: Hotel Açoriano, Hotel Gusmão e o Hotel Brown. Noutras zonas da ilha os visitantes ficavam em pequenas hospedarias ou em quartos particulares. Nas Furnas havia a exceção do Hotel do Jerónimo que apresentava todas as comodidades possíveis pela grande atração e fama do Vale pelas suas águas termais (Ferreira, 1999)

No início do século XX, a visita do rei D. Carlos e da rainha D. Amélia, acompanhados de uma grande comitiva, na qual também seguiram diversos jornalistas nacionais e estrangeiros, oficiais da marinha britânica e espanhola, na qual as embarcações escoltaram a frota real, foi um evento de promoção turística, muito divulgada pela comunicação social da altura (Silva, 2009).

É de relevar o importante comentário do jornalista e intelectual micaelense Eugénio Pacheco, nas colunas do periódico *O Localista*:

“A estas horas não são somente os cortesãos os que falam da Ilha de S. Miguel, com entusiasmo (...): — são os principais jornais de Lisboa e do Porto, e pode dizer-se que é o país em peso, que fixa sobre nós os seus olhares. A ilha, ainda há pouco desconhecida para os continentais é já agora objecto de discussões e não tardará muito que venha a ser um centro de vilegiatura procurado pela fama das suas águas e pelo encanto peregrino das suas paisagens” (Silva, 2001).

Tendo em conta a fama das águas termais e da beleza da ilha, Eugénio Pacheco esperava que as Furnas e a ilha de S. Miguel se tornassem a curto prazo num centro de veraneio.

Deste modo, em 1924, deu-se a denominada “Visita dos Intelectuais”, a qual, por iniciativa do Jornal Correio dos Açores e do responsável por este, José Bruno Carreiro, trouxe um grupo de várias figuras importantes da cultura e jornalismo português, até às ilhas, com o objetivo de conhecerem e divulgarem as potencialidades das ilhas açorianas (Ferreira, 1999).

Em 1925, realizou-se em Lisboa, no Teatro Nacional, uma exposição de produtos açorianos (tais como açúcar, tabaco, cerveja, vinhos, ananases, lacticínios, chá e águas minerais, cerâmica e madeiras, artesanato, tecidos de linho, tapeçaria e cordoaria), a qual recebeu muitos visitantes e convidados, entre eles o que mais se destacou foi o Presidente da República, Manuel Teixeira Gomes (Ferreira, 1999).

Por outro lado, a criação da Sociedade “Terra Nostra”, fundada em 1933, por grandes figuras de poder económico e visão estratégica, teve como principal objetivo o desenvolvimento da ilha de São Miguel como destino turístico de excelência. Em Ponta Delgada abriram um pequeno hotel – Pensão Terra Nostra, um *bureau* de Turismo e a Casa Regional. Por outro lado, Vasco Bensaúde teve um papel importantíssimo chamando a atenção de Oliveira Salazar para a construção de um porto com as condições necessárias e facilidades de entrada na ilha para o aumento do turismo, assim como também referiu a importância da construção das estradas de ligação aos dois pontos turísticos de maior relevo como as Furnas e as Sete Cidades (Moniz, 2016).

Das inúmeras diligências feitas às entidades oficiais pouco ou nada fizeram para contribuir com os esforços da Sociedade Terra Nostra, que contou apenas com as suas “próprias forças e recursos” (Costa, 1989). Em 1935, a Sociedade Terra Nostra foi convidada a representar no I Congresso Nacional de Turismo, que se realizou em Lisboa em 1936. Uma das principais preocupações pela qual se justificou o convite, foi pelo facto reconhecido pelo Conde Penha Garcia, de que organização do turismo em Portugal, não correspondia às exigências da vida moderna, nem integrava, num plano comum todos os elementos nacionais interessados no sector (Cunha, 2010). Deste modo, os membros da direção da Sociedade apresentaram um trabalho que demonstrava o que consideravam ser os requisitos principais para a eficácia da ação oficial relativamente a um plano de conjunto do turismo português e, por outro, as condições turísticas da ilha de S. Miguel de modo a garantir a classificação oficial de zona de turismo, a integrar no plano geral do país (*Ilha de S. Miguel, Terra de turismo*, 1935).

Este estudo destacou para a ilha de São Miguel, o turismo de trânsito e o turismo de cura e repouso, que seriam os mais favoráveis e com mais potencialidade para Portugal. Tendo em conta que nesta altura havia a prática das excursões e dos cruzeiros fomentados pelas Companhias de Navegação, a Sociedade Terra Nostra defendia que Portugal deveria aproveitar a utilidade deste turismo transitório e através de uma boa

organização e divulgação, transformar este tipo de turismo em estadias mais demoradas ou de permanência, associando-o à cura e ao repouso. Neste contexto, a ilha de São Miguel deveria constituir uma zona de turismo, especialmente de cura e de repouso, sustentada pelas suas belezas naturais e riqueza das águas minero-medicinais, reconhecidas por diversos cientistas (*Ilha de S. Miguel, Terra de turismo*, 1935).

Desde a 2 metade do século XX até aos dias de hoje, que o cuidado pessoal e a busca diária da qualidade de vida, começam-se a manifestar na prática das pessoas. Deste modo, as pessoas procuram cada vez mais a longevidade, na procura da juventude, do fitness e do bem-estar, também procuram estar atentos à forma física que conduz à felicidade e bem-estar consigo e com os outros (Ramos, 2014).

Nos últimos anos, tem-se observado, tanto na Europa como noutros continentes, que as estâncias de saúde (termais, climatológicas, marítimas e outras) começam a evidenciar-se como espaços de convívio. Nota-se que a relação entre o lazer e a natureza tem um significado importante nesta área turística, pois, é através dos recursos naturais que se realizam diversas atividades de lazer, que são saudáveis e que proporcionam o bem-estar físico e psicológico (Ramos, 2014).

Ao longo deste capítulo será desenvolvida a evolução do termalismo em cada zona de estudo, destacando-se inicialmente a maior hidrópole da Europa, o Vale das Furnas (Miguel *et al.*, 2012), seguindo-se as pequenas estâncias termais como os Banhos da Coroa (na Ribeira Grande), as termas abandonadas da Ladeira da Velha e as Termas da Ferraria.

3.1. Termalismo no Vale das Furnas

3.1.1. Dos primórdios até finais do século XVIII

Pressupõe-se que a primeira descrição da ilha de São Miguel tenha sido feita por Diogo Gomes de Sintra, por volta de 1499-1502 (não se sabe a data ao certo) na sua obra intitulada *“As relações dos descobrimentos da Guiné e das Ilhas dos Açores, Madeira e Cabo Verde”*. Nesta obra, escreveu sobre o descobrimento da ilha de São Miguel e refere as águas termais sulfúreas:

“Foram à segunda que agora tem o nome de ilha de São Miguel, que era igualmente desabitada e tinha também muitas aves e açores; aí descobriram também muitas águas termais, isto é, sulfúreas”.

Na mesma época, surge também Valentim Fernandes Alemão, que viveu entre 1495 e 1519 (ano provável da sua morte), o qual escreveu um manuscrito, *“Descrição das ilhas do Atlântico”*, que refere também as águas termais de São Miguel:

“lagoas de agoas que fervem que se metem nellas alguma animalia per huu pouco de espaço sae dy cosido que se pode comer. Outras agoas há que nom som tam queentes em que metem galinhas que loguo som peladas”.

Por outro lado, na viagem realizada por Pompeo Arditì, em 1567, às ilhas da Madeira e dos Açores, são referidas pela primeira vez as manifestações de vulcanismo, e mais longe, as águas termais na ilha de São Miguel. Relativamente a águas termais, o autor menciona, sobre as Furnas, uma ribeira fria e outra quente:

“ [...] Dizem que a duas léguas do chamado Vila-Franca, dentro da montanha, há algumas furnas de enxofro de onde se escoam, quase no mesmo ponto, dois regatos, um tão frio que não se pode meter a mão dentro, outro tão quente que, metendo-se nele um porco e tirando-o logo deixa lá a pele. [...] ”

Samuel Purchas (1577 (?) – 1625) também escreveu na sua obra *“Hakluytus or Purchas His pilgrimes: a history of the world, in voyages and lande travells by Englishmen and others”* provavelmente em 1610 segundo Sousa (2008), fez também uma das primeiras referências às águas termais nas Furnas, da qual se transcreve o seguinte:

“ [...] ali existe uma pequenina de três nascentes que lança para o ar, em jacto, água a ferver, com um horrível barulho contínuo, tendo uma temperatura elevada; a segunda,

de temperatura insuportável que, em pouco tempo, escaldaria qualquer ser vivente até à morte, o solo do mesmo modo com uma temperatura impossível de se suportar, mas com águas tranquilas. A terceira é quente e própria para Banhos.”

A primeira descrição referente às propriedades curativas das águas termais das Furnas deve-se a Gaspar Frutuoso nas “*Saudades da Terra*” Livro IV, vol. 2 (pág. 205) e refere o seguinte: “*Na qual Ribeira Quente, se curam muitas pessoas de flegma e sarna e outras enfermidades, tomando nelas banho, sem mais outros suadouros*”.

Quando os Padres Eremitas vieram para o Vale das Furnas, em 1614, os cronistas confirmaram as virtudes medicinais destas águas (Corrêa, 2010):

“Huma que se chamava a Ribeira Quente, cujo nascimento era em tam excessiva quentura, que não he sofrível nem tollerável nas forças humanas, poder nenhum homem meter a mão nella; a qual pouco espaço se mosturava logo com outra ribeira fria que lhe moderava e temperava a quentura, com tal temperamento que ficava sendo ribeira medicinal, em que os doentes hião a tomar banhos pera saude de varias e diversas infirmitades, a que aquellas águas fazião cura.”

Nesta altura, as virtudes medicinais presentes nas águas termais eram justificadas pela “vontade de Deus”: o Vale era visitado pelos “*doentes que vinhão buscar saúde era da mao de Deos naquela insensível creatura da agoa temperada das duas ribeiras quente e fria*”.

Os habitantes das Furnas ficaram surpresos com as propriedades benéficas destas águas e neste contexto as águas termais tornaram-se cada vez mais procuradas, a tal ponto que rapidamente a notícia chegou às localidades vizinhas. Por outro lado, a presença desta diversidade de águas minerais e termais justificou a construção de instalações balneares públicas e privadas (Dias, 1936).

Outra das referências bibliográficas às águas minerais e termais encontra-se no documento intitulado “*Relaçam do Lastimoso e Horrendo Caso que Aconteceo na ilha de S. Miguel em segunda-feira dous de Setembro de 1630*”, da autoria de Franco (1630) que refere a Ribeira dos Tambores, em cujas águas quentes, temperadas e medicinais os doentes se banhavam. A erupção descrita neste documento foi das mais impressionantes na história de São Miguel, desde o povoamento até ao presente (Freire, 2013)

O papel que os Padres da Companhia de Jesus tiveram ao formar aos poucos o primeiro povoado das Furnas, foi fundamental para a divulgação das propriedades terapêuticas das águas termais do Vale das Furnas; estes foram anotando e estudando os efeitos e curas sucessivas que estas águas proporcionavam aos enfermos (Dias, 1936).

Entre 1664 e 1665, é também referido pelo Fr. Agostinho de Santa Maria que na união das duas ribeiras (uma muito quente e outra muito fria), várias pessoas tomam banho muitas vezes para se curarem de sarna, e também aí é referida a falta de balneários para se poderem comparar com os de Caldas da Rainha (Corrêa, 2010):

“e nesta ribeira composta de ambas se curão muytas pessoas de varias enfermidades, & particularmente de sarna tomando alli banhos, & só lhe faltão officinas, para se poderem igualar, as celebres Caldas da Rainha [...]”

A partir do século XVIII é que se podem observar mais trabalhos sobre as águas termais e descrições de naturalistas e visitantes na ilha. Neste contexto *A Margarita Animada*, da autoria de Francisco Chaves e Melo (1723), tem uma importante descrição em que compara as duas partes do Vale das Furnas, nomeadamente:

“Para a parte Poente é verdadeiramente um rascunho do Paraíso terreal, regado com sete ribeiras de salutíferas águas, entre as quais há uma de água quente e muito medicinal; para a parte porém do Nascente é uma verdadeira representação do Inferno, porque tem umas caldeiras de polme, água e enxofre tão horrendas, que não há outra coisa com que se comparem (...).”

Os primeiros banhos a serem utilizados foram os de Sant’ana, ao Sanguinhal, também conhecidos por “Banhos do Cabaço”, que deviam ser muito primitivos e tinham por principal ação “fortificar os nervos”. Na zona das Caldeiras as primeiras construções foram: o banho de D. Maria Madalena e o de Thomas Hickling, sendo este, seguramente, anterior a 1786, data em que foi descrito por Catherine Green Hickling, no seu diário, que relata a sua estada em São Miguel (Rodrigues, 2010).

Por sua vez, a casa de banhos de João José da Silva Loureiro era servida pelas águas da Caldeira Grande (fig. 3.1.). Este balneário foi construído logo depois do balneário de D. Maria Madalena da Câmara (Dias, 1936).



Fig. 3.1. Caldeira Grande

Após a expulsão dos Jesuítas da ilha de São Miguel, em 1767, Sebastião José de Carvalho e Melo – Conde de Oeiras — a mandato do Marquês de Pombal decidiu numa das suas reformas administrativas e públicas criar a Capitania-Geral dos Açores e, terminando assim com o regime feudal dos Capitães Donatários, unir as nove ilhas do arquipélago numa província única. No mês de Agosto, o Capitão-General escreveu numa carta para Francisco Xavier de Mendonça Furtado (irmão do Marquês de Pombal) as suas descobertas sobre o Vale das Furnas e refere as caldeiras de água quente. No ano seguinte, visitou a ilha de São Miguel durante 2 meses no verão, de modo a conhecer e perceber os problemas sociais e políticos que se viviam nesta época. O conde escreveu uma carta no dia 25 de Agosto para Francisco Xavier de Mendonça Furtado e relatou a sua chegada e as suas primeiras impressões da ilha (Ferreira e Forjaz, 2009):

“tres legoas distante de Villa Franca no citio a que chamão – as Furnas – estão humas caldeyras, que são como uns grandes Lagos; as agoas delas tão sumamente quentes que fervem em caxão que subirá á altura de pouco mais de hum côvado nellas descobri grande quantidade de salitre, e enxofre [...].”

Francis Masson chega a Ponta Delgada em 1777, e na sua obra *An account of the Island of St. Miguel* sobressaem algumas das primeiras descrições da flora açoriana, com especial destaque nas Furnas e Sete Cidades (Albergaria, 2000). Por outro lado, Masson (1778) também descreve as águas minerais e termais do Vale das Furnas, e refere:

“Perto destas nascentes de água quente, há várias outras de água mineral, em especial duas, cujas águas possuem uma qualidade mineral muito forte: sabor ácido e amargo. Acerca de um quilómetro a oeste, mesmo junto à margem da ribeira há várias nascentes de água quente utilizada com muito êxito por pessoas doentes, No flanco de uma colina, a oeste da Igreja de Santana, existem outras também muito aproveitadas, com três casas destinadas a banhos. Águas muito quentes, embora não entrem em ebulição, mas no mesmo local nascem vários riachos de água mineral fria que serve para temperar a outra, consoante o gosto de cada um. [...] Só há muito pouco tempo foi dada a devida atenção a este maravilhoso lugar. Tão pouca curiosidade havia por parte dos cavalheiros da ilha que muito raramente algum deles o visitou. Ultimamente, porém, pessoas afetadas por desordens virulentas foram persuadidas a experimentar as suas águas e encontraram alívio imediato. Desde essa altura, tem vindo a ser cada vez mais frequentado.”

Também na década de 70, do século XVIII, uma das mais importantes personagens e pioneiras no desenvolvimento das Furnas foi Thomas Hickling (1745-1769), que com apenas 24 anos, tomou a decisão de explorar o negócio da exportação da laranja micaelense para Inglaterra e em poucos anos tornou-se dos melhores produtores e exportadores. Deste modo, rapidamente tornou-se proprietário de várias terras e casas. Thomas Hickling “apaixonou-se” pelas Furnas, pela paisagem e por ser um espaço calmo e sossegado. Junto à Caldeira Grande, Thomas Hickling mandou gravar o seu nome numa pedra (fig. 3.2. e 3.3.) (Ferreira, 1999).

Tornou-se primeiro proprietário de um terreno, na qual em 1786 já estava construída uma casa; em frente à casa construiu uma magnífica escadaria e um tanque de grandes dimensões, tudo envolto por um sublime jardim (16 alqueires), atravessado por uma ribeira. Hickling denominou a casa de *Yankee Hall* (Albergaria, 2000).



Fig. 3.2. Pedra em que Thomas Hickling gravou o seu nome

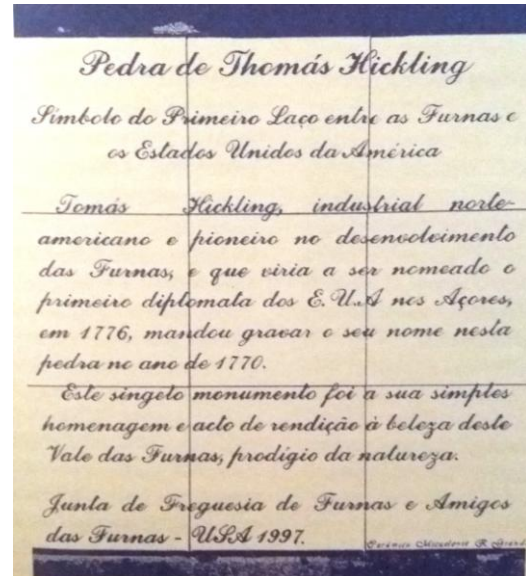


Fig. 3.3. Homenagem a Thomas Hickling

Hickling facultou o jardim aos furnenses, assim como reuniu diversos convidados e familiares. Desde finais do século XVIII até à atualidade, quase todos os visitantes nas Furnas conheceram e conhecem o Jardim do Tanque (atual Parque Terra Nostra) como “ponto de passagem obrigatório”.

Catherine Hickling, com apenas 18 anos, viajou para São Miguel para conhecer o pai e permaneceu durante dois anos na ilha e referiu no seu diário sobre os divertimentos que tinha durante a sua temporada no vale: *“Tenho passeado a cavalo com o meu pai e visitado algumas das famosas nascentes quentes e frias. Em alguns lugares a água ferve com grande violência e toda a terra está impregnada de matérias sulfurosas e aquecida num quarto de milha à volta. Foi difícil levar o meu cavalo até perto. (...) As águas são conduzidas para os edifícios dos banhos, onde podemos regular a temperatura que desejamos [...] Vou frequentemente ao banho de manhã, pois, temos um muito bom a meia milha de distância [...] Por vezes vamos em grupo, o que é agradável, e cada um tem um quarto de banho para si. Depois do banho reunimo-nos numa colina e cada um se diverte como quer. Estas pequenas excursões são muito agradáveis e eu geralmente faço o que a maioria quer.”*

O Tanque de Thomas Hickling era povoado de peixes, patos e cisnes e em volta deste, juntavam-se habitantes da aldeia para passear, bordejar e pescar (Albergaria, 2000). Rapidamente o tanque (propriedade) se converteu num centro de recreio público e é

testemunhado por Catherine Hickling, que refere: “*O nosso tanque atrai tanta gente que estou sempre rodeada de portugueses*”; “*Todas as tardes reúnem-se no nosso tanque cerca de 50 a 100 pessoas que se divertem bordejando, pescando e de outras maneiras*” (Albergaria, 2000) (fig. 3.4.).



Fig. 3.4. Jardim de Thomas Hickling representado pelos irmãos Bullar

Em 1787 é realizado o primeiro Relatório Oficial sobre as Termas⁶ (anexo 2). Este relatório foi mandado elaborar pelo Governador e Capitão-general Dinis Gregório de Melo, o qual também mandou colocar marcos em cada caldeira. O responsável pelos estudos e recolha das águas termais foi o Tenente Coronel João António Júdice, que realizou também o mapa das caldeiras (fig. 3.5.) e a classificação das suas águas e recolheu amostras de águas em garrafas para efetuar as análises (Correio dos Açores de 27 de Outubro de 1935). Através deste relato observa-se que a Natureza das Furnas era considerada quase como uma fábrica de produtos, que possibilitavam a saúde e a cura de doenças. Tal como referido no capítulo 1, muitos naturalistas deslocavam-se às zonas termais para estudarem as virtudes naturais que estes espaços proporcionavam e as Furnas não eram exceção. Os locais onde emergiam muitas águas termais eram designados de farmácias da natureza ou laboratórios da

⁶ Este relatório só foi descoberto no Arquivo Histórico Militar no segundo quartel do século XX.

natureza, e deste modo o Tenente Coronel João António Júdice refere: “(...) *vao áquele sítio quimicos e Naturalistas, sábios que descubram, reconheçam e calculem as virtudes e os préstimos das Águas, das ervas, das plantas, de tudo quanto a Natureza pródiga e liberal ali oferece para utilidade dos homens (...)*”.

Também se verificou na obra de Freitas (1845) que a Caldeira Grande é representada como um “*medonho laboratório da natureza*”. A palavra “*medonho*” deve-se ao “*estrepido assustador, um cachão d’agua fervente (...) fumegando constantemente, e com um calórico espantoso*”. Devemos ter em conta que as águas da Caldeira Grande foram muito utilizadas para diversos tratamentos termais, desde doenças de pele, bronquites e reumatismos.

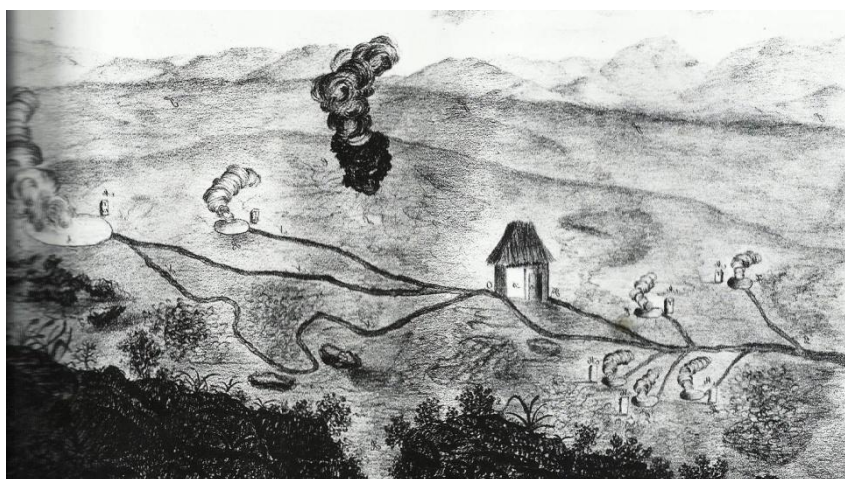


Fig. 3.5. Mapa das caldeiras das Furnas desenhado pelo Engenheiro João António Júdice, 1787

Deve-se a Guilherme Gourlay, médico na ilha da Madeira, a obra *Relação das Águas Mineraes da Ilha Portugueza de S. Miguel*, datada de 1791, onde apresenta uma classificação das “nascentes” da lagoa e caldeiras das Furnas, baseada na observação das mesmas, e dividida em quatro grupos (frias, moderadas, ferventes e fumantes). Gourlay fez algumas análises químicas incipientes mas, sobretudo como médico, deu indicações terapêuticas para as águas, distinguindo as frias, que bebidas são “laxantes” e “diuréticas”, das quentes usadas em banhos quentes e de vapor. Esta obra foi traduzida por Francisco Tavares que a refere no seu livro *Instrucções e Cautelas Practicas* (parte

I), editado em Coimbra pela Real Imprensa da Universidade (1810) (Cruz & Freire, 2011; Freire, 2013).

Gourlay (1791) refere ainda que as pessoas das Furnas cozinhavam nas caldeiras, colocavam os seus *“tachos e panelas nas fontes quentes e nas fendas fumegantes”*. Também foi o primeiro médico a usar os banhos a vapor, em que colocava os doentes sentados numa cadeirinha em frente à Caldeira Grande recebendo o vapor que esta emitia: *“Parece que o banho a vapor é mais poderoso e em geral preferível ao banho d’água: as partículas volateis são mais soltas, subtis e ativas, quando exaladas e formando o vapor, do que enquamto estão combinadas e presas na água. Os graus de calor, também são mais bem regulados no vapor do que no banho quente.”* As condições balneares na época eram bastante simples, nomeadamente uma cabana de colmo com arcas enterradas na terra.

Na obra *Descrição das águas minerais das Furnas na ilha de São Miguel* é descrito o percurso de Félix de Valois e Silva, que sofria de uma perturbação denominada *“alporca”*, durante oito anos. No quinto ano a doença agravou-se chegando a ter 14 *“fístulas”* no peito e axila do lado direito. Félix de Valois e Silva tentou curar-se com os melhores cirurgiões da Corte em Agosto de 1788 sem resultados, tendo então embarcado para a ilha da Madeira de modo a procurar alívio com o clima e experimentar um tratamento com as *“lagartixas”*, indicado para a sua doença. O tratamento que fez durante 43 meses na Madeira apenas piorou a doença, tendo então passado para 25 fístulas.

Os residentes da ilha informaram o doente sobre as famosas *«Caldas da ilha de São Miguel»*, onde vários doentes tinham encontrado o alívio das mais variadas doenças. Em 15 de Junho de 1790, partiu para São Miguel, e dirigiu-se para os banhos nas Furnas, onde fez um tratamento de 20 banhos e viu progressivamente a sua melhoria. No fim de 60 banhos já só tinha apenas 7 *“fístulas”*(Silva, 1791).

Na mesma obra é referido também que na Caldeira de Pêro Botelho muitos doentes iam buscar iodo para colocar sobre os membros *“esquecidos”* (paralisias) que ajudava muito na doença.

Com o aumento gradual das visitas nacionais e estrangeiras, as águas das Furnas ganharam fama. D. Maria Madalena Câmara, que sofria de reumatismo, deslocava-se

anualmente de Ponta Delgada para as Furnas, onde tomava banhos numa pequena casinha de madeira, coberta de colmo, perto da Caldeira Grande (fig. 3.6.) e onde Félix Valois da Silva também se curou (Silva, 1791; Rodrigues, 2010).

Silva (1791), descreveu também no seu relatório ao Ministro do Marquês de Pombal que D. Maria Madalena da Câmara em 1790, no seu quinto banho já conseguia andar sozinha, e refere ainda que a senhora exprimiu que caso algum dia sofresse de um “ataque” que “a levassem àqueles banhos”. Nesta descrição é representado um mapa com a identificação das caldeiras e do balneário de D. Maria Madalena da Câmara (fig. 3.7.).

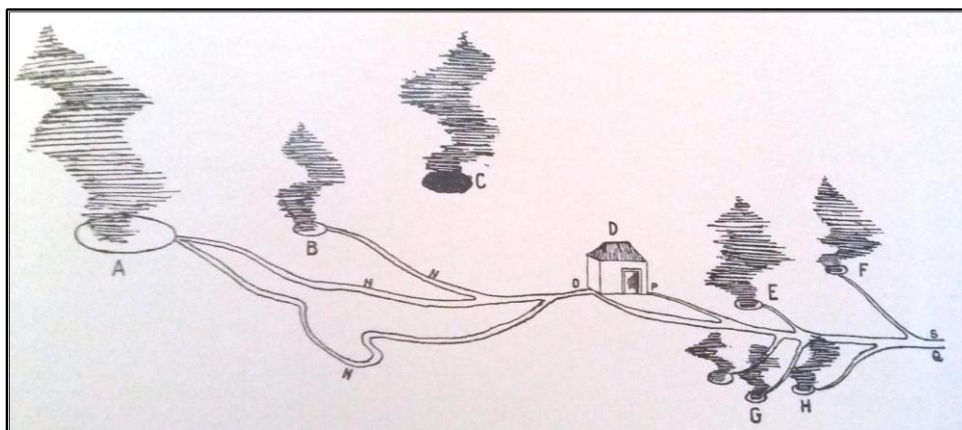


Fig. 3.6. Posição das Caldeias e Balneário de D. Maria Madalena da Câmara em 1792, no qual está representado:

- A) Caldeira Grande;
- B) Caldeira Pequena (não existe atualmente);
- C) Caldeira de Pero Botelho;
- D) Casa de Banho de D. Maria Madalena da Câmara
- E) Caldeirinha com depósito vermelho;
- F) Caldeirinha com depósito preto;
- G) Caldeirinha de água e lodo leitoso;
- H) Caldeirinha de enxofre e antimônio fervente;
- N) Condutor que arrefece as águas que vão dar à casa de banhos;
- O) Lugar onde entram as águas;
- P) Lugar por onde saem as águas;
- Q) Nascimento das águas férreas em diferentes sítios;
- S) Ajuntamento de todas as águas que vão para a Ribeira Quente.



Fig. 3.7. Mapa da descrição de Félix Valois e Silva

3.1.2. O Século XIX

Em 1813 foi publicado em Londres, um livro intitulado *History of the Azores or Western Islands*, do qual constam 44 cartas com o relato da viagem de Thomas Ashe pela ilha de São Miguel, durante a visita, Ashe esteve hospedado no Yankee Hall de Thomas Hickling, nas Furnas. Numa destas cartas, Ashe faz descrições muito interessantes sobre a fundação da casa dos Jesuítas e do povoado, assim como também sobre o ambiente das Furnas e sobre as atitudes das senhoras portuguesas, destacando-se a seguinte passagem:

“Não obstante a beleza do vale, causa grande surpresa o facto de terem sido fundados um mosteiro e uma povoação num local de tão difícil acesso. Talvez seja curial relatar aqui o que fui aprendendo com o meu reverendo Padre e seus companheiros: a povoação foi construída com o propósito de acomodar os doentes que procuravam as águas das Furnas não só para beber mas para se banhar; o mosteiro foi edificado com o fim de receber aqueles monges cujas constituições estavam enfreqüecidas pelo estudo ou pela indulgência dos pecados cometidos. [...] assim como toda a beleza e enfermidade recorrem às Furnas, este é o único teatro apropriado para se observar as senhoras portuguesas: é o único local onde elas abandonam a reserva estudada ou onde os maridos e os pais toleram que apareçam, descobertas, em passeios públicos. Esta tolerância irrompe do espirito especial do lugar, como nas termas de Inglaterra: o

orgulho e o formalismo que envenenam a vida citadina são postos de lado e recuperam-se os procedimentos e os princípios, universalmente aceites, que caracterizam o ente social”.

Narciso *et al.*, (1938) apresenta um esboço das principais caldeiras das Furnas, onde estão identificadas a Caldeira Grande, a Caldeira Pequena, a Caldeira do Asmodeu e a Caldeira de Pero Botelho e um edifício designado por Banhos da Câmara; este esboço foi retirado de uma gravura datada de 1813 (fig. 3.8.).

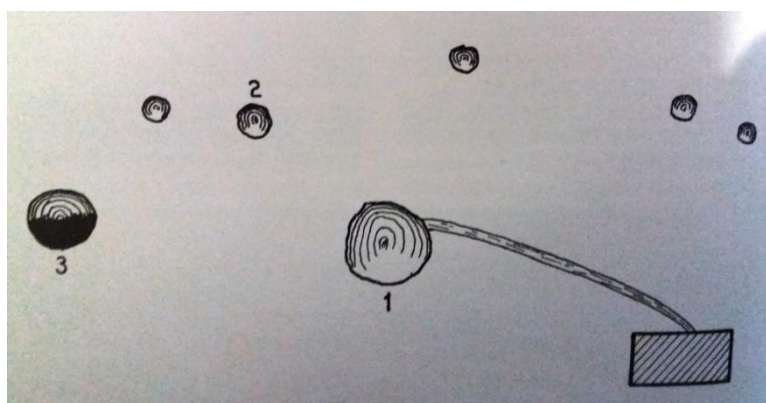


Fig. 3.8. Esboço com a posição das caldeiras e do edifício dos Banhos da Câmara (esboço de uma gravura de 1813)

- 1- Caldeira Grande
- 2- Caldeira menor e imediata junto à do Asmodeu
- 3- Caldeira de Pero Botelho

Em 1816, William Hickling Prescott, neto de Thomas Hickling voltou a São Miguel por motivos nostálgicos, permaneceu durante um ano no Yankee Hall e descreveu impressões sobre as Furnas e sobre o Yankee Hall, numa carta dirigida à sua irmã. Nesta carta são referidos diversos assuntos desde a tamanha beleza do Yankee Hall, sobre a história da fundação do pequeno povoado nas Furnas, neste local de tão difícil acesso, com o propósito de acomodar os doentes que procuravam as águas medicinais, também tem engraçadas descrições sobre a atitude que as mulheres tomavam quando estavam nas Furnas e iam aos banhos: *“abandonam a reserva estudada ou onde os maridos e os pais toleram que apareçam, descobertas, em passeios públicos”*. Prescott evoca da mesma forma que Ashe o comportamento das mulheres neste local.

As nascentes termais das Furnas foram em 1817, objeto de investigação pelo Doutor John Webster, professor da Universidade de Harvard, que permaneceu em São Miguel

durante largos tempos e publicou a célebre “*Descrição da ilha de São Miguel*”. John Webster era um mineralogista americano, atraído pelo clima e beleza natural da ilha de São Miguel. Segundo Freire (2006), a obra de Webster é importante devido ao registo das observações das temperaturas na Caldeiras da lagoa das Furnas e nas Caldeiras do Vale, com a originalidade de indicar a temperatura ambiente, à sombra e a pressão atmosférica, juntamente com a data e hora aproximadas. Contudo, Webster não correspondeu cada temperatura registada à respetiva nascente, logo torna-se pouco útil para comparações futuras. Webster ainda faz uma pequena referência às casas de banho nas Furnas em que se destaca:

“A agua é canalizada da grande caldeira para dois ou três pequenos edificios, que servem de casas de banhos. Como a sua temperatura é muito elevada, fazem-se reservatórios, (removendo a terra até à profundidade de um pé ou dois) para os quaes é levada a agua quente. Ficando ali a arrefecer; é em seguida recebida nas casas de banhos (que são semelhantes às da Ribeira Grande), e a sua temperatura pode ser augmentada à vontade, o que se obtém, admitindo mais agua, diretamente da Caldeira”.

Em 1824, Caroline Pomeroy refere no seu diário a sua visita à ilha de São Miguel, pode-se observar curiosas descrições sobre o estilo de vida no vale das Furnas e também sobre o Yankee Hall. Escreve que “*Tudo parece fazer parte de um conto de fadas*”.

Sobre os banhos termais Caroline Pomeroy descreve detalhadamente o seguinte:

“Agora vou falar-vos dos banhos, que são de duas espécies: ferrosos e sulfúricos, ambos são quentes e o último é tão macio como o cetim (...) Das caldeiras (kettles or boilers) saem constantemente nuvens de vapor e nelas, espantosamente, a água ferve em cachão. (...) Vou contar-te a forma como costume ir aos banhos; entre as cinco e as seis horas o Charles bate à porta, levanto-me e visto o meu vestido de crepe preto, que pouco viu a luz desde que saí de Brighton, o meu chapéu preto de palha italiana e o meu xaile de caxemira, monto um burro e sigo por um pitoresco caminho até à casa dos banhos. Depois bebo um copo de água férrea (...).”

Pomeroy (1997) também teve o cuidado de descrever as vivências sociais, nesta altura. Sendo uma hóspede do Yankee Hall de Thomas Hickling pôde observar de perto alguns dos divertimentos que ocorriam diversas vezes no Tanque. Também descreveu que no

dia 24 de Junho (dia de São João) houve uma grande festa no Yankee Hall, onde muitos habitantes das Furnas juntaram-se e formaram uma grande roda e dançaram a “Sapateia”, descrevendo detalhadamente a dança:

“onde homens e mulheres, em igual número, vão dançando vagarosamente à roda, dando estalidos com os dedos, em guisa de acompanhamento. Vão cantando, ao desafio canções espontâneas, que, como deves supor, muitas vezes não têm ritmo nem sentido. O assunto é geralmente o amor e os intervenientes vão cantando sem ordem pré-estabelecida. Tudo isto é acompanhado por duas guitarras cujo som é monótono e muito desafinado. (...) É bonito vê-los dançar na pequena ilha.”

Também é curiosa a seguinte descrição:

“Na última semana estivemos constantemente ocupados recebendo e fazendo visitas. Algumas famílias que nos foram ver em Ponta Delgada vieram para as Furnas por uns dez dias para tomarem banhos e para se divertirem. Como é natural foram-nos visitar e, como o tanque de Mr. Hickling é o refúgio de todos, fomos obrigados a estar sempre presentes, e assim passámos umas horas de convívio.

Habitualmente todos gostam de se sentar na ilha e de passear no barco ou à roda do tanque (...).

Tomámos maior consciência da partida da maior parte das pessoas pela facilidade com que conseguimos tomar banho. Na passada semana tínhamos que esperar uma hora ou mais, embora lá chegássemos cedo. Algumas senhoras esperavam três ou quatro horas e um cavalheiro, que estivesse só, não o conseguiria por menos tempo.”

Apesar disto, em 1822, é referido na obra de João Soares de Albergaria de Sousa, o facto de não haver ainda um hospital nas Furnas, e sabe-se que nesta época alguns dos doentes vindos da Europa que procuravam alívio pelas águas termais, tinham de alojar-se nas casas de particulares.

Já então existiram os primeiros banhos públicos conhecidos por Banhos das Quenturas que foram mandados construir pelo município de Vila Franca com a ajuda de alguns particulares, por efeito da Correição de 6 de Junho de 1815, do desembargador João José da Veiga à Câmara de Vila Franca, e que eram servidos com as águas que têm aquela denominação “Quenturas” (Dias, 1936).

Luís da Silva Mouzinho de Albuquerque (1792-1846) que era Provedor da Casa da Moeda em Lisboa e Professor de Física e Química, editou em 1826 “*Observações sobre a ilha de São Miguel*”, obra na qual realizou um estudo geral sobre a situação económica e social da ilha com gráficos e mapas. Durante este estudo, Mouzinho esteve na Furnas, estudou a composição das águas e efetuou um levantamento da planta do Vale das Furnas (fig. 3.9. e 3.10.).

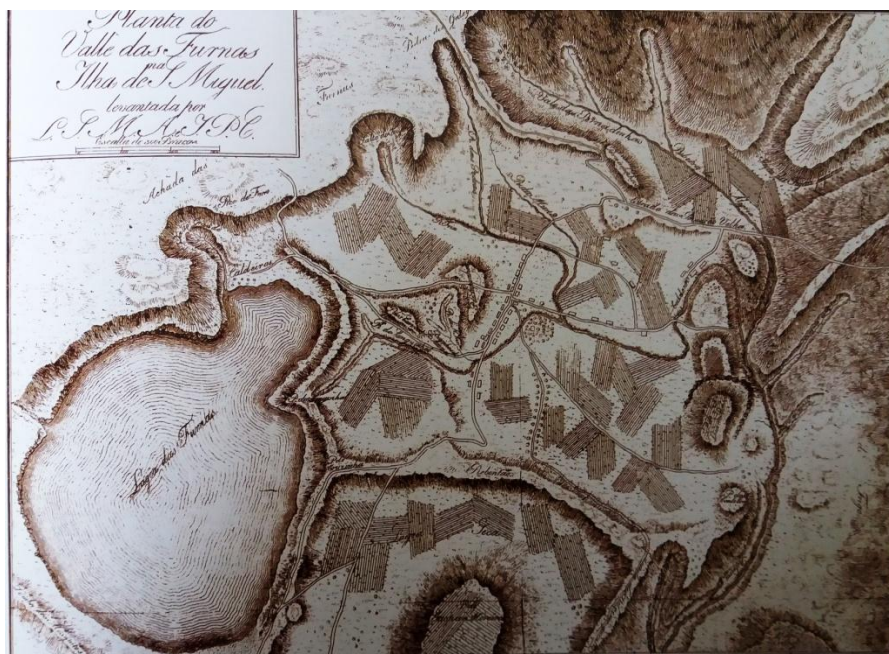


Fig. 3.9. Levantamento da planta do Vale das Furnas por Mouzinho de Albuquerque



Fig. 3.10. Levantamento da planta do Vale das Furnas por Mouzinho de Albuquerque

Mouzinho de Albuquerque, juntamente com o ajudante Menezes Pita, foi um dos primeiros químicos a analisar as águas do Vale das Furnas cientificamente e foi encarregado pelo Governo, em 1825, de vir aos Açores de modo a analisar as águas da ilha de São Miguel (Freire, 2013).

Esta missão foi aconselhada pelo Doutor Vicente José Ferreira Cardoso, que tinha muito interesse no valor científico das águas minerais e nas suas aplicações terapêuticas. Tendo em conta o seu largo interesse, acompanhou Mouzinho de Albuquerque na viagem a São Miguel, e mandou a 10 de agosto de 1825 para Lisboa, ao Ministro, as primeiras impressões sobre as águas. O relatório foi publicado em 1826, com o nome “*Observações sobre a ilha de S. Miguel, recolhidas pela comissão enviada à mesma ilha em agosto de 1825 e regressada em outubro do mesmo ano.*”. Este trabalho está dividido em 2 partes sendo a primeira sobre a descoberta e colonização da ilha, enquanto na segunda parte é descrito o Vale das Furnas, mais propriamente as águas termominerais analisadas quimicamente (Dias, 1936).

A Câmara de Vila Franca, para além da casa de banhos nas “Quenturas” (atualmente o Boutique Hotel Spa) construída em 1815, possuía mais duas, uma no centro do Vale, perto da Ribeira das Murtas, e a outra na zona das “Misturas” (atual OMIC). A construção do balneário na zona das “Misturas” começou com a subscrição entre particulares, promovido pelo Morgado José Caetano Dias do Canto Medeiros, José Pacheco de Castro e Francisco José Peixoto, que depois passou para a posse da Câmara. Os nomes destes banhos foram assim denominados devido à reunião de várias águas que afluem à superfície perto deste local. Mais tarde começaram a ser chamados de *Chalet* pela forma que mais tarde o edifício adquiriu (fig. 3.11. 3.12. e 3.13.) (anexo 3 – planta do *Chalet* e área envolvente s/data) (Dias, 1936).



Fig. 3.11. Edifício do *Chalet*



Fig. 3.12. Antiga banheira do *Chalet*



Fig. 3.13. Antigo *Chalet* e atual OMIC

Em 1832, D. Pedro IV chegou a Ponta Delgada, juntamente com a sua comitiva e outros ingleses, entre os quais se encontrava o oficial britânico Capitão Boid, que pertencia à Armada Real Britânica. Na sequência de uma visita às Furnas, deixou o seu testemunho sobre as águas na sua obra *The history of Azores or Western Islands*, publicado em 1835. O Capitão Boid refere o seu descontentamento quanto aos balneários das Furnas, os quais reputa como “*lugares de aspeto repugnante*” e ainda conclui que se a ilha estivesse a ser explorada pelos ingleses, haveria uma *Cheltenham*⁷, com banhos, buvetes, bibliotecas, hotéis, casas de hóspedes e passeios, contribuindo deste modo para o máximo conforto, luxo e bem-estar de todos os visitantes quer por razões de saúde, quer por razões de lazer.

O primeiro pedido de exploração termal foi efetuado por John White Webster. O projeto inovador que elaborou durante muitos anos, vindo a apresentá-lo na Corte a D. Maria II em 1835, requeria o arrendamento de um terreno pelo período de 30 anos para realizar “banhos a vapor e água”. Este requerimento foi deferido pela Câmara Municipal de Vila Franca, mas Webster não aceitou o preço absurdo que pediam e acabou por abandonar este projeto (Rodrigues, 2010).

Os irmãos Joseph e Henry Bullar escreveram uma importante obra intitulada “*A winter in Azores; and a summer at the baths of the Furnas*” publicada em Londres em 1841. A

⁷ Também conhecida por Cheltenham Spa, é uma cidade inglesa reconhecida como um resort de saúde e spa desde a descoberta de nascentes de águas minerais em 1716.

sua visita iniciou-se a 6 de Dezembro de 1838, estando durante os meses de Inverno em São Miguel, enquanto na Primavera visitaram as ilhas dos grupos Central e Ocidental. Em finais de maio de 1839 voltaram para São Miguel passando uma parte do Verão nas Furnas de onde partiram em 25 de Julho. Os irmãos escreveram sobre as atividades termais no Vale, onde referem que os utentes eram na sua maioria naturais da ilha e das mais variadas classes sociais; o ritual dos banhos começava a partir das cinco da manhã e prolongava-se até às dez ou onze da manhã; normalmente tomava-se banho a altas temperaturas para causar uma transpiração intensa e após o banho, a pessoa envolvia-se em grossos capotes, de modo a continuar a transpirar (fig. 3.14. e 3.15.) (anexo 4).

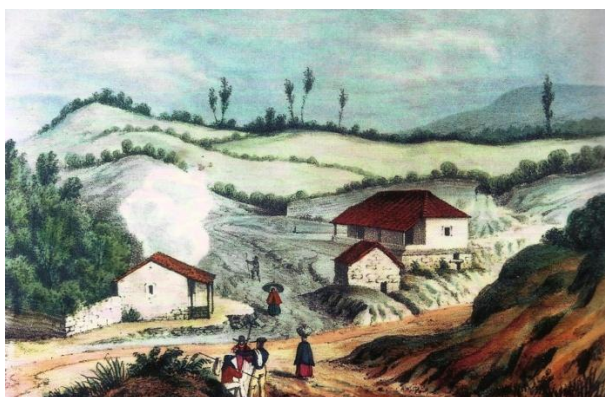


Fig. 3.14. Recinto das Caldeiras aos olhos dos irmãos Bullar

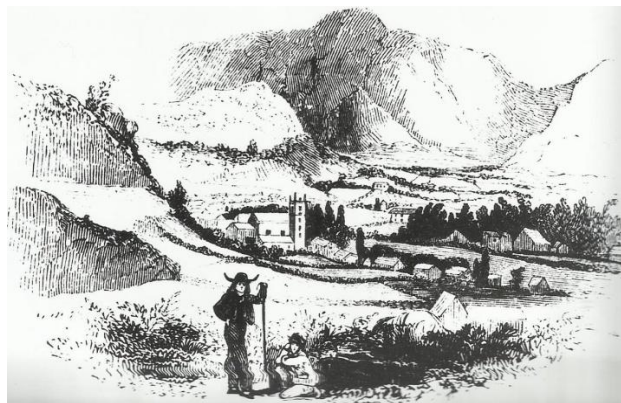


Fig. 3.15. O Vale das Furnas com a Igreja de Sant'ana

Bernardino de Senna Freitas (1845), também apresenta importantes descrições na sua obra “*Uma viagem ao Valle das Furnas na ilha de São Miguel em Junho de 1840*”. Esta é uma obra bastante completa no que respeita à descrição em geral do Vale, assim como na explicação das doenças e das nascentes mais apropriadas para a sua cura (fig. 3.16 e 3.17). Sobre os estudos científicos realizados até à data, assim como sobre diversas personalidades que passaram pelo Vale, os Bullar fornecem importantes informações relativas até ao primeiro quartel do século XIX. Nesta obra também se pode observar estampas muito curiosas que representam o vale das Furnas na época.



Fig. 3.16. Caldeiras das Furnas



Fig. 3.17. Estampa das Caldeiras das Furnas (Senna Freitas)

- A: pequena ribeira, que fica por trás da casa do Barão das Laranjeiras, na qual recebe depois os despojos dos banhos;
- B: Bosque de faias, adjacente ao banho do Thomas Hickling;
- C: Casa de banho do Thomas Hickling;
- D: Caldeira Grande que fornece água para os banhos C, E, F;
- E: Banho do Loureiro;
- F: Casa de Banho do Barão das Laranjeiras;
- G: Nascente de água férrea que Mouzinho de Albuquerque analisou e marcou com o número III;
- H: Casa de Banhos de Francisco Botelho;
- I: Pequena Caldeira;
- J: Vapores das Caldeiras;
- K: Cume dos Montes a Sul;
- L, M, N: Terrenos;
- O: Cume dos montes a N.O.;
- P: Caminho em direção à Povoação denominado Sant'Ana;
- Q: Caminho construído para evitar a passagem por cima de água

Uma importante descrição, que reflete sobre a dimensão social do termalismo desta época, é da autoria de Elisa W. Nye (1847), neta de Thomas Hickling, a qual refere que não gostava de ir aos banhos sozinha devido aos olhares provocantes, atrevidos e metedidos e atitudes impertinentes dos homens, quando uma senhora não estava acompanhada por um elemento do sexo masculino. O prestigiado Jardim do Tanque, que estava sempre aberto a todas as classes sociais, era um espaço onde se passava parte da vida social dos furnenses.

Em 1848, o Yankee Hall muda de proprietário, passando para o Visconde da Praia, Duarte Borges da Câmara Medeiros (1799-1872). Também Duarte Borges da Câmara Medeiros, amante da jardinagem, foi responsável pela ampliação do jardim, introduzindo numerosas espécies exóticas; destaca-se o anel de araucárias à volta do tanque. O filho, Marquês da Praia e Monforte, António Borges da Câmara Medeiros e Sousa (1829-1913), dedicou-se após a morte do pai a grandes obras de remodelação e construção na casa, e quanto ao jardim, sabe-se que contratou um jardineiro inglês chamado Milton, responsável pelo desenho dos canais de água serpentina que percorrem o parque, grutas (*rustic grottoes*) de gosto romântico (Albergaria, 2005) (fig. 3.18 e 3.19).

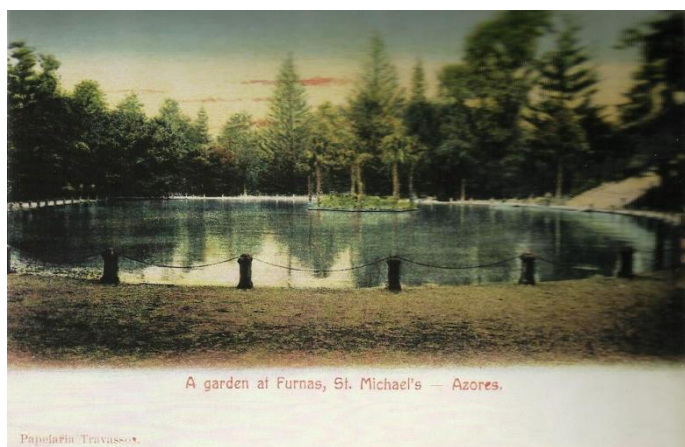


Fig. 3.18. Bilhete-postal Ilustrado (BPI) do Tanque



Fig. 3.19. BPI do jardim do Tanque

Nos finais da primeira metade do século XIX, a necessidade da hospitalização de doentes com poucos recursos financeiros, e de uma assistência médica para todas as pessoas que procuravam alívio pelas águas tornou-se cada vez mais premente. Deste

modo, o Conselheiro Dr. Eusébio Dias Poças Falcão, Governador Civil de Ponta Delgada de 1849 a 1851, distinguiu-se como entusiasta da fundação do Hospital das Furnas, para aproveitamento das águas termais tendo em conta o problema dos doentes que precisavam de assistência médica (fig. 3.20. e 3.21.). Para tal, nomeou uma comissão encarregue de levar a cabo a construção de um hospital termal, que gastou 80.000 reis num estabelecimento provisório, segundo o projeto do Engenheiro Militar Francisco Maria Montano, que embora não estivesse completamente acabado, foi oficialmente inaugurado em 1851, com a admissão dos primeiros 23 doentes pobres de ambos os sexos, esperando-se que nos anos seguintes ficasse completo. O hospital era sustentado pelas três Misericórdias, contudo a direção técnica e económica estava a cargo da Misericórdia de Ponta Delgada (Rodrigues 2010).

O edifício era constituído por 4 enfermarias, durante a época termal (balizada entre 24 de Junho e 30 de Setembro): podia receber 40 doentes em cada mês, durante 20 dias. O serviço era feito por um enfermeiro e por uma cozinheira, e a despesa diária de cada doente ia de 200 a 250 réis, incluindo cama, roupas e comida. Os doentes de Ponta Delgada deslocavam-se de barco para a Ribeira Quente e o resto da viagem era feito de burro (Corrêa, 1924).

Porém, era necessário a assistência médica durante a época termal, que passou a ser dada por médicos facultativos das Misericórdias de Vila Franca e de Ponta Delgada (Rodrigues, 2010).



Fig. 3.20. Hospital da Filantropia



Fig. 3.21. Hospital da filantropia no canto superior esquerdo

Sob a porta principal, foi colocada uma lápide com a inscrição: “*Á filantropia Micaelense. Em nome da pobreza. O Governador Cível Poças Falcão*” (Dias, 1936). Em finais de 50 e inícios de 60, vive-se uma crise económica, devido à desvalorização da moeda, com repercussões ao nível das Misericórdias. Contudo, foram feitos todos os esforços para manter o hospital termal aberto nas épocas termais, mesmo após a abertura dos Banhos Novos (Rodrigues, 2010).

Em 1854, é publicado no semanário *Aurora dos Açores* de 8 de Novembro, uma crítica sobre o Vale das Furnas. Nesta publicação é referido que as Furnas eram um lugar onde muitas famílias abastadas vindas de Portugal continental e estrangeiras se dirigiam para passar uma temporada, principalmente no Verão, onde procuravam a saúde e o bem-estar com o uso das águas. Nesta época, começa-se a observar novamente um aumento dos visitantes no Vale: já não são apenas os ricos que o visitam, mas também pessoas com menos recursos financeiros. Nesta época, já havia algumas hospedarias, mas a necessidade de melhores alojamentos era notória, de forma a garantir a qualidade das Furnas como estância termal e de veraneio (Ferreira, 1999).

O Hotel do Jerónimo (fig. 3.22. e 3.23.), inaugurado em Junho de 1854, veio resolver parcialmente o problema, tendo tido um grande impacto no desenvolvimento do Turismo nas Furnas, principalmente para as classes com menos possibilidades. Pertencia a Jerónimo Simões de Carvalho, uma pessoa dinâmica e de espírito competitivo nos negócios. O hotel era um espaço amplo, tinha duas salas de jantar, uma destinada aos casais, e outra destinada aos solteiros, onde poderiam estar mais à vontade

para rir e divertirem-se. Este hotel tinha bastante fama e muitos dos hóspedes eram famílias (Ferreira, 1999).

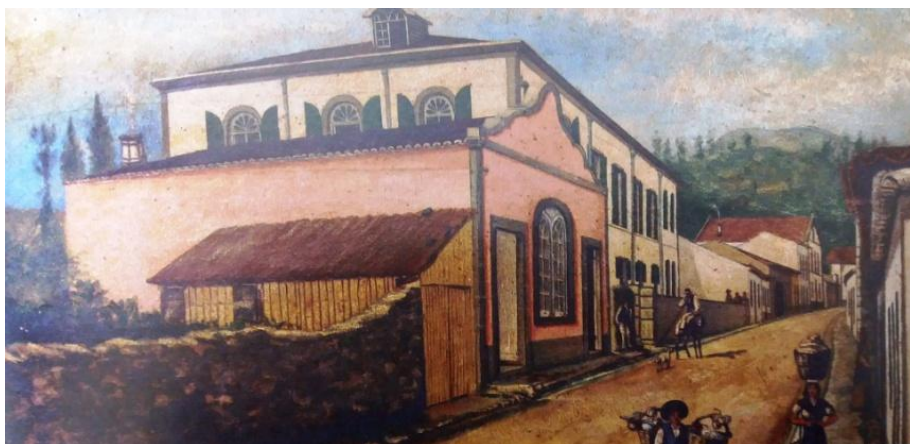


Fig. 3.22. Hotel do Jerónimo, óleo que pertencia ao 3º barão das Laranjeiras - 1890



Fig. 3.23 Outra perspectiva do Hotel

Na obra francesa *Sur terre et sur mer – Excursions d’un Naturaliste en France, aux Açores, a la Guyane et a Angola*, da autoria de Henri Drouet (1870), são descritas, durante a sua visita ao Vale, as caldeiras, assim como as suas propriedades medicinais em algumas doenças. O autor também se pergunta porque é que as Furnas ainda não possuem um hospital como revela a seguinte descrição (traduzida):

“*Afirma-se que as águas termais das Furnas são excelentes para a cura das feridas, das paralisias, das fraturas, das doenças cutâneas. A lama enegrecida da caldeira de Pêro Botelho é igualmente tida por um específico infalível contra as chagas e feridas. Face a tais alegações, que parecem confirmadas pela experiência, o viajante pergunta-se por que razão as Furnas ainda não possuem hospital, nem estabelecimento termal. As duas ou três casinhas, nas quais os privilegiados vêm veranejar e tomar as águas, são nitidamente insuficientes, para não dizer impróprias a este uso; e estranho-me que as lindas açorianas, tão delicadas e refinadas quanto ao resto, se tenham satisfeito disso até hoje*”. Nesta obra também são descritas as caldeiras, a paisagem, assim como também são anotadas as temperaturas e as descrições físicas das águas das Furnas em Maio de 1857.

Em Julho de 1864, foi inaugurada a Assembleia Furnense, segundo a imprensa - *A Persuasão*. Este espaço tinha uma sala muito boa para convívios como bailes e reuniões ao estilo campestre, o serviço não era tão luxuoso mas “conveniente”. Por outro lado, o Parque era um dos espaços preferidos dos visitantes, as senhoras iam para o parque para relaxar e fazerem os seus bordados, lerem e conversarem (Albergaria, 2005). Também eram realizados passeios, e o preferido dos visitantes era a subida ao Pico da Vigia. De dia para dia a animação aumentava ou com excursões, cavalgadas, passeios a pé, concertos de orquestras como “*Flos Sanctorum*” e “Sinagoga”, piqueniques no parque, jantares, bailes, entre outros (Ferreira e Forjaz, 2009).

No jornal *A Persuasão* de 3 de Agosto de 1864, é apresentada uma crónica muito interessante, que retrata os divertimentos sociais, desde serenatas pelas ruas das Furnas e no hotel Jerónimo, bailes, burricadas, fogo-de-artifício e passeios e concertos da banda *Tropheu* (anexo 5).

Em 1863, a Ordem do Reino chegou às Furnas para a construção de um edifício destinado apenas à Balneoterapia. O local escolhido foi na zona das Quenturas, onde existia uma pequena casa de banhos mandada edificar pela Câmara Municipal de Vila Franca. O projeto deste novo estabelecimento designado por Banhos Novos (fig. 3.24.) foi desenhado pelo Engenheiro Ricardo Júlio Ferraz. O edifício ocupava uma área de 1845 m² e dividia-se em duas alas, com 14 casas de banho e várias banheiras de mármore, havia ainda na parte central do edifício a casa do médico e do administrador.

Alguns quartos destinavam-se a duches para vários tipos de tratamento desde inalações, pulverizações, estufas, banhos russos, entre outros (Dias, 1936).

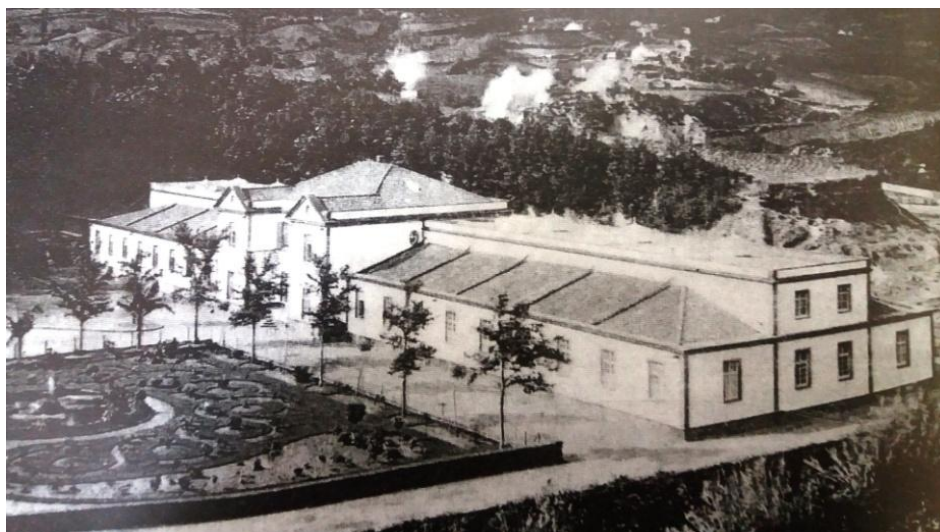


Fig. 3.24. Edifício dos Banhos Novos

As águas dos Banhos Novos eram arrefecidas em dois tanques que estavam nas extremidades do edifício, cada um tinha a capacidade de 40 m³, onde a água era conservada até atingir a temperatura ideal. Por cada reservatório estavam assegurados 266 banhos diários e cada banho levava 150 litros. Os Banhos Novos rapidamente ganharam projeção devido às suas curas e assistência médica (Dias, 1936).

Apesar da construção dos banhos novos em 1869 Joaquim Cândido Abranches, comenta no *Album micaelense*, o descuido e a falta de interesse por parte do governo no estudo das propriedades medicinais das águas termais, assim como nas solicitações dos interessados na exploração das águas.

Em finais de 1874 o oficial austríaco Leopold von Yedina esteve nos Açores e escreveu uma curiosa narrativa da sua estadia em São Miguel. A obra deste autor intitula-se “Um África” e fala-nos de uma viagem de circunavegação à África, na corveta *Helgoland* da marinha de guerra austríaca. A chegada ao porto de Ponta Delgada deveu-se a avarias causadas por um temporal que se abateu sobre os Açores. A *Helgoland* foi rebocada por um vapor inglês a 30 de novembro de 1874. A permanência da corveta nesta ilha favoreceu um clima de amizade entre a tripulação e a sociedade micaelense.

Durante o período que a *Helgoland* permaneceu na ilha de São Miguel, vivia-se um período de grande desenvolvimento económico, social e cultural, resultante principalmente da produção e exportação da laranja, por muitos considerados a altura mais rica da história. Leopold von Yedina (1874) descreve sobre as Furnas que foi o objetivo primordial das excursões feitas pela tripulação.

Deve-se ao Doutor Filomeno da Câmara Melo Cabral, doutorado pela Universidade de Coimbra e natural de São Miguel o grande impulso na divulgação das águas medicinais do Vale, promovendo a sua valorização; também se deve a este médico a nova orientação dada aos serviços termais e à vinda do químico Ferdinand Fouqué, que sempre o acompanhou durante os seus estudos, em 1875 (Dias, 1936). Aos importantes relatórios realizados pelo Dr. Filomeno da Câmara Melo Cabral vem juntar-se a obra de Fouqué “Les Eaux Thermales de L’Île de San-Michel (Açores), Portugal” (Freire, 2013).

Foram vários os médicos que passaram pelos Banhos Novos, e Dias (1936) destaca alguns na sua obra tais como:

- **Doutor Artur Hintze Ribeiro** – Formado em medicina pela Universidade de Coimbra, exercendo funções de medicina clínica. Em 1877 foi nomeado diretor das Termas das Furnas, que funcionavam nos meses de Julho a Setembro. Em 1884 foi nomeado guarda-mor de saúde de Ponta Delgada, suspendendo a direção das Termas.
- **Doutor Paulo Guedes D’Almeida** – Nomeado diretor da Estação termal em 1884, foi o último médico que a Estação dirigiu, passando depois a haver médicos facultativos dos Hospitais da Ilha.
- **Doutor Gil Mont’Alverne de Sequeira** – que foi encarregado pela Junta Geral de dirigir a Estação Termal durante a época balnear e publicou alguns relatórios.
- **Doutor Francisco Ferreira d’Almeida Crespo** – médico pela Universidade de Coimbra, foi nomeado diretor das Estação Termal das Furnas, pelo novo regime de nomeação vitalícia do lugar. Fixou-se nas Furnas e exerceu medicina clínica na freguesia.
- **Doutor Manuel Pereira Caetano** – natural desta ilha, foi médico cirurgião do Exército Português e foi durante alguns anos diretor da

Estação Termal das Furnas, onde dedicou um particular cuidado e estudo ao termalismo. Deixou publicados dois trabalhos: *Indicações Terapêuticas das Águas Mediciniais das Furnas e Ferraria* (1922); *Águas Minero-mediciniais das Furnas* (1926).

- **Doutor Octávio Botelho Machado** – segundo Dias (1936), este era o médico atual da Estância Termal das Furnas na década de 30.

Surgiu nesta altura também uma iniciativa de construção de um jardim, por um grupo de veraneantes micaelenses, de que Ernesto do Canto era um dos principais entusiastas, juntamente com José Maria Raposo do Amaral, António Borges da Câmara Medeiros, José Jácome Correia e António Botelho Sampaio, e na qual o jardineiro George Brown (1813-1881) foi encarregado de delinear o jardim que rapidamente se transformou num parque (inicialmente era conhecido por Parque das Murtas, mas atualmente é designado Parque D. Beatriz Canto) (fig. 3.25.) de que os furnenses e veraneantes pudessem (e ainda podem) usufruir durante a sua estadia no vale. O Dr. Ernesto do Canto mandou construir um chalé (fig. 3.26. e 3.27.) por um arquiteto francês (Ferreira e Forjaz, 2009; Albergaria, 2000).



Fig. 3.25. Parque Dona Beatriz



Fig. 3.26. Chalé Ernesto do Canto

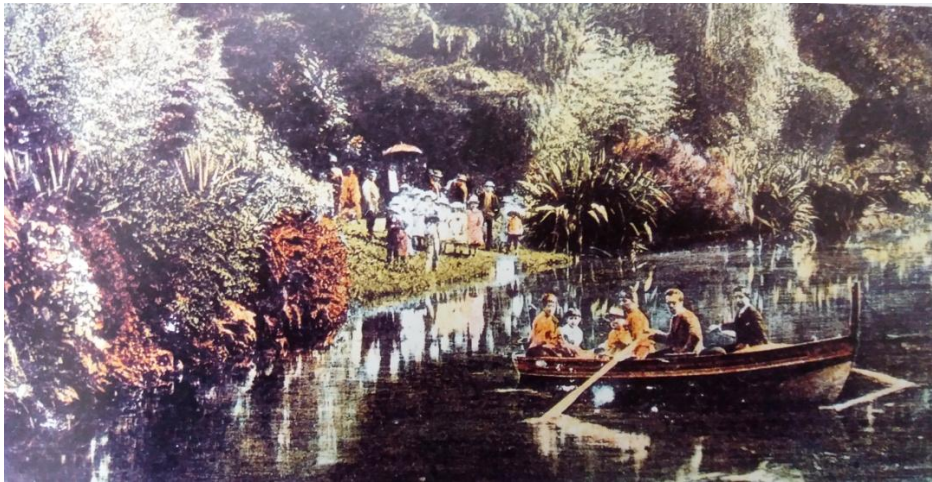


Fig. 3.27. Passeio de barco no lago do Parque das Murtas (atual jardim Beatriz do Canto);

No verão de 1889 apareceu nos jornais de Ponta Delgada a grande novidade do ano: uma carreira diária de carruagem para Furnas. Esta iniciativa surgiu com o comerciante Luís Soares de Sousa, que era proprietário da maior cocheira (fig. 3.28.) de Ponta Delgada, e este empreendimento permitia que as pessoas da costa sul da ilha (cerca de 30.000 habitantes) chegassem mais facilmente ao Vale das Furnas (Ferreira, 1999).



Fig. 3.28. Antiga Cocheira no largo da Matriz, à espera de passageiros a caminho das Furnas

Ao longo da pesquisa no arquivo da DRTT, identificou-se diversa documentação referente ao balneário termal Banhos Novos, de entre os quais um projeto arquitetónico datado de 1894 com a respetiva planta do edifício e o corte transversal do tanque de refrigeração (fig. 3.29. e 3.30.). Este projeto foi apresentado pela Direção das Obras Públicas do Distrito de Ponta Delgada.

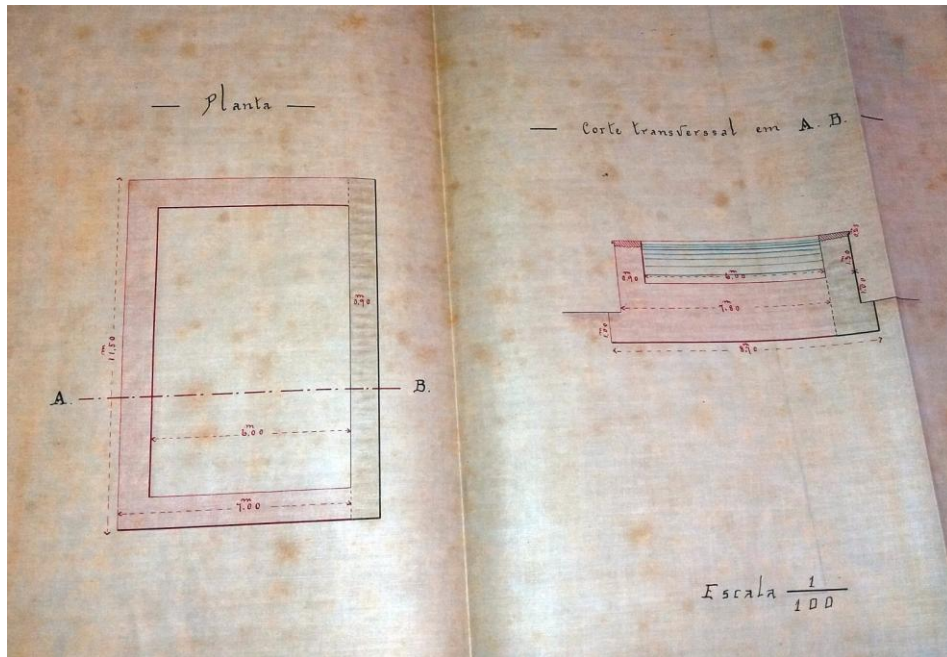


Fig. 3.29. Planta do tanque de refrigeração

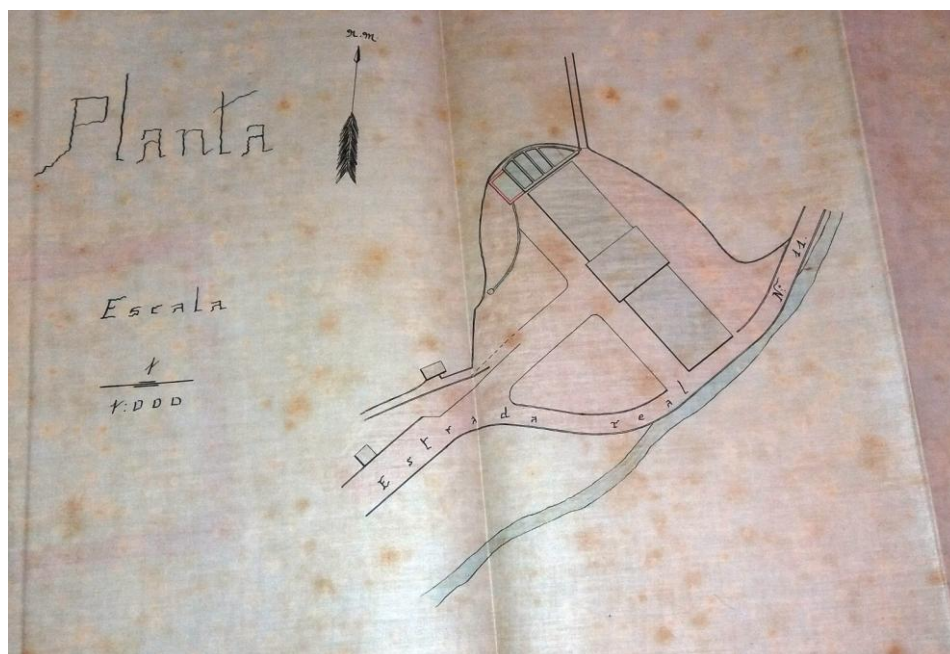


Fig. 3.30. Planta envolvente do edifício termal

3.1.3. O século XX

Em abril do ano de 1900 falece o hoteleiro Jerónimo Simões de Carvalho. Ao longo da sua vida como hoteleiro, lidou com diversos literatos, entre eles Antero de Quental e Francisco Joaquim Moniz Bettencourt. Tendo em conta a morte do empresário, o Hotel do Jerónimo, passou para *Atlantic Hotel*, mas fechou as portas em 1913 devido a problemas financeiros. O edifício foi demolido passados 30 anos e no mesmo local construiu-se o atual Hotel Terra Nostra (Ferreira, 1999).

No mesmo ano foi realizada e apresentada uma planta do perímetro reservado às nascentes mineromedicinais do Vale das Furnas, com indicação das casas e dos respetivos proprietários; esta planta foi apresentada pela Direção Geral das Obras Públicas a cargo da Junta Geral do Distrito de Ponta Delgada (fig. 3.31.) (anexo 6).



Fig. 3.31. Planta de parte do Vale das Furnas



Fig. 3.32. Furnenses à espera da visita régia no jardim do Tanque

No início do século, dá-se a visita do rei D. Carlos e da Rainha D. Amélia à Madeira e aos Açores. As Furnas receberam-nos a 9 de Julho, houve 15 filarmónicas a tocar o hino nacional no atual Parque Terra Nostra e à noite houve um imenso fogo-de-artifício que decorou o parque num grande jogo de luzes (Silva, 2009; Ferreira e Forjaz, 2009).

Uma das maiores revoluções que ocorreram em São Miguel no início do século foi o aparecimento do automóvel (fig. 3.33. e 3.34.). Na *Gazeta da Relação* foi referido a 5 de Julho de 1910 o início da carreira entre Ponta Delgada e Furnas e outras zonas da ilha, pela empresa “Pacheco & Sousa”. Também Fernando Alcântara começou passados alguns meses uma carreira para as Furnas num *Ford* de 5 lugares e ainda com espaço para cestas (Ferreira e Forjaz, 2009).

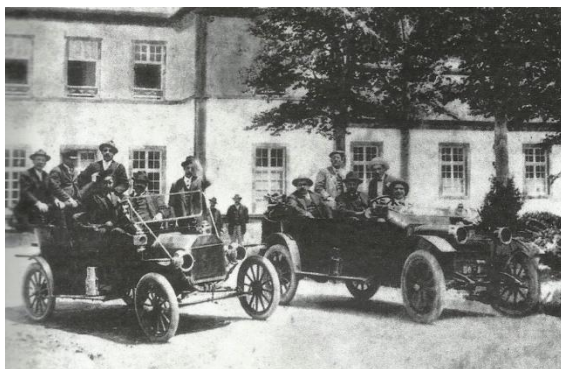


Fig. 3.33. Excursões nas Furnas



Fig. 3.34. Excursão da família Feijó à volta da lagoa das Furnas

Em 1909 surgiu a primeira instalação elétrica no Vale das Furnas, mais propriamente no Casino, a 15 de julho de 1909; há um relato sobre este acontecimento no *Aurora Povoacense* (publicado a 17 de Julho de 1909).

A cada ano que passava a evolução no Vale das Furnas era cada vez mais notável e, neste contexto, foi idealizado até um projeto de construção de um caminho-de-ferro que ligasse o Vale das Furnas à Vila da Ribeira Grande e Ponta Delgada. Obviamente nunca chegou a ser realizado devido a diversos problemas, tanto financeiros como estruturais (*Diário dos Açores*, 1920; Simões, 1965; Ferreira e Forjaz, 2009).

Em 1912, Charles Lepierre, professor no Instituto Superior Técnico de Lisboa, sócio da Academia das Ciências de Lisboa e membro da Sociedade Química de Paris, realizou um importante estudo publicado em 1917 intitulado de *Análise das Águas Minero-medicinais do Vale das Furnas*. Neste estudo foram analisadas 16 águas, e trata-se de um dos mais importantes estudos hidrogeológicos na época.

A 9 de Agosto de 1919, ocorreu uma cheia que destruiu uma parte da freguesia incluindo os jardins e pomares. Esta cheia provocou enormes estragos também na estância termal dos Banhos Novos em que o rés-do-chão ficou totalmente inundado, e pondo em causa o bom estado das banheiras e de todo o mobiliário da estância (Correspondência trocada entre os serviços administrativos do edifício termal e a Junta Geral, recolhida no arquivo da DRTT).

Nesta altura surgiu um furnense chamado José Gaspar, que se destacou nas Furnas quando regressou dos Estados Unidos com um motor Ford, com o qual mandou construir um transporte coletivo público com capacidade para 25 passageiros (fig. 3.35. e 3.36.), com o objetivo de fazer carreiras de ida e volta Ponta Delgada – Furnas (Ferreira e Forjaz, 2009).



Fig. 3.35. O primeiro transporte coletivo motorizado e José de Paiva Gaspar;



Fig. 3.36. Peditório realizado na carrinha de José Paiva Gaspar;

Em 1933, dá-se a revolução turística no Vale das Furnas, com o desenvolvimento gradual dos transportes públicos e a generalização do automóvel. Este aumento do turismo começou com a Fundação da Sociedade Terra Nostra, constituída pelo Doutor Augusto Rebelo Arruda, Francisco Bicudo de Medeiros e Lúcio Agnelo Casimiro. Esta sociedade tinha como objetivo o progresso da atividade turística (Costa, 1987; Ferreira, 1999; Moniz, 2016).

Nesta época, havia a imperiosa necessidade de um grande e moderno hotel, e este projeto só foi possível com a adesão à Terra Nostra dos empresários Vasco Bensaúde, Albano Pereira da Ponte, do Dr. Francisco Machado Faria e Maia e Luís Bernardo Leite de Ataíde. O projeto foi entregue a Manuel António Vasconcelos (1907 –1960), que traçou uma decoração de influência *Art Déco*, vindo o Hotel Terra Nostra a ser inaugurado a 20 de Abril. Era um hotel constituído por 40 quartos, sendo 3 de luxo, denominados de Azálea, Camélia e Hortênsia (Ferreira, 1999; Lobo, 2012).

Uma das formas de atrair cada vez mais pessoas ao Vale foi remodelar novamente a Assembleia Furnense num Casino (fig. 3.37.) bacará, cinema e *dancing*, com a orquestra da Harmónica Furnense presente em todos os bailes e divertimentos, e que era o principal entretenimento dos hóspedes do Hotel (Ferreira e Forjaz, 2009).

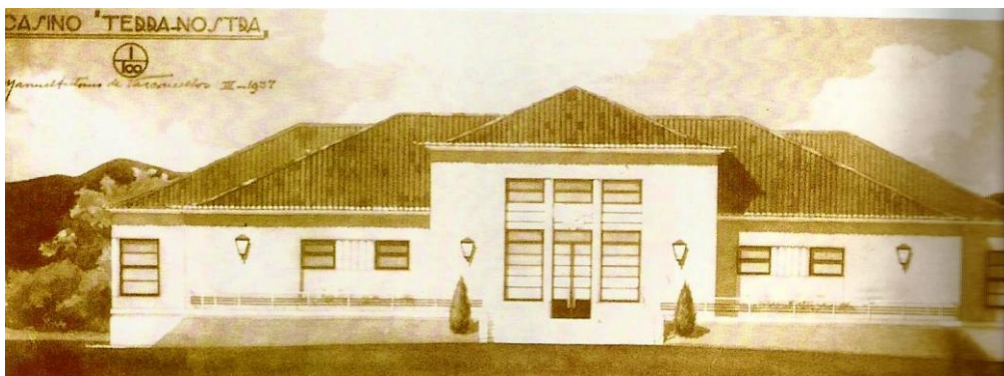


Fig. 3.37. Projeto do Casino

Em 1936, Vasco Bensaúde, conseguiu comprar o Jardim do Tanque aos herdeiros do Marquês da Praia. Em 8 de Agosto de 1937, foi inaugurada a piscina do Parque Terra Nostra, a qual foi ampliada e melhorada (fig. 3.38.). A piscina de água férrea abrangia uma área de mais de 2.500 m² e funcionava das 8:00 hrs às 12:30 hrs e das 16:00 hrs às 18:00 hrs. Um dia depois da inauguração, houve uma excursão holandesa com 385 turistas (Ferreira e Forjaz, 2009).



Figura 3.38. Piscina Termal do Parque Terra Nostra

Com a Segunda Guerra Mundial, e como referido no capítulo 1 desta dissertação, há um certo declínio no termalismo na Europa, o que se fez notar no fluxo de visitantes, embora o Hotel Terra Nostra tenha recebido durante este período, várias pessoas da alta sociedade, desde políticos e atores norte-americanos (Martins, 2005).

No arquivo da DRTT foi identificado também um projeto e orçamento, datado de 1944, que avalia a necessidade de substituir as canalizações das águas termais que serviam as

quatro alas do balneário, por estas se encontrarem completamente obstruídas por concreções depositadas pelas águas e que estavam a impedir o bom funcionamento dos serviços do balneário.

Foi identificado no mesmo arquivo um projeto, de 1953, destinado à montagem de uma bomba de arrefecimento das águas sulfúricas do Balneário das Furnas. Neste contexto, o Dr. Frederico Moniz Pereira ao apresentar o projeto, também referiu os seguintes aspetos:

- Estância Balnear não possui banhos higiénicos, mas sim medicinais, água quente é das Quenturas e água fria é das Pedras do Galeno que está inquinada na origem há muitos anos, sendo talvez impossível sanear a nascente de água fria;
- A utilização da água da Ribeira vem carregada de dióxido ferruginoso e do toda a espécie de imundice;
- A água utilizada no banho será depois lançada novamente na ribeira
- Refere ainda a importância e benefícios da água Gloria Patri, segundo os estudos de Herculano;
- Defende ainda que apesar dos custos serem maiores, o uso da água da nascente Gloria Patri é a melhor opção, por ser potável e fornecer banhos higiénicos.

Neste projeto podemos observar uma planta dos tanques de arrefecimento e um alçado dos mesmos à escala de 1:100 (fig.3.39.).

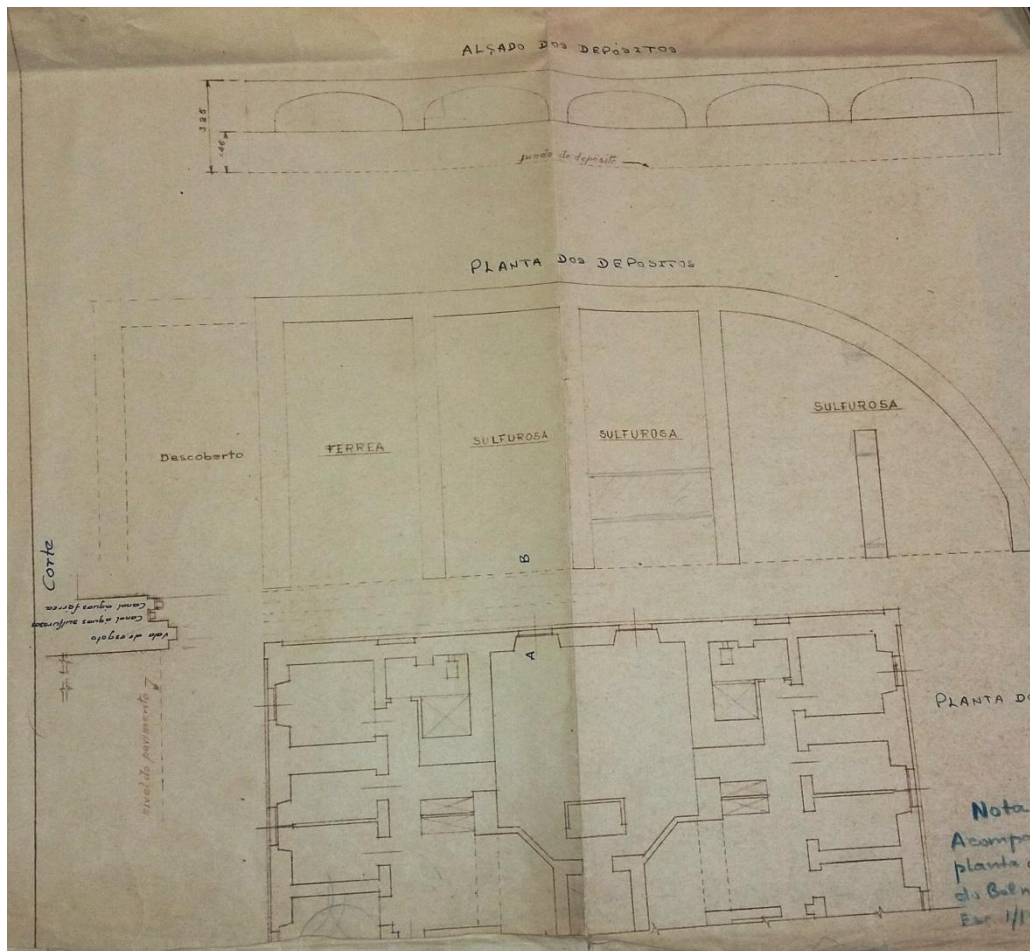


Fig. 3.39. Planta e alçado dos tanques de arrefecimento

Há igualmente no mesmo arquivo um projeto das obras a realizar no balneário das termas das Furnas, datado de 1956, onde estão identificadas as seguintes alterações:

- Instalação de uma buvete de mármore com quatro bicas no pátio central do edifício das termas (fig. 3.40.);
- Adaptação do pátio central (fig. 3.41.);
- Fornecimento e assentamento de novas instalações para as águas da Caldeira Grande, Padre José, e das Quenturas;
- Fornecimento e assentamento de 12 banheiras novas e limpeza das restantes 16;
- Fornecimento de mobiliário (fig. 3.42., 3.43. e 3.44.);

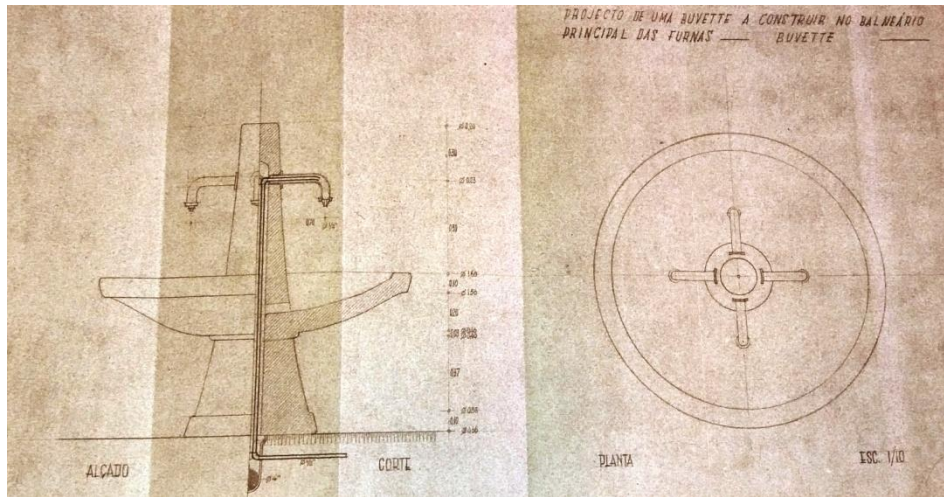


Fig. 3.40. Projeto da buvette de mármore com quatro bicas

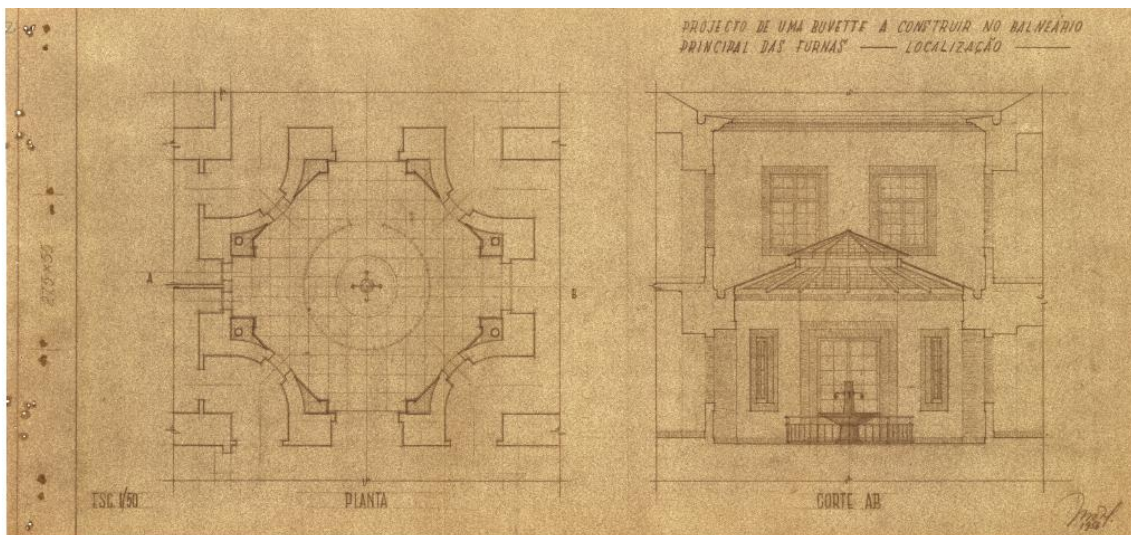


Fig. 3.41. Projeto de adaptação do pátio central

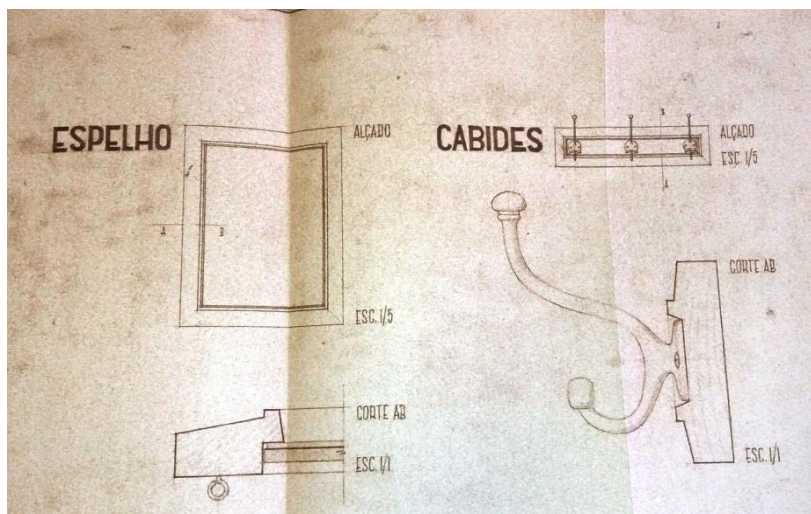


Fig. 3.42. Projetos do mobiliário fornecido

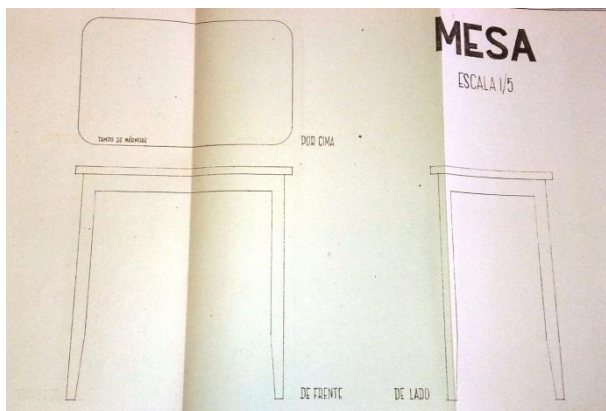


Fig. 3.43. Projetos do mobiliário fornecido

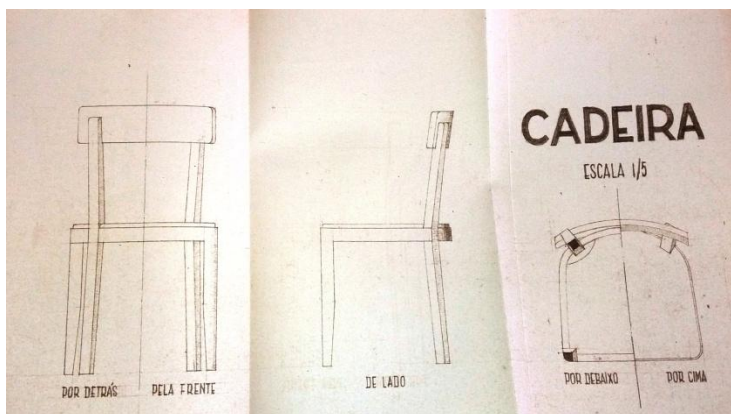


Fig. 3.44. Projetos do mobiliário fornecido

No mesmo projeto, identificou-se uma planta do vale das Furnas com a indicação das nascentes a serem trabalhadas para fornecimento e assentamento das novas instalações no plano de urbanização (anexo 7) (Fig. 3.45.). Também foi identificado um alçado da fachada do edifício termal “Banhos novos” (anexo 8).

Por outro lado, no arquivo da DRAIC identificou-se um projeto datado de 1947 das zonas termais a serem defendidas no plano de urbanização, (anexo 9). O plano de urbanização foi realizado por Abilino Vicente (Engenheiro Chefe da Inspeção de Águas) e o projeto apresentado foi elaborado pelo arquiteto Nereus Fernandes, datado de 1959. Nesta carta, foram representadas as nascentes termais e as caldeiras a serem defendidas.

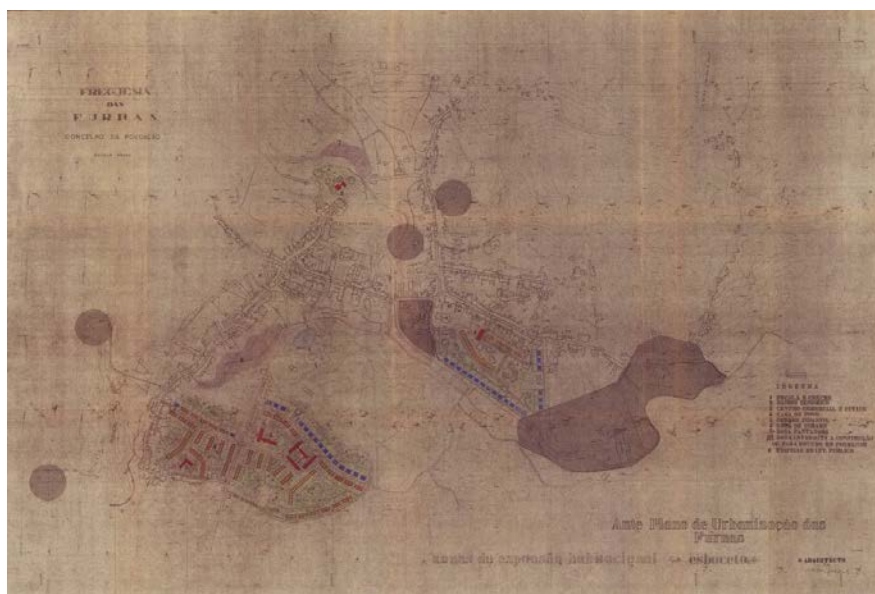


Fig. 3.45. Projeto das zonas termais a serem defendidas no plano urbanização realizado por Abilino Vicente

Em 1966, foi adquirido pela Junta Geral uma instalação de serragem e trabalho mecânico de madeiras que se situava junto à Estância Termal das Furnas, pela importância de 242.600\$00. O motivo da compra desta instalação foi justificado pelo Sr. Presidente pelo facto de “*libertar a Rua das Termas de uma construção impropria para o local*”⁸ (fig. 3.46.).

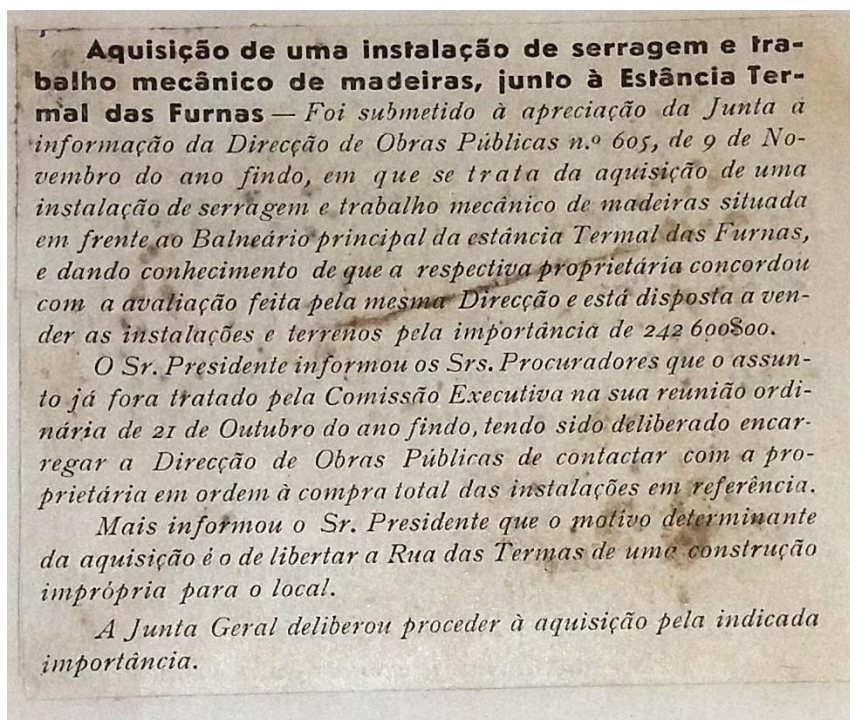


Fig. 3.46. Notícia de aquisição de uma instalação de serragem e trabalho em madeiras perto do estabelecimento termal

Em finais dos anos 70, chegou à direcção dos Banhos Novos o médico hidrologista Doutor Adelino Dias. Quando assumiu a direcção, o edificio termal já dispunha no 1º andar de uma enfermaria, uma cozinha e de uma sala de estar para os termalistas, embora não estivesse em funcionamento, facto que levou o Dr. Adelino a colocar em funcionamento estas duas zonas para o bem-estar lúdico e social dos pacientes integrados em tratamentos termais.

As termas eram utilizadas principalmente por pessoas que frequentavam os lares de 3ª idade (inicialmente de Ponta Delgada e mais tarde outros concelhos começaram a frequentar também). Para além dos tratamentos termais, faziam animações com grupos

⁸ Coleção da documentação sobre o edificio termal, recolhida no arquivo da DRTT.

folclóricos locais (nas quais as pessoas em tratamento também acabavam por participar), cantores, malabaristas, ilusionistas, dançarinos, de forma a fomentar alguma atividade de entretenimento saudável para a 3ª idade.

Segundo o testemunho do Doutor Adelino Dinis, nos inícios dos anos 80, iniciou-se um novo projeto de remodelação do Balneário Termal das Furnas. Este novo plano previa a introdução de novas técnicas que permitissem uma melhor utilização das águas termais (duches subaquáticos, banhos de vapor, duches filiformes, etc.), juntamente com uma unidade destinada à fisioterapia, com piscinas individuais e coletivas, ginásio, equipamentos de eletroterapia, mecanoterapia e educação funcional. Nestas obras de remodelação também estava previsto uma unidade de internamento e hoteleira com 33 quartos duplos e 76 camas com casa de banho privada. Durante toda a estadia, os pacientes teriam apoio médico e de enfermagem, assim como o conforto semelhante ao de uma unidade hoteleira em que o bem-estar e a saúde eram importantes para o tratamento dos pacientes. As obras de ampliação foram projetadas para atender 2.500 utentes por ano que fizessem normalmente 18 dias de tratamento (fig. 3.47., 3.48., 3.49. e 3.50.).

A 20 de agosto de 1990, foi inaugurada a 1ª fase (e última) das obras de remodelação do balneário dos Banhos Novos (que decorreu de 1987 a 1990), ficando contudo incompleto o projeto inicial de recuperação e relançamento do termalismo nas Furnas pela não execução da 2ª fase, que seria a sua ampliação e introdução de novas técnicas de tratamento tais como piscinas e tanque de fisioterapia (DRTT, 1988/90 Projeto de Ampliação e reformulação das termas).



Fig. 3.47. Fachada do edifício termal durante a 1ª fase de obras



Fig. 3.48. Uma das banheiras de mármore



Fig. 3.49. Outra visão do quarto de banho termal

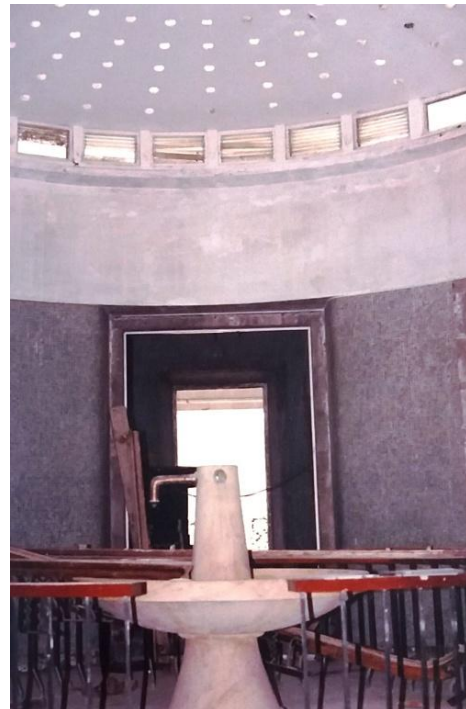


Fig. 3.50. Buvete

Findas as obras de remodelação, o Centro Termal das Furnas, possuía diversos tratamentos hidrológicos tais como:

- Banho de imersão;
- Banho de hidromassagem (fig. 3.51.);

- Jacúzi;
- Duche circular, agulheta duche com massagem (tipo Vichy)
- Nebulização individual;
- Inalações e pulverizações (fig. 3.52.);
- Peloidoterapia com lamas;
- Medicina física e de reabilitação;

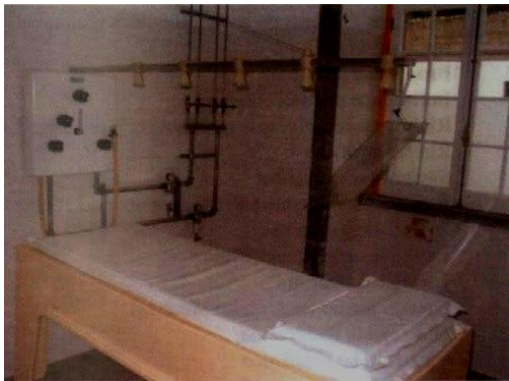


Fig. 3.52. Sala de inalações e pulverizações

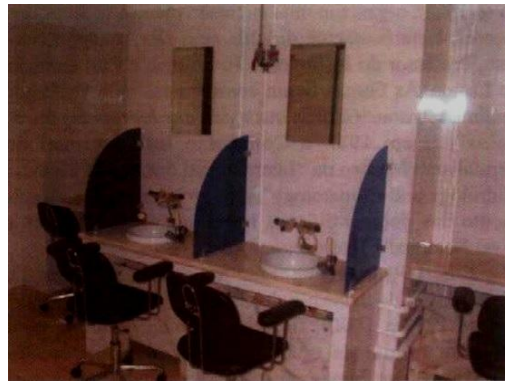


Fig. 3.51. Banho de hidromassagem

As águas utilizadas eram provenientes da Caldeira Grande (água sulfúrea sódica hipertermal, cerca de 90° C, silicatada e fluoretada) e da nascente das Quenturas (água bicarbonatada, hipertermal, cerca de 60° C, levemente acidula, muito silicatada e férrea).

Desde a inauguração do estabelecimento termal em 1990, não havia direção clínica por um médico hidrologista, e logo a avaliação e divulgação dos resultados terapêuticos não era realizada. As consultas eram realizadas por dois médicos hidrologistas em *part-time* e apenas três dias por semana.

Durante a investigação realizada no arquivo da DRAIC, teve-se conhecimento que em 1998 foi solicitado à Direção Regional do Turismo uma autorização para a produção de um documentário sobre as terapêuticas mineromedicinais de Portugal, intitulado “Saúde em Portugal” que seria lançado a nível nacional e internacional. Este projeto estava preparado para futura divulgação de publicidade e marketing em quatro línguas (português, inglês, francês e alemão). A empresa responsável pelas filmagens do documentário designava-se *Raj & Dee Enterprise* e solicitou à Direção Regional do

Turismo alojamento durante alguns dias para a equipa de produção, assim como outros apoios necessários na divulgação do mesmo. Infelizmente, devido “aos constrangimentos orçamentais, a realização do documentário (...) não se mostrou viável”.

3.1.4. O Termalismo no quadro turístico atual

No início no século XXI, nota-se que o Vale das Furnas mantém-se como ponto de veraneio e de convívio social desde o século XIX em crescimento contínuo, pois a valorização das virtudes do Vale como um importante fator de desenvolvimento da região foi determinante para este desenvolvimento no setor turístico. Por outro lado, a Junta de Freguesia de Furnas e Câmara da Povoação mostrou-se interessada em dinamizar cada vez mais o Vale. Uma destas medidas foi a inauguração do Parque de Campismo das Furnas situado na vila, campismo que anteriormente funcionava informalmente junto à Lagoa das Furnas, com impactos negativos sobre a área atendendo às práticas inapropriadas dos capistas para com a Natureza que os rodeava [3].

Em 2006, a Junta de Freguesia também inaugurou a Praça Multiusos, um jardim infantil, assim como o antigo edifício dos Banhos do Chalé (atual Observatório Microbiano dos Açores) e a Casa do Artesanato [4]...

A Poça da Dona Beija, também conhecida por “Poça da Juventude”, “Poça Paraíso” entre os populares, está localizada na zona das “Águas Quentes”, na margem de um pequeno braço da ribeira que forma a Ribeira dos Lameiros. Esta água quente brotava para o solo, enriquecendo anteriormente a produção agrícola dos famosos inhames de água quente das Furnas. Anteriormente, as pessoas banhavam-se apenas numa pequena poça de água termal no interior de uma pequena gruta (fig. 3.53.), designada por gruta da Lomba das Barracas. Segundo os furnenses, o primeiro utilizador desta água quente foi um padre da freguesia. Lentamente esta poça de água termal foi adquirindo notoriedade entre a população [5].



Fig. 3.53. Poça da Dona Beija

Em 1988, ocorreu a primeira intervenção governamental com alguns melhoramentos na zona, com a construção de uma pequena passadeira em cimento, devido ao aumento cada vez maior de aqúistas nesta zona. O nome de Poça da Dona Beija surgiu essencialmente devido a uma telenovela brasileira, onde a protagonista se banhava numa poça de águas termais parecida com a poça em epígrafe [5].

A afluência de termalistas aumentava a cada ano, o que levou a Secretaria Regional do Ambiente e do Mar a anunciar, em 2005, o início de um projeto de intervenção que visava o aumento da capacidade de utilização e de uma nova passadeira com a devida segurança. Em 2007, caiu um rochedo de 15 quilos sobre a cabeça de uma banhista, o qual sofreu um traumatismo craniano e perfuração da pleura. No dia seguinte, a Secretaria Regional do Ambiente e do Mar tomou imediatamente a decisão de vedação da zona termal ao público, lançando um concurso público para a requalificação ambiental das margens da ribeira. A intervenção terminou em 2010, ficando a gestão e manutenção sob responsabilidade da empresa Criações Naturais Lda. Recentemente (entre 2014 e 2015) o espaço termal sofreu novamente obras de ampliação e requalificação, dotando o espaço de maior capacidade para banhistas, com melhores condições e mais satisfação dos seus utilizadores (fig. 3.54., 3.55. e 3.56.) (Ferreira e Forjaz, 2009).



Fig. 3.54. Planta do novo espaço termal da Poça da Dona Beija



Fig. 3.55. Poça da Dona Beija após as obras de ampliação; poça da entrada



Fig. 3.56. Poça da Dona Beija após as obras de ampliação

Por outro lado, durante vários anos o estabelecimento termal das Furnas (atual Furnas Boutique Hotel Spa) ficou encerrado, devido a complicados “problemas jurídicos”, segundo uma notícia do Açoriano Oriental. O hotel só inaugurou a 27 de Março de 2015 e está integrado na rede da reconhecida marca internacional Design Hotels (Açoriano Oriental, 1 de Dezembro de 2011) [6].

Contudo, as obras realizadas nos anos 80 e terminadas por volta dos anos 90, em que foram remodeladas algumas técnicas de tratamento que implicaram na época um grande investimento financeiro, nenhuma destas técnicas de medicina termal como hidromassagem, duche circular, agulheta e duche com massagem, duche Vichy, nebulização e espaços para inalações e pulverizações, foi aproveitada para os

tratamentos de Spa no atual hotel, verificando deste modo que o investimento feito nos anos 90 foi redundante pelas poucas utilizações que estas técnicas tiveram e pela falta de conhecimento sobre os esforços que foram feitos desde meados do século XIX para a construção de um estabelecimento termal que acolhesse todos os cidadãos que necessitassem de tratamentos termais e internamento de modo a serem seguidos por um médico hidrologista. Embora o Hotel Spa tenha diversos tratamentos, estes não são prescritos nem vigiados por um médico hidrologista, e buscam apenas o prazer e bem-estar e não a saúde.

Segundo o Dr. Adelino Dinis, o Furnas Boutique Hotel “não corresponde (...) ao desenvolvimento do termalismo que se esperava para as Furnas” e “é muito redutor na acessibilidade dos utentes e o termalismo fica praticamente condicionado apenas aos utentes da unidade hoteleira” (Açoriano Oriental, 1 de Dezembro de 2011) (Anexo 10).

O Furnas Boutique Hotel detém atualmente uma piscina exterior termal (fig. 3.57.), uma piscina interior termal (fig. 3.58.), dois tanques de água (sendo um de água fria e o outro de água quente) (fig. 3.59., 3.60.), uma sauna (fig. 3.61.), um banho turco (fig. 3.62.), um *laconium*⁹ (fig. 3.63.) e um ginásio.

⁹ Sala seca para repouso, onde o banhista conclui o processo de repouso.



Fig. 3.57. Piscina exterior termal



Fig. 3.58. Piscina interior termal



Fig. 3.59. Tanque de água termal

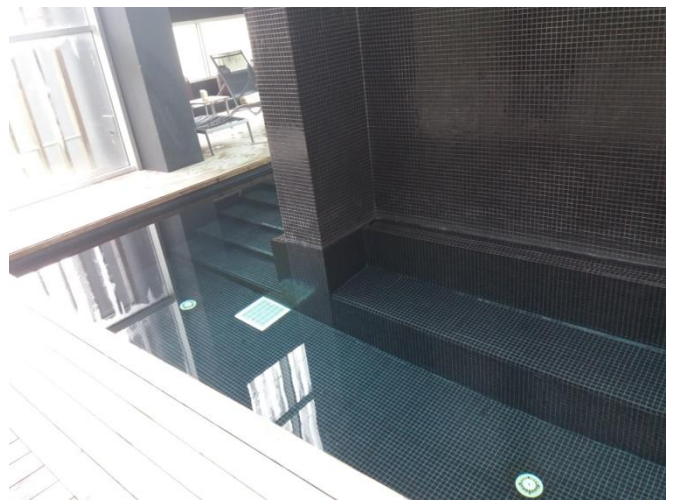


Fig. 3.60. Tanque de água natural



Fig. 3.61. Sauna



Fig. 3.62. Banho turco



Fig. 3.63. Laconium

Ao nível turístico, foi a partir da primeira década do século XXI, com a liberalização do espaço aéreo e a vinda das empresas de aviação *low-cost* Easy-jet e Ryanair em 2015, segundo testemunhos orais de residentes da freguesia das Furnas, que se observou um grande aumento da atividade turística nas Furnas, o que pode observar-se nos estudos estatísticos da página *online* do Observatório do Turismo dos Açores [7].

Um importante evento que ocorreu recentemente foi a Festa no Casino das Furnas que aconteceu em agosto de 2015, inserida nas celebrações dos 80 anos do Terra Nostra Garden Hotel e do nascimento da Bensaúde Hotels. Nesta festa, criou-se o conceito “aproveitando o que de melhor se fez em anos anteriores” e recebendo uma referência musical como os Lucky Duckies”, banda que já atuou para o Presidente da República e também para o antigo Presidente dos EUA, Barack Obama, reavivando clássicos dos anos 40, 50 e 60 [8].

Também como grande novidade, no aproveitamento das águas termominerais das Furnas, destaca-se a criação de um queijo com água mineral azeda das Furnas, que uma jovem de 17 anos produz de forma artesanal, sendo os ingredientes o leite e a água mineral azeda do vale das Furnas. Para se chegar à água mineral adequada para o fabrico do Queijo do Vale foram testadas cinco opções, num processo que contou com o apoio técnico e científico do Instituto de Inovação Tecnológica dos Açores (INOVA) [9].

Tendo em conta a evolução do turismo nos Açores (OTA, análise anual, 2016) [10] em particular na ilha de São Miguel, as Furnas são um ponto de passagem obrigatório, onde os visitantes ficam completamente deslumbrados com a natureza que envolve o Vale. Neste âmbito, observamos que o Governo Regional demonstrou interesse em promover as Furnas como destino de Turismo Termal. Tendo em conta a ampliação do antigo estabelecimento termal das Furnas ao atual *Furnas Boutique Hotel & Spa*, nota-se que este visa apenas o turismo de bem-estar, pois apresenta uma componente de tratamentos de conforto e *relax*, em detrimento dos tratamentos termo-medicinais, que era a sua principal missão desde a sua fundação. O governo deveria ter optado pela ligação das duas vertentes, tal como acontece em diversas unidades hoteleiras que se interligam às estâncias termais e procuram satisfazer os dois tipos de termalistas, os que procuram a saúde e o alívio da dor e os que procuram apenas o bem-estar.

Atualmente podemos observar que o edifício termal dos Banhos Novos que foi em tempos um dos estabelecimentos termais mais importantes desta freguesia, pois visava a cura termal mediante um médico hidrologista assim como permitia o internamento de doentes durante o processo de cura, foi convertido numa unidade hoteleira com objectivos comerciais. Do nosso ponto de vista dever-se-ia ter continuado com a missão do estabelecimento original para o qual foi criado, pois valorizava a componente termal das Furnas, proporcionando a cura, alívio e a saúde a todos os que necessitavam de um tratamento vigiado e com estudos científicos reconhecidos.

O Parque Terra Nostra era e continua a ser um espaço de recreio, para onde muitos locais e turistas são atraídos pela enorme piscina de água termal férrea. Este parque está incluído na lista da Condé Nast de Melhores Retiros Verdes do Mundo, por ser um repositório único de espécies vegetais de quase todo o mundo [11].

Por outro lado, das numerosas casas de banhos que existiram, muitas fecharam como é o caso do *Chalet* das Misturas que é atualmente o OMIC (Observatório Microbiano dos Açores), ou a antiga casa de banhos Raposo do Amaral que é atualmente uma casa de chá, perto das Caldeiras das Furnas.

Uma das zonas onde ainda se pode apreciar um pouco da riqueza termal das Furnas de forma gratuita é onde os populares chamam de Lava-pés ou Poça da Silvina (fig. 3.64.), água muito quente (cerca de 40°C) que continua a ser muito utilizada pela população

furnense e os visitantes no tratamento de dermatoses ou apenas para passar um bom bocado com os pés no interior deste tanque.



Fig. 3.64. Poça da Silvina ou Lava-pés

Até ao ano anterior, havia também uma piscina de água férrea designada de “Banhos Férreos Emergência” (fig. 3.65.), a qual foi encerrada, por recomendação da autoridade sanitária, devido à falta de requisitos de higiene, que constituía um risco para a saúde pública e falta de licenciamentos. Esta piscina pertencia à Câmara Municipal da Povoação, que a concessionou à Junta de Freguesia das Furnas, que por sua vez a sub-concessionou ao proprietário do restaurante Banhos Férreos [12].



Fig. 3.65. Banhos Férreos Emergência

3.2. Outros estabelecimentos termais de São Miguel

3.2.1. Caldeiras da Ribeira Grande

As Caldeiras da Ribeira Grande (fig. 3.66.) situam-se no concelho da Ribeira Grande. As águas que brotam neste local são denominadas de sulfúreas e atingem temperaturas de 69,1°C na Caldeira Pequena e de 54,8°C na Caldeira Grande. Consideram-se que as águas das Caldeiras são boas para o reumatismo e para a pele, sendo utilizadas pelos residentes tanto para terapia como para higiene (Rocha, 2011).



Fig. 3.66. Vale das Caldeiras

Gaspar Frutuoso fez provavelmente as primeiras referências às Caldeiras da Ribeira Grande nas *“Saudades da Terra”* no século XVI onde se destaca a seguinte alusão: *“Além do lugar onde disse que estivera a fábrica de pedra hume, perto de meia légua da vila da Ribeira Grande, (...) e no tempo antigo, antes de tirar dali a pedra estavam umas caldeiras ou furnas, como covas pequenas na mesma terra, que ferviam com olhos de água e polme; mas depois que se deixou de tirar a pedra hume, se abriram estas covas doutra maneira, mais em número e mais bravas e espantosas que dantes, de tal maneira que tirando serem mais pequenas, quase são tao furiosas como as Furnas”*. Com base na descrição Moniz (2016) aponta para o facto de que a zona descrita por

Gaspar Frutuoso sobre as Caldeiras da Ribeira Grande parece ser um espaço maior do que o atual.

Ainda na obra de Gaspar Frutuoso, pode colher-se algumas características das águas, nomeadamente a sua cor, temperatura e utilização:

“Dali a sete braças de dez palmos cada uma, para a banda da serra, ou do sul, está um caldeirão pequeno e raso com a face da terra, de água clara de tanta quentura, que se não pode aguardar com a mão, senão, metendo-a e tirando-a logo, que é da mesma quentura da furna da água clara das Furnas, e como nela, também neste caldeirão de podem pelar cabritos; pegado com ele estão muitos olheiros rasos de água clara fervendo, uns de água quente, mas não tanto como a do caldeirão, outros estão fervendo, sendo a água doce e fria. Antre estas caldeiras estão muitos resfolgadouros por onde sai fumo e quentura, que em alguns lugares lhe não pode aguardar a mão, e podem neles assar ovos. A cor da terra (antre a qual as caldeiras estão) é de pedra hume, como cal cizenta, da mesma maneira da das Furnas, e o fumo que sai delas também cheira a enxofre, como o das Furnas”.

Tempos mais tarde, é Frei Diogo de Chagas na sua obra *“Espelho Cristalino em Jardim de várias Flores”* que refere a utilização das águas para banhos termais, transportando-se água para o Convento dos Frades Franciscanos, na vila da Ribeira Grande. Nesta obra é referida também a erupção de 1563 (Pico do Sapateiro) que destruiu algumas nascentes tornando-as impróprias para consumo:

“mas não são muito boas por passarem por minerais, e fogos que acima della [ha] semelhantes aos das furnas, em cujas agoas, se uão também tomar banhos e algumas pessoas se achão muito bem com ellas // como eu esprimentei o Setembro do anno de 1643”.

Em 1723, surge Francisco Chaves de Melo, com uma descrição sobre a utilização das águas para banhos:

“Ao sul da Vila da Ribeira Grande ao pé de uma serra estão umas Caldeiras de água mui cálida e continuamente fervente, em que os enfermos tomam banhos por serem medicinais as águas dos minerais”.

Deste modo, podemos afirmar que a utilização destas águas datam desde o século XVII, para tratamentos e alívio de diversas doenças. Contudo, é a partir do século XVIII que se nota mais referências sobre as Caldeiras da Ribeira Grande.

Tal como ocorreu nas Furnas, no século XIX as Caldeiras da Ribeira Grande passaram a ser um local muito procurado, principalmente pelos banhos terapêuticos que a zona das Caldeiras oferecia. Deste modo, a 2 de Março de 1811 a Câmara deliberou que se construísse uma casa na zona das Caldeiras. Ao longo dos anos, estrangeiros e portugueses visitaram as Caldeiras da Ribeira Grande tanto para férias como para investigação. Passaram pelas Caldeiras nomes como Thomas Ashe (1811), John W. Webster (1817-1818), Captain Boid (1832), os irmãos Bullar (1838 e 1839) e Ferdinand Fouqué (1867) (Rocha, 2011).

Moniz (2016), refere que na ata da vereação da Câmara sobre os banhos medicinais são referidos, para além das populações locais, os estrangeiros que procuram a cura para os seus problemas de saúde, referencias que evidenciam um conhecimento geral sobre a existência destas águas e das suas qualidades medicinais nesta zona da Ribeira Grande:

“que em atenção ao grande bem que resultará a todos desta Ilha e ainda mesmo a muitos estrangeiros que concorrerão a buscar remédios para a sua saúde, se fizesse uma casa no lugar das Caldeiras à custa deste concelho, onde há muitas águas minerais que passam por diversas minas de ferro, enxofre e outros betumes, pelos quais se conhece a grande utilidade que se poderá tirar destes banhos”(Supico, 1995).

Thomas Ashe (1813) referiu que as termas das Caldeiras da Ribeira Grande eram limpas, bem cuidadas e com águas de boas características terapêuticas e comparou estas termas com as das Furnas afirmando que estas eram mais bem frequentadas que as do Vale das Furnas.

Por outro lado, na obra de John W. Webster *Description of the Island of St. Michael* (1821), é referida na sua visita ao vale das Caldeiras que muitas pessoas que sofrem de invalidez recorrem a estas águas medicinais, mas são muito menos frequentadas do que as das Furnas, onde as casas de banho são muito superiores e em mais quantidade.

Também refere que a quantidade de água que brota não é suficiente para todo o estabelecimento termal, sendo misturada água mineral comum na caldeira onde são

expelidos gases e vapor de sulfureto até a água atingir perto de 200° F., de modo a tornar-se numa água termal sulfúrea.

O Captain Boid, em 1835, fez uma descrição interessante sobre o caminho até ao vale das Caldeiras: *“Fizemos o caminho por entre esta paisagem até chegarmos a um vale profundo cingido por montanhas e ao fundo do qual ficam as caldeiras, ao lado de uma aldeola constituída por oito ou nove cabanas, com acomodações pouco melhores do que as das Furnas”* e depois sobre o vale das Caldeiras *“[...] encontra-se uma nascente de água fresca que, ao ser requisitado um banho, é levada por canais para as caldeiras de lama, onde, com rapidez incrível, atinge o ponto de ebulição, formando bolhas com grande violência e impregnando-se de todos os ingredientes minerais e virtudes das lamas* (fig. 3.67. e 3.68.). *É então conduzida para os balneários onde se tempera conforme o calor desejado e se regula de acordo com as necessidades do doente.”*. Segundo Moniz (2016), este sistema foi sempre utilizado e continua a ser utilizado pela nova gerência dos Banhos da Coroa.

Também é referido que estas instalações eram mais frequentadas talvez pela sua localização próxima da vila da Ribeira Grande e apresentavam resultados muito benéficos nos doentes de reumatismo (Moniz, 2016).



Fig. 3.67. Lamas termais

Por outro lado, os irmãos Bullar (em Abril de 1839) demonstram o seu desapontamento na sua chegada ao vale das Caldeiras e descrevem a sua localização: *“Ficam numa pequena cratera de vulcão extinto em volta de cujas vertentes se construíram alguns*

casebres baixos e mesquinhos, para uso das pessoas que veem a banhos”. Discorreram também sobre a composição das águas das Caldeiras: *“As águas sulfúreas destas Caldeiras não são tão ricas com as das Furnas e o caudal é relativamente pequeno e insuficiente. São, porém, mais ácidas e menos saponáceas, mas do mesmo modo revigorantes. O seu sabor faz lembrar o da água quente com fumo, levemente acidulada”*.

Moniz (2016) aponta um aspeto interessante, que nesta data da visita dos irmãos Bullar, os moradores das casas nas Caldeiras não estão presentes, porque não era ainda a época balnear e era apenas na altura de Verão que os moradores da Ribeira Grande se deslocavam para as suas casas de veraneio permanecendo durante a temporada em que iam a banhos. Deste modo se justifica a descrição do vale pelos Bullar como *“verde solidão”*, *“casas desertas, tristes e brancas, pareciam habitações de uma cidade dizimada pela peste”*. Por outro lado, os irmãos salientam a simpatia com que foram recebidos pelo antigo guarda dos banhos das Caldeiras Manuel Pacheco e pela sua filha Maria.

Após uma visita ao estabelecimento, o balneário na descrição dos irmãos Bullar, continua no interior a apresentar a mesma organização espacial que tem atualmente ou seja: *“um longo edifício, espécie de um duplo estábulo, dividido em quatro compartimentos”*, apenas foi acrescentada mais tarde uma sala de estar, onde passa a ser a entrada do edifício termal.

Por outro lado, o relatório químico da análise das águas das Caldeiras da Ribeira Grande realizados por Ferdinand Fouqué (1872), Engenheiro Charles Lepiérre (1917) e Engenheiro António Herculano de Carvalho (1953) tiveram como conclusão que *“A nascente de água sulfúrica, hipertermal, ácida, das Caldeiras da Ribeira Grande, tem um caudal reduzido, sendo posteriormente, aumentado com águas pluviais. O que lhe retira a sua pureza mineromedicinal.”*



Fig. 3.68. Nascente que desagua na Caldeira Grande

No final do século XIX, surge uma descrição da autoria de Emygdio da Silva (1893) que refere a sua passagem pelas caldeiras da Ribeira Grande e descreve o Balneário como *“um estabelecimento abarracado para banhos, e meia dúzia de casas de habitação feitas com mais gosto que as do vale das Furnas, em geral”*.

Segundo Moniz (2016), muita da informação sobre a descrição do Balneário dos Banhos da Coroa que se encontram nas publicações periódicas estão relacionadas com as famílias que passavam férias no vale, com a festa da primeira pedra colocada na Casa da Assembleia e ainda um artigo sobre a aprovação do regulamento dos banhos, datado de 25 de Setembro e 1857 (Estrela Oriental, 1862). Neste documento estão estabelecidas as regras relacionadas com a utilização do balneário e o modo de conservar o espaço (anexo 11).

Tendo em conta que as casas que existiam na zona das Caldeiras na altura da Assembleia eram casas de verão, as famílias vinham passar a época balnear para as Caldeiras. As senhoras depois do almoço reuniam-se na Casa da Assembleia (fig. 3.69) (existente atualmente) para bordar, enquanto os senhores jogavam às cartas. As termas serviam para higiene pessoal e para os tratamentos terapêuticos aconselhados pelo médico. As termas estavam a cargo da Câmara da Ribeira Grande, que mantinha um funcionário durante todo o dia para a limpeza e preparação dos banhos (Rocha, 2011).

Em 1850, foi mandada construir uma ermida de devoção a Nossa Senhora da Saúde (figura 3.70.). As Senhoras Botelhos foram as principais impulsionadoras tendo aberto uma subscrição para as contribuições monetárias. Antes desta ermida, havia um pequeno oratório, no interior de uma casa abarracada, à entrada das Caldeiras, onde eram realizadas missas durante o Verão. Tendo em conta que esta é uma zona onde muitos procuravam o lazer e a saúde principalmente, a devoção escolhida foi Nossa Senhora da Saúde. Com a obra da ermida concluída iniciaram-se festas da Padroeira das Caldeiras, a qual, movimentava romarias no dia 15 de Agosto para agradecer ou fazer pedidos a Nossa Senhora da Saúde, tradição que ainda se mantém até aos dias de hoje (Moniz, 2016).



Figura 3.69. Casa da Assembleia



Figura 3.70. Ermida de Nossa Senhora da Saúde

O Jornal “Açor”, de 26 de Fevereiro de 1859, contém a primeira referência a um estabelecimento de restauração nas Caldeiras, onde é exposto: Casa de Pasto nas Caldeiras, “Começará este estabelecimento no 1º de Junho do corrente ano, com todas as comodidades necessárias para pessoas com família, ou sem ela”.

Tal como ocorreu nas Furnas, é no final do século XIX, e na primeira metade do século XX que as Caldeiras da Ribeira Grande afirmam-se como um centro de veraneio, sendo a grande parte dos moradores exteriores à vila da Ribeira Grande. O Jornal “O Norte” (1895) refere exatamente o seguinte: “N’este aprazível logar ondde se acham a veranear algumas famílias de Ponta Delgada e d’esta villa tem havido serões muito

animados, dansando-se até depois da meia noite”. Nesta mesma notícia é referida ainda uma grande vontade por parte dos Cavalheiros da Vila de construir uma casa para a assembleia, de modo a que ficasse concluída no Verão seguinte (anexo 12).

Em 1896 foi criada a Assembleia Artística das Caldeiras, constituída por uma elite social, que tinha como objetivo *“cultivar a música e outras artes liberaes e tambem proporcionar aos sócios e suas familias, reuniões dançantes, musicaes, jogos e outras diversões análogas no vale das Caldeiras, concelho da Ribeira Grande”* (Rocha, 2011).

No *Álbum Açoriano*, Cristiano de Jesus Borges, descreve o ambiente que se vivia na zona das Caldeiras, em 1903, e refere o seguinte: *As Caldeiras são, por assim dizer, uma estação termal d’élite, pois que tendo uma dezena de habitações, ali só se reúne um limitado e escolhido numero de veraneantes*” (figuras 3.71., 3.72. e 3.73.).



Figura 3.71. Veraneantes na Casa da Assembleia



Figura 3.72. Veraneantes na Casa da Assembleia



Figura 3.73. Veraneantes na zona das Caldeiras

As pessoas que veraneavam nas Caldeiras, passeavam até à Fonte das Lágrimas (que já não existe), iam até à nascente das Lombadas, Lagoa do Fogo ou Salto do Cabrito, muitos passavam o tempo a jogar croquet e ténis e à noite, reuniam-se todos na Assembleia e conviviam como uma grande família, onde dançavam e cantavam. Contudo, desde meados do século XX até aos dias de hoje, que não há registo de atividade na Casa da Assembleia (Moniz, 2016).

Durante as pesquisas no arquivo da DRTT, recolheram-se três processos sobre esta estância balnear, datados de 1915, 1961 e 1965. Relativamente ao processo de 1915, este corresponde a um processo de orçamento sobre as obras de reparação e conservação do estabelecimento balnear das Caldeiras. O processo datado de 1961, corresponde a duas propostas de construção de uma sala de espera e instalações sanitárias no edifício termal (fig. 3.74. e 3.75.) a primeira assinada pelo Engenheiro C. S. de Medeiros e a segunda pelo Engenheiro Diretor António Damião de Medeiros Melo financiadas pela Direção Geral das Obras Públicas (Junta Geral do Distrito Autónomo de Ponta Delgada); finalmente, o projeto de 1965 refere-se igualmente a um processo sobre a remodelação do balneário das Caldeiras da Ribeira Grande, assinado também pelo Engenheiro Diretor António Damião de Medeiros Melo.

Na primeira proposta é referido na memória descritiva e justificativa que as instalações nesta época resumem-se *“a quatro cabines de banhos, com seis tinas, e um alpendre que protege as entradas de duas das cabines”*. Ainda é relatado as condições precárias desta estância *“tais instalações estão, pelas suas características, muito longe de merecer o nome de Balneário Termal”*.

Neste projeto de ampliação, é proposto que para se proceda à construção da sala de espera devendo-se aproveitar o espaço ocupado na época por duas garagens ou armazéns que se encontravam anexos ao edifício, os quais que se manteriam inalteráveis para a construção das áreas propostas.

Posteriormente, o segundo projeto para a construção de uma sala de espera e instalações sanitárias no edifício termal, segue o conceito de aproveitamento, “ao máximo, a construção existente, limitando as obras, tanto quanto possível, ao aproveitamento da área coberta”.

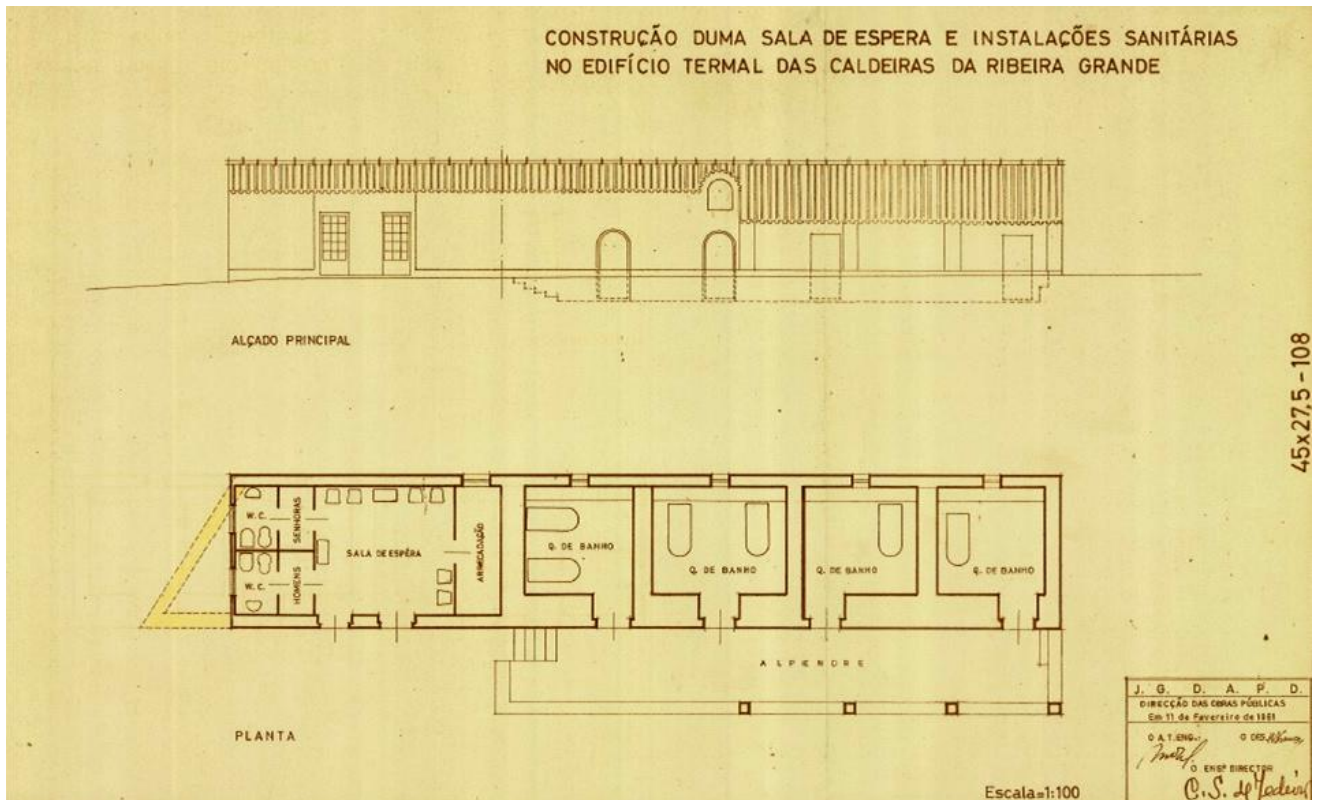


Fig. 3.74. Planta e alçado do 1º projeto apresentado no processo de obras de 1961 para a construção de uma sala de espera e de instalações sanitárias

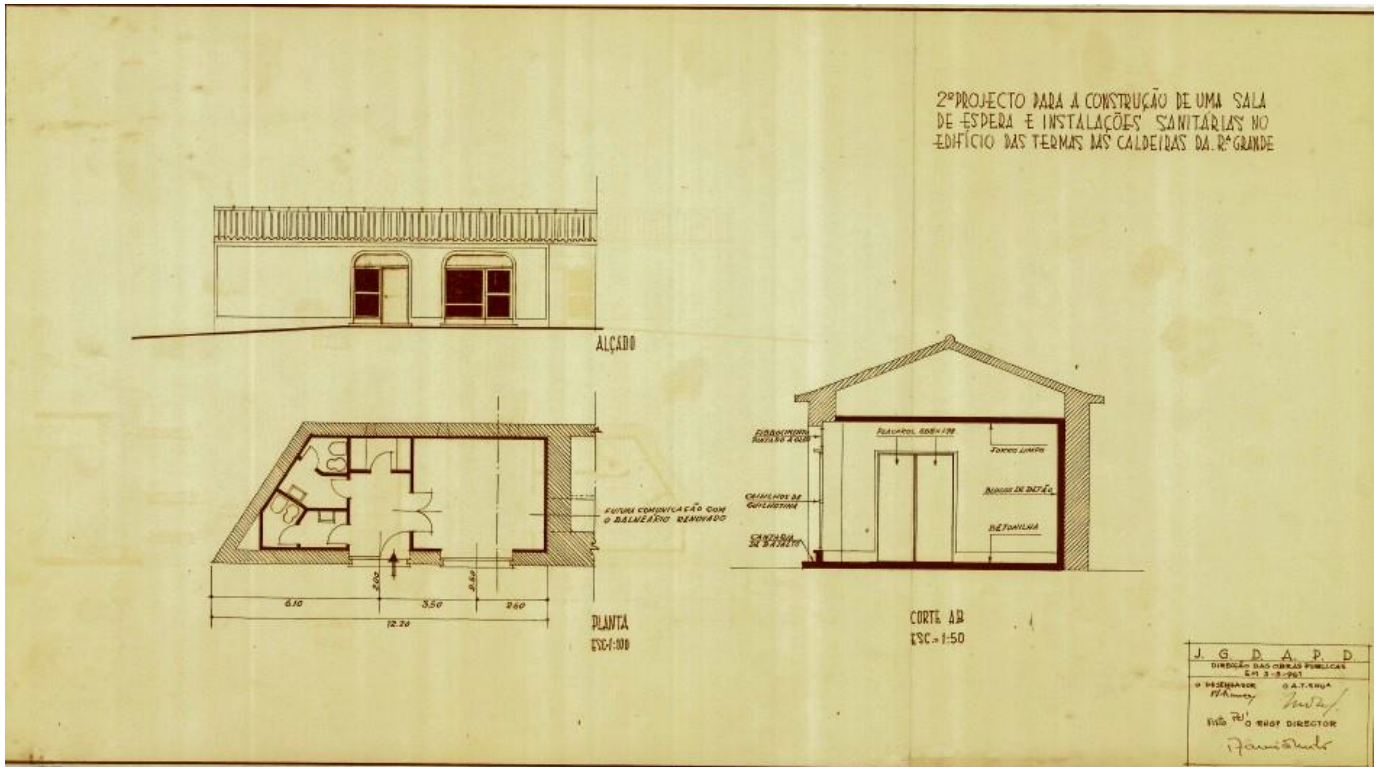


Fig. 3.75. Planta e alçado do 2º projeto de construção de uma sala de espera e de instalações sanitárias

Por outro lado, em 1965, surgiu ainda um novo projeto de construção da sala de espera e instalações sanitárias no edifício termal que segue a mesma ideia dos projetos anteriores (ampliação do edifício com o aproveitamento do espaço ocupado na época por duas garagens ou armazéns que se encontravam anexos ao edifício), mas o que diferencia este projeto dos anteriores é o acesso por um corredor no interior do edifício às salas de banhos, pelo que nos projetos anteriores o acesso era efetuado pelo exterior ou seja pelo alpendre (fig. 3.76.). Pela estrutura que o edifício apresenta atualmente, conclui-se que este foi o projeto aprovado.

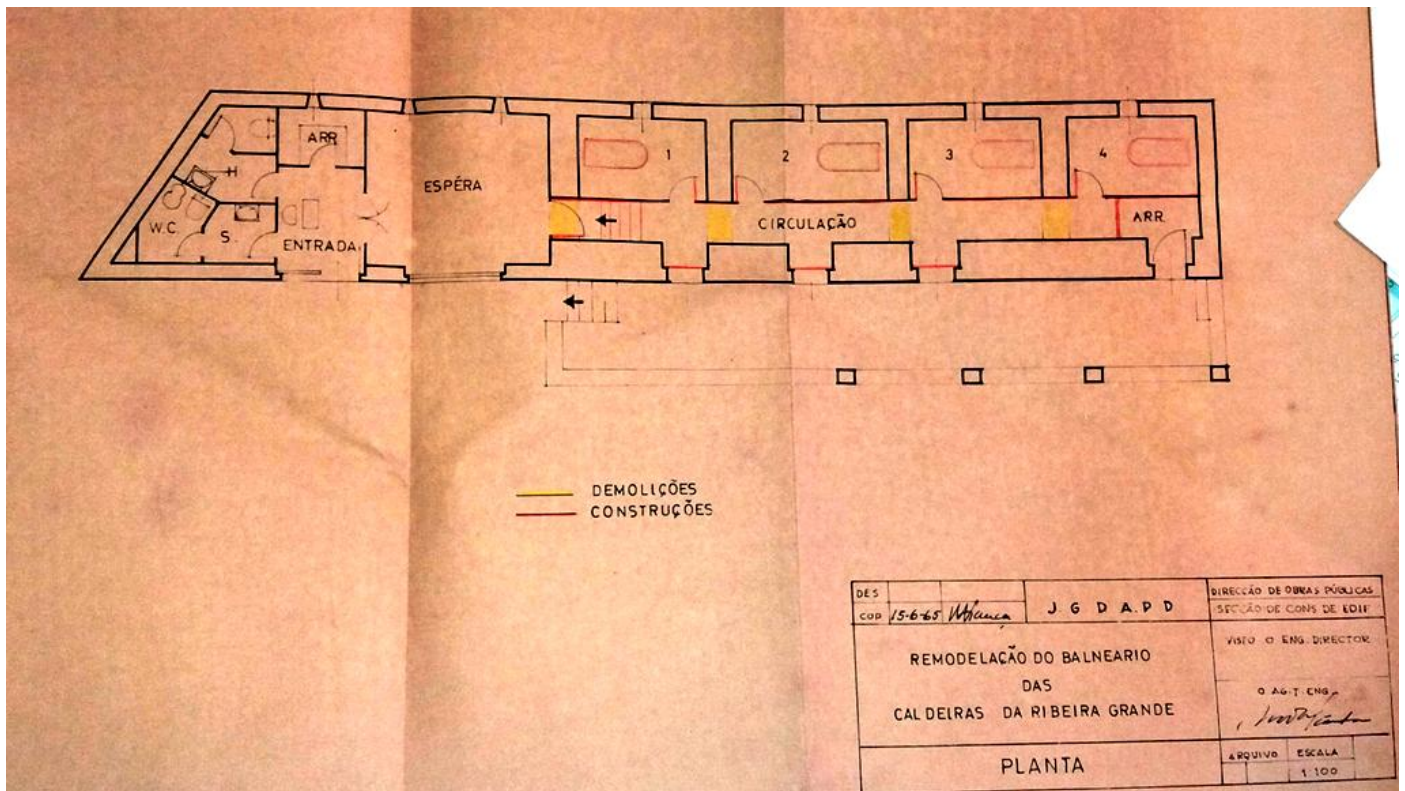


Fig. 3.76. Novo projeto de construção da sala de espera e instalações sanitárias em 1965

Entre o período de 2016 e 2017, ocorreram diversas modificações no interior do estabelecimento, nomeadamente, nos quartos e nas banheiras, pois, como podemos verificar no trabalho de Moniz (2016) em 2016 (altura em que o estabelecimento esteve encerrado) as banheiras eram de material sintético e atualmente são tanques de cimento, assim como as paredes foram revestidas em madeira (fig. 3.77., 3.78., e 3.79.)



Fig. 3.77. Interior das salas de banhos em 2013



Fig. 3.78. Interior das casas de banhos em 2017, após as obras de remodelação



Fig. 3.79. Uma das banheiras onde os termalistas se banham

Em 1971, abriu o restaurante Caldeiras, que passou a integrar alguns roteiros turísticos, e foi recentemente remodelado.

Em 1982, um grupo de trabalho da DRS elaborou um relatório para o Estudo do Termalismo nos Açores e informou a Câmara Municipal da Ribeira Grande que a estância das Caldeiras, não tinha interesse para ser aproveitado na área do termalismo de saúde. Por outro lado, o Dr. Jorge Gamboa de Vasconcelos, considerava *“mais como valor turístico do que valor terapêutico que o balneário das Caldeiras, deve ser apreciado e mantido, o que não quer dizer que, no futuro, e depois da descoberta de novos valores crenoterápicos das suas águas, não possa vir a merecer mais amplo desenvolvimento adentro da Saúde Pública. Isto é mais uma razão para a sua conservação.”*

Apesar do parecer negativo da DRS, os banhos mantiveram-se ativos até 2013 – ano em que D. Odete Correia Mel, de 67 anos, responsável pela preparação dos banhos de forma tradicional, se reformou. (Moniz, 2016).

Em 2016, foi publicitado pela imprensa que o edifício das termas das Caldeiras da Ribeira Grande iria ser explorado por privados, na sequência da abertura de um concurso público por parte do município. Este concurso visava a concessão do estabelecimento pelo período mínimo de 5 anos, com mais dois anos de opção. Com esta decisão, a autarquia pretendia colocar o concelho no mapa do turismo termal. O presidente do município da Ribeira Grande, Alexandre Gaudêncio, acrescentou em fevereiro de 2016 que *“As termas da Ribeira Grande sempre tiveram muita procura, tanto no passado como nos tempos mais recentes, mesmo estando fechadas, pelo que*

faz todo o sentido promover a reativação das mesmas quer para fins medicinais, quer para promoção da cidade e do concelho sob o ponto de vista turístico” [13].

O estabelecimento termal das Caldeiras, designa-se atualmente Termas das Caldeiras e abriram ao público em 8 de Janeiro de 2017 (fig. 3.80.).



Fig. 3.80. Exterior do estabelecimento na atualidade

3.2.2. Termas da Ladeira da Velha

A Ladeira da Velha enquadra-se geograficamente na freguesia do Porto Formoso, concelho da Ribeira Grande. Existe nesta zona uma nascente de água mineral com uma temperatura de, aproximadamente, 30°C. Desde meados do século XIX, até meados do século XX, esta nascente foi muito procurada pelas suas propriedades terapêuticas, pelo que foi construída uma casa de repouso para os doentes que se serviam destas águas, assim como um tanque onde tomavam banhos medicinais. Atualmente, tanto a casa de repouso como o tanque termal estão abandonados e em ruínas (Soares de Sousa *et al.*, 2004).

A primeira referência ao lugar da Ladeira da Velha surge com Gaspar Frutuoso na obra *Saudades da Terra*:

“(...) e da qual ribeira [do Mel] para o ponente se começa o termo da vila da Ribeira Grande e vai subindo para cima a grande Ladeira da Velha, chamada assim (segundo alguns) porque é tão comprida e íngreme que, se alguma velha a subia ou descia, fazia muitos pousos. Mas outros afirmam ter este nome, porque no tempo antigo morou ali uma velha, viúva, a qual vendeu depois aquela fazenda, ficando à velha o nome dela sem a propriedade.” (Frutuoso, 1998, IV:185)

No início do século XIX, a Ladeira da Velha estava na memória do povo como recordação das lutas liberais quando, em 1831, D. Pedro desembarcou com as suas tropas em várias ilhas, tendo decorrido várias batalhas. Uma destas batalhas ocorreu nesse local e ficou conhecida como a Batalha da Ladeira da Velha, que foi determinante para a futura conquista liberal de Portugal continental. Os anos passaram e a memória desta batalha ficou um pouco esquecida.

Uma das primeiras referências às águas da Ladeira da Velha foi realizada por Fouqué, em 1873, no estudo *Les eaux thermales de l'île de San-Miguel (Açores)*. Porém, Caetano Moniz Barreto e Francisco Manuel Andrade já mencionavam as águas da Ladeira da Velha, nas “Respostas aos Quesitos” (1867), notícia publicada na obra *Águas de Portugal minerais e de mesa – História e Bibliografia*, de Luís Acciaiuoli (1944). Esta água era boa para o fígado, rins e pele, devido às suas propriedades terapêuticas particulares.

Sabe-se que foi, em finais do século XIX, que a família Pacheco de Castro, nomeadamente o Padre João Maria Vaz Pacheco de Castro, André Vaz Pacheco de Castro, D. Emilia Carolina do Canto Pacheco e Dr. Eugenio Vaz Pacheco do Canto e Castro (proprietários do espaço) descobriram esta nascente de água termal benéfica para vários tipos de doenças, e com esta descoberta construíram instalações balneares onde as pessoas podiam banhar-se na “bendita” água, onde foi edificada uma casa de repouso (figura 127) para os doentes que a utilizavam¹⁰.

Em 1911, foi publicado o *Relatório das Águas Mediciniais da Ladeira da Velha*, pelo Doutor Jacinto Botelho Arruda e pelo Doutor António da Silva Cabral, no qual descrevem o espaço envolvente da nascente de água medicinal: “*Sahe a agua d’uma fenda de terreno compacto, que aqui denominam tufo vulcânico, e do fundo das piscinas jorra também com as bolhas de gaz carbónico que contem em grande quantidade, juntando-se na sahida para o mar n’um volume tal, que mesmo sem ter sido ainda medido se pode assegurar que, sendo convenientemente aproveitado, deve alimentar o consumo de muitos banhos diários, além do uso em bebida, que parece deve acompanhar o externo em loções. No estado actual de produção enche-se cada uma das 3 piscinas em 15 minutos de modo a ficar cada individuo perfeitamente coberto d’agua. O acesso actual para a nascente faz-se por um atalho por onde se pode transitar em burros, mas bastante íngreme, como facilmente se compreende, para descer uma altura considerável de terreno disposto em taboleiros até à linha do mar.*”

Também é descrito o difícil acesso até à nascente (fig. 3.81), que era efetuado por um trilho muito íngreme que se percorria de burro. No relatório, é referido, ainda, a existência de outras 3 nascentes:

“Em meia altura da propriedade se despenha para um grotelo agua natural de uma outra nascente, ainda mais abundante que a medicinal, e que de futuro pode ser aproveitada em várias aplicações, como por exemplo um elevador etc. Além d’estas

¹⁰ Pressupõe-se que a construção do balneário termal tenha sido realizada pela família Canto e Castro, pois, segundo a publicação do relatório do Doutor Jacinto Botelho Arruda e do Doutor António da Silva Cabral de 1915, já são referidas instalações balneares e, segundo a escritura da propriedade datada de 1923, a propriedade foi vendida a João Guido Algarvio Silva, pelo que, na década de 30, a água começou a ser engarrafada por autorização da portaria de licença para exploração desta água, como água de mesa nas mesmas instalações do balneário onde estão localizadas as 3 banheiras, datada de 24 de janeiro de 1934.

duas existe n'outro sitio uma nascente d'agua férrea muito fresca e agradável, enquanto a que serve aos banhistas é tépida.”



Fig. 3.81. Início do trilho da Ladeira da Velha

Em 17 de setembro de 1915, foi publicado no Jornal *Diário dos Açores*, nº 7229, um estudo clínico da autoria do Doutor Jacinto Botelho Arruda, sobre as águas da Ladeira da Velha, para o tratamento de diversas doenças, sendo uma destas a lepra. Este estudo concluiu que as *“águas da Ladeira da Velha têm uma grande ação benéfica sobre as manifestações cutâneas e mucosicas da lepra, mas nada fazem contra infeção geral (...) realmente os doentes, sem excepção, depois do tratamento apresentavam-se consideravelmente melhores dos sintomas cutâneos e das mucosas (...) Posto isto, aparece naturalmente a interrogação: Devem usar-se as águas da Ladeira da Velha no tratamento da lepra? A resposta não pode deixar de ser afirmativa.”*

Em 1923, a propriedade foi vendida a João Guido Algarvio Silva. Na década de 30, a água começou a ser engarrafada, o que se confirma por autorização da portaria de licença para exploração desta água como água de mesa. O relator foi o Professor Charles Lepierre, e a relação foi aprovada em 7 de julho de 1931, e homologada por despacho ministerial de 11 de agosto de 1931. Este parecer recomendava que fossem realizadas obras de defesa da nascente contra a *“incursão das águas oceânicas”*, análises bacteriológicas, que deveriam ser realizadas anualmente, assim como alguns ensaios suficientes para avaliar a eficácia das obras de defesa.

A segunda análise a estas águas foi realizada pelo Professor Charles Lepierre, em 1931, que comparou a sua análise com a de Fouqué (1872). Dessa comparação, Lepierre referiu que a análise efetuada por Fouqué devia ter sido realizada sobre uma água diluída, ou a outra nascente, pois as composições de ambas as análises diferem em diversas componentes analisadas, à exceção da temperatura. Por fim, Lepierre concluiu que esta água tem uma composição que a indica como mineromedicinal e defende o interesse em estudar as suas propriedades terapêuticas (fig. 3.82.).

Instituto Superior Tecnico-Lisboa, Laboratorio de Quimica Analitica, Prof. Charles Lepierre

Boletim da Analise da Agua da Ladeira da Velha-Porto Formoso-Ilha de S. Miguel-Açores

ANALISE QUIMICA

1.º—EXAME ORGANOLEPTICO

SABOR. Gazo-Carbonico
Acidulo, Agradavel

APARENCIA. Limpida

CHEIRO. Incolor

DEPOSITO. Nenhum

ALTERAÇÕES. Nulo

2.º—EXAME QUALITATIVO

REACÇÃO. Acida a frio, alcalina por fervura

CLORETOS pequena quantidade

SULFATOS Idem

CARBONATOS Idem

SAES DE CALCIO. Idem

NITRATOS. Vestigios

SAES DE MAGNESIO. pequena quantidade

DE SODIO Idem

DE POTASSIO Vestigios

3.º—DETERMINAÇÕES QUANTITATIVAS (POR LITRO)

Residuo seco a 180.º	GR 0,286.4
Orau hidrometrico	20.º
Cloretos (em cloro).	0,019,9
" (em cloreto de sodio)	0,032.7
Nitratos (em nitrato de potassio)	0,001.0
Nitritos.	nulo
Saes de amonio.	nulo
Materias organicas (em oxigenio consumido)	GR 0,000.03

Materias organicas (em acido oxalico crist.)	GR 0,000.4
Alcalinidade (em carbonato de calcio)	0,108 0
ACIDOS Sulfurico.	0,075.3
Carb. dos Carbonatos	0,064.8 (1)
Calcio.	0,043.2
Magnésio	0,019.0
Silica, oxidos de ferro e de aluminio	0,050.4 (2)
Sodio	0,012 8
Litio, Manganéz	vestigios
IV—COMPOSIÇÃO QUIMICA (POR LITRO)	
COMPOSIÇÃO COMPUTADA EM	
Cloreto de sodio.	GR 0,032.7
Nitrato de potassio.	0,001.0
Silica	0,045.0
Alumina	0,000.8
Oxido ferrico.	0,004.6
Carbonato de calcio	0,108.0
Sulfato de magnésio	0,094.3
Materias organicas (em Ac. Oxal.)	0,000.4
Mineralisação fixa	GR 0,286.8
Acido carbonico livre e dos carbonatos acidos.	1,455.2
MINERALISAÇÃO TOTAL	1,742.0
(1) Acido carbonico total. GR 1,520	
" " combinado	0,129.6
" " livre.	1,390.4
(2) Oxido de aluminio. GR 0,000.8	
" de ferro	0,004.6
Silica	0,045.0
	0,050.4

CONCLUSÕES DA ANALISE

I—Agua hiposalina, Gazo carbonica, levemente clorada sodica (10% da mineralisação), bicarbonatada (38%) e sulfatada (33%) calcica e magnésica—bastante silicatada, levemente ferrea (a silica representa 15% da mineralisação).

II—Agua isenta de contaminação por productos suspeitos: higienicamente purissima.

III—Excelente agua de mesa, propria para consumo e para exportação

Lisboa, 8 de Dezembro de 1929.

O Director do Laboratorio

Prof. Charles Lepierre

ANALISE BACTERIOLOGICA

AGUA COLHIDA ASÉPTICAMENTE

I—Titulo colibacilar—

Ausencia de colibacilos (em 250 gr. de agua)

II—Ausencia de micro-organismos de putrefação.

Conclusões—

Agua bacteriologicamente muito pura. Propria para uso interno.

Lisboa, 12 de Novembro de 1931.

O Director do Laboratorio

Prof. Charles Lepierre

Fig. 3.82. Boletim da análise de Lepierre

A 30 de abril de 1937, o Engenheiro Luis Acciaiuoli deslocou-se às termas da Ladeira da Velha e descreveu o caminho para se chegar a esta estância do seguinte modo: “A altura da falésia será de uns 100m, rampas fortíssimas. Ordinariamente sobe-se de burro. A descida não é também cómoda, devido às inclinações e estado do caminho.

Como este acesso é difícil, enquanto não o modificarem, não é de prever uma frequência compensadora.

Acima da nascente foram construídas 4 habitações geminadas em grupos de duas, servidas pela mesma escada.”

Na sua descrição desta zona termal, representou um pequeno esboço do antigo balneário e da oficina de engarrafamento (fig. 3.83.).

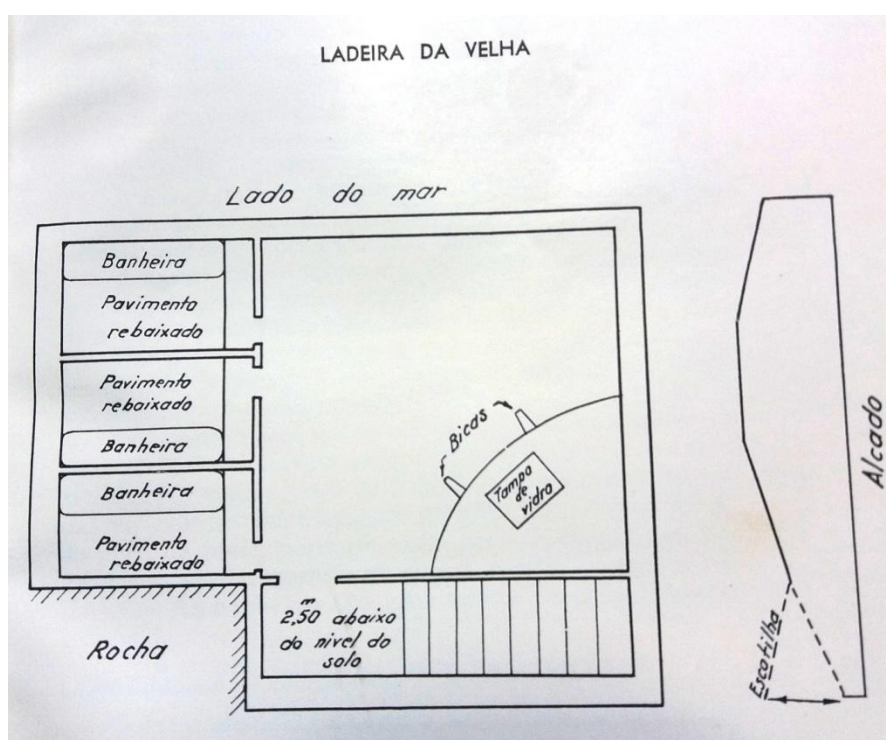


Fig. 3.83. Esboço da planta e alçado do antigo balneário e oficina de engarrafamento, por Luis Acciaiuoli, 1937

Esta nascente estava captada numa brecha vulcânica, a cerca de dois metros abaixo do nível da base da falésia, sendo esta a razão pela qual se construiu um recinto em plano inferior ao do sopé, cavado e defendido do mar com uma cobertura de betão (fig. 3.84).

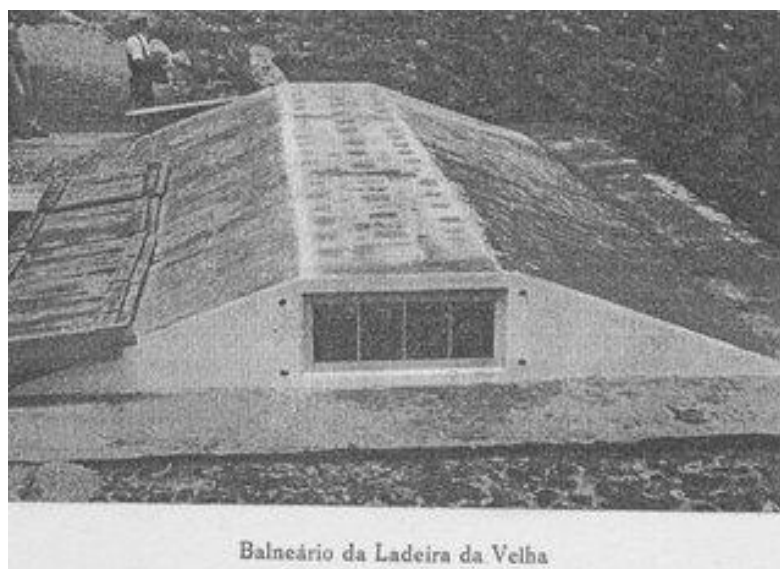


Fig. 3.84. Balneário e oficina de engarrafamento

A captação aproveitava duas emergências, a água era recolhida numa pequena câmara de betão construída junto da rocha, de onde saíam dois tubos (fig. 3.85., 3.86., e 3.87.) que a levavam diretamente para dois compartimentos, cada um com uma banheira enterrada ao mesmo nível do piso, de modo a que a água enchesse as banheiras por ação da gravidade.



Fig. 3.85. Bicas de enchimento



Fig. 3.86. Outra perspetiva das bicas de enchimento



Fig. 3.87. Enchimento de garrafas na década de 40

Na mesma obra também é referido que, mais acima da nascente, havia 4 habitações para a recuperação dos doentes. Acciaiouli acrescenta que as instalações tinham uma aparência pobre, mas limpas. O engenheiro que o acompanhou relata que o custo de investimento nas 4 habitações foi cerca de 40.000\$00 (fig. 3.88.), e nas obras do balneário perto da nascente foram cerca de 20.000\$00 (fig. 3.89.).

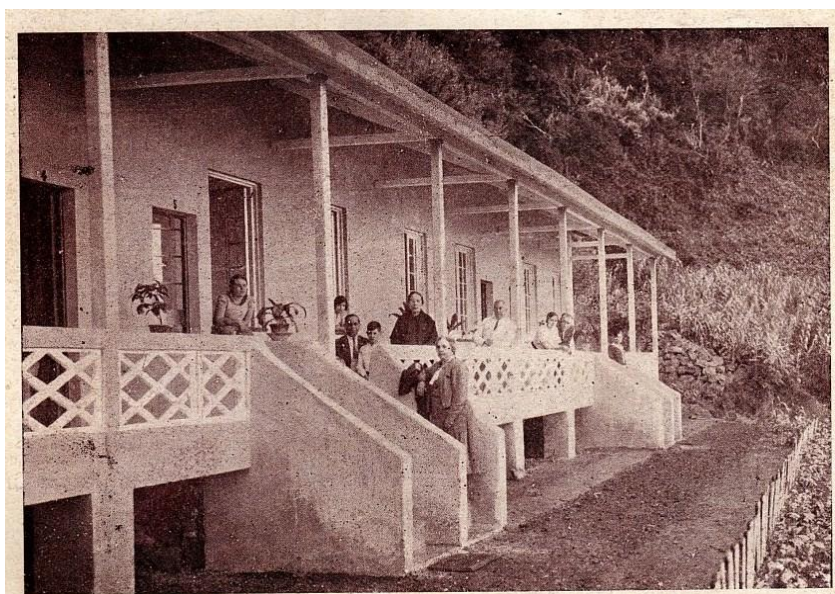


Fig. 3.88. Casa de repouso, na década de 30



Fig. 3.89. Casa de repouso, na década de 40

Sobre a época balnear, é referido que esta estância apenas era utilizada durante a época estival (3 meses no verão), que as rendas eram pequenas e as 4 moradias construídas eram insuficientes para o investimento de capital.

No inventário das *Águas Medicinais da Ilha de São Miguel* (1941) são também referidas as instalações existentes, assim como o preço que os banhistas pagavam para o alojamento durante o tratamento:

“Esta nascente e o respectivo balneário estão dentro de uma quinta onde há quatro pequenos edifícios e dois barracões. Os edifícios são alugados, para residência dos aqvistas, a 5\$00 por dia e os barracões alojam gratuitamente os pobres que ali se vão tratar”.

Também na obra *Le Portugal Hydrominéral*, da autoria de Luís Acciaiuoli (1953), são descritas as instalações das termas e a oficina de engarrafamento (figura 134).

Em 1954, foram efetuadas novamente análises à água da Ladeira da Velha, pelo Professor Alexandre Herculano de Carvalho. O mesmo concluiu que *“ A água da Ladeira da Velha tem uma composição que a indica como minero-medicinal. Não conhecendo outro similar, parece-me que haveria muito interesse em estudar as suas propriedades terapêuticas – que devem manter-se longe da nascente.”*

Em 1944, João Guido Algarvio e Silva e a sua esposa venderam a propriedade a Homero Júlio dos Passos Lagido e a Teotónia Pamplona do Canto Brum, que

requereram uma autorização para exercer a indústria da venda desta água, em 1954. Contudo, em 1956, foi lavrada a escritura de venda da referida propriedade à empresa Insulana-Águas de Mesa S.A.R.L., que se tornou proprietária dos terrenos, nascente e edifícios neles existentes.

No parecer nº 306 de 8 de janeiro de 1959 é referido a mudança constante de proprietários da unidade de exploração da Ladeira da Velha e transcreve-se o seguinte:

“Depois dos terrenos em que se situa a nascente terem passado por várias mãos que se limitaram a uma exploração precária e insignificante dela, vêm, em Maio de 1954, os então proprietários do terreno Guilherme do Canto Paim de Bruges e Teotónia Pamplona do Canto Brum, requerer a autorização para venda da sua água, como de mesa”. No mesmo parecer lê-se, no entanto, que estes acabariam por não dar seguimento ao requerimento: “(...) e em 4 de Fevereiro de 1956 venderam a propriedade à Insula – Águas de Mesa, S.A.R.L., que na qualidade de proprietária dos terrenos, nascente e edifícios vem requerer que a portaria de licença seja passada em seu nome”.

Em 1959, a empresa concessionária *Insula – Águas de Mesa, S.A.R.L* entregou um estudo de reconstrução de uma oficina de engarrafamento à Direção-Geral de Minas e Serviços Geológicos, intitulado “Memória Descritiva da Água Termal da Ladeira da Velha”. Neste estudo, é referido que as quatro habitações que serviam os banhistas, desde os anos 30, encontravam-se em completo abandono. No entanto, vendiam-se ainda algumas garrafas que eram pré-lavadas, sem nenhuma desinfeção, num depósito situado nas proximidades da nascente.

Ao longo deste estudo, é proposto um programa de ação futura, no qual é referido que se deveria fazer a construção de uma comunicação rodoviária de acesso à nascente, embora considerando que esta seria uma obra muito extensa e com muitos custos financeiros, tendo em conta que a encosta é muito acentuada. Também é proposto que deveriam ser feitos mais estudos das propriedades medicinais da água, de forma a conhecer realmente as suas propriedades terapêuticas. Apesar das sugestões realizadas, concluiu-se que a falta de condições para a exploração económica desta água, nunca seria compensadora para a empresa concessionária, tornando o esforço da construção de um novo balneário inviável do ponto de vista financeiro. No entanto, poder-se-ia encarar a construção de uma oficina de engarrafamento que poderia incluir garrafões,

caso se confirmassem as reais propriedades terapêuticas da água, mesmo longe da nascente.

Após a avaliação deste projeto, foi determinado, por portaria de 23 de maio de 1961, que a empresa *Insula – Águas de Mesa, S.A.R.L*, no prazo de dois anos, deveria proceder à execução dos anteprojetos do estudo, bem como à revisão das captações e da correspondente oficina de engarrafamento (DRAIC, 1963).

No entanto, a empresa concessionária não chegou a efetuar quaisquer obras na nascente e requereu, em 1963, a suspensão temporária (sem prazo) da referida exploração à Direção Geral de Minas e Serviços Geológicos. O pedido foi deferido com autorização de suspensão da exploração da nascente até 31 de dezembro de 1965, mas com a obrigação de a empresa declarar o abandono, caso não se realizassem as obras. Em 22 de janeiro de 1966, a empresa concessionária declarou o abandono da concessão de exploração das águas da Ladeira da Velha (DRAIC, 1968).

A verdade é que, ao longo da década de 1960, as vendas da água da Ladeira da Velha eram cada vez mais diminutas, restringindo-se apenas ao mercado da ilha de São Miguel, onde havia à venda outras águas minerais e de mesa, também de grande qualidade, como a Água das Lombadas, Serra do Trigo e Água da Helena. Deste modo, o volume de vendas de águas engarrafadas e o sucessivo agravamento das condições económicas do respetivo mercado não justificavam o grande investimento de capital que a execução dos trabalhos impunha.

A nascente da Ladeira da Velha, em situação de abandono, foi concedida à Junta Geral do Distrito Autónomo de Ponta Delgada, mediante as seguintes condições (publicadas no Diário do Governo nº 147, 3ª série, de 26/6/74):

1. *“Apresentar na Direção-Geral de Minas e Serviços Geológicos, dentro do prazo de seis meses, a contar da data da publicação deste alvará no Diário do Governo, o projeto de revisão das captações da nascente;*
2. *Apresentar à referida Direção-Geral, no prazo de um ano, a contar da mesma data, o projeto das instalações de exploração da nascente.”*

Na publicação periódica *Açores* (Nº 10068, 10 a 16 abril de 1980), é referido que a casa, onde os aquistas permaneciam durante o tempo de tratamento, havia sido destruída por um temporal. Também é referido que a exploração comercial da água da Ladeira da

Velha não era rentável economicamente, mas que o seu acesso deveria ser melhorado e construída uma pequena estação termal.

Atualmente, as infraestruturas das termas encontram-se em ruínas e abandonadas. A casa de repouso dos doentes encontra-se num estado muito degradado, o tanque das termas da Ladeira da Velha está mais conservado do que a casa, mas também em abandono, e a oficina de engarrafamento está completamente destruída e soterrada pela maré, sendo impossível o seu reconhecimento por quem visita este espaço. (fig. 3.90., 3.91., e 3.92.).



Figura 3.90. Oficina de engarrafamento em estado de abandono em finais da década de 60



Fig. 3.91. Oficina de engarrafamento em estado de abandono em finais da década de 60



Fig. 3.92. Casa de repouso dos aquistas em estado de abandono em finais da década de 60

Muito recentemente, o trilho de acesso às antigas termas da Ladeira da Velha foi inaugurado, mais precisamente a 23 de julho de 2016. Trata-se de um trilho único, por conseguir unir a paisagem, a história e o termalismo no mesmo percurso (fig. 3.93., 3.94., 3.95., 3.96. e 3.97).

Tendo em conta as dificuldades de acesso a estas ruínas termais, muito dificilmente estas instalações poderão vir a ser exploradas do ponto de vista turístico, pois esta é uma zona perigosa, com taludes bastante acentuados e sujeitos a movimentos de vertente. Por outro lado, a erosão marinha e as constantes tempestades durante o outono e inverno colocam em causa a nascente termal, que emerge da rocha quase à mesma altura da maré. Uma boa forma de valorizar estas ruínas históricas seria através da construção de um centro interpretativo à entrada do trilho, sem perigos de grandes prejuízos em termos estruturais, onde seria explicado aos visitantes a importância histórica, cultural e patrimonial da zona da Ladeira da Velha.



Fig. 3.93. Início do trilho



Fig. 3.94. Casa de repouso em estado de abandono



Fig. 3.95. Placa indicadora do local do tanque termal



Fig. 3.96. Tanque termal



Fig. 3.97. Emergência da água termal

3.2.3. Ferraria

As Termas da Ferraria localizam-se no extremo sudoeste da ilha de São Miguel, no lugar da Ferraria, na freguesia de Ginetes. Integradas no monumento Natural Regional do Pico das Camarinhas e Ponta da Ferraria, esta zona de proteção da natureza é constituída por diversas estruturas de origem vulcânica de grande valor paisagístico e científico. A riqueza da zona da Ferraria reside também nas duas nascentes de águas termais que aquecem as piscinas naturais e abastecem o estabelecimento termal atual.

A origem do nome Ginetes é referida nas *Saudades da Terra*, da autoria de Gaspar Frutuoso, no Livro IV, capítulo 44: “*Está a freguesia de Ginetes amparada dos Ventos pela banda do mar, com o pico dos Ginetes, chamado assim por ter uma selada no meio (configuração de uma sela) e por outro pico detrás, que por ser assim selado no meio, como ginete se chama pico de Ginetes. Mais, (como outros dizem) por nele se criarem ginetes da banda da serra. Com ornato de frescas faias e outras árvores é o pico de ginetes de Aires Jácome.*”

No mesmo livro, há uma referência à localização de nascentes de água mineral:

“*(...) Ao pé deste Pico junto do dito cais, para a banda leste sai uma formosa ribeira de água tão quente que nela se pelam leitões, coze peixe e escascam lapas que ali se criam nas pedras; a qual ribeira cobre com doçura e quentura (...) Antre o pico das Ferrarias e os Mosteiros, estão no calhau, junto do mar, duas fontes pequenas, uma na grotta de Rui Vaz e outra no pé da rocha das Ferrarias*”.

No decurso da investigação desenvolvida no arquivo da DRTT, encontrou-se um projeto e orçamento para a construção de uma casa de banhos termais na Ferraria, datado de 1880. Na memória descritiva deste projeto, é referido a grande procura destas águas pelos povos das freguesias “*peregrinas – Feteiras, Candelária, Ginetes, Mosteiros, Bretanha e Capelas – pela sua pobreza não podendo ir aos estabelecimentos balneares situados no Vale das Furnas*”. Neste documento é referido sobre os banhos: “*Os infelizes (...) são levados em redes para um casebre abandonado na planta com a letra F, ali habitam até que se achem restabelecidos. Tomam os banhos numa poça, em que naturalmente se misturam as águas do mar e termal conservando uma temperatura de cerca de 40 graus e depois acolhem-se ao miserável casebre, onde se agasalham extremamente para provocarem abundantes transpirações, estando durante estes*

tempos desgrazadamente expostos a muitas causas de arrefecimento. Em tão duras condições permanecem por 20 ou 30 dias e sofrem resignados as inúmeras privações, esperançados do seu restabelecimento, que quase sempre conseguem” (fig. 3.98., 3.99., e anexo 13 e 14).



Fig. 3.98. Planta datada de 1880 do projeto de orçamento para a construção de uma casa de banhos

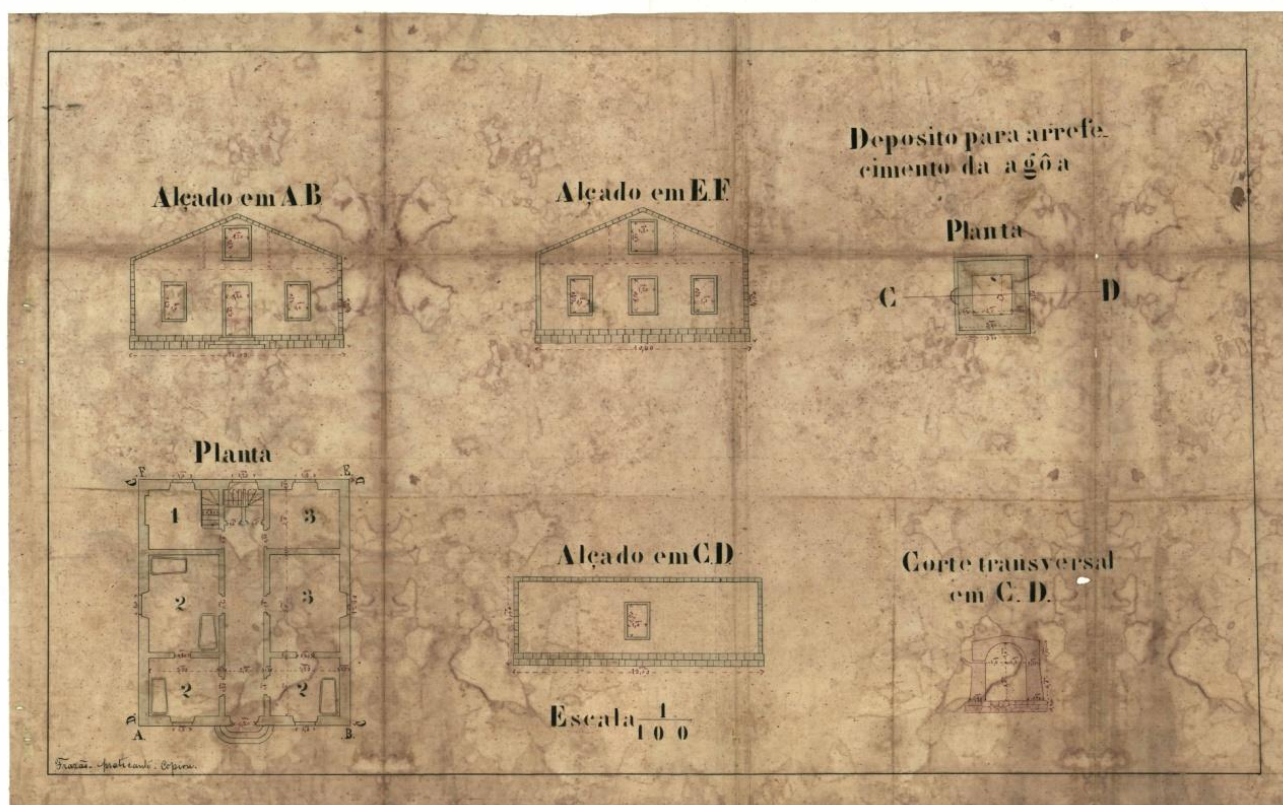


Fig. 3.99. Planta e alçado do edifício termal datado de 1880

Segundo Leite (2001), o edifício balnear da Ponta da Ferraria foi construído, em 1888, para tratamento de doenças reumáticas. No arquivo da DRTT, encontra-se um projeto e orçamento de um depósito de água quente, canalização de água potável, esgotos e reparação do edifício dos banhos. Mesmo depois da edificação do novo edifício, as condições do estabelecimento eram péssimas. Pereira (1922) refere que a água medicinal não era captada, mas sim transportada em barris até às banheiras, permanecendo durante esse percurso em contacto com a atmosfera, o que fazia com que perdesse o seu teor de gases. Todavia, o mesmo autor refere que a eficácia do tratamento termal era considerada satisfatória, sendo muito procurada por parte dos doentes. A nascente da Ferraria situa-se perto do antigo vulcão do Pico das Camarinhas, junto de uma falésia de 200 metros de altura e a 30 metros do mar (Leite, 2001).

No Boletim da Junta Geral do Distrito Autónomo de Ponta Delgada (1936), nº 41, encontra-se a deliberação sobre admissão de doentes nas Termas da Ferraria, pela Comissão Administrativa da Junta Geral. Esta Comissão exigia que a inscrição de doentes fosse feita na Secretaria da Junta Geral e os documentos da inscrição deveriam ser enviados ao Sr. Diretor dos Serviços Termais, de modo a serem entregues os passes

de admissão no estabelecimento da Ferraria. Por mês eram admitidos no máximo 25 doentes, e só em casos excepcionais acolhiam-se 30 doentes.

Um ano depois, é também publicado, no Boletim da Junta Geral do Distrito Autónomo de Ponta Delgada (1937), nº 48, as condições das instalações e funcionamento dos banhos termais, segundo a Comissão Administrativa da Junta Geral. Aí é referido que a concessão das águas das termas da Ferraria e restantes termas seria no máximo por um período de 40 anos, ficando expressas no contrato de concessão as seguintes cláusulas:

“- Os banhos medicinais seriam gratuitos para os doentes pobres dos hospitais;

- Haveria um desconto de 50% nos preços de todos os banhos para os residentes.”

Em 1938, é efetuado um estudo de aplicação de energia elétrica às instalações das termas da Ferraria através da utilização de um motor *Bamford*, que serviria para o fornecimento de luz e, também, para o transporte de água para o balneário. A aplicação da energia elétrica foi efetuada com sucesso poucos anos depois¹¹, como se percebe na planta do rés-do-chão e do 1º piso do estabelecimento termal, em 1938 (fig. 3.100. e 3.101.) (DRTT, 1938)

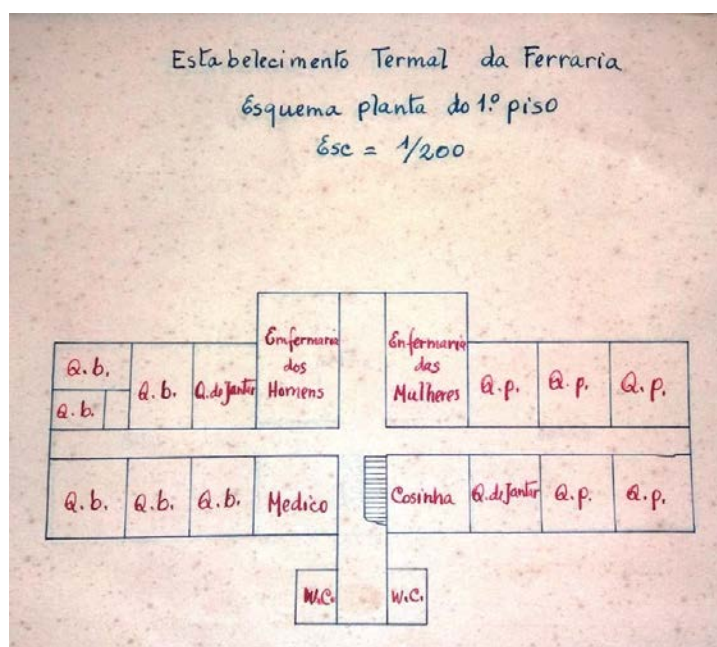


Fig. 3.100. Planta do rés-do-chão do estabelecimento termal em 1938

¹¹ Sabe-se que foi efetuado este projeto, pois numa documentação datada de 1968, recolhida na DRTT, é referida a presença deste motor.

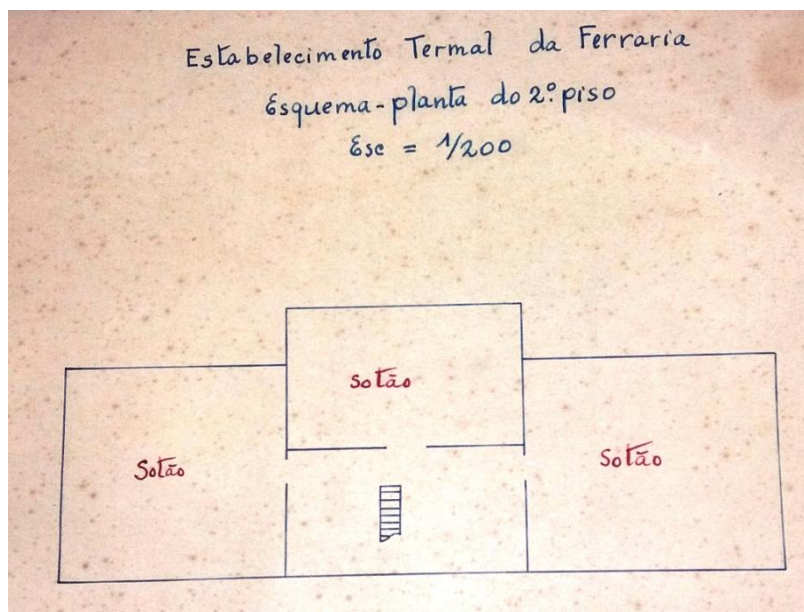


Fig. 3.101. Planta do 1º piso do estabelecimento termal, em 1938

Entre 1938 e 1959¹², elaborou-se um projeto de conservação do balneário da Ferraria, no qual se observam algumas alterações nas plantas do 1º e do 2º piso (fig. 3.104 e 3.105), em relação ao edifício dos anos 30.

¹² Estas são as datas extremas identificadas neste processo do projeto, pertencente ao arquivo da DRTT; por outro lado, a obra de Luiz Acciaioli e Armando Narciso, publicada em 1941, refere esta nova estrutura do estabelecimento termal.

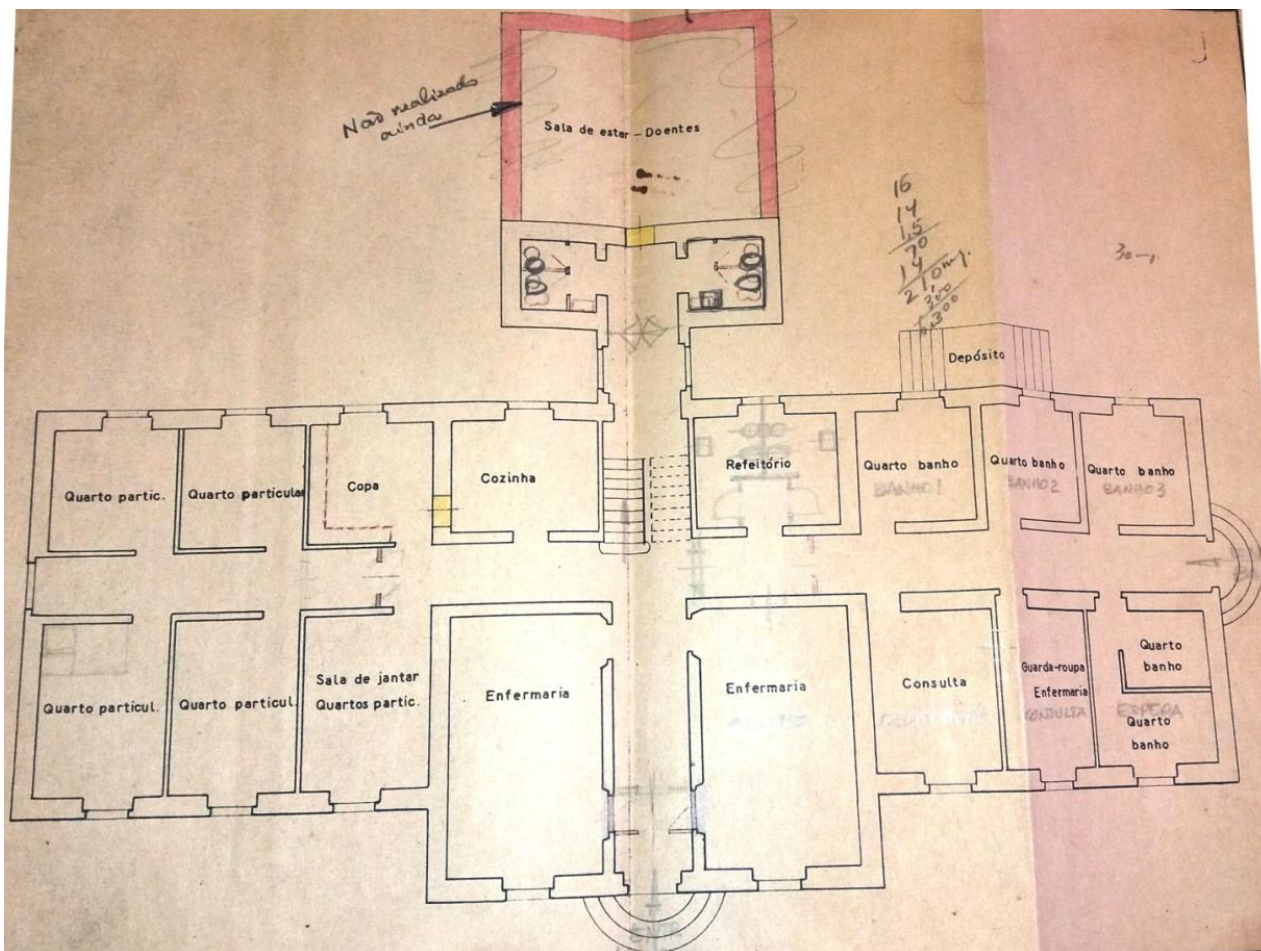


Fig. 3.102. Planta do rés-do-chão do 2º do projeto de conservação do balneário da Ferraria, entre 1938 e 1959

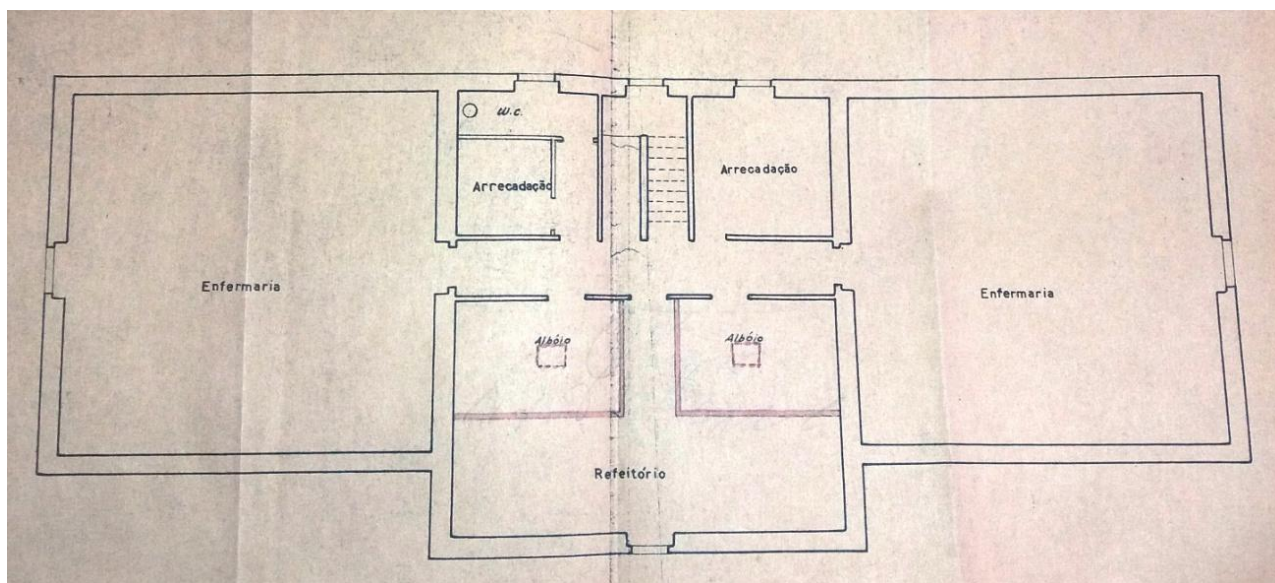


Fig. 3.103. Planta do 2º piso do 2º projeto de conservação do balneário da Ferraria, entre 1938 e 1959

Através do quadro 3.1., podemos verificar as alterações efetuadas no edifício balnear da Ferraria:

Alterações da estrutura do edifício	Edifício Balnear em 1938	Edifício Balnear entre 1938-1956
Rés-do-chão	5 Quartos privados	4 Quartos privados
	6 Quartos de banho	5 Quartos de banhos
	2 Enfermarias (uma para homens outra para mulheres)	2 Enfermarias (uma para homens outra para mulheres)
	1 Cozinha	1 Cozinha
	2 Quartos de Jantar	1 Copa e 1 Sala de Jantar
	1 Consultório do médico	1 Consultório do médico
	2 W.C.	2 W.C.
	-	1 Guarda-roupa da enfermaria (substituído por um dos 6 quartos que havia em 1938)
1º Piso	1 Sótão;	2 Enfermarias; 2 Arrecadações; 1 Refeitório; 1 W.C.;

Quadro 3.1. Alterações que ocorreram no estabelecimento termal da Ferraria entre 1938 e 1956

Luiz Acciaiuoli e Armando Narciso (1941) referem esta nova estrutura do estabelecimento termal, que alojava cerca de 25 doentes. O hospital seria constituído por 2 camaratas no 1º andar, 1 camarata no rés-do-chão, 5 quartos independentes, 5 quartos de banho, casa de jantar comum, cozinha comum e, ainda, alojamento para 2

empregados. Os quartos independentes eram alugados durante 15 dias e o internamento nas camaratas era gratuito. A comida não era fornecida aos doentes, mas estes podiam usufruir da cozinha.

As características físico-químicas da água termal mostram a compatibilidade de uma mistura de fluido primário (profundo) com água do mar. Acciaiuoli (1953) efetuou análise físico-químicas à água colhida num poço com 2,5 m de profundidade, local de captação para abastecimento do anterior hospital termal, e classificou-a como cloretada sódica com elevada mineralização, registando a temperatura de 62,5°C.

No Boletim da Junta Geral do Distrito Autónomo de Ponta Delgada, numa edição especial de julho de 1971, foi publicado um relatório sobre os serviços termais. A estância termal da Ferraria foi identificada como “paupérrima”, com necessidade de se renovar parte do mobiliário. Também é referido que, no mesmo ano, o movimento durante a época balnear tinha baixado consideravelmente para 28 aquistas, o que justificou o seu encerramento e abandono, situação que efetivamente veio a verificar-se por um longo período, até agosto de 2010.

Na obra de M. Caetano Pereira (1922), é referida a falta de vegetação na zona da Ferraria: *“Há na Ferraria uma grande falta, que não pode remediar-se improvisadamente: é a falta de vegetação.”* Ao contrário do que acontecia na Ferraria, em Portugal continental, os espaços arborizados perto dos estabelecimentos termais eram bastante valorizados durante as estadias dos termalistas, como pudemos observar pela história do termalismo apresentada no primeiro capítulo desta dissertação.

O Dr. Carlos Pavão de Medeiros, médico hidrologista, trabalhou como médico municipal nas freguesias de Feteiras, Candelária, Ginetes, Sete Cidades e Mosteiros, desde 1934 a 1964. Para além do exercício de clínica geral, dedicou-se ao estudo do termalismo, tendo sido diretor dos estabelecimentos termais de Furnas e da Ferraria (Leite, 2001). A descida às termas da Ferraria não era fácil, devido à falta de estrada para viaturas, por isso o Dr. Pavão descia o trilho de burro, uma vez por semana, nos meses de verão, por forma a diagnosticar e avaliar o progresso dos seus pacientes. Nos meses de julho e agosto, a Casa de Banhos era bastante frequentada por doentes, que sofriam de reumatismo, e chegavam às termas carregadas às costas de jovens ou transportadas por burros. Após os 21 banhos receitados pelo médico hidrologista, Dr. Pavão, alguns pacientes conseguiam subir o acentuado caminho sem auxílio.

Segundo testemunhos orais, havia muitos jovens que costumavam ir à Ponta da Ferraria para tomarem banhos no mar e se divertirem. A Ferraria, para além de uma zona de banhos, era também uma zona de lazer, onde muitas famílias iam pescar, fazer caminhadas e churrascos¹³.

Ao longo da investigação sobre o estabelecimento termal da Ferraria no arquivo da DRTT, foi encontrado um processo relacionado com a preocupação de construir uma estrada que permitisse o acesso de veículos ao estabelecimento termal, ideia surgida em finais da década de 60 e princípios da década de 70. Note-se que apenas era possível chegar ao local a pé ou transportado por cavalo e burro, por um caminho estreito e com grandes declives. Também é referido o problema da elevação e transporte de água termal, problema para o qual ainda não se tinha encontrado uma solução economicamente viável, especialmente por falta de energia elétrica no local. Com o intuito de resolver esse problema, fez-se o esboço de uma bomba que permitia a elevação e o transporte de água, que mais tarde foi aplicado (fig. 3.104. e 3.105.). Também é referido no mesmo processo que o edifício não satisfazia em nada as necessidades primárias de um estabelecimento termal, pelo que se deveria construir um novo balneário.

¹³ Maria Glória Costa Teves, 71 anos, reformada; José Mário da Costa, 81 anos, reformado.

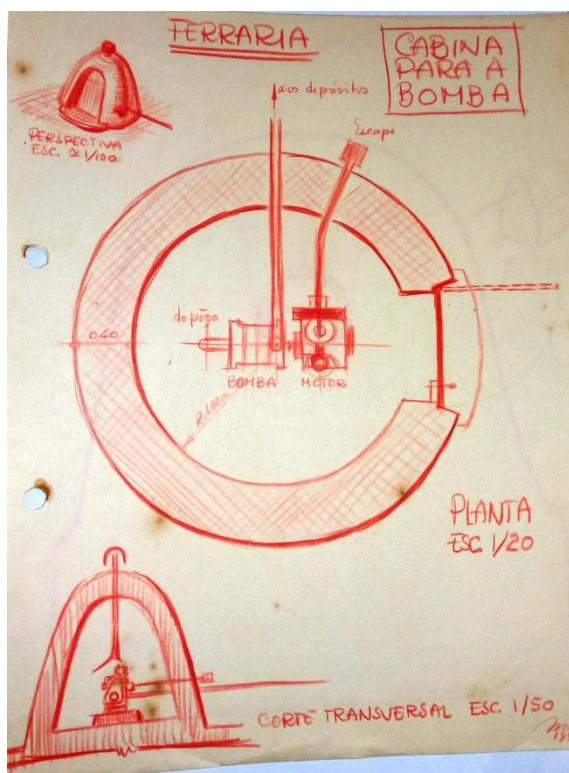


Figura 3.104. esboço de uma bomba que permitia a elevação e o transporte de água

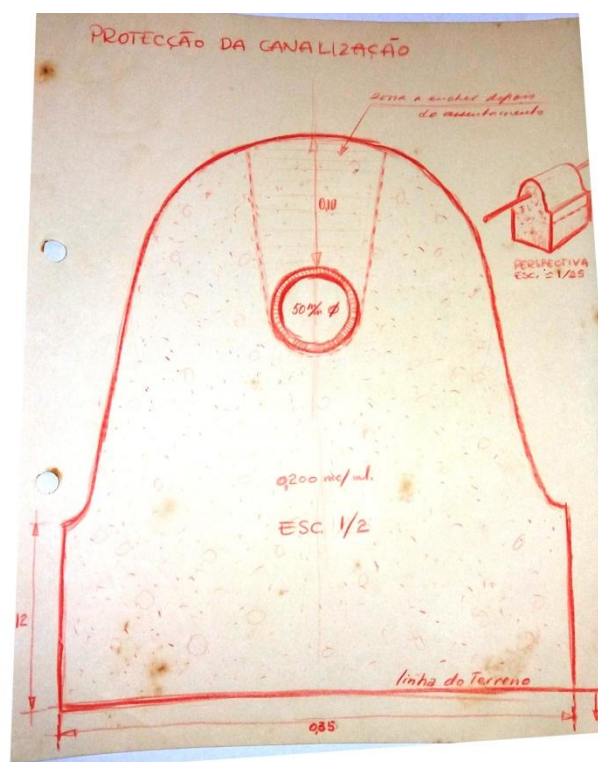


Figura 3.105. esboço de uma bomba que permitia a elevação e o transporte de água

Após um longo período de total abandono, o Governo Regional mostrou interesse em requalificar esta zona termal, através da realização de dois furos de captação de água.

No Diário da República, de 11 de março de 2005, o Pico das Camarinhas e a Ponta da Ferraria, na ilha de São Miguel, são classificados como monumento natural regional.

Em maio de 2005, o arquiteto Rui Goulart de Almeida apresentou uma reportagem fotográfica sobre a Ponta da Ferraria, com o objetivo de chamar a atenção sobre o estado em que se encontrava a antiga estrutura do estabelecimento termal (fig. 3.106. e 3.107.).

Em 2006, o Governo Regional lançou um concurso para a colocação de água e eletricidade na zona, com o intuito de requalificar a estância balnear da Ferraria. Esta foi a primeira fase do concurso de requalificação e só, posteriormente, foi lançado o concurso de reconstrução do edifício. Mesmo após o encerramento da estância balnear, o local da Ponta da Ferraria continuou a ser um local privilegiado e muito frequentado para banhos de mar termais, pescar ou simplesmente passear. Nas últimas duas décadas,

tornou-se a principal atração turística da freguesia de Ginetes (*Açoriano Oriental*, 4 de setembro de 2006).



Figura 3.106. Aspeto do estabelecimento termal em estado de abandono, em 2005



Figura 3.107. Aspeto do estabelecimento termal em estado de abandono, em 2005

Em 2008, o Governo Regional decidiu abrir um novo concurso para a zona da Ferraria, pois o concurso anterior que previa uma pequena unidade hoteleira, onde os turistas poderiam pernoitar, com restaurante e instalações sanitárias, não recolheu qualquer candidatura. Segundo a autarca Nemésia Raposo, a falta de candidatos deveu-se ao facto de o caderno de encargos ser “muito pesado para os interessados” (*Açoriano Oriental*, 31 de janeiro de 2008). Por outro lado, o projeto inicial previa também um hotel com

spa integrado, o que implicaria de certa forma privatizar parte da zona da Ferraria, aspeto que foi imediatamente alvo de contestação por parte dos residentes, levando à reestruturação do projeto e cancelamento da construção do hotel [14].

As termas foram inauguradas a 28 de agosto de 2010, para além da reabilitação da antiga casa de banhos, também procederam à requalificação da zona balnear envolvente e à construção de estruturas de apoio e obras de contenção de taludes (Câmara, 2012).

Atualmente, a antiga casa de banhos é um *spa* termal, com 2 piscinas termais ao ar livre, 1 piscina termal interior, 1 duche Vichy, 1 jacuzzi termal, 1 sauna e 1 banho turco. No exterior, existe um parque de estacionamento, além de um restaurante e bar. O novo *spa* termal concilia o tradicional conceito de termas com fins terapêuticos com a nova vertente moderna da saúde pela água e técnicas de fisioterapia (Câmara, 2012).

Apesar das obras de contenção de taludes na zona da Ferraria, a 18 e 24 de março de 2013, ocorreram dois movimentos de vertente na estrada devido às intempéries, tendo o primeiro causado o isolamento de cerca de 10 pessoas que se encontravam no *spa* termal da Ferraria; o segundo acontecimento ocorreu exatamente na mesma zona (fig. 3.108 e 3.109) [15].



Figura 3.108. Movimentos de vertentes ocorridos no inverno de 2013



Figura 3.109. Outro aspeto dos movimentos de vertentes ocorridos no inverno de 2013

O projeto para as piscinas exteriores é da autoria dos arquitetos Manuel Saldanha, José Capela e Paulo Monteiro (fig. 3.110.). O edifício termal foi construído em forma de L. Num dos tramos do L, integram-se as duas piscinas e o solário e, no outro, o corpo ondulado de vestiários, balneários e instalações sanitárias de apoio. O corpo serpenteado

divide as zonas de pés sujos e pés limpos, abrindo-se para ambos, tendo no extremo um bar voltado para as piscinas, com esplanada anexa (fig. 3.111., e 3.112.). O projeto de paisagismo é da autoria da arquiteta paisagista Marta Lourenço (Pinto e Mangorrinha, 2009).

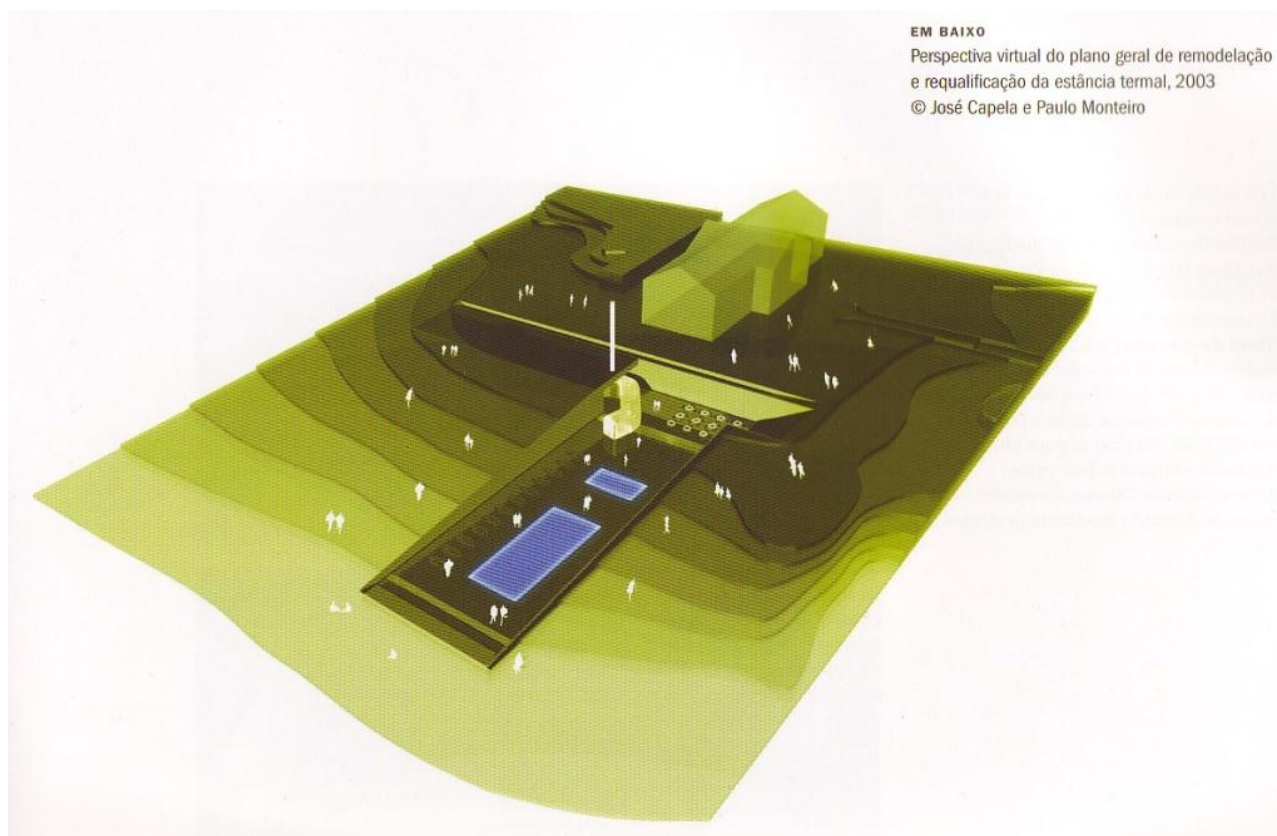


Fig. 3.110. Plano geral de remodelação e requalificação da Termas da Ferraria, 2003, arquitetos Manuel Saldanha, José Capela e Paulo Monteiro



Fig. 3.111. Piscinas exteriores termais



Fig. 3.112. Esplanada e túnel em serpentina para o interior das instalações do Spa

4. Conclusões/Considerações Finais

A utilização das águas termais no território português é muito anterior à fundação da nacionalidade. A história do desenvolvimento dos estabelecimentos balneares e da utilização das águas em Portugal está frequentemente associada à cultura romana.

Verifica-se que a tradição termal portuguesa segue quase os mesmos passos que a espanhola, a italiana e a francesa. Isto explica-se por serem culturas latinas e seguirem escolas de princípios semelhantes.

O verdadeiro “boom” do Termalismo em Portugal ocorreu a partir da segunda metade do século XVIII até à 1ª metade do século XX, simultaneamente com outros países europeus de tradições termais. As famílias aristocráticas e burguesas instalavam-se nos sumptuosos hotéis que, no princípio do século passado, povoavam estâncias termais como são exemplos Luso, Vidago, S. Pedro do Sul ou Pedras Salgadas.

Tendo em conta que os centros de informação e documentação são espaços de preservação e são imprescindíveis para a construção da memória de uma sociedade, a investigação nos arquivos da DRTT e da DRAIC, foi essencial para análise do desenvolvimento e da evolução estrutural de algumas estâncias termais em estudo.

Em São Miguel, o desenvolvimento do termalismo sofreu um grande impulso no final do século XVIII e ao longo de todo o século XIX, tendo sido edificados numerosos edifícios balneares, públicos e privados, não só no Vale das Furnas, mas também nas Caldeiras da Ribeira Grande, Ladeira da Velha e Ferraria.

As Furnas são uma combinação única de valores naturais e culturais, já no século XVIII eram consideradas uma estância de veraneio por excelência, visitada por locais e estrangeiros, atraídos pelos magníficos cenários paisagísticos, pela diversidade e riqueza da vegetação, pela variedade de nascentes minerais e termais e pelas fumarolas. Entre os balneários existentes nas Furnas merecem particular menção o atual Furnas Boutique Hotel, antigo “Banhos Novos”, cuja construção remonta a 1863.

Tendo em conta a evolução histórica do estabelecimento termal “Banhos Novos” ao atual “Furnas Boutique Hotel Spa”, conclui-se que o Governo Regional demonstrou mais interesse na aposta económica de transformação do estabelecimento termal em hotel ao invés da aposta numa estância termal e medicinal, que o edifício já dispunha

após a 1ª fase de remodelação nos anos 90. Para a 2ª fase estava previsto obras de ampliação e transformação do estabelecimento termal em duas vertentes: turística e medicinal. Contudo, o Governo Regional optou apenas pela aposta turística hoteleira, por ser mais vantajosa em termos financeiros.

A história evolutiva do estabelecimento termal antigamente designado por “Banhos da Coroa” e, atualmente, denominado por “Banhos das Caldeiras” poderá ser comparado ao fenómeno social de elite que ocorreu no Vale das Furnas, mas em menores dimensões. Enquanto, no Vale das Furnas, a escolha do tipo de banhos, dos estabelecimentos e dos entretenimentos era mais variada. Na zona das Caldeiras da Ribeira Grande, havia apenas um pequeno estabelecimento termal e uma zona de entretenimento (Casa da Assembleia). Contudo, compara-se na medida em que os utilizadores dos banhos tanto nas Furnas como nas Caldeiras da Ribeira Grande eram pessoas da alta sociedade, que passavam uma temporada nestes locais de veraneio.

Na Ribeira Grande, os “Banhos da Coroa”, construídos em 1811, são dotados atualmente um *mini-spa* procurado tanto por turistas como por locais, contudo esta zona deveria ser melhor aproveitada como é referido por Moniz (2016).

Sobre o caso da Ladeira da Velha, conclui-se que o seu difícil acesso e a possível destruição das estruturas pela agitação marítima durante o inverno e movimentos de vertente, levou ao abandono das instalações termais e oficina de engarrafamento. Contudo estas ruínas são ainda um caso a ser discutido e pensado nos próximos anos. Com a abertura do trilho de acesso às ruínas deste estabelecimento termal, provavelmente haverá nos próximos anos propostas de exploração turística que hoje pensamos serem inconcebíveis, devido aos diversos riscos geológicos e meteorológicos que esta zona apresenta.

Por fim, as termas da Ladeira da Velha e as Termas da Ferraria localizam-se ambas perto do mar e tinham em comum o facto de terem sido utilizadas sobretudo por pessoas de menores possibilidades, que financeiramente não podiam suportar os custos de deslocação e tratamento no grande centro Termal da ilha de São Miguel, as Furnas.

As potencialidades das águas termais da nossa ilha constituem uma alternativa medicinal que não pode ser ignorada, e que deve ser colocada ao serviço de toda a

comunidade. Desta forma, deverão ser criadas condições que incentivem o investimento público e/ou privado, com vista ao alargamento das alternativas medicinais.

Por outro lado, este tipo de investimento no termalismo poderá trazer mais-valias sob o ponto de vista económico, potenciando o aumento da procura de Turismo de Saúde e de Bem-estar na ilha São Miguel.

Bibliografia

- Abranches, J. (1869). *Álbum Micaelense*. Ponta Delgada.
- Acciaiuoli, L. (1944). *Águas de Portugal: minerais e de mesa, história e bibliografia*. Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos. Portugal.
- Acciaiuoli, L. (1952). *Le Portugal hydrominéral*. I e II volume. Lisboa: Direction Générale des Mines et des Services Géologiques.
- Acciaiuoli, L. e Narciso, A. (1938). *Águas minerais do Continente e Ilha de S. Miguel*. Ministério do Comércio e Industria, Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos, Lisboa.
- Acciaiuoli, L. e Narciso, A. (1941). *Inventário das águas medicinais da ilha de São Miguel: inquérito hidrológico*. Lisboa. Editora Médica.
- Albergaria, I. S. (2000). *Quintas, Jardins e Parques de São Miguel: 1785 – 1885*. Lisboa: Quetzal Editores.
- Albergaria, I. S. (2005). *Parques e Jardins dos Açores*. Argumentum.
- Albuquerque, L. S. M. de (1826). *Observações sobre a ilha de S. Miguel, recolhidas pela comissão enviada à mesma ilha em agosto de 1825 e regressada em outubro do mesmo ano*. Lisboa.
- Alemão, V. F. (1507). “Descrição das ilhas do Atlântico” in *Coleção de Documentos relativos ao Descobrimento e Povoamento dos Açores*, Ponta Delgada, 1977;
- Almeida, A., Belo, D. (2007). *Portugal património: Aveiro, Coimbra, Leiria*. Círculo de Leitores.
- Almeida, C., Carvalho, M. R., Coutinho, R. e Cruz, J. V., 1997 – *Água Mineral*. 3p.
- Ashe, T. (1813). *History of the Azores or Western Islands*. Londres. Azores archipelago (Portugal). J. Volcanol. Geotherm. Res. 151, 382–398.
- Barros, V. G. (2015). *Turismo em Portugal*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Boid, C. (1835) – “A description of the Azores or Western Islands” in *Insulana*, Ponta Delgada, vol. Nº 3 e 4, pág.339

Booth, B., Croasdale, R., Walker, G.P.L., (1978). *A quantitative study of five thousand years of volcanism on S. Miguel, Azores*. Phil. Trans. R. Soc. Lond., 228, 271-319.

Bullar, J. H. (1839). *Um Inverno nos Açores e um Verão no Vale das Furnas*, 2ª edição (1986), Ponta Delgada, edição do Instituto Cultural de Ponta Delgada.

Câmara, N. (2012). *Ginetes: Janela aberta para o futuro (Guia das freguesias rurais)*. Câmara Municipal de Ponta Delgada. 2012.

Cantista, A. (2010). O termalismo em Portugal. *Anales de Hidrologia Médica*. Vol. 3. Pp. 79-107.

Carmo, R. (2004). *Geologia estrutural da região Povoação - Nordeste (ilha de S. Miguel, Açores)*. Tese de Mestrado em Vulcanologia e Avaliação de Riscos Geológicos, Departamento de Geociências. Universidade dos Açores.

Carreiro, J. F. (2004). *Vidago: origens e instituições*. Junta de Freguesia. Vidago.

Carvalho, H. (1954). *Algumas Particularidades de Composição das Águas Minerais de S. Miguel (Açores)*. Acad. Ciênc. Lisboa.

Cerqueira, C. I. C. (2015). *Unidades Termais e Desenvolvimento, Gestão e Qualificação das Termas do Cró*. Dissertação de Mestrado em Gestão: Administração Pública. Instituto Politécnico da Guarda. Guarda.

Chagas, F. D. (1723). *Espelho Cristalino em Jardim de várias Flores*. Lisboa.

Coimbra, A. R. F. (2012). *Termas da Cúria: Abordagem da arquitetura termal*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura. Universidade Lusíada de Lisboa.

Cole, P.D., Queiroz, G., Wallenstein, N., Gaspar, J.L., Guest, J.E., 1995. *An historic subplinian/phreatomagmatic eruption: the 1630 AD eruption of Furnas volcano, Azores*. J. Volcanol. Geotherm. Res., 69, 117-135.

Corrêa, A. A. J. (compilação) (2010). *Chronica dos eremitas das Furnas e do Valle da Piedade: 1665-1789*. Caloura, Lagoa, Câmara Municipal.

Corrêa, M. J. (1924). *Leituras sobre a Historia do Valle das Furnas*. Oficina de Artes Gráficas, Ilha de S. Miguel – Açores.

Costa, C. M. (2003). *Estudo Histográfico das Termas do Cró*. Sabugal: Criate-Côa.

Costa, R. M. M. (1987). *Para a História do Turismo nos Açores*. Horta.

Costa, R. M. M. (1989), *Western Islands. Um contributo para o estudo do turismo nos Açores*. Horta. Secretaria Regional do Turismo e Ambiente / Direção Regional do Turismo.

Coutinho, R.M. (2000). *Elementos para a monitorização sismovulcânica da ilha do Faial (Açores): caracterização hidrogeológica e avaliação de anomalias de Rn associadas a zonas de desgaseificação*. Dissertação de Doutoramento, Universidade dos Açores, Ponta Delgada.

Cruz, J. V., 2001. *Recursos Subterrâneos*. Plano Regional da Água da Região Autónoma dos Açores. Relatório Técnico-Científico 03/DGUA/01, Centro de Geologia Ambiental, DG/UA, Ponta Delgada.

Cruz, J. V., Freire, P., Coutinho, R. (2014). “Águas minerais da ilha de São Miguel – Açores: Monitorização hidrogeoquímica entre 1992 e 2013” in *Comunicações Hidrogeológicas*. Especial 101. Pp. 671-675. Disponível em: http://www.lneg.pt/download/9630/16_2893_ART_CG14_ESPECIAL_II.pdf [consultado em 14-11-2016]

Cruz, J., Freire, P. (2011). “A Hidrópole: nascentes minerais”. In: *Na Boca do Vulcão*. Sociedade de Promoção e Gestão Ambiental, S.A.

Cruz, J.V., Coutinho, R.M., Carvalho, M.R., Oskarsson, N., Gislason, S.R., (1999). “Chemistry of waters from Furnas volcano, São Miguel, Azores: fluxes of volcanic carbondioxide and leached material” In *J. Volcanol. Geotherm. Res.* 92, 151–167.

Cruz, J.V., França, Z., 2006. “Hydrogeochemistry of thermal and mineral springs of the Azores archipelago (Portugal)” In *J. Volcanol. Geotherm. Res.*, 151, 382-389.

Cruz, J.V., Freire, P., Costa, A., 2010. “Mineral waters characterization in the Azores archipelago (Portugal)”. *J. Volcanol. Geotherm. Res.* 190, 353-364.

- Cunha, L. (2001). *Introdução ao Turismo*. Editorial Verbo. Lisboa/ São Paulo.
- Cunha, L. (2010), “Desenvolvimento do Turismo em Portugal: os Primórdios”, in *Fluxos & Riscos*, nº 1, pp. 127-149, Disponível em: <http://recil.uluso.fona.pt/bitstream/handle/10437/1849/DESENVOLVIMENTO.pdf?sequence=1> [consultado em 28-12-2016]
- Dias, A. Oliveira, J. (1980). *Termalismo nos Açores*. Funchal.
- Dias, A. Oliveira, J. (1982). *Tratamento termal das Asmas – Bronquites Crónicas*. Ponta Delgada;
- Dias, F. S. (1995). “A importância da "economia da laranja" no Arquipélago dos Açores durante o século XIX” in *Arquipélago - história*. 2ª Série, vol. 1, nº 2, pp. 189-240
- Dias, U. M. (1936). *História do Vale das Furnas*. Vila Franca do Campo.
- Drouet, H. (1870). *Sur terre et sur mer – Excursions d’un Naturaliste en France, aux Açores, a la Guyane et a Angola*. Paris: L. Hachette.
- Encarnacion, F. O. (1997). “Las Águas Mineromedicinales en la Medicina de la Antigüedad” in *Termalismo Antigo*. I Congresso Peninsular Actas. Casa de Velázquez. Universidade Nacional de Educacion a Distancia. Centro Superior de Humanidades de Albacete Pp. 233 a 234. Disponível em: https://books.google.pt/books?id=0KcXM21KccUC&pg=PA233&lpg=PA233&dq=herodoto%2Btermas&source=bl&ots=_1w87EmDRB&sig=Tna38wGGj0TuXxgmk48XW4UhQCg&hl=pt-PT&sa=X&ved=0ahUKEwiI_ujRqNvRAhVLvBQKHUwsA0A4ChDoAQhFMAG#v=onepage&q=herodoto%2Btermas&f=false [consultado a 25 de Janeiro de 2017]
- Escada, P. I. (1999). *Turismo termal e desenvolvimento e Monte Real*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra.
- Fabiani, D., Partsch, G., Casale, R., Cerinic, M. (1996). “Rheumatologic Aspects of Mineral Water” in *Clinics in Dermatology*, 14 (6), pp. 571 – 575.
- Ferreira, M. (1999). *Turismo em S. Miguel 100 anos*. [Ponta Delgada : Câmara Municipal](#).

- Ferreira, M., Forjaz, V. H. (2009). *O vulcão das Furnas: encantos e temores*. Observatório Vulcanológico e Geotérmico dos Açores. Ponta Delgada.
- Ferreira, T. (2000). *Caracterização da atividade vulcânica da ilha de S. Miguel (Açores): Vulcanismo basáltico recente e zonas de desgaseificação. Avaliação de riscos*. Tese de Doutoramento em Geologia, especialidade de Vulcanologia. Departamento de Geociências. Universidade dos Açores.
- Fouqué F., Cabral F. M. *Les eaux thermales de l'île de San-Miguel (Açores) (1873)*. Portugal, Lisboa. Lallemand Frères, Imprimeurs,. Disponível em: <https://archive.org/details/leseauxthermale00cabrgoog> [consultado a 12 de Janeiro de 2017]
- Fraga, M. C. (2011), “Literatura de Viagens: quando nós somos o outro”, in *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, n.º 20.
- Franco, P. A. F. (1630) – *Relação do Lastimoso e Horrendo Caso que Aconteceu na ilha de S. Miguel*. Pedro Craesbeeck. Lisboa.
- Freire, P. A. T. (2006). *Águas minerais da ilha de São Miguel (Açores): Caracterização hidrogeológica e implicações para a monitorização vulcanológica*. Dissertação de mestrado em Vulcanologia e Riscos Geológicos. Universidade dos Açores.
- Freire, P. A. T., (2013). *Recursos Hidrominerais dos Açores: Hidrogeologia e Avaliação do Potencial Socioeconómico*. Dissertação de Doutoramento. Departamento de Geociências. Universidade dos Açores. Ponta Delgada.
- Freitas, B. J. S. (1845). *Uma viagem ao Vale das Furnas*. Imprensa Nacional. Lisboa.
- Frutuoso, G. (1585) – *Saudades da Terra*. Livro IV. Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1998.
- Gaspar, J.L., Ferreira, T., Queiroz, G., Wallenstein, N., Pacheco, J., Guest, J., Duncan, A., Cole, P., 1995. *Evolução morfo-estrutural do vulcão das Furnas ilha de S Miguel, Açores*. Uni. do Porto Fac. de Ciências, Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico, IV Congresso Nacional de Geologia. Membrane 4, 999-1003.

Gonçalves, M. C. (2011). “As férias, Breve panorâmica histórica” in *Comunicação, Arte e Cultura* disponível em: <https://comartecultura.wordpress.com/2011/12/29/as-ferias-breve-panoramica-historica/> [consultado a 12 de Abril de 2016]

Gourlay, W. (1791) – “Relação das Águas Minerais da Ilha Portuguesa de S. Miguel” in *Arquivo dos Açores*, vol. VIII. Ponta Delgada.

Gouveia, M. (1992). *O Compromisso da Rainha: exposição realizada na Capela de S. Sebastião*. Caldas da Rainha, Património Histórico. Disponível em: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/GazetaCF/1965/N1853/N1853_master/GazetaCFN1853.pdf [consultado em 29-08-2016].

Guest, J. E., Gaspar, J. L., Cole, P. D., Queiroz, G., Duncan, A. M., Wallenstein, N., Ferreira, T., Pacheco, J. M., 1999. *Volcanic Geology of Furnas Volcano, São Miguel, Azores*. *J. Volcanol. Geotherm. Res.* 92, 1-29.

Hickling, C. G. (1786) – “Diário... 1786-1789” in *Insulana*. Ponta Delgada, vol. 49, pp. 63-86, 1993.

Ilha de S. Miguel, terra de turismo. Tese a apresentar ao Congresso Nacional de Turismo, a reunir em Lisboa em 1935, pela Direção da Sociedade Terra Nostra, S. 17 Miguel – Ilha Verde, 1935.

Jarrassé, D. (1994). “Thermalisme et Civilisation” in *2000 Ans de Thermalisme*. Fascicule IV. Clermont-Ferrand. Disponível em: <https://www.fichier-pdf.fr/2011/12/04/2000-ans-de-thermalisme-economie-patrimoine-rites-et-pratiques-h-design/2000-ans-de-thermalisme-economie-patrimoine-rites-et-pratiques-h-design.pdf> [consultado em 27-07-2016]

Kazandjieva, J., Grozdev, I., Darlenski, R., Tsankov, N. (2008), Climatotherapy of psoriasis in *Clinics in Dermatology*, 26, pp. 477 – 485.

Kerrigan, M. (2001). *Ancient Rome and Roman Empire*. BBC Worldwide. Londres.

Leite, A. F. (2001). *Um olhar de observação sobre os Ginetes*. Assembleia de Freguesia. Ginetes.

- Lepierre, C. (1917). *Análise química das águas minero-medicinais do Vale das Furnas. Ilha de S. Miguel (Açores)*. Laboratório de Química Analytica, IST, Lisboa.
- Lepierre, C. (1931). *Boletim da análise da Água da Ladeira da Velha – Porto Formoso – Ilha de São Miguel – Açores*. Instituto Superior Técnico-Lisboa, Laboratório de Química Analítica. Lisboa.
- Livro Branco (2015): *Águas minerais Naturais e Águas de Nascente*. APIAM – Associação Portuguesa dos Industriais de Águas Minerais Naturais e de Nascente. Disponível em: http://extranet.apiam.pt/upload/banner/ficheiro/20_LIVRO%20BRANCO%20APIAM%202015.pdf [Consultado em 25-07-2016]
- Lobo, S. L. M. (2012). *Arquitectura e Turismo: Planos e Projetos, as cenografias do Lazer na costa portuguesa, da 1ª República à Democracia, Parte II*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Coimbra. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/23799> [Consultado em 18-09-2016]
- Lourenço, N., (2007). *Tectono-magmatic processes at the Azores triple junction*. Tese de Doutoramento no ramo de Ciências do Mar, especialidade de Geologia Marinha. Fac. Ciências do Mar e Ambiente, Universidade do Algarve, 239 p.
- Mangorrinha, J., Pinto, H. (2015) – “A inovação na arquitetura termal portuguesa” in *Agua y territorio*, Nº. 6, pp. 12-21, julho-dezembro. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5348304> [Consultado em 22-03-2016]
- Mariz, S. M. R. (2015). *Estâncias termais contemporâneas os casos de Vidago e Pedras Salgadas*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra.
- Martins, M. (2009). *Aglomerados Termais Portugueses – Proveitos da sua Revitalização na competitividade Urbana*. Relatório de Projeto. Universidade do Porto.
- Martins, R. S. (2005). “A escultura cerâmica regionalista do Arquipélago dos Açores” in *Arquipélago*, 2ª série, IX, pp. 409-464.
- Masson, F. (1778) – *An account of the Island of St. Michael. By... in a letter to Mr. William Aiton, Botanical Gardener to His Majesty. Communicated by Joseph Banks*,

Esq. F.R.S. Philosophical Transactions of the Royal Society of London. London, vol. 68, part 2, (1778), p. 601,604 e 609 (Tradução do Dr. Cristovão Aguiar);

Matos, R. M. C. C. (2016). *A arquitetura do Turismo Terapêutico – Madeira e Canárias, 1800 – 1914*. Arquitetura, Teoria e História. Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa.

Medeiros, C. P. (1971). *As termas da ilha de São Miguel e as suas possibilidades terapêuticas*. Ponta Delgada;

Melo, F. A. C. (1723) – *A Margarita Animada*, Lisboa.

Miguel, G. C., Ferreira, M., Petrzak, F. T. (2012) *Furnas Laboratório de Paisagem*. Dossier de candidatura ao Prémio Nacional da Paisagem. Centro de Monitorização e Investigação das Furnas. Furnas, São Miguel. Disponível em: <https://cld.pt/dl/download/5b67ede4-e285-425e-821f-41c3e22e3f13/FURNAS%20LABORAT%C3%93RIO%20DE%20PAISAGEM.pdf> [Consultado em 14/05/2016]

Moniz, S. (2016). *Caldeiras da Ribeira Grande Banhos da Coroa*. Pós-graduação em Turismo Cultural. Universidade dos Açores.

Moore, R.B. (1990). Volcanic geology and eruption frequency, São Miguel, Azores. *Bull. Volcanol.* 52, 602-614.

Moore, R.B., (1991a). Geologic map of São Miguel, Azores (Scale 1:50.000). U.S. Geol. Survey, MISC INV., map I-2007.

Moore, R.B., (1991b). *Geology of three late Quaternary stratovolcanoes on São Miguel, Azores*. U.S. Geol. Survey Bulletin, 1900, 1-26.

Morais, J. C. (1953). *Furnas dos Açores: Memórias e Notícias*. Publicações do museu e laboratório mineralógico e Geológico e do centro de estudos geológicos da Universidade de Coimbra, Nº 35. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/38012/1/Furnas%20dos%20Acores.pdf> [Consultado em 19-06-2016].

Needham, H. e Francheteau, J. (1974). *Some Characteristics of the Rift Valley in the Atlantic Ocean Near 36° 48' North*. *Earth and Planet. Sci. Lett.*, 22, pp. 29-43.

- Neves, F. M. (2002). *O turismo termal no Norte de Portugal: Vidago e Pedras Salgadas: o desenvolvimento de duas estâncias termais*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Coimbra.
- Nye, Elisa W. (1847) – “Diário de uma viagem da América aos Açores” in *Insulana*, vol. 29 e 30. Ponta Delgada.
- Pacheco, J. M., Ferreira, T., Queiroz, G., Wallenstein, N., Coutinho, R., Cruz, J. V., Pimentel, A., Silva, R., Gaspar, J. L., Goulart, C. (2013). "Notas sobre a geologia do arquipélago dos Açores", In: R. Dias, A. Araújo, P. Terrinha e J. C. Kullberg (Eds), *Geologia de Portugal*, Vol. 2, Escolar Editora, 596-690.
- Penez, J. (1994). *Dans la fièvre thermale: la société des eaux minérales de Châtel-Guyon*. Institut d'Études du Massif Central. Clermont-Ferrand.
- Pereira, H. C. (2012). *Águas minerais em São Miguel (Açores): Perceção pública da sua génese e ocorrência*. Dissertação de Mestrado em Geologia. Departamento de Geociências. Universidade dos Açores. Ponta Delgada.
- Pereira, M. C. (1926). *Agua Mineral-Medicinal das Furnas e Ferraria*. Tup.^a Ruy Moraes. Ponta Delgada.
- Pesaro, P. A. de (1567). “Viagem à ilha da Madeira e aos Açores” in *Insulana*, vol. VIII. Ponta Delgada, 1952.
- Pinto, H. G., Mangorrinha, J. (2009). *O desenho das termas: história da arquitetura termal portuguesa*. Lisboa: Ministério da Economia e Inovação.
- Pita, J. R (1998). *História da Farmácia*. Coimbra. Livraria Minerva Editora.
- Pomeroy, C. (1824) – “Diário” in *Insulana*, vol. 53, pp. 98-107, Ponta Delgada. 1997.
- Prescott, W. H. (1816) – “Quatro cartas do historiador William H. Prescott. Contendo impressões da sua visita a S. Miguel em 1815-1816” in *Insulana*, Vol. VII, nº 3-4, 1951, pp. 218-235.
- Purchas, S. (1625) – *Hakluytus or Purchas His pilgrimes: a history of the world, in voyages and lande travells by Englishmen and others*. Glasgow: James MacLehcsSons, 1905-1907, vol. 16, pp. 290.

Queiroz, G. (1990) - *Aspectos vulcanológicos do maciço das Sete Cidades*. Provas de Prog. Carr. Inv. Centro de Vulcanologia, INIC, Ponta Delgada.

Queiroz, G. (1997). *Vulcão das Sete Cidades (S. Miguel, Açores): História eruptiva e avaliação do Hazard*. Tese de doutoramento no ramo de Geologia, especialidade de Vulcanologia. Univ. dos Açores, Dep. Geociências.

Quintela, M. M. (2004). Saberes e práticas termais: uma perspectiva comparada em Portugal (Termas de S. Pedro do Sul) e no Brasil (Caldas da Imperatriz) in *História, Ciências, Saúde*. Vol. 11. Manguinhos, Rio de Janeiro. Pp. 239-260.

Ramos, A. R. C. C. V. (2005) *O Termalismo em Portugal: Dos Fatores de obstrução à revitalização pela dimensão turística*. Dissertação de Doutoramento no ramo de Turismo. Universidade de Aveiro.

Rocha, S. S. P. G. (2011). *Caracterização de Sistemas Hidrotermais de Baixa Entalpia na Ribeira Grande, Ilha de S. Miguel, Açores*. Dissertação de mestrado em Engenharia Geológica. Universidade Nova de Lisboa.

Rodrigues, H. A. O. (2010). *Notas Históricas Assistência e Saúde Pública*. Gráfica Açoriana, Lda. Ponta Delgada.

Rodrigues, R. P. C. (2011). *Estância termal. Espaço verde termal. Catalisador urbano das Caldas da Rainha*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Rosmaninho, N. (2003). *Cronologia da Curia: Aqua Nativa*. Anadia: Associação Cultural de Anadia;

Routh, H. B., Bhowmik, K. R., Parish, L. C., Witkowski, J. A. (1996). Balneology, Mineral Water, and Spas in Historical Perspective in *Clinics in Dermatology*, 14 (6) pp. 551 – 554.

Santos, A. C. L. D. (2011). *Propriedades e Aplicações Dermatológicas das Águas Termais*. Monografia para obtenção do Grau de Licenciado em Ciências Farmacêuticas. Universidade Fernando Pessoa.

Sauvat, C. (1999). *Villes d'eaux en Europe*. Éditions du Chêne. Paris.

Serra, J. (1995). O Hospital de Nossa Senhora do Pópulo fundando em 1485 nas caldas de Óbidos, e a sua evolução *in Assistência, Medicina e Sociedade*. Disponível em: <http://cidadeimaginaria.org/inv/HistoriaHospitalCaldas.pdf> [consultado em 27-07-2016]

Silva, F. V. (1791). “Descrição das Águas Minerais das Furnas” in *Arquivo dos Açores*, vol. VIII. Ponta Delgada.

Silva, S. S. (2001). “Acheegas para outras leituras da Visita Régia ao Arquipélago dos Açores”. Separata da Revista *Insulana*. Ponta Delgada. Instituto Cultural de Ponta Delgada.

Silva, S. S. (2009). “Em torno da Visita Régia de 1901 aos Arquipélagos da Madeira e dos Açores”. Separata da Revista *Arquipélago-História*. 2ª Série. Universidade dos Açores, vol. XIII.

Silveira, D. (2002). *Caracterização da sismicidade histórica da ilha de S. Miguel com base na reinterpretação de dados de macrossísmica: contribuição para a avaliação do risco sísmico*. Tese de Mestrado em Vulcanologia e Riscos Geológicos, Departamento de Geociências, Universidade dos Açores, 149 p.

Simão, M. C. B. (1997). *A Estância Termal da Curia: História e Arte Anadia*: Associação Cultural de Anadia.

Simões, J. O. (1951). “Há 50 anos” in *Gazeta dos Caminhos-de-ferro*, pp. 496-499. Disponível em: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/GazetaCF/1965/N1853/N1853_master/GazetaCFN1853.pdf [consultado em 16-09-2016].

Sintra, D. G. “*As relações dos descobrimentos da Guiné e das Ilhas dos Açores, Madeira e Cabo Verde*” 1499-1502

Soares de Sousa, T. H., Moura, M. *et al...* (2004). *Ribeira Grande*. Publicações & Publicidade, Lda. Ponta Delgada;

Sociedade de Promoção e Gestão Ambiental, S.A (2011). *Na Boca do Vulcão*. Ponta Delgada.

Sotto-Mayor, F. J.(1899). *Guia do Viajante em São Miguel*. Evaristo Ferreira Travassos. Ponta Delgada.

- Sousa, J. M. M. (2008). *O Vale das Furnas. Colectânea. Cronistas e Viajantes. Textos e Imagens. Século XVI- séc. XIX*. Lisboa: Almedina.
- Sousa, J. S. A. (1822). *Açorica ou descrição phizica, política, e histórica dos Açores, por um cidadão Açorense, M. da Sociedade Patriotica Phylantropya n'os Açores*. Lisboa n'a impressão de João Nunes Esteves.
- Supico, F. M. (1995). “As Escavações”. Volume II. Instituto Cultural de Ponta Delgada
- Teixeira, F. (2007) *Diaporama de Hidrologia Médica*. Diapositivos do Curso de Pós-Graduação em Termalismo da Universidade da Beira Interior (UBI).
- Thomas, K. (1988). *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800*. São Paulo, Companhia das Letras.
- Vargas, R, Gil A. (2002). “Las estaciones termales en andalucía: de la explotación tradicional a la configuración de un nuevo producto turístico integral” in *Cuadernos de Turismo*, 10; pp. 101-122.
- Walker, W. F. (1886). *The Azores or Western Islands*. Londres.
- Wallenstein, N., 1999. *Estudo da história eruptiva recente e do comportamento eruptivo do vulcão do Fogo (S. Miguel, Açores). Avaliação preliminar do hazard*. Tese de Doutoramento no ramo de Geologia, especialidade de Vulcanologia, Departamento de Geociências, Universidade dos Açores.
- Wallenstein, N., Duncan, A.M., Almeida, M.H., Pacheco, J.M., 1998. *A Erupção de 1563 do Pico do Sapateiro, S. Miguel (Açores)*. Proceedings of the “I Asamblea Hispano Portuguesa de Geodesia Y Geofísica”. Em formato digital (CD-ROM), 5 p.
- Webster, J. W. (1821). *Descrição da ilha de São Miguel*. Boston.
- Yedina, L. V. (1878). *Voyage de la Frégate Austrichienne Helgoland Autour de l'Afrike*. Paris.
- Zbyszewski, G (1959). *Alguns casos práticos da utilidade da geologia no estudo da ilha de S. Miguel (Açores)*. Mem. Acad. Ciências de Lisboa, t.VIII, 3-22.
- Zbyszewski, G (1961). *Étude Géologique de L'Ile de S.Miguel (Açores)*. Com. Serv. Geol. Portugal, 45, 5-79.

Zbyszewski, G., Moitinho , F., Veiga, O. e Torre de Assunção, C. (1958). *Notícia explicativa da Folha “B” da ilha de S. Miguel (Açores) da Carta Geológica de Portugal na escala 1:50000*. Serv. Geol. Portugal.

Webgrafia

- [1] <http://www.sociedadeagualuso.pt/pt/termas-de-luso/historia-das-termas.aspx>
- [2] <http://hoteldocro.com/terapeutica>
- [3] <http://www.azoresdigital.com/noticias/ver.php?id=1930>
- [4] <http://www.azores.gov.pt/NR/exeres/6C09D463-E09A-40EC-A886-7357C032346F.htm>
- [5] www.pocadadonabeija.com
- [6] <http://azores.gov.pt/Portal/pt/entidades/pgra/noticias/Inaugura%C3%A7%C3%A3o+do+Furnas+Boutique+Hotel+%C3%A9+vit%C3%B3ria+sobre+a+descren%C3%A7a+e+a+desconfian%C3%A7a+afirma+Vasco+Corde.htm>
- [7] <http://www.observatorioturismoacores.com/areas/estatisticas/#>
- [8] <http://www.acorianooriental.pt/noticia/festa-no-casino-das-furnas-e-ja-no-proximo-sabado>
- [9] <http://www.acorianooriental.pt/noticia/jovem-dos-acores-cria-queijo-com-agua-mineral-azedas-furnas>
- [10] http://www.observatorioturismoacores.com/wp-content/uploads/2017/03/Hotelaria-Tradicional-RAA_Ano-2016.pdf
- [11] <http://www.bensaude.pt/terranostragardenhotel/hotel/parque-terra-nostra>
- [12] http://www.rtp.pt/acores/local/acabaram-se-os-banhos-ferreos-nas-furnas-video_49225
- [13] <http://www.acorianooriental.pt/noticia/termas-das-caldeiras-da-ribeira-grande-nos-acores-vao-ser-exploradas-por-privados>
- [14] http://fugas.publico.pt/hoteis/283948_spa-termal-da-ferraria?pagina=-1
- [15] <http://www.acorianooriental.pt/noticia/nova-derrocada-no-caminho-de-acesso-a-ferraria>

Fontes Primárias

A Persuasão, 3 de Agosto de 1864

A Persuasão, Julho de 1864

Açores, nº 10068, 10 a 16 Abril de 1980,

Açoriano Oriental, 1 de Dezembro de 2011

Açoriano Oriental, 31 de Janeiro de 2008

Açoriano Oriental, 4 de setembro de 2006

Açoriano Oriental, 8 de março de 2013.

Arruda, Doutor Jacinto Botelho. “Ação das águas da Ladeira da Velha sobre a Lepra” in *Diário dos Açores*. 17 de setembro de 1915.

Aurora Povoacense de 17 de Julho de 1909.

Aurora Povoacense, 17 de Julho de 1909

Boletim da Junta Geral do Distrito Autónomo de Ponta Delgada, nº especial, Julho de 1971. Pp. 26.

Boletim da Junta Geral do Distrito Autónomo de Ponta Delgada. - Ponta Delgada. Nº 41. Pp. 3. 1936.

Boletim da Junta Geral do Distrito Autónomo de Ponta Delgada. - Ponta Delgada. Nº 48 (1937), p. 26-27. 1937.

Boletim do Instituto Histórico da ilha Terceira, 6, 173-183.

Correio dos Açores, 2 de julho de 2006.

Correio dos Açores, 23 de julho de 2014

Diário da República, de 11 de Março de 2005

Diário do Governo nº 147, 3ª série, de 26/6/74

Diário dos Açores, 12 de dezembro de 2002.

Diário dos Açores, nº 7229, 17 de Setembro de 1915

Estrela Oriental, Edição nº 511, de junho de 1862

Jornal Açor, de 26 de Fevereiro de 1859

Jornal Diário dos Açores, de 30 de Janeiro de 1920

Jornal Estrela Oriental. Edição nº. 511, de junho de 1862.

Júdice, João António (1787) – “Relatório sobre as águas das Furnas” in *Correio dos Açores*, 27 de Outubro de 1935, Ponta Delgada.

Jornal O Norte, nº 13 de 10 de Agosto de 1895

Fontes orais

José Mário da Costa, 81 anos;

Jardineiro, atualmente reformado;

Rua da Caridade. Sete Cidades.

Doutor Adelino Dias Dinis, 67 anos;

Médico de Medicina Geral e Familiar no Centro de Saúde da Povoação

Rua dos Moinhos nº 46, 9675-052, Furnas.

Maria Glória Costa Teves, 71 anos;

Empregada doméstica, atualmente reformada;

Rua da Igreja nº 24, 955-193. Sete Cidades.

Documentação consultada no Centro de Documentação e Informação da DRTT

Ampliação Estância Termal das Furnas. 3 Plantas (1984).

Aquisição de uma instalação de serragem trabalhos mecânicos de madeiras junto à Estância Termal das Furnas. Direção das Obras Públicas. Junta Geral do distrito de Ponta Delgada (1966).

Balneário Principal da Estância Termal das Furnas – Projeto de uma buvette a construir no balneário principal das Furnas (1963).

Banhos termais das Furnas Projeto de Alteração. Cop. R. Cardoso (1952)

Chalet das Furnas. Planta do espaço em volta ao estabelecimento termal (S/data).

Conservação do Balneário da Ferraria. Direção das Obras Públicas. Junta Geral do distrito de Ponta Delgada (1939/1959)

Correspondência ao Presidente da comissão executiva de Ponta Delgada, sobre o transporte de água termal na Ferraria e sobre o acesso às termas (1968).

Estudo de Aplicação de Energia Elétrica nos Serviços das Termas da Ferraria. Direção das Obras Públicas. Junta Geral do distrito de Ponta Delgada (1938).

Obras a realizar no Balneário das Furnas. Direção das Obras Públicas. Junta Geral do distrito de Ponta Delgada (1956).

Processo 232/E.D. (pasta 823) Junta Geral – Balneário das Termas da Ferraria (1969).

Processo nº D. 7.18. Correspondência ao Diretor de Obras Públicas sobre a montagem de uma bomba de arrefecimento das águas sulfúricas do Balneário das Furnas (1953).

Projeto de remodelação do Balneário das Caldeiras da Ribeira Grande – Caderno de Encargos. Direção das Obras Públicas. Junta Geral do distrito de Ponta Delgada (1965)

Projeto e orçamento para a construção de uma casa de banhos thermaes na Ponta da Ferraria. Direção das Obras Públicas – Distrito de Ponta Delgada (1880).

Projeto e Orçamento para construção d'um tanque refrigerador junto ao edifício dos banhos no Valle das Furnas – Planta e Corte. Direção das Obras Públicas. Junta Geral do distrito de Ponta Delgada (1894).

Projeto e Orçamento para substituição das canalizações de águas medicinais do estabelecimento termal do Vale das Furnas. Direção das Obras Públicas. Junta Geral do distrito de Ponta Delgada (1944).

Projeto para a construção de uma sala de espera e instalações sanitárias no edifício termal das Caldeiras da Ribeira Grande. Direção das Obras Públicas. Junta Geral do distrito de Ponta Delgada (1961).

Registos Fotográficos durante a 1ª fase de obras. Secretaria Regional dos Assuntos Sociais (1990).

Remodelação das Termas nas Furnas. Secretarias Regionais das Finanças, do Trabalho e do Equipamento Social (1982-1988).

Reparação e conservação do estabelecimento balnear das Caldeiras. Orçamento dos trabalhos a executar. Direção das Obras Públicas a Cargo da Junta Geral (1915).

Unidade termal das Furnas Ampliação e reformulação – 1ª fase. Vol. 1 e 3. Secretaria Regional dos Assuntos Sociais (1883).

Documentação consultada no Centro de Documentação e Informação da DRAIC

Água da Ladeira da Velha: Porto Formoso – Ribeira Grande – Ponta Delgada (Açores) Pedido de abandono da concessão. Processo nº 748. Informação nº 5/68 (2 de Fevereiro de 1968).

Almeida, Arqº Rui Goulart de (2005). *Termas da Ferraria – São Miguel: Reportagem fotográfica – Edifício das termas; Escadas de cimento danificadas; escadas de ferro danificadas (descida à água).* Secretaria Regional da Economia.

Almeida, Arqº Rui Goulart de (2006). *Acessos Termas Ferraria – Ginetes – Ponta Delgada: Levantamento Fotográfico e relatório.* Secretaria Regional da Economia.

Decreto Legislativo Regional nº 3/2005/A – Classificação como monumento natural regional do pico das Camarinhas e ponta da Ferraria, na ilha de São Miguel.

Estudo sobre a exploração da nascente “Ladeira da Velha” na Ilha de S. Miguel. Processo nº 263. Direção-Geral de Minas e serviços geológicos (1960).

Ladeira da Velha. Processo nº 1 019. Triénio 1961 – 1963. Acta nº 33. Direção-Geral de Minas e serviços geológicos (1963).

Ladeira da Velha: Pedido de suspensão temporária da exploração. Informação nº 20/63. Direção-Geral de Minas e serviços geológicos (1963).

Ladeira da Velha: Porto Formoso – Ribeira Grande – Ponta Delgada (S. Miguel – Açores). Projeto de Revisão das captações. Informação nº 3/76. Inspeção de Águas (1976).

Memória descritiva da Água Termal da Ladeira da Velha – Ilha de São Miguel – Açores (1958).

Pedido de autorização para produção e divulgação de documentário sobre as termas. Ref. Ter/L/1242/98 e Ref. Ter/L/1244/98, de 24 de Agosto. Secretaria Regional da Economia (1998).

Processo nº 116, Acta nº 3. Triénio 1973 – 1978.

Registos Fotográficos da Ladeira da Velha. Processo nº 116. Triénio 1976 – 1978.

Registos Fotográficos da Ladeira da Velha. Processo nº 1289. Triénio 1958 – 1960.

Vicente, Abilino (1959). *Estação termal das Furnas – Zonas termais a defender no plano de urbanização e algumas considerações acerca da sua valorização.* Lisboa.

Anexos

Anexo 1

**Excerto de *A viagem de Pompeo Ardití aos arquipélagos atlânticos em 1567*.
Bol. Inst. Hist. Ilha Terceira. Angra do
Heroísmo. Vol. 48, (1990), p. 89 – 101**

Insulana, vol. VIII, pág. 240-241, 1952

A primeira referência feita sobre as manifestações de vulcanismo na ilha de São Miguel deve-se a Pompeo Arditì de Pesaro à ilha da Madeira e aos Açores (1567) no Boletim do Instituto Histórico da ilha Terceira, 6, 173-183 (Coutinho, 2000 e Ribeiro, 1948).

«Segundo os vestígios que se observam, a ilha já ardeu toda; e no ano de 1563, dizem que na véspera de São Pedro, num lugar chamado Vila Franca, começou pouco a pouco a terra a tremer e depois toda a ilha com grande força, terramoto que durou três dias seguidos, e no quarto correram três montes, dos quais nem um só vi, e deitaram fogo com tamanho estrépito que se ouviu em São Jorge, isto é a cinco léguas de distancia, com enormes nuvens de pedra pomes e tanta quantidade de escórias, que, soprando o vento de poente, chegam a Portugal a uma distancia de duzentas e sessenta léguas. Estas escórias causaram grande dano às colheitas e cobriram toda aquela parte da ilha, por modo que só agora começa a produzir alguma cousa.

Deitou ainda o monte tão grande porção de pedra, em cinco dias que durou a erupção, que em dois lugares de uma e outra banda da ilha, voltados a norte e a sul, fez no mar duas praias de duas a três milhas de comprimento e meia milha de roda. Correram destes montes correntes de lava incandescente cuja passagem nem elevação nem nada podiam impedir, e eu vi uma que passou um grande monte e depois entrou no mar, tendo percorrido mais de meia légua de terra.

Esta lava converteu-se em pedra duríssima e negra que, à vista parece breu.

Toda a ilha está cheia de montes abertos no cimo e rôtos por dentro, cuja terra é cinza, sinal evidente de serem devidos ao fogo; além disto, por toda a ilha, cavando quatro ou cinco pés de terra, encontra-se esta matéria queimada e convertida em pedra duríssima. Da banda do norte, depois deste fogo, encontrou-se a pedra de fazer alúmen, que aí se faz, embora em pequena quantidade.

Dizem que a duas léguas do lugar chamado Vila-Franca, dentro da montanha, há algumas furnas de enxofro de onde se escoam, quase da montanha, há algumas furnas de enxofro de onde se escoam, quase no mesmo ponto, dois regatos, um tão frio que não se lhe pode meter a mão dentro, outro tão quente, que metendo-se nele

um porco e tirando-o logo, lá deixa a pele. Dizem ainda que há aí uma planície no meio da qual está um lago cuja água negríssima de continuo ferver, e exala miasmas por modo que, se lá vão cães ou outro animais logo morrem, e aos homens não causa dano; cousas estas que, por ser perigoso e muito alagado o caminho, não tentamos ver.»

Anexo 2

Relatório Oficial sobre as Termas em
1787

«Exmo. Sr., em cumprimento da Ordem de V. Exa. Passei ao lugar das Furnas a examinar o sítio das Caldeiras, Banhos e Minerais que há no dito sítio e a tirar a sua planta, na qual vão notadas as Fontes, Caldeiras e Banhos que ali existem atualmente, e na relação, junto se explicam por números as águas engarrafadas, declarando as suas qualidades e virtudes. Vão também os caixotes dos minerais e polmes que fiz extrair, não só no referido sítio, mas nos seus subúrbios, onde topei com outras águas da mesma sorte minerais e sulfúreas, existindo ainda em algumas o exercício dos Banhos (que se achava já extinto) em outras, que o tiveram em outro tempo; sobre que me cingindo-me ao espírito na Ordem de V. Exa., faria algumas breves reflexões, para que V. Exa., à vista delas possa formar o devido conceito desta útil descoberta e trabalhosa diligência.

As águas minerais das Furnas e dos mais sítios; onde as descobri, têm servido de remédio eficaz, pronta a muitas enfermidades, conforme a averiguação que ali fiz; porém quando elas analisadas por professores sábios de química, mostrarem os seus conteúdos e por conseguinte a suas virtudes, poderão (sem dúvida) produzir na sua verdadeira aplicação muitos maiores benefícios. Para que ainda longe do sítio se possa formar alguma ideia e juízo sobre a qualidade dos minerais e virtudes destas águas, de cada uma delas envio duas garrafas numeradas com números iguais e do mesmo modo vão notados os caixotes, que contêm os seus depósitos, polmes e mais minerais que achei e descobri. Enfió também a planta para se ver distintamente a figura do sítio em que se acham todas as Caldeiras, Fontes e Banhos, que em si encerram tantas e tão uteis raridades, tudo vai notado numa Planta.

A abundância das águas é grande, a sua diversidade é notável e rara: umas são sulfúreas e ferventes, outras azedas, algumas frias, outras enfim simplesmente quentes, combinando o seu calor com o calor natural do sangue na melhor constituição de 98 graus, as menos quentes são inferiores a este calor em 13 graus, as sulfúreas excedem-no em 112 graus; de sorte que umas têm 85 graus de calor, as outras 210, o que parece bem raro e admirável. A Caldeira Grande que é de água clara e vai notado com o número 15, levanta centralmente na superfície da água, um chofe que se eleva perpendicularmente pela violência e poder do fogo 4 palmos sobre a mesma superfície. Estas águas têm muitas vezes socorrido a natureza fraca e doente com benefício da saúde, vencendo graves queixas, e enfermidades principalmente estupores, reumatismo e gota em que obram prodígios. As águas frias, frígidas e azedas, unem-se com as

quentes e sulfúreas para beneficiarem e socorrerem a humanidade perseguido admiráveis efeitos em debilidade nervos e em todas as doenças que procedem de Langor. Estas águas que são de fontes vão todas notadas com os seus respectivos números. A fonte da água mineral quente, número 5º, chamada Água Santa da Milagrosa, cura chagas escorbúticas e todas as mais qualidades de chagas e feridas, excepto as venéreas.

Estas são as principais águas, cujas grandes virtudes, em muitas delas se têm observado somente pela experiência talvez casual, sem serem até agora conhecidas pela sua análise, nem proporcionadas gradualmente, seriam proveitosas; os banhos até ao presente se tomam quase à toa, até se atinar com aquela água em que se acha alívio e remédio, mas assim mesmo fazem milagres.

Todas estas águas nas suas nascentes, onde ministram com eficácia a sua virtude, são de um sabor muito forte e acre: elas são muito azedas, muito férreas, sabem muito a pedra-ume, a caraposa, a nitro. Porém, não obstante serem sumamente fontes e vigorosas, não é possível que cheguem à presença de V. Exa. Na sua perfeição, não só pela inevitável evaporação dos vasos em que vão, mas também pela invencível dificuldade, apesar do meu nimio cuidado, cautela e diligência de as fazer conduzir com aquelas circunstâncias e preparos necessários que em semelhantes condições recomendam os Autores. Eu não posso falar metodicamente em uma matéria, de que só pela minha curiosidade tenho alguma pequena luz e o leve conhecimento; ser-me-á já necessário para esta empresa possuir a fundo a química, a botânica, e ainda a mesma História Natural. Só assim poderia eu dizer de uma maneira interessante que além dos diversos minerais que estão conglutinados e confundidos uns com os outros, se acham porções grandes de salitre e enxofre, que copiosamente juncam toda a superfície de terra: que se vêem também plantas aromáticas, de cujas folhas desconheço a figura, e enfim que naquele grupo de terra se encontram produções que com a sua variedade poderiam contribuir bem para enriquecer notavelmente os dois reinos, assim vegetal, como mineral. Este atendível sítio, este lugar óptimo pelas raridades que em si contêm e pelos admiráveis espectáculos que oferece à vista na contrariedade das suas muitíssimas raridades, admira, suspende, confunde, sem que o juízo, ainda o mais profundo, esperto e delicado possa atinar com a causa deste natural fenómeno. Aqui vêem-se ferver com violência caldeiras frias, fervem também no centro das frias ribeiras as caldeiras sulfúreas e a par dos mais frios regatos e caldeiras, fervem outras

com um calor exaltado; parece fogo e a água, estes dois inquietos e furiosos elementos, estes dois por natureza opostos um do outro fizeram aqui aliança e se deram benevolmente as mãos sem nada perderem do seu constitutivo e essência tudo a favor de mísera e descaída natureza: eis aqui o que faz brilhar este sítio; eis aqui o que lhe dá um valor sobre toda a estimação. Cuido que não será possível achar na circunferência do globo, porção de sítio que se possa graduar no mesmo paralelo de raro e de útil. A façanhosa e medonha caldeira de polme negro que se descobre na raiz e cavidade do monte que lhe fica iminente e sobranceiro, gela, horrorosa: ela ferve com um estrondo espantoso, só o seu terrível ruído mete medo. Chama-se justamente a caldeira de Pedro Botelho, na aceção em que popularmente se tomam estas palavras, ou Boca do Inferno.

Eu mesmo apesar do susto que podiam causar-me os berros medonhos, e os que este sítio singular se anuncia e se faz temer ainda ao longe; examinei quanto pude os contornos de todo o Vale que ele ocupa, fiz roçagar desde o seu fundo todos os minerais, todos os depósitos dos polmes, dos materiais, barros e tintas que ele contém. As águas minerais são 48, das quais fiz colher em outras tantas posições diversas 96 garrafas, duas de cada uma, 36 caixotes de polmes, barros e tintas para V. Exa. ver, e por si mesmo examinar. Eis aqui, Exmo. Sr. a conta que posso dar em observância da Ordem que recebi de V. Exa., dirigida a uma diligência por todos os lados importantíssima, e em que o executor deveria possuir outros talentos e conhecimentos que não tenho para dar de tudo um ideia clara, específica, verdadeira, qual pede a importância e conveniência desta matéria. Mas apesar da minha insuficiência, eu não devo perder de vista o pôr na presença de V. Exa. com aquele zelo que deve inspirar-me o amor da Pátria, e da Humanidade, que estas águas, por tantos títulos maravilhosos, constituem o mais digno objecto da atenção de Sua Magestade, e do exame e zelo da sua Real Academia, a fim de que, dando as mais prontas e eficazes providencias, vão àquele sítio químicos e Naturalistas, sábios que descubram, reconheçam e calculem as virtudes e os préstimos das Águas, das ervas, das plantas, de tudo quanto a Natureza pródiga e liberal ali oferece para utilidade dos homens, dirigindo tudo conforme as regras da arte; e do acerto em uma matéria da importância qual é a da saúde e Vida que Deus aumente e prospere a V. Exa. Tenho a honra de ser com todo o respeito.

De V. Exa.

Subd.º mais Obrigado

O Tenente-Coronel

João António Júdice

Ponta Delgada, 28 de Agosto de 1787

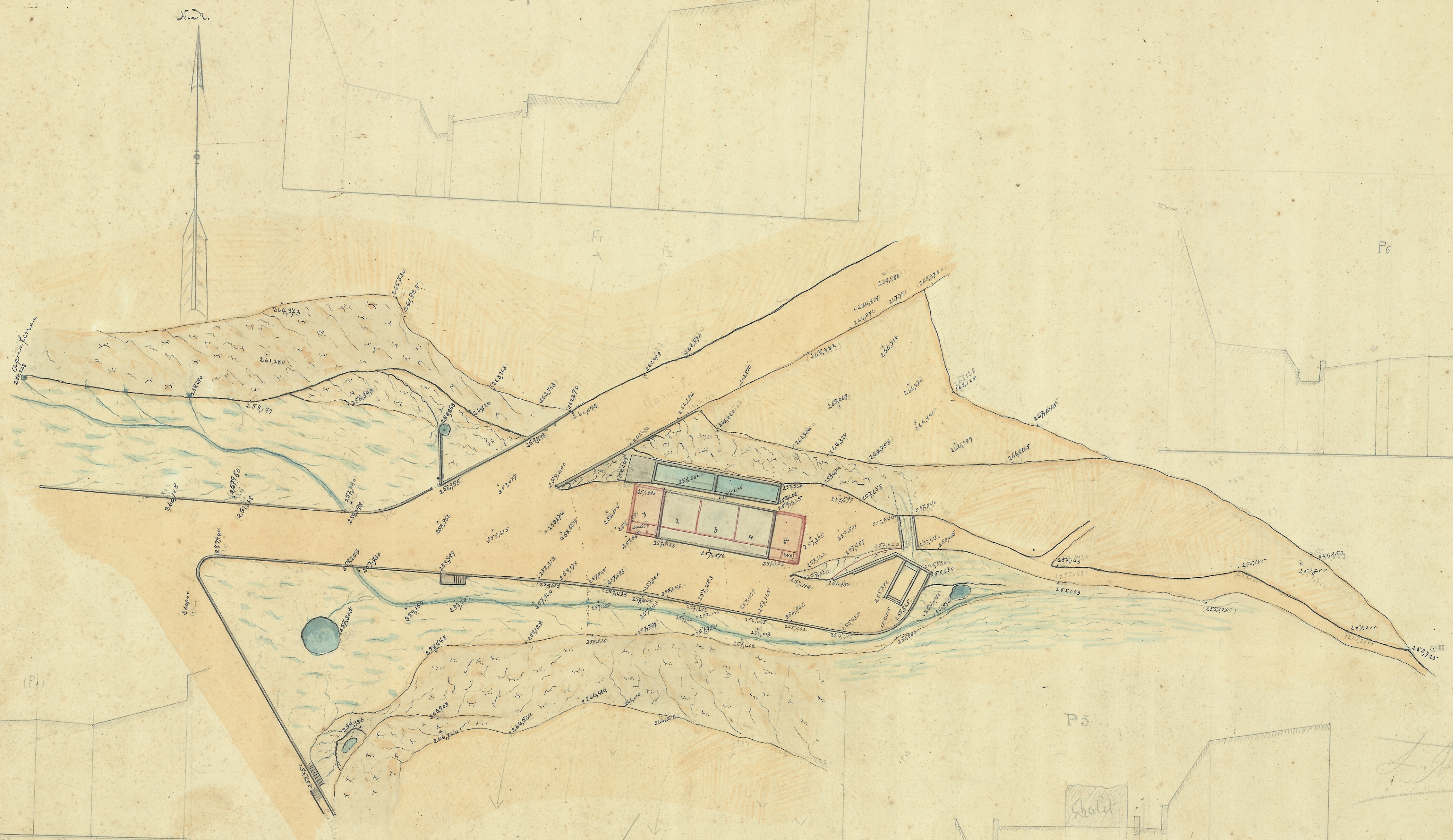
(Do Correio dos Açores de 27 de Outubro de 1935)»

Anexo 3 Planta do

***Chalet e área envolvente, recolhido no
arquivo DRTT, s/data***

Chalet des Tuernes

211
52



Chalet des Tuernes

70x45-3

L. Munk

250



Anexo 4 Excertos de:

*Um Inverno nos Açores e um Verão no
Vale das Furnas*

Por Joseph e Henry Bullar

Por Joseph e Henry Bullar

Instituto Cultural de Ponta Delgada

São Miguel – Açores 1986 (data da edição)

2ª Edição

MCMXLIX

Capítulo VI

As Furnas no Inverno – Viagem de burro às Furnas – Vales Vulcânicos – As caldeiras – Os banhos quentes – A lagoa – Os carros de Bois – A alegria – A Ribeira Quente

«Antes do jantar fomos a pé às termas ou nascentes de água quente, obra de uma milha de distância, onde o volume de vapor de água, o cheiro a enxofre, o borbulhar da água a ferver e os rancos cavos por debaixo dos pés, nos estavam indicando que ainda trabalham por sob a ilha os mesmos agentes que a arrancaram do fundo do oceano.

Dezembro, 31 – (...) Constituem os banhos quentes o grande atractivo das Furnas, sendo moda tomá-los de manhã cedo, e, depois de uns goles de água férrea, esperar pelo almoço com o melhor apetite possível.

Seguimos este método indígena e com ele nos demos muito bem.

Ficam as nascentes quentes, ou caldeiras, a cerca de uma milha da nossa residência. Para lá chegar, passam-se duas largas ribeiras, uma delas de tal modo impregnada de ferro que dá uma cor alaranjada clara a todas as pedras do leito por onde corre e a toda a vegetação que banha; é a outra um regato vulgar, cuja água, em que existe enxofre, tingem de amarelo-escuro as pedras do fundo. A estrada assemelha-se a uma estreita vereda inglesa, agora bastante suja, com casebres e margens de ribeira de cada lado, silvas, fetos, erva e musgo nas sebes, e aqui e além alguns esguios caules de cana crescendo por entre a silva.

À medida que nos aproximamos das caldeiras, avistam-se nuvens de vapor, em três ou quatro sítios, que se erguem como fumo de carvão de madeira a vinte ou trinta pés de altura, segundo o dia está mais quente ou mais frio, e por vezes se afastam até à orla das montanhas. Na extremidade do caminho, torna-se o terreno branco e de um lado o chão da ladeira apresenta-se com estrias amarelas e vermelhas, quente e cheirando fortemente a enxofre.

O sítio por onde correm as nascentes é uma colina muito irregular, cujo terreno, solto em alguns pontos e em outros consistente como gesso, se quebra em variadas formas, adquirindo um colorido de branco luzidio e amarelo, onde quer que não haja vegetação.

A caldeira principal é sulfúrea. A água sai do chão a sibilar e a ferver, e, correndo para uma bacia a cerca de dez pés de distância, dali se distribui, através de pequenos canais de pedra, para os banhos.

Brota em bolhas de um fundo solto de rocha fragmentada, atingindo a coluna central, como os pequenos geysers da Islândia, descritos pelo dr. Henderson, geralmente três pés de altura, e diminuindo gradualmente para os bordos até se limitar a uma simples ondulação na margem da bacia.»

«A pequena distância da caldeira principal está um profundo fosso circular em cujo fundo ferve furiosamente a água; esta, ao contrário do que se sucede na outra caldeira, não corre em quantidade alguma, antes esguicha continuamente, e retrocedendo, volta a ferver.

Foi este fenómeno observado apenas durante dozes meses. Um belo dia, porém, ouviu-se longa explosão e ao acorrerem a examinar o sucedido, viram os aldeãos esta nova caldeira, cuja cobertura rebentára violentamente, devido à pressão do vapor represado.

Saltando um pouco adiante, chegámos à entrada daquilo que se nos afigurou funda e escura caverna, do fundo da qual se projecta, sem cessar, lama fervente da consistência e da cor da lama leitosa de Piccadilly.

É quente o terreno. Aqui e além a água a ferver e o vapor sibilante borbulham através de orifícios na argila, como os orifícios produzidos pelos vermes da lamacentas costas inglesas, e a gente sente-se rodeada de vapor morno e impregnada de gás hidrogénio sulfuroso.

Há várias outras caldeiras e inúmeros pequenos poços sempre quentes, em vários pontos das proximidades. A maior parte destes recuperam a água ou deixam que dela transborde apenas pequena quantidade.

As nascentes férreas esguicham a água fervente através dos interstícios de ásperas pedras vulcânicas, cobrindo-as de espessa camada ferruginosa cor de laranja; as sulfúreas projectam em movimento de vai-vem um fluido leitoso, em taças cavadas no leito em redor, ao passo que nas restantes o mesmo se observa com espessa lama líquida.

O tanque ou caldeira maior é o que fornece a água para os banhos, água que é preciso deixar arrefecer, visto estar em ebulição. Para este efeito é ela conduzida a um reservatório, onde se torna fria, através de um braço ou ramo ligado ao canal aberto, por onde corre da caldeira para o balneário; outro canal da água arrefecida junta-se ao primeiro próximo do banho, formando um só braço. Assim, se taparmos com uma pedra ou com urze a corrente quente ou fria, obteremos a temperatura desejada, tão prontamente como se manejassemos complicada maquinaria.

Esta corrente temperada corre através do balneário para a banheira, que se enche fechando o canal com uma corrediça de madeira e deixando que a água jorre por uma abertura ao lado. Durante todo o tempo em nos encontramos no banho, poderemos obter uma corrente rápida e constante, incessantemente renovada. Tão grande riqueza de água dá-nos a impressão de voluptuosidade.

Depois de observarmos as caldeiras, fomos ao banho. Nunca havíamos tido a boa fortuna de tomar um banho quente tão tonificante, que nos deixou sensação de vigor em vez de fadiga, dando à pele não apenas a simples impressão de limpeza e de agradável maciez mas também a de haver sido efetivamente remoçada.

Enquanto nos banhávamos, cozeu o criado ovos em uma das caldeiras pequenas; depois do banho fomos beber água férrea. Esta cai de uma goteira de pedra numa bacia côncava, também de pedra, deslizando depois por um declive num arroio em baixo; tem forte sabor a ferro, não desagradável, é levemente efervescente e em extremo deliciosa e reconfortante.

O banho e a nascente são as duas coisas que mais convém ao exterior e ao interior do homem, ao levantar da cama; deleite natural, quando ele está são, e remédio natural,

quando doente; delicia que não trás como consequência o sofrimento e o remédio que se toma sem esforço – males estes que ambos parecem inseparáveis dos prazeres e dos remédios de invenção humana.

Consideram a maior parte dos doentes as horas antes do almoço como de mal-estar. Porém o banho e o beber da água férrea são como que um almoço que nos dá calma e bem-estar, e mais do que o almoço, produzem-nos calor e vivacidade e uma sensação de saúde, parecendo que nos entrou sangue novo nas veias, pelo que nos sentimos com redobrado apetite para a refeição.

Depois do almoço, montámos em burros e fomos de visita a outras caldeiras nas margens da lagoa, por onde passáramos ontem. São estas caldeiras mais pequenas do que as das Furnas, mas de idêntico aspeto e cor. De alguns buracos saia apenas vapor e em outros fervia uma lama verde-acinzentada, que voltava a cair como se proviesse de região mais funda e mais infernal do que a que projecta o vapor e a água límpida.»

Anexo 5

“Chronica Furnense da última semana” *A Persuasão*, 3 de Agosto de 1864

- **“Segunda-feira:** *Tocata pelas principais ruas das Furnas depois de anoitecer, e na hospedaria do Jeronymo à hora do chá.*
- **Terça-feira:** *Nada de extraordinário.*
- **Quarta-feira:** *Baile a que concorreram 21 senhoras.*
- **Quinta-feira:** *Ao meio-dia saiu da villa das murtas (vulgo parque) uma grande burricada. Os cavalheiros trajavam á burlesca, e empunhavam as bandeiras de diversas nações. Os burros levavam todos chocalhos, ia na frente um grande e bonito pendão de diferentes cores, onde se lia o programma da funcção do dia, e onde se via pintada uma grande parte do que faria objecto da mesma funcção. Percorreu esta burricada a maior parte das ruas do valle, ao som de charamelas, tambor, foguetes e vivório. Às 3 horas da tarde a banda marcial Tropheu da Povoação chegou ás Furnas, e percorreu o sitio executando bonitas peças de musica. Às 6 horas achavam-se os jardins do parque ornados de damas e cavalheiros da cidade ali residentes, e d’uma grande parte do povo do valle, formando bonitos grupos. As margens do riacho que serpenteia pelo meio d’este excellente passeio, achavam-se ornadas por uns pavilhões de quasi todas as nações, e com grandes bancadas para expectadores e musica, e pelo outro com diferentes peças de fogo artificial. Ao som da banda marcial subio um balão por nome cometa a uma boa distancia, produzindo um bonito effeito. Ao anoitecer ardeu o fogo de d’artificio que se via na margem do riacho, sendo das peças mais lindas, uma em forma de leque, que se achava collocada no meio de agoa. Alem do fogo preso em postes, arderam outras peças postas sobre alguidares que giravam sobre a agoa, e vários barquinhos similhando vapores em miniatura, movidos por fogo d’artificio percorreram em varias direções produzindo maravilhoso effeito. Às 9 horas começou um baile na assembléa com a orchestra da banda Tropheu. Concorreram 28 senhoras e dançou-se com muita animação até alta noite.*
- **Sexta-feira:** *“Ao meio-dia saio a orchestra de instrumentos de corda, e percorreu as ruas do valle. Pouco depois o revd.º Horta, e a filha do sr. governador civil executaram, acompanhados pela mesma orchestra, varias peças de musica. Os cavalheiros que compunham esta orchestra foram jantar á hospedaria, entrando n’ella tocando debaixo de palmas e bravos; ao toast*

tocaram de novo havendo também canto. Depois do jantar a musica atravessou o valle acompanhada de muito entusiasmo e foguetes.

Às 6 horas da tarde houve concerto no parque pela banda Tropheu a que concorreram quasi todas as damas e cavalheiros existentes no valle.”

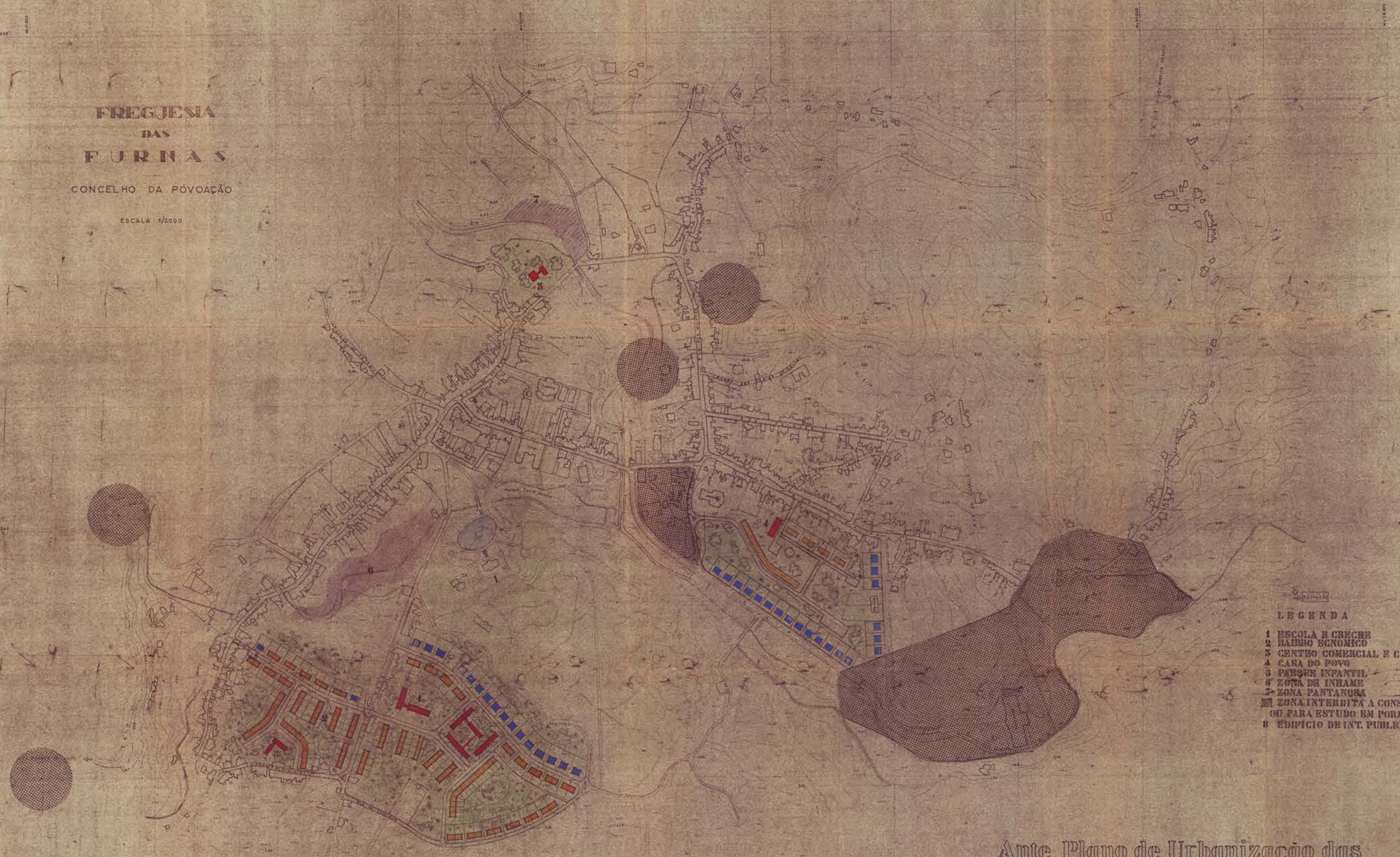
Anexo 6 planta do perímetro reservado às nascentes mineromedicinais do Vale das Furnas, com indicação das casas e dos respectivos proprietários

Anexo 7 planta do vale das Furnas com a indicação das nascentes a serem trabalhadas para fornecimento e assentamento das novas instalações

FREGUESIA
DAS
FURNAS

CONCELHO DA PÓVOAÇÃO

ESCALA 1/2000



LEGENDA

- 1 ESCOLA E CRECHE
- 2 BAIRRO ECONÓMICO
- 3 CENTRO COMERCIAL E CIVICO
- 4 CASA DO POVO
- 5 PARQUE INFANTIL
- 6 ZONA DE INHAMPE
- 7 ZONA PANTANOSA
- 8 ZONA INTERDITA A CONSTRUÇÃO
- 9 PARA ESTUDO EM PORMENOR
- 0 EDIFÍCIO DE INT. PÚBLICO

Ante Plano de Urbanização das
Furnas

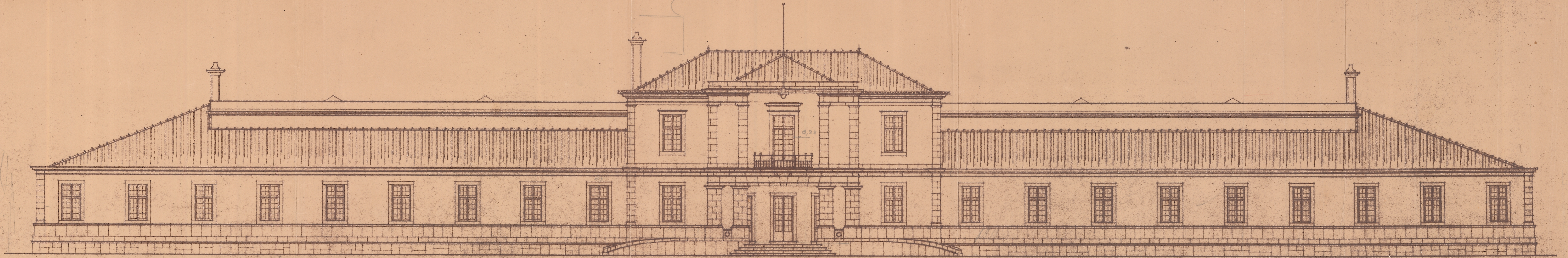
zonas de expansão habitacional - esboço -

O ARQUITECTO

Nuno Fernandes

ESCALA 1/2000

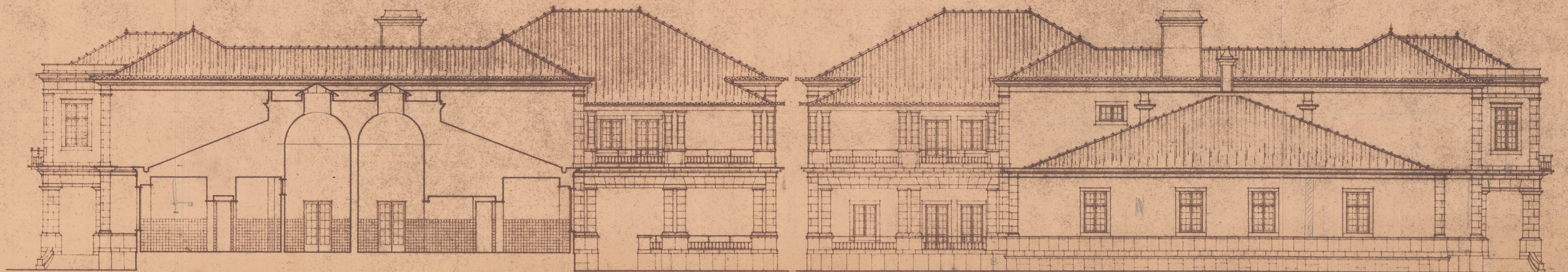
Anexo 8 alçado da fachada do edifício termal das Furnas



ALÇADO PRINCIPAL



ALÇADO POSTERIOR



ALÇADO E CORTE G, H,

ALÇADO LATERAL ESQ,

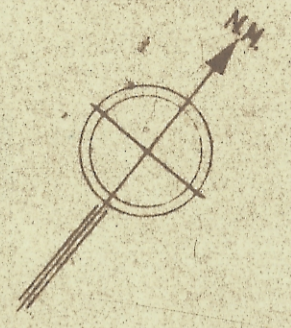
Anexo 9 projeto das zonas termais a serem defendidas no plano de urbanização realizado por **Abilino Vicente**

OBRAS A REALIZAR NO BALNEÁRIO DAS TERMAS DAS FURNAS

PLANTA DO VALE DAS FURNAS
COM INDICAÇÃO DAS NASCENTES

● *Gloria Pátria*

ESCALA = 1/5.000



Eng. W. ...
Out 1947

Anexo 10 *Açoriano*

Oriental, 1 de Dezembro de 2011

Futuro SPA não corresponde ao termalismo das Furnas

● Para o médico Adelino Diniz, o SPA hotel é um projecto "reductor" das potencialidades das Furnas, defendendo uma utilização das águas termais balizada por critérios médicos

RUI JORGE CABRAL
rjcabral@acorianoriental.pt

O projecto do Furnas SPA Hotel "não corresponde, na minha perspectiva, ao desenvolvimento do termalismo que se esperava para as Furnas". A opinião é do médico Adelino Diniz, que no passado já esteve ligado às termas das Furnas e foi ontem proferida no tradicional almoço das quartas-feiras do Rotary Club de Ponta Delgada, onde falou sobre "Turismo de Saúde e Termalismo".

Para Adelino Diniz, o projecto do Furnas SPA Hotel é "muito reductor na acessibilidade dos utentes e o termalismo praticamente fica condicionado apenas aos utentes da unidade hoteleira". Adelino Diniz é delegado de saúde da Povoação e o projecto mereceu-lhe reparos desde a altura em que foi aprovado.

Considerando-se um "pessimista" em relação ao estado do termalismo na ilha de São Miguel, Adelino Diniz lembra que há um conjunto de recursos hidrotermais, sobretudo nas Furnas, com um carácter excepcional a nível mundial e, por isso, lamenta que não se tenha ido mais longe "num projecto que foi lançado em anexo à concessão do Jogo na Região e de onde se esperava-se uma intervenção no sentido de melhorar o termalismo".

Adelino Diniz é até da opinião que o projecto não cumpriu o caderno de encargos relativamente ao desenvolvimento do termalismo nas Furnas. O médico salienta a importância de uma utilização criteriosa e medicamente acompanhada das águas



O médico Adelino Diniz (ao centro) foi convidado do Rotary Club para falar de turismo de saúde e termalismo



Furnas SPA Hotel ainda não abriu, mas o seu projecto já é alvo de críticas

termais, algo que, no seu entender, não se adapta ao conceito de SPA.

"As águas termais têm uma composição química que nada tem a ver com uma água comum. Essas águas têm substâncias com efeito farmacológico e é daí que esperamos obter efeitos terapêu-

uticos. Por isso, as águas termais devem ser prescritas com critérios clínicos e não devem ser usadas de uma forma indiscriminada", alerta Adelino Diniz.

É aqui que reside a principal crítica que o médico faz ao conceito de SPA que foi adoptado para o termalismo nas Furnas,

embora a estrutura, de cuja conclusão já se fala desde 2008, ainda não tenha sequer aberto as suas portas devido à indefinição orgânica e financeira que ainda paira sobre o promotor do investimento, o grupo ASTA Atlântida.

"Por essas razões, o termalismo exige acompanhamento médico, o que não se exige num SPA", alerta.

E mesmo os problemas detectados nas águas termais - com um elevado nível de arsénio, uma substância tóxica - durante a construção do Furnas SPA Hotel, não são, para Adelino Diniz, uma questão preocupante. Sobre esta situação, o médico lembra as análises que já são feitas há um século nas águas termais das Furnas.

Para Adelino Diniz, a questão está, sobretudo, na não utilização "indiscriminada" das águas termais das Furnas.

● O Furnas SPA Hotel "não corresponde ao desenvolvimento do termalismo que se esperava nas Furnas"

● Adelino Diniz salienta a importância da utilização criteriosa e medicamente acompanhada das águas

● Para o médico, "as águas termais têm uma composição que nada tem a ver com a água comum"

As dúvidas do médico relativamente ao Furnas SPA Hotel prendem-se essencialmente com a possível não utilização adequada das águas, quando a estrutura abrir nas condições em que foi projectada.

"A utilização desadequada pode contribuir mais para prejudicar do que para ajudar os utentes das águas das Furnas", alerta Adelino Diniz, para quem não é a via mais correcta a de negar a possibilidade aos próprios cidadãos da Região de terem acesso de uma forma universal às águas termais das Furnas.

Isto para além do factor económico, uma vez que o Turismo de Saúde só se pode desenvolver verdadeiramente nas Furnas com "garantias de qualidade", o que se faz com um conhecimento aprofundado das águas que permita a sua utilização em grande escala, quer por turistas, quer pelos cidadãos locais. ♦

Anexo 11

**aprovação do regulamento dos banhos,
datado de 25 de Setembro e 1857
(Estrela Oriental, 1862)**



A ESTRELLA ORIENTAL

FOLHA POLITICA, LITTERARIA E NOTICIOSA

PUBLICA-SE TODOS OS SABBADOS.

Subscree-se no Escritorio da Typographia da Estrella Oriental, rua direita de St.º André, e em Ponta Delgada na Typographia da rua do Valverde numero 56.
Quaesquer escriptos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

RESPONSAVEL

J. J. BOTELHO.

Assignatura por mez.....	120
Annuncios para os assignantes.....	20
Ditos para os que o não forem.....	30
Ditos judiciaes.....	30
Ditos da fazenda.....	20
Correspondencias e communicados.....	40

RIBEIRA GRANDE 13 DE JUNHO.

Satisfazendo ao que promettemos no ultimo numero estampamos hoje em nossas columnas o bem escripto artigo da *Persuasão* sobre as Caldeiras d'esta Villa, e bem assim narraremos o que ha ácerca das idéas que despontou o collega, agradecendo-lhe as expressões que nos dispensa.

A benemerita Camara que servio em 1857 tentou conseguir o que o collega aconselha por meio do Regulamento, que abaixo vai transcripto; mas que não poz em execução em consequencia d'entender irrasoaveis as emendas que o Conselho de Districto no mesmo mandava fazer, e ficámos no mesmo. Entendemos como o collega que este era o meio mais proficuo para brevemente vermos o Valle transformado n'om magnifico ponto de distracção para as familias michaelenses; mas ignoramos em que se funda a opinião dos illustres membros do Conselho de Districto, para ordenar que os que podem pagar fiquem isentos da contribuição, em quanto os menos favorecidos de meios estejam sujeitos ao imposto.

Concordamos com o collega em que as obras das Caldeiras estão

putado por este circulo. Ainda ha pouco rebentou uma nova caldeira proximo á que serve de deposito onde a camara talvez exgote a verba que resta e sabemos e conhecemos que possui bons desejos ácerca dos melhoramentos necessarios no Valle e o mesmo dizemos com referencia ás camaras transactas, que se não tem discudado do seu embellesamento não o podendo chegar, contudo, ao ange de perfeição exigido; mas que tem feito mais do que podem, asseveramol-o.

O collega fala verdade dizendo que a casa dos banhos é acanhada e nós acrescentaremos mais que estes são muito mal construidos, mas não se pode dizer que são immondos, porque o empregado que a Camara ali tem para tratal-os não se descuida na sua limpeza e accio, não deixando, todavia, de se ressentirem dos defeitos que lhe notamos, visto que a sua constracção é antiga.

Sabemos tambem que, por occasião da Junta Geral do Districto querer fazer applicação do dinheiro que restára do porto artificial de San-Francisco, os cavalheiros d'esta Villa, que então faziam parte d'ella, vendo que a opinião geral era para que fosse applicada á

is, pouco podemos e o mesmo esperamos dos mais collegas e pessoas sensatas, concluindo por agradecer a franqueza com que a actual Camara Municipal nos franqueiou os documentos que ora publicamos.

Illm.º Sr.

O Concelho de Districto em sua sessão de 24 do corrente resolveu fazer as seguintes alteraçõs no regulamento dos banhos das Caldeiras, que V. S me enviou em officio de 25 do passado

- 1.º Que se illiminas-se a citação do Art. do Codice feita na ultima parte do Art. 1.º pois que este tão sómente empõem a obrigação de fazer os reparos, mas não é o titulo da propriedade.
- 2.º Que em lugar das palavras — Os soldados — por que começa o § unico do Artigo 3.º se diga — As praças de prel.
- 3.º Finalmente, que tanto no final do Artigo 4.º como do Artigo 5.º se acrescente as seguintes palavras — salvos os direitos adquiridos — sendo pois o regulamento reformado por esta forma ser-me-ha reenviado para ser novamente presente ao Conselho.

Deus Guarde a V. S. Ponta Delgada 28 d'Outubro de 1857.

Illm.º Sr. Presidente da Cama-

mais a cargo da Camara do estado; mas dizendo-lhe nós que os rendimentos e impostos municipaes estão orçados em 4:736\$060 para o futuro anno economico, que desta verba se despende 2:252\$946 com a sustentação dos expostos e 1:988\$285 com os empregados subsidiados pela Camara e varias outras verbas, restando tão somente destas 67\$629 reis que são destinados para obras publicas, justificando fica o pedido que fizemos e que ora renovamos ao Exm.º de-

construcção d'um estabelecimento thermal no Valle das Furnas, esforçaram-se para que a quantia com que concorrera este Concelho fosse applicada ás obras das Caldeiras, mas procedendo-se á votação ficaram vencidos por maior numero.

E' quanto podemos dizer ao collega, esperando, sempre, que com a sua illustrada opinião e valiosa cooperação nos ajudará na empresa que começámos, visto que pela nossa parte, como fracos e inhabi-

ra Municipal da Villa da Ribeira Grande. O Governador Civil
Felix Borges Medeiros.

Regulamento dos banhos das Caldeiras da Villa da Ribeira Grande, approvado pela Camara da mesma em sua sessão de 25 de Setembro de 1857.

Artigo primeiro. As casas dos

banhos publicos, e aguas thermaes do Valle das Caldeiras da Villa da Ribeira Grande, são propriedade do respectivo Municipio, na conformidade do n.º 15 do art.º 133 do Codigo Administrativo.

Artigo segundo. A administração do estabelecimento dos banhos é confiada a um empregado da confiança da respectiva Camara, a qual unica, e exclusivamente responde o mesmo empregado pelo cumprimento das suas obrigações.

Artigo terceiro. A Camara faz a despeza do custo para a conservação dos banhos, e de tudo quanto lhe diz relação, e permite o uso d'elles ao Publico, mediante a contribuição de quarenta reis por cada uma meia hora, que será contada desde a entrada do individuo na casa do banho, até que deixe entrar o empregado respectivo a tomar conta do mesmo.

§ unico. Os soldados, e as pessoas indigentes são exceptuados d'esta contribuição, com tanto que estas tragam certidão de pobreza passada pelo Parocho, e rubricada pelo Administrador do Concelho.

Artigo quarto. A ninguém é permitido ter encanamentos d'aguas thermaes, para levar estas a casa de banho particular, sem previa licença da respectiva Camara.

§ 1.º Esta licença só poderá ser dada sem prejuizo do Publico.

§ 2.º A pessoa a quem se der, ou já se tiver dado tal licença, pagará quarenta reis pela porção d'agua, sufficiente para um banho, a qual lhe será dada pelo empregado da Camara, todas as vezes que a pedir, pagando por cada uma d'ellas a referida contribuição de 40 rs.

§ 3.º E' todavia permitido o costume de tirar agua das Caldeiras, que não são as dos depositos, para tomar banhos em lina, ou para outro qualquer uso, sem pagar contribuição; mas fica inteiramente prohibido o costume d'escaldar as aves, e outros animais nas Caldeiras, e de deixar nas proximidades d'estas pennis, e outros quaesquer objectos immundos; bem como o lavar cães nas mesmas, sob pena de seis centos reis por cada uma infracção.

Artigo quinto. Tambem é prohibido a todas as pessoas o uso da agua fria tirada do respectivo rego para ser levada a casas, ou predios particulares, sem previa licença da Camara.

§ 1.º A pessoa, a quem se der,

ou já se tiver dado tal licença pagará annualmente a taxa de 240 reis por cada uma penna d'agua, a qual contribuição será arrecadada por todo o mez de Maio de cada um anno.

§ 2.º A Camara só poderá cessar esta licença, quando os mananciaes da agua forem tão escasos, que apenas deem a sufficiente para o uso dos banhos.

Artigo sexto. Para se prevenir o prejuizo da saude publica, é prohibido a todas as pessoas suspeitas de molestia contagiosa, o uso de banhos na respectiva casa do Municipio, em quanto não apresentarem attestado de Facultativo approved, por onde mostrem que não padecem tal molestia.

§ unico. A Camara fornecerá aos pobres lina, para tomarem banho, quando elles padecerem molestia contagiosa, que os prive do uso de banhos publicos.

Artigo septimo. A arrecadação das taxas impostas sobre os banhos das agoas thermaes, será feita por meio de bilhetes, os quaes serão fornecidos pela Thesouraria da Camara ás pessoas, que quizerem fazer uso dos banhos publicos, ou particulares, pagando-se na mesma Thesouraria a respectiva taxa de quarenta reis por cada um bilhete; devendo o Thesoureiro ter alguns destes em casa de pessoa da sua confiança, que esteja no Valle, durante a estação dos banhos, a fim de que esta os possa vender aos individuos, que ali chegarem de passagem, e quizerem fazer uso d'elles.

§ unico. A pessoa da confiança do Thesoureiro, de que trata o artigo septimo, nunca poderá ser o administrador dos banhos.

Artigo oitavo. Todo o producto das taxas de licenças, e multas, de que trata este regulamento, será exclusivamente applicado ao concerto da estrada, encanamentos das agoas, reparos das caldeiras, cazas de banhos, e embelezamento do Valle.

Art. 9.º As obrigações do Administrador dos banhos são:

1.º Trazer as cazas dos banhos sempre varridas, e os banhos lavados.

2.º Cuidar, em que não falte agua nas caldeiras dos depositos.

3.º Ao amanhecer lavar todos os banhos, e encher-os successivamente, e lavando-os sempre, em quanto houver quem d'elles se queira utilisar.

4.º Dar vez ás pessoas presentes, que a tiverem, para tomarem

banhos, sem acepção de pessoa alguma, não admittindo privilegios, nem preferencias, que são absolutamente prohibidas.

5.º Trazer sempre limpo, e bem acondicionado, o rego da agua fria, em ordem a que esta nunca falte nos banhos, e nas fontes publicas, e particulares.

6.º Não consentir que algum particular tire do respectivo rego agua fria, para a levar ao seu predio, e das caldeiras do deposito agua thermal para a levar ao seu banho, sem que mostre licença da Camara.

7.º Impedir que as pessoas suspeitas de molestia contagiosa façam uso dos banhos publicos, sem que mostrem o attestado de que trata o artigo sexto.

8.º Vigiar sobre a conservação da casa dos banhos, dos aqueductos, e das Caldeiras do deposito, dando parte ao Presidente da Camara de qualquer damno, que se lhes causar, com declaração testemunhada da pessoa q' o cometer, a fim de que esta responda por todo o prejuizo, e pela multa de mil e dozentos reis por cada uma infracção.

9.º Impedir que sejam por forma alguma incomodadas as pessoas, que estiverem no banho por as que estiverem de fóra; e fazer que se evitem as acções que por ventura possam comprometer a decencia dos costumes.

10.º Apromptar o banho á pessoa presente, e que tenha vez, entregando-lhe esta bilhete assignado pelo Presidente da Camara, e Escrivão da mesma, por onde conste ter pago a contribuição de quarenta reis, e exigir segundo bilhete se a pessoa se demorar mais de meia hora, e assim por diante, sendo obrigado a entregar este no fim de cada uma semana na Secretaria da Camara.

11.º Não consentir que pessoa alguma prenoite nas casas dos banhos, para o que as deverá fechar, logo que finalise o uso diario dos banhos.

Artigo decimo. O administrador dos banhos que infringir alguma das suas mencionadas obrigações pagará a multa de dous mil e quatro centos reis, alem da perda do emprego, tendo esta multa ou multas a mesma applicação marcada no artigo oitavo do presente regulamento.

Sala das Sessões da Camara Municipal da Villa da Ribeira Grande 25 de Setembro de 1857.

Antonio Julio de Mello.
Bernardo Manoel da Silveira Estrella.

João Ribeiro da Silva Caza Nova.
Augusto Cezar Ferreira Cabido.
José Tavares Morcira.

Parte da Sessão da Camara Municipal do Concelho da Villa da Ribeira Grande de 27 de Novembro de 1857.

N'esta mesma occasião deu parte o Presidente da reunião proxima de Junta Geral de Districto por assim lhe ter dito o Procurador á referida Junta por este Concelho Antonio Manoel da Silveira Estrella, offerecendo-se este para ali querer qualquer cousa que a Camara entendesse a beneficio d'este Municipio; e a Camara deliberou que se levasse recurso á mencionada Junta da deliberação do Conselho de Districto sobre a emenda que mandou fazer no Regulamento dos banhos das Caldeiras, acrescentando em dous artigos as palavras — Salvo direitos adquiridos — no que a Camara entende que se prejudica os interesses do Municipio.

Está conforme. Secretaria da Camara Municipal do Concelho da Villa da Ribeira Grande 5 de Dezembro de 1857.

O Escrivão da Camara Manoel da Silva Ambar.

A *Estrella Oriental* n'um artigo em que apreciou mais uma vez o merecimento da agoas medicinaes que abundam n'esta ilha, recommendou á attenção do nobre deputado pelo circulo da Ribeira-grande, o lindo e pittoresco sitio das Caldeiras, para que depois de concluidas as obras do estabelecimento thermal que se projecta nas Furnas, por igual melhoramento se aproveite em favor da humanidade enferma o grande recurso com que a natureza brinda aquelle sitio.

E' louvavel o interesse que o nosso collega da Ribeira-grande toma pela exploração d'um manancial de riqueza e de saude, como o que existe nas Caldeiras o tanto ao abandonado se tem deixado. Bem desejavamos que os seus empenhos fossem coroados de bom exito.

Abundando as Caldeiras em agoas sulfurosas e ferreas, e sendo um ponto onde a natureza se

doctora se esmerou em multiplicar attractivos que fazem d'aquelle ponto um panorama arrebatador, é muito para lamentar que ali escaceiem todos os commodos para o enfermo que n'aquellas salutariferas agoas procura lenitivo a seus padecimentos.

A casa de banhos que alli existe, alem de acanhada, é immunda; e as agoas ferreas nem ao menos tem sido encaminhadas para uma fonte onde sem perigo e com alguma limpeza possam ir colher-se!

Havendo allitão romanticas habitações, e uma hospedaria onde os numerosos visitantes encontram por preço razoavel os meios de commodidade que em taes estabelecimentos se procuram; sendo a estrada até aquelle sitio toda transitavel por carroagens; e o que não é menos apreciavel, sendo alli a sociabilidade tao intima, tao franca e tao cordial que pode dizer-se uma só familia que habita aquelle poetico lugar, nenhuma obra publica lá se tem feito que o eleve ás proporções a que deve chegar.

Uma boa casa de banhos, um aceiado aqueducto e boas fontes donde se recebam as agoas ferreas, um ou dous salões para recreios, e arborização propria a converter o centro do valle n'uma alameda agradável, eis os melhoramentos que aquelle sitio está pedindo e que por honra nossa não devem demorar-se.

O seu custo não se nos afigura quantia exorbitante; ainda assim consideramola superior ás forças da municipalidade local. Mas se nos detivermos á espera que o governo mande realisar taes obras, tarde e muito tarde as veremos concluidas.

O collega da *Estrella* contenta-se em que o governo as principie quando finalizar o estabelecimento thermal das Furnas, que ora parece em bom caminho de encetar-se. Terá o collega a boa fé de acreditar, que as obras das Furnas se realizem n'estes primeiros quatro annos? Depois de acabada a planta que se está levantando, ainda ella ha-de durar longas noites na repartição central das obras publicas, em Lisboa; se em dous annos a nossa diligente iniciativa a fizer sair d'aquelleinho, teremos de esperar pelo menos outros dous para que o parlamento vote os meios que ella demanda; e deste ponto até á sua realisação quanto dista ainda?

Não sabe o collega ao tempo que sollicitamos do governo que mande analysar as muitas e variadas agoas medicinaes, onde se projectam as thermaes, e que não lhe pedindo nós senão um homem competentemente habilitado, pois os meios para o recompensar temol-os indicado sem que o estado seja sobrecarregado com um real, ainda até ao presente se ignora quaes os principios mineralogicos que as tornam tão queridas da therapeutica? Embalamos com promessas, cujo cumprimento se vae adiando d'om anno para o outro, e quando tudo nos fazia acreditar que este verão se concluisse aquella tão desejada analyse, eis-nos chegados á epoca de a começar, e... nada mais!

Se alli se estabeleço este anno uma estação medica, que bem dirigida pode fornecer á medicina uma collecção de factos, que não de vir a ser a base de toda a historia therapeutica de tão preconizadas agoas, agradeçamo-lo á iniciativa puramente local, e ás Misericordias da ilha, que sobrecarregam os seus orçamentos com toda a despeza da estação e hospital annexo.

Todas estas ponderações nos occorriam apreciando a boa fé do collega ribeira-grandense, pedindo que se tomem em consideração os melhoramentos das Caldeiras, quando se completarem os das Furnas.

Tarde chegará esse dia, e cada um que decorra, sem que o valle das Caldeiras se converta no que deve ser, é uma nodosa vergonhosa para esta terra, tão rica e poderosa, que não deve, sem desaire, deixar de fazer por si alguma cousa util a todos. E' para lamentar que onde ha tantos meios, se espere tudo da acção do poder central, mesmo em cousas em que elle lhe não pertence rigorosamente.

A nosso ver as obras das Caldeiras devia emprehendel-as o municipio. Se elle não tem meios como crimos sem custo, seria difficil realisar um emprestimo para as levar a effeito, sendo hypotheca do capital e juros, as mesmas obras e o rendimento d'um modico tributo que se impuzesse a quem gozasse de taes melhoramentos?

Desejamos sobre este ponto ouvir a opinião authorizada do collega, e porque este artigo já váe longo, aqui o terminamos, sem contado nos despedirmos de tol-



tar ao assumpto, porque é bem digno de ser discutido com reflexão.

O PROCESSO DE MIRÉS.

(Continuado do n.º antecedente.)

• Attendendo a que Mirés, não entregando por esses titulos recibos contendo a sua nomeação não tomava posse de objecto especificadamente designado e que só devia restituir titulos semelhantes;

• Attendendo a que a conta dos liquidatarios de 20 de fevereiro de 1861 constava existir então em caixa o valor de alguns milhões, e 383 acções dos portos de Marselha, devendo-se somente aos clientes 199 acções; que Mirés tinha por conseguinte em caixa titulos da mesma especie ou os fundos necessarios para os comprar; que outrasim todos os depositantes n'esta cathegoria foram indemnizados pelos liquidatarios, seguindo-se que não houve abuso de confiança;

• No que diz respeito ao abuso de confiança, consistindo em haver-se apropriado do preço de 120 acções da via ferrea de Pamplona a Saragossa:

• Attendendo a que Mirés havia contrahido para com os subscriptores d'essas obrigações o encargo pessoal de lhes entregar os titulos; e que a sua prisão foi a causa do não cumprimento; que outrosim existiam em caixa alguns milhões em que estavam confundidos os 30.000 francos, importancia dos 120 titulos, achando-se pois habilitado para cumprir o seu mandato:

Quanto á distribuição illicita de dividendos mediante inventarios fraudulentos durante os exercicios de 1857, 1858, 1859 e 1860

• Quanto a 1857:

• Attendendo a que os 8.750.000 francos que os gerentes fazem fi-

EDITAL.

A Camara Municipal do Concelho da Villa da Ribeira Grande

Faz saber que nos dias 22, 24, 27, e 29 do corrente tem de sair á praça as rendas seguintes d'esto Municipio; a saber: a Yalla da Ribeiriaba, os baldios da praça e paraizo, o barração do peixe, a renda do ver das Freguesias Fenaes d'Ajuda, Maia, Porto, Bom Jesus, Pico da Pedra, e Calhetas; bem como o imposto de bebidas espirituosas, vinagre e azeite, que serão dadas d'arrematação, por Freguesias, no futuro anno economico de 1862 a 1863, a quem pelas mesmas mais der além dos preços que serão declarados no acto da praça.

E para que se faça publico e chegue ao conhecimento de todos se mandou passar o presente e identicos para serem affixados nos logares mais publicos deste Concelho.

Ribeira Grande 9 de Junho de 1862.

O Presidente da Camara
Antonio Manoel da Silveira Estrella.

ANNUNCIOS.

1. O Doutor José Severino d'Avellar Juiz de Direito da Comarca da Ribeira Grande por S. M. F. que Deos Guarde etc.

Faço saber, que a correição do 1.º semestre do corrente anno, se hade abrir no dia 20 do corrente, pelo que a ella se apresentarão os Escrivães e Tabeliães, e mais Empregados do Judicial de toda esta Comarca, que a isso são o:

Empregados, poderá e deverá representar contra elle, para que se lhe faça a devida justiça. E para que assim conste mandei passar o presente. Villa da Ribeira Grande 10 de Junho de 1862. Eu Manoel Victorino Moniz Escrivão interino do Juizo de Direito que o escrevi.

José Severino d'Avellar.

2. A meza da Confraria do Santissimo da Matriz da Villa da Ribeira Grande, avisa por este meio a todos os foreiros, rendeiros e juristas que se acham em debito com a dita Confraria a pagarem-lhe por espaço de 15 dias a contar da data deste todo o seu debito pena de serem logo demandados judicialmente, se assim o não fizerem.

Ribeira Grande 6 de Junho de 1862.

O Thesoureiro
Cornelio Tavares Silva.

LEILÃO

3. Para liquidar, e com grande abatimento dos preços de suas avaliações, principiará 2.ª feira 16 do corrente ás 10 horas da manhã no armazem do Sr. Vasconcellos Rua dos Mercadores, em frente do Lagum — de differentes objectos que pertenceram á loja do finado Christiano Joaquim Pereira a saber:

gurar por metade nos inventarios de 1856 e 1857 como resultado de lucros nos caminhos de ferro romanos, eram realmente um ganho, visto que, segundo o artigo 18.º do tratado de 3 d'abril de 1856, feito com a companhia romana. Mirés tendo subscripto para todas as acções de facto as havia comprado; que, se os termos differem, o resultado final é o mesmo que por conseguinte originou naquelle mesmo dia os beneficios inherentes á operação.

(Continúa.)

brigados inclusivé os dos Juizes de Paz e Eleitos, com todos os livros, processos, e mais papeis, sujeitos á correição, exhibindo ao mesmo tempo os Diplomas porque estão servindo; tudo sob pena de desobediencia e suspensão. — Outro sim, faço saber, que quem tiver algum aggravo, ou queixa contra algum dos mencionados

— quinquilharias, ferragem, ferramentas, metaes, vidros para vidraça, tintas, ferro de varias bitólas, e muitos outros artigos que se mostrarão a quem convier antes do leilão. Ponta Delgada 9 de Junho de 1862.

TYPOGRAPHIA DA ESTRELLA.

Ribeira Grande—rua direita de St.º André.

Anexo 12 Jornal O

Norte, 10 de Agosto de 1895, nº 13

O NORTE

Director

Padre Christiano J. Borges

Ribeira Grande — São Miguel

Administrador

Manuel Antonio F. Coutinho

Annuncios e editaes, cada linha 40 reis
Os srs. assignantes tem desconto de 40 qd

Assignatura, mez 125 reis
Numero avulso 40

Sabado, 10 de agosto

Estratagem

A politica está em ferias, mas os jornaes não.

A politica com os seus arranjos e escandalos, governos e desgovernos, trapacas e desacertos e o melhor, mais saboroso e sadio alimento das folhas periodicas.

Ora a politica, que na frase de Cícero *mais serve de enganar que reger os povos* fugiu aos olhares dos jornalistas, e foi-se a tomar artes para as praias ou a descaçar obscura á sombra dos arvoredos.

Mas os jornalistas precisam sustentar o appetite dos leitores e o jornal deve conservar-se no grão do conceito que lhe mereceu a campanha activa contra todos os desmandos governativos.

Que fazer?

Se a politica não dá materia nem ainda para duas curtas linhas d'uma noticia, nada mais facil que voltarem-se os jornaes para a questão religiosa que não tem o descanso d'um dia de ferias e que nas suas varias manifestações tem assunto para quantos diarios se publiquem.

Os jornaes já sabem de memoria este logar comum e lançaram mão d'elle.

O congresso catholico foi explorado com habilidade e deu materia para um mez. Cançaram de vozear e a final conseguiram pouco.

Para produzir um grande efeito nada ha como uma patranha.

Foi o que fizeram. Inventaram que os padres roubavam creanças.

N'isto havia o seu lado mysterioso e o povo que tem uma costella de superstição acreditou a peta e procurou alicinar os grandes criminosos.

Deram-se conflitos e houve ferimentos.

E a imprensa que ocasionou todo este desastroso escandalo ficou-se rindo do caso, sem se lembrar que a sua missão é de paz e que deve pugnar por uma liberdade ampla, mas racional, mas bem entendida.

Pouco porém importava isso, uma vez que os jornaes continuavam a despertar interesse e a ser procurados com avides.

Porque infelizmente em Portugal os jornaes buscam os lucros antes que a verdade, miram mais uma grande tiragem que um grande bem.

Para isto a politica serve á maravilha. Chamar ladrões e vendidos e traidores e concussionarios a todos que tomam assento nas cadeiras do poder e denunciar grandes traficancias, reaes ou imaginarias, e caminho seguido por todos os jornaes que querem fazer fortuna.

Estes desmandos já não ruborizam as faces dos que governam, mas allstram uma corrente de immoralidade no povo que se vae tornando funesta e que o será ainda mais no futuro.

E como se fôra pouco fomentar a desconfiança politica nas classes inferiores ainda a imprensa se encarrega de ser porta-voz da incredulidade, roubando ao povo o ultimo sentimento capaz de o conter no caminho da revolução.

Esforçam-se como loucos n'um trabalho de sapa, sem pensar que o edificio que minam os pode esmagar na força de seu pezo.

Ora Deus venha com a politica para ver se estes jornaes tem coisa melhor para seu emprego.

Dos impostos indirectos cobrados na alfandega de Ponta Delgada, durante o mez de julho findo, pertenceu á camara desta villa a quantia de 9572483 reis; e do imposto sobre o alcool produzido e consumido n'esta ilha a quantia de 1452210 reis tambem relativo ao dito mez.

Vae para a Horta o Sr. Leandro de Padua Baptista Franco, escrivão de fazenda n'este concelho, exercer equal cargo n'aquella cidade.

No mez passado houve em toda esta ouvidoria 30 casamentos.

Proceissão em Agua de Pau

A proceissão de N. S. dos Anjos em Agua de Pau a que costuma concorrer muito povo foi transferida este anno para domingo, 18 do corrente, por causa dos festejos de Santo Antonio que em Villa Franca se fazem no dia 15.

No mez de julho findo houve na freguezia Matriz d'outra villa 26 obitos, 13 baptizados e 4 casamentos. Dos fellicidos eram 24 creanças e 2 adultos.

Catholicos

N'este aprazivel logar onde se acham a veranear algumas familias de Ponta Delgada e d'esta villa tem havido serões muito animados, dansando-se até depois da meia noite.

Amanhã realisa-se na Ribeirinha a festa e proceissão do SS. Salvador do Mundo, que costuma a ser feita com grande apparato, devido ao zeloso parochio d'aquella freguezia, o Sr. Padre José Lucindo da Graça.

Na Maia falleceu o sr. padre Manuel Gaetano de Brim, respeitavel sacerdote que por muitos annos foi cura n'aquella freguezia, e falleceu tambem na Ribeirinha a extremosa tia dos srs. padres Innocencio d'Almeida Cabral e José Lucindo da Graça. As doridas familias a expressão de nossas condolencias.

Assembleia

Varios cavalheiros com predios nas Galdeiras d'esta villa pensam em fazer uma casa para assembleia n'aquella logar, para que já tem sitio destinado e algum capital subscripto. Esperam que esteja prompta no proximo verão.

Foi nomeado interinamente cura coadjutor para a igreja da Maia o sr. padre Antonio Jacintho do Monte Bastos, filho d'aquella freguezia e que por muitos annos exerceu identicas funcções n'outras parochias.

Jornal de Lisboa

4-VIII-95

Alexandre Herculano disse que Lisboa era a cidade de marmore e de granito. Não duvido que o seja. Todavia, depois dos acontecimentos de 30 de julho, o titulo, que mais lhe quadra, é, talvez, o de cidade de orates e de malandros.

Calculo a anciedade com que ali devem esperar os promotores que desentrem o laconismo dos telegrammas da Havas. Portanto o espaço, que poderia empregar philosophando ou investivando contra as furias cambalescas de terça feira, vae aproveital-o no registro das gloriosas façanhas da Liberdade jacobina.

—Mas não ouves? — disse eu para o nosso José Pacheco, interrompendo a visão admiravelmente grandiosa e extranha d'esse descriptivo do recente livro de Pierre Loti, *Le Desert*.

Havia barulho na rua.

—Vamos ver— respondeu meio distraidamente o José

Debrucamo-nos sobre a varanda corrida do nosso quarto andar que dá para a Rua da Bitesga.

Agglomerava-se gente, mais do que estamos costumados a ver, nas immediações da Praça da Figueira.

Veze, assobios, berros, qualquer coisa de anormal.

E aquelle ajuntamento, engrossado com gente que sabia da Praça, encheu a rua e dirigiu-se acceleradamente para o Roche, dispersando-se algum tanto nas embocaduras das ruas da baixa.

A Rua da Bitesga apresentava então um movimento extraordinario. Os carros americanos passavam, por isso, muito lentamente. Corriam garotos em varias direcções. Apareciam as meretrizes baratas, em trajes leves, como hyenas farejando escandalo.

A breve trecho percebi que essa gente voltava. Quando mais proxima, vi dois individuos escoltados por tres policias. Estes sujeitos, um vestido de preto, jaquetão e chapéu de côco, o outro de cinzento e chapéu largo, apparentavam trinta a quarenta annos e tinham berra rapida.

Fui seguida aos policias, menos gente que a principio, mais espalhada, mas tomando a rua, berrava estupidamente, gesticulava, uma algazarra de todos os demonios.

Ouvia-se: «Morra! — Mata! — Que chifrim damnado! — dizia o José.

—Mas que trapalhada será isto...? — acrescentava eu. Palavra que ainda não assisti a uma bernardzinha cá na terra das alfices...

O activo d'aquella tropa entrara

O NORTE

Director

Padre Christiano J. Borges

Ribeira Grande — São Miguel

Administrador

Manuel Antonio F. Coutinho

Annuncios e editaes, cada linha 40 reis
 Os srs. assignantes tem desconto de 40 a/º

Assignatura, mez 125 reis
 Numero avulso 40 »

Sabado, 10 de agosto

Estratagema

A politica está em ferias, mas os jornaes não.

A politica com os seus arranjos e escandalos, governos e desgovernos, trapaças e descertcos é o melhor, mais saboroso e sadio alimento das folhas periodicas.

Ora a politica, que na frase de Cícero *mais serve de enganar que reger os povos* fugiu aos olhares dos jornalistas, e foi-se a tomar ares para as praias ou a descansar obscura á sombra dos arvoredos.

Mas os jornalistas precisam sustentar o appetite dos leitores e o jornal deve conservar-se no gráo do conceito que lhe mereceu a campanha activa contra todos os desmandos governativos.

Que fazer?

Se a politica não dá materia nem ainda para duas curtas linhas d'uma noticia, nada mais facil que voltarem-se os jornaes para a questão religiosa que não tem o descanso d'um dia de ferias e que nas suas varias manifestações tem assunto para quantos diarios se publiquem.

Os jornaes já sabem de memoria este logar comum e lançaram mão d'elle.

O congresso catholico foi explorado com habilidade e deu materia para um mez. Cançaram de vozear e a final conseguiram pouco.

Para produzir um grande efeito nada ha como uma partranha.

Foi o que fizeram. Inventaram que os padres roubavam creanças.

N'isto havia o seu lado mysterioso e o povo que tem uma costella de superstição acreditou a peta e procurou alucinado os grandes criminosos.

Deram-se conflitos e houve ferimentos.

E a imprensa que ocasionou todo este desastroso escandalo ficou-se rindo do caso, sem se lembrar que a sua missão é de paz e que deve pugnar por uma liberdade ampla, mas racional, mas bem entendida.

Pouco porém importava isso, uma vez que os jornaes continuavam a despertar interesse e a ser procurados com avidéz.

Porque infelizmente em Portugal os jornaes buscam os lucros antes que a verdade, miram mais uma grande tiragem que um grande bem.

Para isto a politica serve á maravilha. Chamar ladrões e concuscionarios a todos que tomam assento nas cadeiras do poder e denunciar grandes traficancias, reais ou imaginarias, é caminho seguido por todos os jornaes que querem fazer fortuna.

Estes desmandos já não ruborizam as faces dos que governam, mas alastram uma corrente de immoralidade no povo que se vae tornando finesta e que o será ainda mais no futuro.

E como se fôra pouco fomentar a desconfiança politica nas classes inferiores ainda a imprensa se encarrega de ser porta-voz da incredulidade, roubando ao povo o ultimo sentimento capaz de o conter no caminho da revolução.

Esforçam-se como loucos n' um trabalho de sapa, sem pensar que o edificio que minam os pode esmagar na força de seu pezo.

Ora Deus venha com a politica para ver se estes jornaes tem coisa melhor para seu emprego.

Dos impostos indirectos cobrados na alfandega de Ponta Delgada, durante o mez de julho findo, pertenceu á camara d'esta villa a quantia de 957.483 reis; e do imposto sobre o alcool produzido e consumido n'esta ilha a quantia de 145.210 reis, tambem relativo ao dito mez.

Vae para a Horta o Sr. Leandro de Padua Baptista Franco, escrivão de fazenda n'este concelho, exercer igual cargo n'aquella cidade.

No mez passado houve em toda esta ouvidoria 30 casamentos.

Procição em Agua de Pau

A procissão de N. S. dos Anjos em Agua de Pau a que costuma concorrer muito povo foi transferida este anno para domingo, 18 do corrente, por causa dos festejos de Santo Antonio que em Villa Franca se fazem no dia 15.

No mez de julho findo houve na freguezia Matriz d'esta villa 26 obitos, 13 baptizados e 4 casamentos. Dos baptizados eram 24 crianças e 2 adultos.

Caldeiras

N'este aprazivel logar onde se acham a veranear algumas familias de Ponta Delgada e d'esta villa tem havido serões muito animados, dansando-se até depois da meia noite.

Ante-hi realisa-se n' Ribeirinha a festa e procissão do SS. Salvador do Mundo, que costuma a ser feita com grande apparato, devido ao zelo do parochio d'aquella freguezia, o Sr. Padre José Lucindo da Graça.

Na Maia falleceu o sr. padre Manuel Caetano de Brum, respeitavel sacerdote que por muitos annos foi cura n'aquella freguezia, e falleceu tambem na Ribeirinha a extremosa tia dos srs. padres Innocencio d'Almeida Cabral e José Lucindo da Graça. A's doridas familias a expressão de nossas condolencias.

Assemblea

Varios cavalheiros com predios nas Caldeiras d'esta villa pensam em fazer uma casa para assemblea n'aquelle logar, para que já tem sitio destinado e algum capital subscripto. Esperam que esteja prompta no proximo verão.

Foi nomeado interinamente cura coadjutor para a greja da Maia o sr. padre Antonio Jacintho do Monte Bastos, filho d'aquella freguezia e que por muitos annos exerceu identicas funcções n'outras parochias.

Jornal de Lisboa

4-VIII-96

Alexandre Herculano disse que Lisboa era a cidade de marmore e de granito. Não duvido que o seja. Todavia, depois dos acontecimentos de 30 de julho, o título, que mais lhe quadra, é, talvez, o de cidade de orates e de malandros.

Calculo a anciedade com que ahi devem esperar os promotores que desenvolvem o laconismo dos telegrammas da Havas. Portanto o espaço, que poderia empregar philosophando ou invectivando contra as furias cambalescas de terça feira, vou aproveitá-lo no registro das gloriosas façanhas da Liberdade jacobina.

—Mas não ouves? — disse eu para o nosso José Pacheco, interrompendo a visão admiravelmente grandiosa e extranha d'esse descriptivo do recente livro de Pierre Loti, *Le Desert*.

Havia barulho na rua.

—Vamos ver—respondeu meio distrahadamente o José.

Debruçamo-nos sobre a varanda corrida do nosso quarto a andar que dá para a Rua da Bitesga.

Agglomerava-se gente, mais do que estamos costumados a ver, nas immedições da Praça da Figueira.

Vozes, assobios, berros, qualquer coisa de anormal.

E aquelle ajuntamento, engrossado com gente que sabia da Praça, encheu a rua e dirigiu-se accleradamente para o Rocio, dispersando-se algum tanto nas embocaduras das ruas da baixa.

A Rua da Bitesga apresentava então um movimento extraordinario. Os carros americanos passavam, por isso, muito lentamente. Corriam garotos em varias direcções. Apareciam as meretrizes baratas, em trajes leves, como hyenas forejando escândalo.

A breve trecho percebi que essa gente voltava. Quando mais proxima, vi dois individuos escoltados por tres policias. Estes sujeitos, um vestido de preto, jaquetão e chapéu de côco, o outro de cinzento e chapéu largo, apparentavam trinta a quarenta annos e tinham barba rapada.

Em seguida aos policias, menos gente que a principio, mais espalhada, mas tomando a rua, berrava estupidamente, gesticulava, uma algazarra de todos os demônios.

—Ouvia-se: «Morra! — Mata!»

—Que chifrim damnado! — dizia o José.

—Mas que trapalhada será isto...? — acressentava eu. Palavra que ainda não assisti a uma bernardzinha cá na terra das alfaces...

O activo d'aquella tropa entrára

Anexo 13 Planta de **1880 da zona da Ponta da Ferraria**

PLANTA

da

Ponta da Ferraria



Legenda

- a 1.ª Nascente
- b 2.ª id
- c 3.ª id
- d 4.ª id
- e Local p.ª a construção da casa de banhos
- f Id. da casa existente

Perfil medio das nascentes para o local para onde se tem de construir a casa de banhos.



Legenda

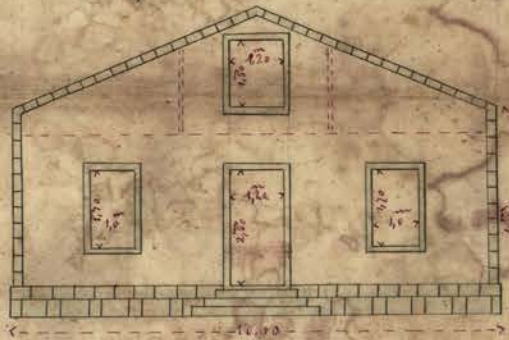
Escala x
2:500

a
h

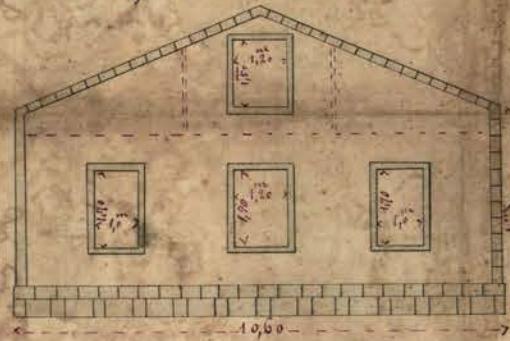
Kasinski
Lokal pi' arasa

Anexo 14 Alçados e plantas de 1880 da casa de banhos a ser construída na zona da Ferraria

Alçado em A.B

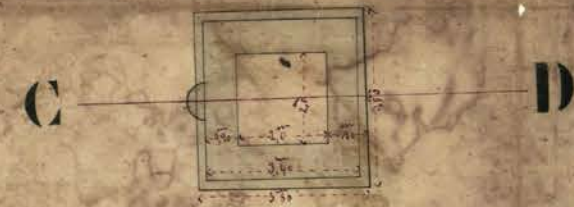


Alçado em E.F

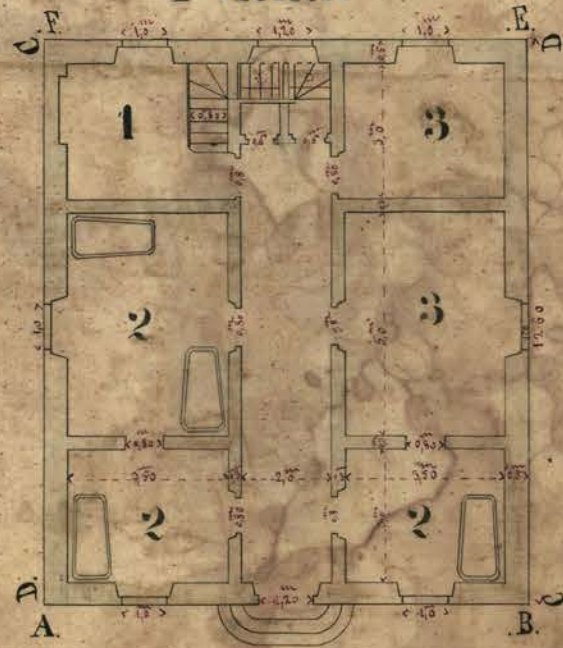


Deposito para arrefe-
cimento da água

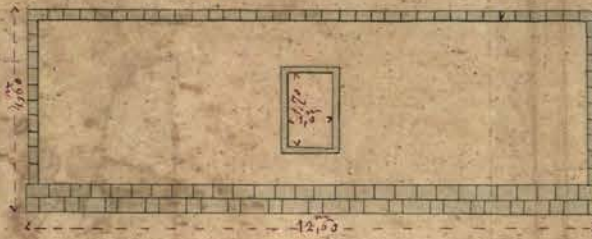
Planta



Planta



Alçado em C.D



Corte transversal
em C. D.



Escala $\frac{1}{100}$